

# Práticas de Formação de Professores na Educação a Distância

Lúis Paulo Leopoldo Mercado  
(Org.)



# PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Luís Paulo Leopoldo Mercado (org.)

Alice Virginia Brito de Oliveira, Anamelea de Campos Pinto,  
Ana Paula de Sousa do Ó, Aristóteles da Silva Oliveira,  
Carmen Lúcia de Araújo Paiva Oliveira, Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim,  
Edilayne Dantas da Silva, Eroneide Firmino do Nascimento,  
Fernando Sílvio Cavalcante Pimentel, Ivanderson Pereira da Silva,  
Jivaneide Araújo Silva Costa, José Geraldo de Oliveira Lima,  
Lílian Kelly de Almeida Figueiredo, Luciária da Rocha Silva,  
Luís Paulo Leopoldo Mercado, Maria Amábia Viana Gomes,  
Maria Aparecida de Araújo Lima, Maria Lúcia Serafim,  
Maria Neide Sobral, Mary Lourdes Scofield Osário,  
Neisa de Lourdes Frederico Fumes, Paulo Marinho Gomes e  
Raissa Cavalcante Pinto



Maceió - AL  
2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitora

Ana Dayse Rezende Dorea

Vice-reitor

Eurico de Barros Lôbo Filho

Diretora da Edufal

Sheila Diab Maluf

Conselho Editorial

Sheila Diab Maluf (Presidente)

Cícero Péricles de Oliveira Carvalho

Elton Casado Fireman

Roberto Sarmento Lima

Iracilda Maria de Moura Lima

Lindemberg Medeiros de Araújo

Leonardo Bittencourt

Eurico Eduardo Pinto de Lemos

Antonio de Pádua Cavalcante

Cristiane Cyrino Estevão Oliveira

Capa/Diagramação:

Edmilson Vasconcelos

Supervisão gráfica:

Márcio Roberto Vieira Mélo

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca Central – Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

---

P912 Práticas de formação de professores na educação a distância / Luís Paulo Leopoldo  
Mercado (org.). – Maceió : EDUFAL, 2008.  
369 p.

Inclui bibliografia.

1. Educação a distância. 2. Professores – Formação. 3. Tecnologia da informação  
e comunicação. I. Mercado, Luis Paulo Leopoldo, org.

CDU: 371.018.43

---

ISBN 978-85-7177-433-9

Direitos desta edição reservados à

Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas

Campus A. C. Simões, BR 104, Km. 97,6 - Fone/Fax: (82) 3214.1111

Tabuleiro do Martins - CEP: 57.072-970 - Maceió - Alagoas

E-mail: edufal@edufal.ufal.br - Site: www.edufal.ufal.br

Editora afiliada:



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO MÉDIO: O PROGRAMA JOVEM EMPREENDEDOR DA ESCOLA PÚBLICA Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim	12
INCLUSÃO DIGITAL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO ONLINE Aristóteles da Silva Oliveira Neisa de Lourdes Frederico Fumes	47
A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DO ESTADO DE ALAGOAS Anamelea de Campos Pinto Jivaneide Araújo Silva Costa	73
FORMAÇÃO DE TUTORES DO CURSO PILOTO DE ADMINISTRAÇÃO A DISTÂNCIA DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL Luís Paulo Leopoldo Mercado Lílian Kelly de Almeida Figueiredo Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim	84
GÊNEROS DIGITAIS COMO MATERIAL DIDÁTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA Edilayne Dantas da Silva	103

EAD: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS	
Maria Aparecida de Araújo Lima	119
REFLEXOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DO CURSO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES CURSISTAS	
Maria Amábia Viana Gomes	131
TUTORIA ONLINE NO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO	
Carmen Lúcia de Araújo Paiva Oliveira José Geraldo de Oliveira Lima Luís Paulo Leopoldo Mercado	161
OBJETOS VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO	
Luís Paulo Leopoldo Mercado Ivanderson Pereira da Silva Raissa Cavalcante Pinto	200
A INTEGRAÇÃO DE MÍDIAS NO PILOTO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO	
Luís Paulo Leopoldo Mercado Paulo Marinho Gomes	212
CONTRIBUIÇÃO DA TUTORIA NO ENSINO APRENDIZAGEM DOS PROFESSORES CURSISTAS DO PROFORMAÇÃO	
Alice Virginia Brito de Oliveira	255

APRENDIZAGEM COLABORATIVA E INTERATIVIDADE NA WEB: EXPERIÊNCIAS COM O GOOGLE DOCS NO ENSINO DE GRADUAÇÃO Maria Lúcia Serafim Fernando Sílvio Cavalcante Pimentel Ana Paula de Sousa do Ó	279
MÍDIA, LINGUAGEM E PROJETO PEDAGÓGICO Maria Neide Sobral	295
WEBRÁDIO: MEIO INDUTOR PARA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA Mary Lourdes Scofield Osório Anamelea de Campos Pinto	309
USO DO BLOG NA PRÁTICA PEDAGÓGICA Eroneide Firmino do Nascimento Luciária da Rocha Silva Luís Paulo Leopoldo Mercado	319

# APRESENTAÇÃO

Este livro apresenta os resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação de Professores Presencial e a Distância Online, certificado pelo CNPq e vinculado a linha de pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL.

O grupo é formado por pesquisadores, mestrandos e alunos de iniciação científica e suas pesquisas estão ligadas à área de EAD envolvendo formação de professores utilizando ambientes de aprendizagem na Internet visando respaldar ações nesta área e atendendo cursos de EAD na UFAL.

O grupo vem desenvolvendo estudos sobre fundamentos e metodologias do uso das TIC na formação de educadores, nos diversos espaços de aprendizagem, com suporte em ambientes virtuais, como apoio à formação presencial, semi-presencial e à distância online.

O grupo está envolvido em várias ações de EAD no âmbito do Ministério da Educação: produção de material didático, coordenação de tutoria e execução do Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação; elaboração de projetos, capacitação de tutores e docência online no Curso Piloto de Administração e nos cursos oferecidos pela Universidade Aberta do Brasil (UAB); ações de extensão em EAD envolvendo formação de professores da rede pública e da UFAL no âmbito do Programa de Apoio a Extensão da secretaria de Educação Superior do MEC; formação a distância de professores de Ciências para uso de objetos virtuais de aprendizagem produzidos no âmbito do RIVED, projeto financiado pela FINEP.

O grupo atua na melhoria das condições didático-pedagógicas na utilização das TIC nas atividades presenciais e/ou a distância pelos professores, proporcionando condições para a criação e implantação de novos cursos de graduação, extensão e pós-graduação na modalidade a distância. Participa das ações de formação de professores para a utilização de ambientes de aprendizagem nos cursos envolvendo EAD: organização, gerenciamento e acompanhamento do processo ensino-aprendizagem na modalidade a distância, oferta de suporte na produção de material didático para EAD.

Os artigos aqui apresentados demonstram a preocupação do grupo ao acesso pleno às TIC pelos professores formadores, tutores e alunos, enfatizando o

desenvolvimento de uma cultura tecnológica que promova, junto aos envolvidos, uma prática pedagógica em ambientes tecnológicos, através de ações que favoreçam o desenvolvimento da fluência tecnológica para que possam participar de atividades a distância, com suporte no meio digital.

Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim, no artigo Educação a Distância no Ensino Médio: O Programa Jovem Empreendedor da Escola Pública, descreve a experiência do Programa Jovem Empreendedor da Escola Pública (JEP), que utiliza a educação online com alunos do Ensino Médio nas escolas públicas. Focalizam o modo como o JEP tem contribuído para a inserção dos alunos concluintes do Ensino Médio das escolas estaduais alagoanas no mercado de trabalho. Investiga as potencialidades da EAD no Ensino Médio e as possibilidades fornecidas pelo JEP para a diminuição da exclusão digital.

Aristóteles da Silva Oliveira e Neisa de Lourdes Frederico Fumes, no artigo Inclusão Digital do Professor Universitário para atuar na Educação Online, investigam a inclusão digital do professor universitário para atuar na educação online, tomando como lócus de análise 30 professores universitários, participantes de curso online. Analisam o que muda na universidade diante das TIC e do uso da educação online na educação superior. Refletem sobre o papel dos docentes na educação online. Discutem os instrumentos utilizados para inclusão digital de professores no ensino superior, compreendendo a necessidade dos professores desenvolverem habilidades e competências para atuar em ambientes virtuais de aprendizagem e identificar os avanços e dificuldades encontradas pelos professores para incorporar a utilização das TIC ao processo pedagógico no ensino superior.

Anamelea de Campos Pinto e Jivaneide Araújo Silva Costa, no artigo a Utilização das Mídias da Formação Continuada dos Professores do Estado de Alagoas, revelam os dados da investigação realizada no Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação, na modalidade de EAD, no estado de Alagoas. Refletem sobre uma proposta verdadeiramente eficaz da EAD utilizando os recursos tecnológicos na formação continuada dos professores da educação básica da rede pública do Estado.

Luís Paulo Leopoldo Mercado, Lílian Kelly de Almeida Figueiredo e Daniela de Bulhões Ribeiro Jobim, no artigo Formação de Tutores do Curso Piloto de Administração a Distância da Universidade Aberta do Brasil analisam o papel do tutor na educação online, através do relato da experiência do Curso de Formação de Tutores de Administração a Distância da Universidade Aberta do Brasil. Descrevem o processo de formação de tutores para o curso, que implicou na apresentação do esboço da educação online, dos objetivos da UAB e da proposta de formação de tutores. Analisam o planejamento do curso, a seleção de tutores, as atividades e interações realizadas e resultados atingidos na formação.

Edilayne Dantas da Silva, no artigo *Gêneros Digitais como Material Didático nas Aulas de Língua Portuguesa*, aborda as possibilidades de utilização dos gêneros digitais em salas de aula de Língua Portuguesa. Apresenta as definições desses gêneros e a forma como se efetivam, importância do uso dos textos disponíveis na Internet, em conjunto com os gêneros textuais tradicionais, apresentando propostas de atividades envolvendo chat, blog, hipertexto, home-Page, fórum de discussão e email.

Maria Aparecida de Araújo Lima, no artigo *EAD: Percepção dos Professores do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas*, investiga a percepção dos professores do CEDU da UFAL quanto o uso da EAD, a partir das categorias: nível de conhecimento dos professores; grau de aceitação da EAD no CEDU; principais barreiras existentes relacionadas à EAD; relação entre a modalidade presencial e a distância e percepção desses docentes sobre EAD como meio de inclusão sócio/digital. A análise dos dados mostrou que a EAD é vista pelos professores como forma de ampliar a formação acadêmica e como inclusão social. A autora constata que parte dos professores ainda está se familiarizando com o tema, que existem várias barreiras que comprometem o êxito da EAD como: experiências técnicas, suporte e infra-estrutura, questões legais. A conclusão da pesquisa foi que a perspectiva para a EAD na UFAL exige o repensar dos processos pedagógicos, ligados à utilização das TIC nos programas de EAD o que acarretará um processo de mudança de paradigma dos professores que lidam com a modalidade.

Maria Amábia Viana Gomes, no artigo *Reflexos da Formação Continuada do Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje nas Práticas Pedagógicas dos Professores Cursistas*, investiga as repercussões do Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje na prática pedagógica dos professores participantes, que incorporaram as tecnologias audiovisuais na prática pedagógica e analisou os reflexos do processo dessa formação, a partir do olhar de três professoras do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série, Ensino Médio e de uma escola com sistema de ciclos. Os resultados demonstram que a consciência do inacabamento fomenta a abertura às mudanças e o professor nessa condição busca inovar-se, incorporar as tecnologias na sala de aula de forma crítica, como ferramenta pedagógica.

Carmen Lúcia de Araújo Paiva Oliveira, José Geraldo de Oliveira Lima e Luís Paulo Leopoldo Mercado, no artigo *Tutoria Online no Programa de Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação*, analisam o processo de tutoria online, destacando o papel, as características desejáveis, o perfil do tutor na constituição da comunidade de aprendizagem do curso e no acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos, relatando a experiência vivenciada, no módulo introdutório do Programa de Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação, da SEED/MEC.

Luís Paulo Leopoldo Mercado, Ivanderson Pereira da Silva e Raissa Cavalcante Pinto, no artigo *Objetos Virtuais de Aprendizagem na Formação de Professores do Ensino Médio* investigam o uso de objetos virtuais de aprendizagem na sala de aula presencial e online, envolvendo as disciplinas de Física, Biologia, Química e Matemática no Ensino Médio, numa perspectiva interdisciplinar, que envolveu uma capacitação dos professores do Ensino Médio, permitindo a apropriação dos *Objetos Virtuais de Aprendizagem* disponíveis no RIVED. A formação envolveu 600 professores do Ensino Médio da rede pública do estado de Alagoas, nas áreas de Física, Química, Biologia e Matemática, distribuídos nos pólos de EAD da UFAL.

Luís Paulo Leopoldo Mercado e Paulo Marinho Gomes, no artigo *Integração de Mídias no Piloto do Programa de Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação* descrevem a integração das mídias na turma piloto do Ciclo Básico do Programa de Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação. Investigam os resultados da turma piloto, tomando como base os trabalhos dos concluintes e analisam a relação entre a proposta do curso, resultados esperados e resultado obtido na integração das mídias, a partir das propostas do módulo. A metodologia envolveu a análise documental do projeto do curso e módulos online; estudo do curso piloto; entrevista com participantes para análise dos projetos finais; análise das atividades no ambiente virtual e-Proinfo, a partir das categorias: uso efetivo das TIC na sala de aula, integração de mídias, pedagogia de projetos e os impactos do curso piloto na formação do cursista.

Alice Virginia Brito de Oliveira, no artigo *Contribuição da Tutoria no Ensino Aprendizagem dos Professores Cursistas do Proformação*, investigam a prática pedagógica e as contribuições do tutor do Programa de Formação de Professores em Exercício – Proformação. Descreve o programa Proformação, suas concepções, proposta pedagógica, materiais didáticos, acompanhamento tutorial e, avaliação do programa evidenciando sua implantação em Alagoas. Analisa as concepções pedagógicas da tutoria no programa: diferenciações da tutoria presencial e da tutoria online, habilidades e competências do tutor-programa. Analisa as contribuições da tutoria para a prática pedagógica dos professores cursistas no processo de interações, construção de identidades, conflitos cognitivos e aprendizagens sendo importante para a percepção dos elementos norteadores da problemática investigada.

Maria Lúcia Serafim, Fernando Sílvio Cavalcante Pimentel e Ana Paula de Sousa do Ó, no artigo *Aprendizagem Colaborativa e Interatividade na Web: experiências com o Google Docs no ensino de graduação*, apresentam a ferramenta Docs, disponível no “pacote Google”, como alternativa à prática pedagógica docente superior, na busca de promover aprendizado significativo e colaborativo. Analisam as várias funções do Google Docs em processos de ensino-aprendizagem como possibilitadora de atitudes colaborativas no universo da interatividade virtual nas modalidades presencial e a distância.

Maria Neide Sobral, da Universidade Federal de Sergipe contribuiu com nosso grupo de pesquisa com o artigo *Mídia, Linguagem e Projeto Pedagógico* apresenta como as mídias são introduzidas na sala de aula como um recurso pedagógico, para motivar, sem que se trabalhem as suas potencialidades em relação à linguagem, aos conteúdos, aos modos de funcionamento, ao alcance das informações e ao entretenimento no cotidiano. Relata experiências nas quais o desafio foi o de transformar em espaço de sala de aula em um espaço de produção colaborativa através da elaboração e execução de projetos, para a produção e/ou incorporação das mídias no ensino: mídia impressa, auditiva, visual, áudio-visual e digital.

Mary Lourdes Scofield Osório e Anamelea de Campos Pinto, no artigo *Webrádio: meio indutor para a divulgação científica*, analisam a importância da implementação de webrádios universitários, que podem corroborar com a promoção de novas práticas de ensino/aprendizagem, pesquisa e extensão, propondo e produzindo conteúdos educativos experimentais para divulgação científica, com objetivos sócio-educativos.

Eroneide Firmino do Nascimento, Luciária da Rocha Silva e Luís Paulo Leopoldo Mercado, no artigo *Uso do Blog na Prática Pedagógica*, analisam o uso do blog como ferramenta em sala de aula, visando a promoção do processo de ensino e aprendizagem, subsidiando aulas dinâmicas e colaborativas, em que o conhecimento a ser construído dá-se de forma compartilhada num espaço interativo entre professor e aluno.

# EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO MÉDIO: O PROGRAMA JOVEM EMPREENDEDOR DA ESCOLA PÚBLICA

Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim

## 1. Introdução

A cultura empreendedora se dissemina por todo o mundo com a contribuição das universidades e setores ligados à pesquisa e ao desenvolvimento. Um indício da explosão do empreendedorismo no Brasil é a criação, a partir de 2000, de cursos de empreendedorismo em várias faculdades do país.

A EAD tem se propagado muito no campo da capacitação e qualificação de profissionais de diferentes áreas, sendo ofertada em diversas universidades e, gradativamente, na educação básica. O crescimento da EAD deriva do seu potencial de democratizar o acesso a educação, podendo proporcionar melhorias na aprendizagem, principalmente para a grande parte das classes trabalhadoras que encontram dificuldades como adequação de horário e problemas de deslocamento, para cursar o ensino convencional. Além disso, algumas experiências de EAD vêm mostrando que esta pode coexistir com o ensino convencional, contribuindo para seu aperfeiçoamento.

De acordo com os dados do Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (ABRAEAD, 2006) lançado pelo Instituto Monitor e pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), o Brasil, em 2005, teve aproximadamente 1.278.022 alunos na EAD, tanto em cursos credenciados, como nos projetos nacionais públicos e privados, repercutindo no benefício de uma grande quantidade de pessoas que tiveram acesso a algum curso de EAD, melhorando sua qualificação ou capacitando-se para alguma função. Dessa quantidade de alunos, levantada pela pesquisa, temos cerca de 203.378 em escolas, estaduais e municipais, autorizadas oficialmente de ensino fundamental, ensino médio, ensino técnico (ensino médio profissionalizante) e educação de jovens e adultos.

Diante das necessidades dos alunos do Ensino Médio das escolas públicas estaduais, que se deparam com as dificuldades de acesso à universidade e a realidade do desemprego, o governo do Estado de Alagoas lançou em 2002, numa parceria com

o Portal Geranegócio, o Programa Jovens Empreendedores das Escolas Públicas de Alagoas – JEP.

O Portal Geranegócio ([www.geranegocio.com.br/jepal](http://www.geranegocio.com.br/jepal)) (Fig 1) tem a missão de suprir, através da Internet, as necessidades dos pequenos empreendedores, oferecendo orientações para montar e desenvolver os negócios. O Portal hospeda o Programa JEP. Trata sobre o empreendedorismo, as pequenas e micro empresas, além de outros temas adiante abordados, oferecendo qualificação online e vários serviços de apoio para pessoas interessadas em ingressar no mundo dos negócios. O Geranegócio oferece recursos que proporcionam a interação entre os usuários, como: fórum, mailing list, bate-papo, atendimento online. Podendo funcionar como uma verdadeira comunidade de aprendizagem nos cursos que oferece.



Fig. 1- portal Geranegócio

A proposta do JEP é ensinar informática, empreendedorismo, e a montagem de planos de negócios, além de fornecer microcrédito aos jovens concluintes do programa. Os cursos ocorrem a distância, através da Internet, que é a base do JEP. A interatividade é estimulada com a utilização multimídia.

Nos cursos realizados pelos alunos do JEP há a possibilidade da realização de pesquisa virtual e são utilizados recursos variados como fóruns, bate-papos, atendimento

online, além do fornecimento de uma apostila a todos os alunos, que serve como um guia de referência para os momentos em que estiverem distantes do computador. As lições são realizadas virtualmente, mas há o apoio de um instrutor presencial para a superação de eventuais dificuldades. O JEP valoriza a autonomia do aluno e as suas produções. O entusiasmo dos alunos participantes é grande e a melhora na sua autoestima é visível.

## 2. A formação do Empreendedorismo na Escola Pública através da EAD

Assegurar uma proposta pedagógica na escola pública que não pretenda ser compensatória, mas que propicie situações de aprendizagem significativas e variadas aos estudantes carentes nos níveis social, cultural e econômico, é uma necessidade na educação básica. Uma proposta que compreenda a EAD e o Empreendedorismo, ofertando-os aos alunos do ensino médio, deve buscar proporcionar o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos.

Mas o que existe em comum entre a EAD e o Empreendedorismo? Principalmente a noção de que as pessoas são capazes de se desenvolver pela cooperação. São perceptíveis, ainda, outras semelhanças, como por exemplo: alunos criativos e/ou persistentes são geralmente rotulados como indisciplinados, porém essas características são muito importantes para os empreendedores e também são vistas como fundamentais para alunos de cursos a distância.

Para Bueno (2005), o empreendedorismo pode ser compreendido como um estudo multidisciplinar e interdisciplinar, formado principalmente pelas ciências sociais aplicadas e econômicas (administração, comunicação, psicologia, sociologia, economia) que objetiva contribuir para a superação do estado de alienação, através do empreendedorismo, alcançando o estado de consciência.

Na última década do século XX as transformações tecnológicas, especialmente com a expansão das redes digitais de informação e comunicação, em conjunto com os movimentos globais de acumulação de capital, provocaram um debate, de crescente interesse, sobre o futuro do trabalho e a busca de possíveis soluções para o desemprego e a má remuneração dos trabalhadores em geral, ou seja, para reverter o quadro social excludente no qual as camadas populares estão inseridas. Uma dessas possíveis soluções pode ser a inclusão do ensino do empreendedorismo na educação. Pois esse é considerado, cada vez mais, um importante fator para o desenvolvimento econômico.

Na sociedade neoliberal atual, cresce o pensamento de que devem ser dados ao empreendedorismo estímulo e apoio, com a sua priorização entre as políticas públicas dos governos que tenham como meta a promoção do crescimento econômico.

De acordo com Andrade (2005, p.12), o investimento no empreendedorismo parece ser a melhor alternativa nos “momentos históricos cuja organização social é marcada por problemas como o desemprego, a má distribuição de renda, a desigualdade de oportunidades e a violência”.

A importância do empreendedorismo é ressaltada por Timmons (1994), afirmando que no século XXI o empreendedorismo será uma revolução silenciosa que repercutirá em maiores proporções do que a revolução industrial, no século XX.

Para desenvolver uma sociedade empreendedora precisamos formar cidadãos empreendedores. A educação, convergindo com o seu tempo e os interesses da sociedade vigente, deve desenvolver as novas competências comportamentais exigidas por esta. Desse modo, inserir o empreendedorismo nas nossas escolas é o caminho a ser seguido. Antes, porém, devemos compreender melhor o que é o empreendedorismo.

O empreendedor tem um perfil profissional bastante procurado, tanto no ambiente empresarial como no educacional. Pois, considera-se o empreendedor como uma pessoa que vê oportunidades onde ninguém mais vê; que possui muita força de vontade de realização, persistência, perseverança, auto-superação e que consegue se inserir na sociedade na qual atua, legitimando sua posição social e sua reputação.

O empreendedor tem a função de reformar ou revolucionar o modelo de produção, podendo fazer isso de diversas maneiras – explorando novas possibilidades tecnológicas, inovando na produção, criando novas fontes de suprimento ou escoamento, investindo na reorganização. (SCHUMPETER apud FILION, 1999)

Drucker (1987) considera o empreendedor como um agente de um campo multifacetado e complexo. Embora ele não seja um capitalista, precisa de capital como qualquer atividade econômica. Comprometendo recursos atuais em expectativas futuras, incorre-se em incertezas e riscos. Apesar do empreendedor não ser obrigatoriamente um empregador, ele tem o seu emprego, muitas vezes trabalhando sozinho e exclusivamente para si mesmo.

É preciso que o indivíduo seja inovador, criativo, um grande estrategista, um criador de novos métodos para penetrar ou criar novos mercados perscrutando o futuro, transformando possibilidades em probabilidades, caos em harmonia (GERBER, 1996).

Essa acessibilidade é primordial para a promoção da geração de renda, para a redução do desemprego e para a diminuição da desigualdade social na sociedade brasileira. Entretanto, apenas com o tempo e com a promoção de complexos debates, considerando diferentes pontos de vista sobre a ausência de indicadores e sobre a eficácia da instalação de equipamentos e determinação de padrões tecnológicos (software livre ou proprietário, estações com multimídia e infra-estrutura para educação à distância), poderemos ter uma noção mais exata dos efeitos que essas ações – previstas no Livro

Verde e no Livro Branco – trarão no sentido de melhorar as condições de aprendizado e de promover o acesso a novas oportunidades de emprego e renda.

Dolabela (2005) alerta sobre a importância de se educar as crianças e os jovens dentro de valores como autonomia e independência, desenvolvendo neles a capacidade de gerar o próprio emprego, de inovar e produzir riquezas, estando bem preparados para assumir riscos e crescer mesmo em ambientes instáveis. Pois são os valores sociais que irão conduzir os países ao desenvolvimento.

O tema central do ensino do empreendedorismo deve estar voltado para o desenvolvimento humano, social e econômico do país. É essencial que o debate sobre a educação empreendedora seja ampliado, inserindo-se nos ambientes voltados a essa temática.

Segundo os PCN, o ensino do empreendedorismo deve ter como foco principal o aprendiz empreendedor, em seus múltiplos aspectos: cognitivo, de habilidade e atitudinal.

Organizar uma proposta pedagógica comprometida com o empreendedorismo exige a adoção de estratégias que favoreçam e incentivem atitudes como: autonomia, iniciativa, autoavaliação, ética, criatividade, cidadania, liderança, diálogo, participação, desenvolvimento de projetos, resolução de problemas, boa utilização da informação e dos recursos, inovação e pioneirismo. (ANDRADE, 2005, p. 13)

O ensino do empreendedorismo pode ser fundamentado na abordagem dos quatro pilares da educação, defendidos por Delors (2000): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Ao longo do processo ensino-aprendizagem, precisa-se de uma educação voltada para o auto-aperfeiçoamento e para a prática de uma liberdade consciente adequada a nova realidade, com ênfase no desenvolvimento da autoconfiança; da solidariedade e da capacidade criativa dos indivíduos.

Uma educação que gera no educando a autonomia de pensamento, sentimento, valorização, iniciativa e ação para empreender a própria vida, participando de forma consciente, efetiva e criativa na transformação da sociedade em que vive. Uma educação a serviço de uma vida digna para todos, fortalecendo o exercício da cidadania plena, engajada e responsável. (ANDRADE, 2005, p. 14)

Busca-se, então, formar pessoas conscientes do seu papel enquanto sujeitos históricos, preparadas para atuar na transformação da sociedade e para o exercício de sua cidadania e criatividade. Uma educação que envolve o empreendedorismo possui essa mesma concepção e poderá contribuir para essa formação.

Empreendedorismo, empregabilidade e competitividade são palavras muito utilizadas atualmente e nem sempre afinadas com a principal finalidade da escola, que é a de educar e formar cidadãos conscientes e críticos, capazes de atuar na sociedade. Porém, na maior parte das profissões contemporâneas, possuir capacidades como a de saber inovar e ter habilidade na retenção de conhecimentos para o desenvolvimento de projetos por iniciativa própria, torna-se fundamental para obtenção de oportunidades de acesso ao mercado de trabalho.

Mas, será que é possível formar um empreendedor ou essa é uma habilidade nata? Para Drucker (1987), sim, pois ele considera que a prática de inovar pode ser aprendida, explorada e oportunizada, de modo a se ver e buscar a mudança como norma. Filion (1999) também afirma que é possível formar uma pessoa empreendedora.

De acordo com Filion (1991), uma pessoa empreendedora é imaginativa, e possui a capacidade de fixar e alcançar metas, manifestando perspicácia em detectar oportunidades, estando continuamente aprendendo e tomando decisões relativamente moderadas, considerando os riscos, mas sempre com o objetivo de inovar.

Leite (2002, p. 16), segue esse pensamento. Segundo ele, ser empreendedor significa:

ter capacidade de iniciativa, imaginação fértil para conceber idéias, flexibilidade para adaptá-las, criatividade para transformá-las em uma oportunidade de negócio, motivação para pensar conceptualmente e a capacidade para ver, perceber as mudanças como uma oportunidade.

É importante e útil formar empreendedores. É necessário que haja uma definição dos critérios científicos que fundamentam os programas de formação de empreendedores e uma revisão conceitual sobre a disseminação da cultura do empreendedorismo e o desenvolvimento de habilidades empreendedoras em crianças e adolescentes. Isso se aplica tanto para os que perderam seus postos de trabalho como para os que estão em idade convencional e iniciando a luta pela sobrevivência.

As iniciativas inovadoras têm se voltado, sobretudo para os jovens universitários e do Ensino Médio. Estes, no início da vida adulta, necessitam instrumentalizar-se para que possam inserir-se no mercado de trabalho atual, seja através de organizações onde desenvolvam suas aptidões ou criando seus próprios negócios. Quando se trata sobre empreendedorismo com os alunos do Ensino Fundamental é preciso ter ainda mais cuidado e critérios, pois são crianças e adolescentes que devem ser preparados

para a vida e para o mundo do trabalho. Deve-se atentar sobre a personalidade que se pretende ajudar a criar, bem como as suas possíveis repercussões no futuro. É preciso questionar como e para que serão formados empreendedores. As chances de sucesso, na formação de empreendedores ampliam-se quando os critérios e procedimentos estão fundamentados em uma metodologia apropriada.

Todos nos desenvolvemos em diferentes contextos educativos, e a escola é apenas um deles. (...) a escola é uma instituição utilizada pela sociedade para oferecer aos membros das novas gerações as experiências de aprendizagem que lhes permitam se incorporar ativa e criticamente. (COOL e MARTIN, 2004, p. 13-14)

É necessário investir na educação para valores, como estratégia para direcionar os jovens a atuarem como protagonistas, orientando-os num processo de ressignificação de suas atitudes diante da vida, levando-os a relacionarem-se melhor com eles próprios e com os outros, qualificando-os e inserindo-os no contexto de um mundo do trabalho em acelerado processo de mudança, a cada dia mais transformado pela globalização e a emergência de novas tecnologias. Assim se estará formando jovens autônomos, solidários e participativos.

O papel das escolas na formação de empreendedores vai muito além de ensinar técnicas de gestão apropriadas para implementar novos negócios. Uma boa escola deve desenvolver a capacidade emocional necessária para empreender, por meio de seu currículo e do próprio ambiente em que seus alunos estão inseridos.

O empreendedorismo deve ser encarado como uma atitude perante a vida, que quanto mais cedo for estimulada, melhor. Por isso, deveria ser matéria obrigatória a partir da pré-escola e não ser percebido como uma exclusividade das faculdades de administração.

De acordo com Daniel (2003, p. 49), os desempregados perdem muito mais do que o seu rendimento, eles perdem a satisfação de usar o seu talento, o seu lugar na sociedade, a sua rede de colegas. Portanto, é imprescindível que a educação e o treinamento possam oferecer diversas habilidades intelectuais, técnicas e sociais às pessoas, contribuindo efetivamente e satisfatoriamente para sua atuação no trabalho. Para o autor:

A educação e o treinamento para o trabalho têm importância fundamental porque é no trabalho que nossos papéis como seres humanos competentes e cidadãos responsáveis se unem mais intensamente. Para muitos de nós, o trabalho é a fonte mais

importante de realização individual nas nossas vidas. É também normalmente onde criamos a rede mais ampla de conhecimentos e onde nos adaptamos às pessoas de formação muito diferente para com elas trabalhar produtivamente.

Vilela (2005, p.45) afirma que antes de pensar em empreender para gerar riquezas, é preciso empreender para a cidadania, para a colaboração, para o amor, para a felicidade, para a sensibilidade. Assim, a inclusão do empreendedorismo estará colaborando para a transformação da sociedade. A autora considera que: “A educação empreendedora tem a função de provocar uma reação em massa, não apenas para o desenvolvimento econômico, mas principalmente para o desenvolvimento dos aspectos de humanidade e solidariedade”.

Dentro da realidade, com o novo paradigma educacional que impõe necessidades e novas competências anteriormente impensadas, juntamente com conceitos como competitividade e empregabilidade, surgem dificuldades relacionadas à educação profissional, a qual não consegue acompanhar o ritmo das mudanças e das novas habilidades e competências requeridas pela nova organização produtiva da sociedade.

O empreendedorismo, hoje, não se limita apenas aos donos de escola ou corpo docente, mas gera aspirações educacionais e demandas de formação crescentes em alunos e funcionários. Na atualidade, em função da demanda, há a propensão para o crescimento do número de empreendedores. Por esse motivo, estão ocorrendo investimentos na capacitação para o empreendedorismo, isso pode ser observado pela crescente preocupação das escolas e instituições de ensino superior sobre esse assunto, com a criação de cursos e matérias específicas de empreendedorismo, oferecendo novas alternativas aos jovens profissionais graduandos, que anualmente passam a disputar vagas no mercado de trabalho.

Um dos grandes obstáculos para a difusão do empreendedorismo na escola é a falta de uma política clara em relação ao assunto, por parte do Estado e a pouca familiaridade dos professores com a área empresarial. Para ministrar aulas de empreendedorismo é necessário uma experiência prática ou treinamento específico. Na realidade, ao mesmo tempo em que as ciências enfocam o ambiente de trabalho, as expectativas dos educadores não são atendidas e estes não são adequadamente treinados ou capacitados para atuarem em meio às profundas transformações apresentadas pelo sistema produtivo.

Se de fato buscam-se alunos mais criativos e empreendedores, deve-se pensar sobre os moldes de uma educação inovadora, capaz de formar profissionais ativos e aptos a propor soluções criativas para sua própria empregabilidade.

Os estudos do empreendedorismo constataam freqüentes transformações e confirmam que muitos autores contemporâneos têm aprofundado seus estudos sobre o tema empreendedorismo, com a finalidade de criar conceitos e definições sobre o empreendedor do modo mais claro e coerente, já que atualmente existe uma grande necessidade de gerar empregos, ou de se ter pelo menos o próprio posto de trabalho. Portanto, há a necessidade de criatividade e inovação, além de outras habilidades não menos importantes. (GOMES, CÂMARA e GOMES, 2002).

É possível ensinar uma pessoa a se tornar empreendedora, preparando-a, desde jovem, para empreender? Para conseguir através da atividade empreendedora melhorar sua qualidade de vida? Essa é uma das polêmicas discutidas no ensino de empreendedorismo, se o mesmo pode ser ensinado ou não.

Para vários pesquisadores o empreendedorismo, pode sim ser ensinado e/ou aprendido. Pois o empreendedor é uma pessoa como outra qualquer, cujas características e habilidades podem ser desenvolvidas e lapidadas através de capacitação e da promoção de mudanças comportamentais para a concretização dos seus objetivos.

Filion (1999), também ressalta a importância do aprendizado e do saber para os empreendedores, afirmando que estar aprendendo é estar agindo de forma empreendedora. Desse modo, é preciso que as pessoas empreendedoras aprendam continuamente sobre o que está acontecendo no seu ambiente, sobre o que fazer para ajustar-se a determinadas situações, tendo a capacidade de detectar oportunidades como foco do seu processo de aprendizagem e assim estar em constante evolução.

Entretanto, Dolabela (1999) defende que no ensino do Empreendedorismo, o ser é mais importante do que o saber. Pois, o saber será conseqüente das características pessoais que determinam a própria metodologia de aprendizagem. Seguindo esse pensamento, o indivíduo que possui os pré-requisitos necessários ao bom desempenho como empreendedor saberá apreender o que for necessário para criação, desenvolvimento e realização de sua idéia.

Para criar um ambiente de ensino de empreendedorismo é preciso ter exemplos para se guiar, com pessoas que possam falar sobre os problemas que enfrentaram. Todo empreendedor é um professor. Portanto, ensinar e empreender conjuntamente é formar uma combinação poderosa. Para atender a necessidade de um ensino empreendedor, deve-se começar capacitando o professor, com um amplo programa de capacitação docente em todos os níveis. Antes de qualquer coisa o professor precisa ter visão e atitudes empreendedoras. Assim ele poderá ajudar o aluno a se conscientizar para que haja mudança de Vida, preparando o aluno e instigando-o a buscar conhecimentos e a estar aberto às inovações.

A educação pode aumentar a conscientização dos alunos sobre empreendedorismo, facilitando o desenvolvimento de ações empreendedoras. Embora, nem sempre o sistema

educacional promova a formação da cultura empreendedora. No atual sistema de ensino a metodologia instrucional é dominante. Muitas vezes é dada ênfase na aquisição de conhecimentos em detrimento ao desenvolvimento das habilidades específicas para o uso prático desses conhecimentos.

O desenvolvimento da cultura empreendedora não tem sido muito focado e pouco se tem valorizado a ambigüidade e o exercício da prática de definir problemas e projetar soluções. É preciso que haja a adoção de diretrizes educacionais que desafiem os estudantes a se comportarem tanto como generalistas quanto especialistas para serem desenvolvedores e solucionadores de problemas de acordo com a realidade organizacional em que atuam.

Não podemos confundir a educação para o empreendedorismo com a educação para gerenciar empresas. Enquanto o principal objetivo da educação para gerenciar empresas é ensinar técnicas gerenciais aplicáveis ao gerenciamento organizacional, o objetivo da educação para o empreendedorismo é estimular a cultura empreendedora, desenvolvendo a sensibilidade individual ou organizacional para a percepção de oportunidades. O empreendedor deve aprender a calcular riscos de modo responsável, assumindo apenas os riscos aceitáveis e pré-mensurados.

Do ponto de vista didático, trabalhar o empreendedorismo na sala de aula pode ser uma idéia excelente. Pois, atividades, como gerenciar uma loja de verdade, oferecem inúmeras 'situações-problema', desafiando o aluno a raciocinar e a buscar aprender de forma sólida conceitos, conhecimentos e técnicas que ajudem a resolver problemas.

Várias são as iniciativas de formação à distância na área de empreendedorismo. No entanto, oficialmente no MEC não existe nenhum curso em nível de graduação, pós-graduação ou extensão, credenciado nesta área para ser realizado na modalidade a distância. Isso indica que as instituições têm buscado outros meios legais no sentido de viabilizar os cursos de empreendedorismo. É importante que estas iniciativas sejam credenciadas, para que se possa oficializar a importância e eficácia da educação à distância nesta formação.

Alguns estados como Alagoas, Ceará e Rio Grande do Norte, entretanto, vêm trabalhando em suas redes públicas, de Educação Básica, com o ensino do empreendedorismo a distância: Programa Jovem Empreendedor da Escola Pública de Alagoas (JEP-AL); Programa Jovem Empreendedor da Escola Pública do Rio Grande do Norte (JEP-RN); Ceará Empreendedor Jovem.

Apesar do tema empreendedorismo ser bastante discutido nas universidades, ainda encontra-se pouco presente na Educação Básica, especialmente nas escolas públicas. Casos como os dos estados citados acima são exceções. O JEP além de oferecer a oportunidade de realização profissional aos alunos, estimula-os na obtenção de uma vaga no mercado de trabalho, uma vez que os jovens inseridos em um ambiente que contribui para o desenvolvimento de competências empreendedoras têm ampliadas

as possibilidades de tornarem-se profissionais mais participativos e preparados para assumir uma postura empreendedora.

### 3. Programa Jovem Empreendedor da Escola Pública: O estudo do caso JEP-AL

O JEP/AL chegou às escolas no ano letivo de 2002. De acordo com um relatório sobre o JEP, de 2006, elaborado pelo PTE, a preocupação do governo estadual com a qualidade da formação dos jovens estudantes do Ensino Médio e a compreensão sobre a importância de oferecer uma escola que também prepare para o mercado de trabalho repercutiu nesta iniciativa que teve o Portal Geranegócio como parceira.

No Portal Geranegócio encontram-se projetos e programas de geração de emprego e renda, além de recursos que permitem acessar vários itens e/ou conteúdos importantes sobre o mundo dos negócios e o empreendedorismo.

Segundo Siqueira (2004, p. 33), o Portal Geranegócio contém mais de dez mil páginas contemplando dez áreas dos pequenos e micronegócios. Em cada área são abordados variados aspectos, como: negócio, crédito, qualificação, informação e assistência online. As dezenas de projetos que estão desenhados no portal “visam, principalmente, pôr a tecnologia a serviço da geração de trabalho e renda, beneficiando milhares de pessoas em todo o Brasil”.

Os setores do Portal Geranegócio são oito, e estão divididos da seguinte forma: vendas online - onde encontra-se o ger@shopping e pode-se fazer anúncios no portal; cursos online - com o ger@cursos; produtos - com a agência virtual e o ger@Cred; programas e projetos - desenvolvidos pelo portal em parceria com instituições governamentais e não governamentais, como Porta Aberta, JEP/AL, JEP/RN, CEJ, SP inclui, Sou Ligado, Primeira Chance, ArtNet, Ceará Empreendedor, Emprego Jovem, Central do Trabalhador, CTE – RJ, Telecentros, Juventude Cidadã; áreas - pequenos negócios, negócios em casa, telenegócio, pequenas franquias, artesanato, cooperativas, associação de produção, incubadoras, clusters, empresas de participação – todas abordam questões próprias sobre as especificidades de cada uma delas, explicando o que vem a ser, oferecem testes para avaliar a capacidade empreendedora e conhecimentos necessários para empreender em cada área, explicam sobre o que vem a ser um plano de negócios como montá-lo em cada uma das áreas e disponibilizam dicas estratégicas para os interessados em empreender; conteúdos - tratando sobre crédito, factoring, cooperativa de crédito, microcrédito, capital de risco, rede de trocas leasing, idéias, projetos e pesquisas, programa de qualidade, produtividade, terapia do negócio, segurança do trabalho, marketing, exportação, empreendedorismo, testes, perguntas

mais freqüentes, modelos, planilhas, legislação, dicas e livros, links, humor do negócio, programas de governos e ONG; serviços associados - que disponibilizam o ger@TV, vídeo fácil, ger@downloads, arranjos produtivos, páginas azuis, legalização, agenda tributária, ger@tendimento, ger@eventos, ger@fácil, ger@pesquisa, ger@jogos, ger@crédito, assistente financeiro, ger@preço; parceiros - no qual encontram-se associados, empresas, instituições e consultores.

Nessas áreas os pequenos e microempreendedores podem interagir com o Geranegócio através de videoconferências, fóruns de debates, chats, assim como tirar dúvidas on-line, opinar, sugerir, criticar e participar de grupos de parceria com outros empresários da sua área de interesse. Para acessar qualquer serviço e as ferramentas no Portal é necessário realizar um cadastro, no qual é requerido ao usuário o seu e-mail e uma senha.

Como exemplos das ferramentas encontradas do Geranegócio pode-se citar: Gera@Jogos; Ger@Eventos; Assistente Financeiro; Ger@Fácil; Ger@Crédito; Ger@pesquisa; Ger@tendimento; Páginas Azuis; Gera@consulta; Plano de Negócio; Legalização (SIQUEIRA, 2004).

No Ger@pesquisa encontramos informações de interesse do pequeno empreendedor, tais como agenda tributária, indicadores sociais e econômicos, situação da empresa junto aos órgãos governamentais, custo do dinheiro e taxas de serviços bancários, registro de domínio na Internet. Os cursos online, voltados para os pequenos negócios, podem ser encontrados no Ger@cursos ou Ger@qualificação e qualquer pessoa, mesmo que não domine a Internet, pode realizá-los. A função do Ger@tendimento é esclarecer, online, dúvidas relativas aos pequenos e aos micronegócios, além de oferecer suporte para os cursistas do JEP e dos outros programas que se encontram nesse Portal.

De acordo com Siqueira (2004), o JEP-AL visa ensinar informática, empreendedorismo, montar plano de negócio e fornecer microcrédito aos jovens que estão terminando o Ensino Médio. A fig.2 traz a página inicial do JEP-AL:



Fig. 2 - Página do JEP-AL

Acessando a página do JEP-AL é possível conhecer melhor sua proposta e seus objetivos. Lá se encontram depoimentos de alunos que participaram desse programa nos anos de 2002, 2003, 2004, 2005 e 2006 além de outros detalhes.

O JEP capacita gratuitamente os alunos do Ensino Médio, das escolas públicas participantes do programa, em Internet e Empreendedorismo. Os cursos são realizados em paralelo com as aulas, em horários alternativos, a distância via Internet e são divididos por módulos.

A missão do JEP “é qualificar os concluintes do Ensino Médio da escola pública de Alagoas em Internet e Empreendedorismo. Despertar nestes jovens o espírito criativo e empreendedor, ensinar a montar um plano de negócio e conduzir o seu próprio negócio”. Aos alunos com melhores planos de negócios, será fornecido microcrédito através de agentes financeiros conveniados para montagem dos mesmos.

Nas escolas estaduais participantes do programa, o aluno encontra no laboratório de informática – em horários pré-estabelecidos – computador disponível para fazer os cursos à distância, sendo assistido via Internet por especialistas em empreendedorismo e presencialmente por um instrutor. Apesar da formação oferecida pelo JEP ser realizada pela Internet, com a disponibilização de ferramentas síncronas e assíncronas, a ocorrência do atendimento online, tendo ainda a orientação de especialistas a distância.

A realização do curso nos laboratórios de informática das escolas e o auxílio presencial dos instrutores são fundamentais para que o programa ocorra de fato, pois em sua grande maioria o aluno da escola pública estadual não dispõe de computador e Internet, em ambientes que não sejam a escola ou uma lan house. A assistência do instrutor presencial é importante, dadas as condições de pouca familiaridade com o computador por parte de alguns dos alunos que compõem o público alvo do programa, além dos constantes problemas, como falhas no equipamento das escolas.

Os instrutores, na prática, têm assumido a tarefa de ajudar os alunos a realizarem os ajustes pessoais e sociais, para assim comporem bons e possíveis ambientes de aprendizado. Eles encarregam-se de: convocar os alunos para matricularem-se no JEP; mostrar aos alunos a importância do programa; motivar e ajudar os alunos a gerenciar seus cursos; providenciar o chamado da assistência técnica quando necessário; encaminhar questões técnicas; inteirar-se com os atendentes do portal sobre eventuais falhas no programa; incentivar constantemente os alunos para levarem seus cursos ao término; orientar os alunos na realização de suas pesquisas para a montagem dos planos de negócios que são os pré-requisitos para a conclusão do JEP.

Essa situação da presença do instrutor e da realização do curso nos laboratórios das escolas – apesar dos alunos poderem realizar seus cursos em qualquer outro computador, em qualquer horário e em qualquer local – são atípicas na EAD. Mas beneficiam os alunos que não possuem acesso, tornando o JEP possível para eles.

Desde a implantação do JEP são utilizados instrutores para atuarem presencialmente com os alunos pelos seguintes motivos: os alunos de modo geral não possuem computador e/ou conexão com a Internet em casa, realizam o curso no espaço escolar e precisam de ajuda para se familiarizarem com as ferramentas utilizadas, uma vez que muitos têm o primeiro contato com a informática no JEP. O instrutor auxilia nas dúvidas que possam surgir na utilização das ferramentas do curso; para a realização do curso são disponibilizados os laboratórios de informática das escolas, em horários alternativos. A maioria desses laboratórios estão com máquinas antigas, há problemas de ordem técnica e a conexão é muito lenta. O instrutor contribui para que os eventuais problemas sejam contornados, chamando a assistência técnica quando necessário e auxiliando nos problemas relativos às dificuldades na seqüência do curso, orientando os alunos para a superação; a presença do instrutor no JEP funciona na organização das turmas, na cobrança presencial para evitar dispersões dos alunos do ensino médio, no apoio aos alunos para que não ocorra um grande número de evasão; os alunos concluintes do JEP sentem, em geral, muita dificuldade para realizar o trabalho de conclusão do curso, que é a elaboração de um plano de negócios, por isso contam com a orientação presencial de um instrutor.

Ao ingressar no programa JEP e realizar sua matrícula virtual, com a ajuda do instrutor, o aluno recebe uma apostila que serve como um guia de referência rápida e de apoio para quando não estiver conectado. Esse guia apresenta a organização e a estrutura do curso.

Os únicos pré-requisitos para o ingresso no JEP são: ser aluno de escola pública e estar concluindo o Ensino Médio, além de possuir um endereço eletrônico – o que em geral é providenciado com o auxílio do instrutor no momento da inscrição.

Desde o momento que o aluno realiza sua matrícula e preenche a ficha de inscrição, via Internet, ele está realizando um exercício que tem contribuído para melhorar sua noção de informática e sua habilidade na digitação. Para alguns alunos essa foi a primeira experiência junto ao computador.

Um fato constatado, pelos instrutores, é o de que muitos alunos têm seu primeiro contato com o computador ao entrar para o JEP e, mesmo com várias dificuldades e maior lentidão que os demais alunos já usuários do computador, têm conseguido seguir adiante no curso, concluindo todos os módulos do itinerário formativo, adquirindo uma boa segurança no uso dos recursos dispostos na Internet.

O programa JEP segue a metodologia de itinerários formativos, com a organização do sistema de qualificação em módulos. Para realizar cada módulo do curso, o aluno recebe gratuitamente um cartão com senha. Ao raspar o cartão que lhe for fornecido e fazer a matrícula virtual ele inicia o processo formativo. Ao término de cada módulo, após sua aprovação, o aluno precisa de um novo cartão para iniciar a outra etapa. A aprovação ocorre após a aplicação de testes e jogos avaliativos.

O aluno realiza todas as etapas no seu próprio ritmo de aprendizagem em ambiente virtual, orientado pelo instrutor presencial e, a distância, por pessoas vinculadas ao Portal Geranegócio, especialistas em empreendedorismo e/ou de suporte técnico para eventuais dúvidas ou problemas que venham a ocorrer.

Os módulos interativos são implantados na plataforma de e-learning Aulanet, desenvolvido pela PUC-RJ. É possível, para os instrutores, realizar o monitoramento da evolução do aluno no processo de aprendizagem pela Internet, no site do geranegócio, observando: tempo em cada lição, controle de acesso e presença em sala de aula (plataforma), correção eletrônica das provas e boletim do aluno.

No processo de aprendizagem o aluno recebe apoio via Internet através dos seguintes recursos: atendimento online, vídeo conferência, banco de dados com as questões mais frequentes, e-mail, sala de bate-papo com instrutores, fóruns de discussão e mailing list.

Ao término de cada lição, é realizado um teste de avaliação sob a forma de jogos e questionários interativos. Uma boa performance no teste é a condição para avançar

até a próxima lição. O histórico do aluno no curso vai sendo registrado a medida em que vai avançando.

O contato com a coordenação do JEP em Alagoas e com os responsáveis pelo Portal Geranegócio no Rio de Janeiro também é uma constante e isso é feito semanalmente ou diariamente via atendimento online, e-mail e/ou telefone sempre que surge algum problema ou dificuldade.

A troca de idéias e experiências entre os instrutores tem sido muito importante, pois são compartilhadas dúvidas, problemas e eventuais soluções. Ela sempre acontece quando surgem problemas técnicos e é preciso verificar o que está ocorrendo nas outras escolas, obter informações e/ou aconselhamentos.

O instrutor presencial do JEP geralmente é um professor ou funcionário indicado pela direção da escola, pela Secretaria de Educação ou pela coordenação do JEP.

Todo instrutor passa por uma semana de formação para se familiarizar com o curso e todas as ferramentas disponíveis, recebendo o certificado de qualificação. A cada mudança no itinerário do curso, são realizadas reuniões e novos momentos de formação com os instrutores, para que possam atuar com segurança junto aos alunos.

As formações para os instrutores ocorrem no NTE, em Maceió, com uma profissional encarregada da capacitação, enviada pelo Portal Geranegócio, que realiza as primeiras reuniões com os novos instrutores e integra-os ao grupo já formado dos anos anteriores. Além de apoiá-los nas dificuldades iniciais sentidas, até ocorrer uma familiarização com as ferramentas e ambientes utilizados no itinerário formativo do JEP. As formações dos instrutores ocorrem no começo de cada ano letivo das escolas públicas – antes do início do JEP em cada escola.

O pacote de capacitação oferecido pelo JEP foi criado para dar noções de tecnologia e empreendedorismo. Os cursos são oferecidos em 5 módulos formativos, chamados de etapas: Internet, Empreendedorismo, Navegando no Mundo dos Negócios, Plano de Negócios e Elaborando um Plano de Negócios. Cumprindo todas as etapas do curso o aluno recebe um certificado de conclusão.

Internet – são fornecidas informações ao aluno, em lições interativas, para que ele possa utilizar a web: mundo virtual, o primeiro acesso, ferramentas de navegação, como fazer busca de conteúdo na Internet, como fazer downloads, como enviar e-mail. Os alunos dispõem de várias páginas de leitura e de exercícios, utilizando hiperlinks para acessar sites e criar seu e-mail, além de aprender a realizar pesquisas em sites de busca, a navegar com desenvoltura na rede;

Empreendedorismo – tem como objetivo despertar o interesse do aluno para novos horizontes, incentivando-o a desenvolver sua criatividade empreendedora. O aluno tem

a oportunidade de conhecer ferramentas importantes que ajudarão na concretização de algum projeto futuro. Alguns dos assuntos abordados são: Internet voltada para o empreendedorismo, conhecendo as micro e pequenas empresas, ambiente externo, ambiente interno, marketing, vendas, associativismo, descobrindo o preço de venda, tocando o negócio no dia-a-dia;

Navegando no Mundo dos Negócios – o aluno tem acesso a todo o conteúdo do Portal Geranegócio. Ele é conduzido a esmiuçar vários aspectos e conhecer os recursos disponíveis que poderão auxiliá-lo na construção de um projeto ou no gerenciamento de um negócio. São passadas informações sobre diversas práticas empresariais e tipos de negócios, tais como: cooperativas, clusters, negócio em casa, telenegócio;

Plano de negócios - o aluno conhece nesse módulo os procedimentos necessários para montar um plano de negócio, acompanhando o passo a passo do processo e tendo como conteúdo as lições: o que é um plano de negócio; por que fazer um plano de negócios; o empreendedor de sucesso; qual tipo de negócio você pretende montar; como fazer um plano de negócios;

Elaborando Plano de Negócio – concluindo satisfatoriamente o módulo Plano de Negócio, o aluno terá acesso a uma ferramenta, via Internet, que possibilita a elaboração do seu Plano de Negócio e que pode ser acessado, impresso e corrigido a partir de qualquer computador, desde que inserida a senha adequada. Este recurso possibilitará que todos os Planos de Negócio elaborados pelos alunos sejam corrigidos por uma rede de especialistas contratados, espalhados pelo Brasil. O objetivo é colocar em prática o que o aluno aprendeu sobre plano de negócios, usando para isso uma ferramenta onde o aluno irá construir o seu próprio plano. A ferramenta apresenta oito itens para preenchimento. Após a finalização do plano, o sistema calcula automaticamente um demonstrativo, dando uma projeção sobre a sua viabilidade, com informações como: saldo mensal, tempo de retorno e receita mensal.

Em cada módulo do itinerário formativo o aluno encontra informações e conteúdos em linguagem acessível ao seu nível de escolaridade.

Em cada módulo, o aluno faz exercícios interativos com movimentações de imagens e visualização de conteúdos da Internet. Ao final de cada lição o aluno realiza os testes de avaliação que tem o formato de múltipla escolha (jogos e questionários), nos quais são oportunizadas três chances para a realização.

Ao finalizar o módulo, satisfatoriamente, o aluno obtém um certificado virtual de aprovação além do certificado final fornecido pela SEE/AL no encerramento anual, quando a aprovação não ocorre após as três tentativas, ele fica sem a qualificação naquela etapa e precisa de autorização, obtida geralmente através do atendimento online do portal, para a continuação dos outros módulos. Em alguns casos, como

falhas detectadas na conexão (que ocorrem frequentemente), são concedidas novas oportunidades para a realização da avaliação.

Durante o curso de empreendedorismo e no curso de elaboração do Plano de Negócios, os alunos vivenciam situações de aprendizagem que despertam a sua curiosidade, mobilizando-os à investigação, à produção de conhecimento e novas aprendizagens. Através da elaboração do plano de negócios, os alunos além de dominar conhecimentos da área do empreendedorismo, podem produzir e organizar o conhecimento.

O plano de negócios, idealizado e elaborado por ele é enviado e submetido à avaliação de especialistas, podendo ser posteriormente disponibilizado no Portal Geranegócio.

A elaboração do plano de negócios estimula e amedronta os alunos ao mesmo tempo, mas é um desafio a ser vencido. É a superação da falta de tempo, das dificuldades na busca por informações sobre o negócio a ser projetado.

No JEP, todo ano, desde a sua primeira edição, ocorre um processo de seleção dos melhores planos de negócios elaborados pelos alunos. A avaliação é realizada por especialistas de diferentes localidades do país. Após a seleção são escolhidos os planos finalistas, onde os autores recebem medalhas e podem depois, em alguns casos, obter a liberação do crédito necessário para a abertura da microempresa, essa liberação de crédito precisa passar pelo aval de instituições financeiras. No ano de 2006, dos 2.847 planos enviados para o processo seletivo, foram selecionados 352 entre os desenvolvidos individualmente ou em grupo.

Este estudo é uma análise da aplicação da EAD e do ensino do empreendedorismo nas escolas públicas de Ensino Médio de Alagoas, através do JEP, a partir da análise sobre o seu impacto no ambiente escolar, o seu real significado na formação dos alunos do Ensino Médio, o seu papel no combate a exclusão dos jovens das camadas populares no mercado de trabalho e na democratização do acesso à Internet nas escolas públicas.

A pesquisa partiu do questionamento sobre o modo como o JEP tem contribuído para a inserção dos alunos concluintes do Ensino Médio das escolas públicas estaduais de Alagoas no mercado de trabalho. Tendo a hipótese de que o JEP contribui para a formação dos alunos concluintes do Ensino Médio, capacitando-os para utilizar a Internet, fornecendo indicações de novos caminhos e opções para a sua inserção no mercado de trabalho, preparando-os para tornarem-se possíveis empreendedores e/ou melhorando a sua formação.

O estudo teve como objetivos: analisar as contribuições do JEP, através da EAD, para a qualificação e a inserção dos alunos concluintes do Ensino Médio no mercado de trabalho; investigar as potencialidades da EAD no Ensino Médio e as possibilidades fornecidas pelo JEP para a diminuição da exclusão digital.

Esta pesquisa, realizada ao longo do período de 2004 a 2006, envolveu duas escolas estaduais de Maceió, Alagoas: Moreira e Silva e Bom Conselho, englobando 76 alunos e 02 instrutores. As duas escolas fazem parte do JEP, que até 2006 abrangia 38 escolas estaduais em municípios alagoanos. Fazem parte desse universo, também, a coordenação do JEP-AL e o gerenciamento do Programa de Tecnologias Educacionais da Secretaria Executiva de Educação do Estado de Alagoas (PTE).

O JEP tem contribuído para a formação dos alunos concluintes do Ensino Médio das escolas públicas estaduais de Alagoas, capacitando-os para utilizar a Internet, fornecendo indicações de novos caminhos e opções para a sua inserção no mercado de trabalho, preparando-os para tornarem-se possíveis empreendedores e/ou melhorando a sua formação?

Na pesquisa de campo os procedimentos adotados para a coleta de dados foram o uso das técnicas de observação participante como instrutora do JEP, observação não-participante, conversas informais, realização de entrevistas semi-estruturadas, aplicação de questionários e anotações em diário de campo, sendo a observação o principal método de investigação.

A observação não-participante foi adotada nos momentos de aprendizagem dos alunos do JEP na escola Moreira e Silva. Tendo como universo 15 alunos, 1 instrutor e 1 gestor. Nesses momentos foram adotados procedimentos como registros em diário de campo, registro com fotografias, coleta de depoimentos da instrutora e elaboração de relatórios.

A observação participante se deu nos momentos de aprendizagem na Escola Bom Conselho, nos quais encontrava-me envolvida como instrutora do programa. A investigação nessa escola se deu com 61 alunos e 1 gestor; além dos registros da experiência da pesquisadora em diário de campo.

No registro das informações foram utilizados dois diários de campo: um de pesquisa e um de observações. Esse segundo foi utilizado para o planejamento do estudo e organização das etapas, enquanto o primeiro contém as anotações e reflexões sobre os acontecimentos observados.

Foram aplicados 21 questionários durante o curso avançado de empreendedorismo realizado no SEBRAE, com alunos selecionados do JEP 2005 oriundos das várias escolas inseridas no programa. Esses questionários aplicados possibilitaram respostas rápidas e precisas, permitindo uma maior uniformidade na avaliação, em função da sua natureza pessoal.

A partir de 2005, numa parceria entre o JEP e o SEBRAE, foram oferecidas 32 vagas aos alunos selecionados, participantes do JEP 2004, para a realização de um curso gratuito avançado voltado para o empreendedorismo empresarial. Em 2006

foram oferecidas 90 vagas para os participantes do JEP 2005. No curso oferecido pelo SEBRAE os alunos do JEP podem aprofundar seus conhecimentos na área de empreendedorismo, melhorar seus planos de negócio e aumentar suas chances para a obtenção de microcrédito em instituições financeiras conveniadas.

A orientação, durante o JEP, é para a criação de microempresas que representem riscos calculados e custos reduzidos, sendo este um critério utilizado na avaliação dos planos produzidos. A criatividade na elaboração dos planos, outro dos critérios utilizados na avaliação e seleção, surpreende em muitos casos. Têm sido apresentados planos de negócios que empolgam os instrutores, a coordenação do curso e os especialistas do geranegócio pela originalidade, cuidado e brilhantismo na sua produção.

Como exemplo dos planos de negócios elaborados pelos alunos, para um referencial sobre a diversidade das áreas escolhidas e a criatividade que envolve as produções dos alunos de diferentes municípios alagoanos, pode-se citar os seis primeiros colocados do JEP de 2005, os seguintes plano de negócios: “Delícias da Fazenda” – baseado no negócio do pai do aluno que trabalha na produção de leite e derivados; “Kangimas” – voltado para a produção e comercialização de camisas de quadrinhos japoneses; “Escola de música Leo & Cia” idealizou um curso voltado para o ensino de diversos instrumentos musicais; “Aluados Telescópios” – para construção de telescópios sob encomenda, desenvolvido a partir dos conhecimentos adquiridos pelo aluno na disciplina de Física; “Filé de Alagoas” – projetando uma loja de artesanato; “Info Solution” – para a prestação de serviços com manutenção de computadores.

Isso vem a convergir com o pensamento de Fillion (1999, p.19), que considera o empreendedor uma pessoa criativa, “marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios”. Para ele, o empreendedor, ao continuar aprendendo, estando aberto às inovações, atento às possíveis oportunidades de negócios e tomando decisões moderadamente arriscadas, continuará a desempenhar um papel empreendedor.

A premiação oferecida empolga os alunos, mas nem sempre é utilizada por quem é contemplado para dar início aos negócios planejados. Mesmo quando estes necessitam de pequenos investimentos para sua implantação.

Deve ser observado que no encerramento do JEP, desde sua primeira edição, é realizada a festa de encerramento, com a entrega de certificados para os alunos concluintes, medalhas para os planos selecionados entre os melhores e a premiação para os 6 melhores planos.

Apesar de um bom número de planos criativos e bem estruturados, a elaboração do plano de negócios ainda é citada, pela maioria dos cursistas, como a maior dificuldade encontrada durante o processo formativo. Especialmente porque elaborar um bom

plano ou projeto de negócio exige a realização de uma pesquisa cuidadosa. Sem um estudo aprofundado sobre o negócio escolhido não é possível preencher os quadros com todos os dados exigidos no módulo Elaborando o Plano de Negócios. Torna-se mais fácil para quem tem um conhecimento prévio sobre o negócio a ser planejado, por já trabalhar na área ou ter alguém da família nesse tipo de atividade.

Dornelas (2007) considera o plano de negócio a principal ferramenta de gestão do empreendedor. Mas, alerta sobre o fato de que: “muito se fala a respeito deste documento nos dias atuais, mas poucos empreendedores sabem como elaborar um e por que o plano de negócios pode definir o sucesso ou fracasso de um negócio”. O autor afirma que o plano de negócio não se aplica apenas aos negócios em fase inicial de desenvolvimento, devendo ser utilizado pelas empresas, em todos os estágios.

A palavra plano de negócios remete ao termo “planejamento”. O que viria a ser o mesmo que estudar o negócio e os cenários possíveis para seu futuro. Não se trata de adivinhar o futuro, mas de tentar antecipá-lo, procurando prever os possíveis caminhos para o crescimento da empresa. (DORNELAS, 2007)

Outra dificuldade sentida pelos alunos é a própria produção do texto, pois em geral estes não têm o hábito de escrever, ler ou pesquisar. Muitos projetos apresentados contêm erros ortográficos não aceitáveis para alunos do Ensino Médio. A ajuda do instrutor para uma revisão no texto, antes de enviar o plano para a correção e avaliação, é requisitada com frequência.

Ao estimular a pesquisa, a leitura e a escrita durante a elaboração do Plano de Negócios, etapa obrigatória para a conclusão e certificação no curso, o programa contribui para que o aluno conquiste habilidades que o ajudarão no desempenho de sua produções textuais. Ele precisa exercitar a leitura e a compreensão de textos, precisa relacionar informações, deve procurar elaborar um plano com clareza para que possa ser corrigido e aprovado. Portanto, o cursista do JEP desenvolve competências no decorrer do seu processo formativo.

O plano de negócios pode envolver empreendimentos no campo da prestação de serviços, do comércio ou da indústria. Os chamados “negócios em casa”, que podem ser instalados na própria residência dos alunos, são a opção mais utilizada no item que se refere à instalação do negócio escolhido.

Em alguns casos, os alunos montam seu plano em conjunto, porém isso sempre vem ocorrendo entre colegas da mesma escola. Os horizontes desses alunos poderiam ser ampliados com uma maior interatividade, com trocas de experiência entre alunos de diferentes escolas e municípios, num maior aproveitamento dos recursos disponíveis no portal Geranegócio e nos próprios módulos do JEP. A interação entre o aluno e o seu instrutor ocorre, na maioria dos casos, presencialmente no horário agendado para o curso.

Trabalhando mais com a troca entre os alunos das diferentes escolas, com a promoção de uma maior interação, certamente seriam proporcionadas experiências de aprendizagem riquíssimas. Assim, se poderia trabalhar na perspectiva da formação de uma comunidade virtual de aprendizagem, o que seria ideal em qualquer forma de EAD.

Alguns alunos e instrutores utilizam recursos, além dos existentes no portal Geranegócio, como o MSN e o Orkut. Entretanto, há um certo isolamento virtual no estudo dos conteúdos, com a ocorrência de uma interação presencial no próprio laboratório de informática. As comunicações via e-mail e chat são habituais, mas com os colegas da própria escola e em geral não tratam sobre o JEP ou os conteúdos estudados.

No caso dos instrutores a interação e as trocas de experiências são constantes, nas reuniões presenciais periódicas e por e-mail. Porém, os bate-papos agendados, de modo geral, não têm ampla participação em função dos diferentes horários e compromissos dos instrutores, que possuem outras ocupações na área da educação.

Os recursos de comunicação necessários, síncronos e assíncronos, para uma efetiva interação de todos com todos no JEP.

O aluno, dentro de uma comunidade de aprendizagem, precisa desenvolver habilidades que o ajude a trabalhar colaborativamente com os seus colegas, como: saber buscar, usar e socializar a informação; saber classificar, discriminar, selecionar e recuperar essa informação; colaborar com projetos. Isso vem sendo possibilitado durante o itinerário formativo dos cursistas do JEP.

Nas observações realizadas foram detectadas as principais dificuldades sentidas no JEP – tanto por alunos como por instrutores: equipamentos danificados em algumas escolas; lentidão da navegação na Internet; dispersão dos alunos, com constantes entradas no Orkut, no MSN, em salas de bate-papo; ocorrendo um desvio na concentração e no foco do curso, em decorrência há a perda de tempo; problemas de acesso às escolas e aos laboratórios nos horários e datas reservadas ao curso, com a ocorrência freqüente de eventos na escola, especialmente aos sábados, que impedem a realização do curso em vários dias do ano; desistência e/ou evasão dos alunos, motivada por outros fatores como a necessidade de trabalhar, especialmente em serviços temporários obtidos no comércio no final do ano ou em outras datas festivas. Esses problemas são sentidos por vários instrutores, anotados em conversas informais e durante a observação participante, percebendo-se a grande quantidade de alunos que conseguem empregos temporários no comércio.

Uma das instrutoras do JEP, presente desde sua implantação, dá o seguinte depoimento sobre o programa:

O JEP só trouxe coisas boas, principalmente para os alunos que sabem aproveitar bem as oportunidades que surgem. Muitos

já ajudam os pais em alguma atividade, agora com o curso passaram a se interessar mais e até repassam para eles o que aprenderam. Outro resultado importante é que o curso desperta no aluno o espírito empreendedor e daí surgem grandes idéias e muita criatividade, e também a emoção do aluno premiado e a felicidade do instrutor desse jovem (Instrutora 1).

Outra instrutora enfatiza que: “Alunos que nunca pegaram em um mouse estão superando expectativas. Eles próprios se surpreendem com sua evolução e superação. Eles vêem que são capazes” (Instrutora 2).

Os alunos do JEP possuem diferenciados perfis: alunas do turno noturno que são donas de casa, pessoas que já possuem experiência com pequenos negócios formais ou informais, trabalhadores do comércio, desempregados, adolescentes alunos do turno diurno que estão, em sua maioria, buscando o primeiro emprego e/ou preocupados em ingressar na universidade, conscientes das dificuldades que enfrentarão concorrendo com os alunos das escolas particulares. Pois, é um fato concreto o baixo índice de aprovação do aluno oriundo da escola pública, mesmo com as políticas de ações afirmativas adotadas (como o sistema de cotas).

Nos depoimentos dos alunos do JEP, vários demonstram gratidão pela oportunidade recebida e/ou grandes expectativas sobre o ingresso no mercado de trabalho, como se observa nos exemplos seguintes:

O JEP proporciona ao aluno da escola pública de Alagoas não só o interesse pelo empreendedorismo, mas também o despertar para o mundo, usando a tecnologia e fornecendo aos jovens de Alagoas um novo e moderno sistema de educação, gerando profissionais capacitados para o futuro do nosso Estado (Aluno 1).

O JEP abriu para mim um novo mundo ainda não explorado por falta de acesso a determinados recursos que não dispunha. Esse curso me proporcionou uma melhor formação profissional e social, colocando-me em contato com informações necessárias para uma melhor integração ao mercado de trabalho que exige cada vez maior aperfeiçoamento. Agradeço a todos os que cooperaram para este projeto que me ajudou e com certeza ajudará a muitos outros (Aluno 2).

O JEP foi de suma importância para mim, tanto no aspecto profissional como no pessoal, pois me deu a perspectiva de ingressar no mercado de trabalho e de me familiarizar com

o computador. Apóio a iniciativa do governo do estado em se preocupar com os estudantes que estão concluindo e que, na maioria das vezes, não têm perspectiva de ingressar no mercado de trabalho, pois não estão preparados para enfrentá-lo (Aluno 3).

Espero adquirir conhecimento sobre o que preciso para entrar no campo do micro-negócio. Pretendo absorver o máximo de informações possíveis para montar um plano de negócios. Meu maior objetivo é futuramente poder administrar um negócio meu e fazer com que esse negócio cresça cada vez mais (Aluno 4).

Estou achando ótimo esse curso. Estou grato pela grande oportunidade que me foi dada como aluno da rede pública de ser empreendedor de um pequeno negócio e de estar mais preparado para o mercado de trabalho. Com certeza as informações, as dicas e os conhecimentos serão de grande utilidade na vida (Aluno 5).

Seus organizadores e colaboradores fizeram com que chegasse até nós, alunos da rede pública, uma oportunidade de ampliar nossos conhecimentos. Com o Geranegócio aprendi que existem inúmeras maneiras e meios para alcançar sucesso em empreendimentos. O curso tem uma forma prática de ensino, o que ajuda no desenvolvimento do seu objetivo, que é fazer com que cada aluno exponha as suas idéias de negócios. Nossa instrutora mostrou estar preparada, a sua ajuda foi de grande importância para o término desse curso (Aluno 6).

Adorei essa iniciativa de dar chances para as pessoas poderem abrir o seu próprio negócio. Sei também o quanto é difícil começar e manter o mesmo. E é exatamente o que eu quero adquirir desse curso. Como manter o meu empreendimento? Saber superar as dificuldades, escolher o melhor local para atuar com o meu investimento... Desse curso eu só espero o melhor! E sei que poderei colocar para fora, o meu brilhante talento (Aluno 7).

Alguns alunos do JEP demonstram em seus depoimentos ter clareza sobre a importância de uma formação consistente e da necessidade da inclusão digital. Como se pode observar nas palavras dos Alunos 8 e 9:

Participar deste projeto está sendo de grande importância para mim. Ele aproxima os alunos da tecnologia dando-lhes a

oportunidade de conhecer e aprender manusear um computador sem deixar de lado a educação. Espero que ao terminar o curso eu esteja capacitado não só na área de informática como também na educação como um todo. A educação é uma necessidade de cada indivíduo e, com o avanço da tecnologia, a informática passou a fazer parte desta necessidade (Aluno 8).

Espero que o JEP 2003 contribua para o meu desenvolvimento profissional, aumentando meus conhecimentos de informática e me ajudando, para que eu possa colocar em prática o meu espírito empreendedor. Eu acredito que o JEP vai ser fundamental para a minha capacitação profissional (Aluno 9).

Muitos alunos consideram o JEP uma oportunidade concedida e que precisa ser aproveitada. Eles também vêem no curso uma possibilidade de acesso ao laboratório de informática, um espaço cada vez mais concorrido nas escolas que fazem parte do Programa. Isso pode ser detectado na fala do Aluno 10:

O JEP é uma boa oportunidade para pessoas que não têm condições financeiras para fazer um curso completo. Eu achava que nós, que estamos concluindo o Ensino Médio, não íamos ter prioridade na sala de informática. Mas eu estava enganada. Para início estou amando! (Aluno 10).

O JEP tem contribuído para a inclusão digital e a democratização da Internet nas nossas escolas públicas, pois a Internet é implantada de imediato nas escolas do programa – só assim é possível realizar os cursos online – e esse recurso não se limita apenas à utilização com o JEP. Alguns alunos aprenderam a digitar e a utilizar a Internet durante o curso e em alguns casos as dificuldades sentidas foram grandes, porém várias situações de superação foram observadas, assim como diversas desistências e a ocorrência de muitos abandonos do curso.

O diário de campo foi um importante instrumento durante as observações participantes, algumas das anotações realizadas em 2004 e 2005, demonstram as dificuldades pelas quais passam os instrutores do JEP:

evasão, máquinas lentas, problemas na configuração dos computadores. O laboratório está com inúmeros problemas (instalação elétrica, máquinas quebradas, conexão lenta). Dos 21 computadores que temos no laboratório, apenas 11 estão conectando satisfatoriamente, mas a navegação é lenta. (...) Os alunos do turno noturno vêm apresentando maior dificuldade

para elaborar seus planos de negócios e alegam falta de tempo. (13/11/2004 - Sábado, 15h.).

Só compareceram seis alunos. Apenas 8 computadores estavam com uma conexão viável. Chamar técnicos com urgência. Espero que não demorem tanto (16/04/05 - Sábado, 16h30min).

Apenas três alunos compareceram. Explicação: apesar de se comprometerem em iniciar o curso os alunos do turno noturno têm dificuldade em acordar para comparecer ao curso as 7h da manhã. Estratégia para superar o problema: iniciar mais tarde, as 8h (20/07/2005 - Quarta-feira, 10h).

Os alunos do matutino estão demorando muito para finalizar seus planos de negócios, atrasando o início de novas turmas. Acredito que estão fazendo propositadamente para prolongar o período de estada no laboratório. Também têm se desviado das atividades, se dispersando para outros sites e realizar bate-papos) (01/08/2005 - Segunda-feira, 20h30min).

Segundo Martínez (2004, p. 101) muitas escolas não dispõem de espaços adequados para montar laboratórios de informática:

As escolas nem sempre contam com espaços próprios para a instalação de laboratórios de computação ou salas multimídia, por isso algumas vezes é necessário investir na habilitação de espaços já existentes ou na construção de novos. Ao desenvolver essa tarefa, recomendamos levar em consideração o custo do aparelhamento, dos espaços, verificar a disponibilidade de energia elétrica ou fontes alternativas, assegurar a ventilação necessária (ar - condicionado, desumidificador, ventiladores) e, por último, tomar as medidas necessárias para a proteção dos equipamentos.

Todo ano ocorre, entre os instrutores, uma corrida contra o tempo para realizar a formação dos alunos, porque é estabelecida uma meta pela coordenação do JEP para cada escola com base na proporção entre o tempo, o número de computadores e a quantidade de alunos. Mas, alguns problemas atrapalham o cumprimento das metas. Os problemas técnicos e a lentidão na conexão são motivos de queixas freqüentes dos instrutores nas reuniões. Também há demora no atendimento da assistência técnica e equipamentos defasados. A quantidade de técnicos é pequena para dar conta de todos os laboratórios.

Apesar das diversas dificuldades, na maioria dos depoimentos dos alunos pode-se visualizar o que já era perceptível nas observações realizadas ao longo da vigência do

curso. As perspectivas dos alunos em relação ao curso são muito grandes. Observa-se que eles têm, no início do curso, muitas esperanças de mudanças em suas vidas, considerando que poderão montar seus próprios negócios. Também se empolgam com a utilização da Internet em seu cotidiano, como percebe-se nas falas dos alunos:

Eu estou aprendendo muitas coisas novas. Coisas que eu não tinha acesso antes, como a Internet. Para mim, está sendo tudo novo. Estou descobrindo, aprendendo como navegar na Internet e fico admirada com a facilidade com que ela nos ajuda, seja em pesquisas escolares ou em notícias (Aluno 11).  
Espero que o JEP nos proporcione tudo o que esperamos dele, ou seja, uma mudança em nossas vidas como alunos concluintes do Ensino Médio, nos dando um maior preparo para o mercado de trabalho e transformando de modo espetacular nossos sonhos em realidade. Agradeço pela oportunidade (Aluno 12).

De acordo com a coordenação do JEP-AL, o programa além de incluir digitalmente os alunos e qualificá-los em empreendedorismo, desperta nos jovens todo o potencial criativo.

O JEP contribui para desenvolver nos estudantes a capacidade de planejar e montar um plano de negócio, e com responsabilidade, conhecimento, dedicação e perseverança administrar o próprio negócio, ter sua renda e se realizar profissionalmente. (Coordenadora).

Siqueira (2004) analisa e divulga a geração de trabalho a partir de recursos naturais e de meios eletrônicos, propondo idéias criativas e instrumentos de capacitação; defendendo a disponibilização do acesso às TIC, uma vez que estas podem ser um meio fácil e barato para prover as necessidades de competência empreendedora aos pequenos e micro empreendedores. Defende a introdução do empreendedorismo no currículo escolar. Para o autor, empreendedorismo significa ter criatividade, capacidade, coragem de correr riscos calculados, capacidade de planejamento e gestão, antever mudanças, motivação para desafios, identificar oportunidades e transformá-las em negócios.

O JEP tem contribuído para formar alunos autônomos, responsáveis e empreendedores. Quanto à criatividade, verifica-se que há uma complexidade para o seu desenvolvimento que não se restringe a um curso de empreendedores. É importante salientar que os alunos precisam querer aprender e precisam envolver-se profundamente, esforçar-se e buscar para que tenham um bom aproveitamento e aprendizado.

Seguindo os módulos do curso oferecido pelo programa estabelece-se um processo de aprendizagem a distância, no qual os alunos não apenas utilizam as ferramentas disponíveis no geranegócio e/ou na Internet. Eles vão além, ganhando autonomia na construção do conhecimento, podendo compartilhá-lo, percebendo-se como sujeitos históricos, ativos e protagonistas na transformação da sua realidade.

Isso converge para o que afirma Peters (2003, p.15), sobre a sociedade da informação que “aponta para os novos padrões de competências institucionais e pessoais a serem desenvolvidos, com o apoio obrigatório de sistemas de ensino e aprendizagem transformados”, promovendo, ao mesmo tempo, transformações estruturais em todos os sistemas.

O JEP oferece uma possibilidade de melhoria na formação dos alunos do Ensino Médio nas escolas públicas, ajudando-os a adquirir uma competência empreendedora e/ou qualificando-os para atender as exigências da sociedade neoliberal, realidade na qual as escolas estão inseridas.

A introdução do ensino do empreendedorismo e de noções de Internet para os alunos do JEP tem mostrado resultados no sentido de renovar as esperanças desses alunos, geralmente excluídos do ensino superior e do mercado de trabalho, porém com uma qualificação para que busquem novos caminhos e montem suas próprias microempresas, tendo possibilidades de obtenção de sucesso com o respaldo do embasamento teórico, além de apoio dos agentes financeiros conveniados.

Mesmo para os que não pretendem tornarem-se empresários, é importante o desenvolvimento das competências empreendedoras para o ingresso no mercado de trabalho. O próprio certificado recebido com a conclusão do curso já contribui para o enriquecimento do currículo desses alunos que têm poucas oportunidades.

Nos questionários aplicados com os alunos do JEP foram obtidos os seguintes dados: a faixa etária dos alunos (38 %) que responderam aos questionários, com o predomínio de jovens com 17 anos de idade e 56 % entre 18 e 21 anos. Verifica-se a ausência dos alunos mais velhos – do turno noturno – alguns muito acima dessa faixa etária. Uma explicação para esse fato é a de que os alunos e alunas do turno noturno, em geral, trabalham e/ou têm ocupações com suas casas e filhos, por esse motivo não podiam comparecer ao curso oferecido durante a semana, pelo dia e presencialmente.

Percebe-se o predomínio de mulheres (76,1 %) no JEP, pois o número de pessoas do sexo feminino representa o triplo do número de pessoas do sexo masculino.

A maioria dos alunos do JEP possui uma renda familiar muito baixa, mais da metade dos alunos questionados (52,3%) tem renda familiar de 2 salários mínimos e um número considerável (38%) dispõe com sua família de apenas 1 salário mínimo.

Em relação ao número de alunos com empregos, verifica-se que a grande maioria (90,4%) está desempregada, apesar de várias tentativas para conseguir empregos.

Constatou-se que um bom número de alunos (66,6%) já utilizava o computador e acessava a Internet, mas isso ocorria fora da escola. Quanto a frequência com que acessavam a Internet, antes da introdução do JEP na escola, os dados apontam que a maioria (38%) tinham um acesso ocasional, geralmente em lan house, 28,5% frequentemente e 14,1% nunca acessaram.

Os locais de acesso ao computador e à Internet, a maioria declarou que recorre a lan house (66,6%) É perceptível, diante dos números observados, que a Internet já está incorporada à vida desses alunos através desses estabelecimentos que se tornaram de baixo custo e fácil acesso para eles. Outros locais acessados são a casa (14,2%), escola (14,2%) e escola e lan house (9,5%).

Sobre a contribuição do JEP para a inserção no mercado de trabalho, os alunos não conseguiram comprovar, de fato. Isso pode ser verificado na questão: o JEP contribuiu de algum modo para sua inserção no mercado de trabalho? A maioria dos alunos (42,5%) optou pela opção talvez, o que demonstra uma incerteza. 38% afirmou e 14,2 % não.

Os alunos, ao serem questionados sobre a pretensão de montarem o próprio negócio, responderam que sim, em sua maioria (76,1%) e 9,5% não sabem.

A contribuição do JEP para a melhoria dos conhecimentos relativos ao computador e à Internet foi comprovada pela maioria dos alunos questionados (85,7%).

Sobre as ferramentas disponibilizadas durante o JEP, constatou-se que a maior parte dos alunos (95,2%) as consideraram satisfatórias e 4,7% consideraram razoáveis. Ninguém considerou as ferramentas péssimas. É interessante observar o elevado nível de desgaste sofrido durante o curso em função da lentidão na conexão com a Internet ou com eventuais problemas técnicos ocorridos, mas poucos mencionam esse aspecto.

Quanto a contribuição do instrutor para o aprendizado dos conteúdos trabalhados, tendo como opções os itens muito (76,1%), pouco (9,5%) e mais ou menos (14,2%), a maioria dos alunos considerou que o instrutor contribuiu muito.

Em relação ao relacionamento com o instrutor, ninguém considerou ruim. A maior parte dos alunos marcou o item excelente (71,4%) e 28,5% bom.

Observou que a qualidade do curso foi considerada excelente por 90,4% e 9,5% regular dos alunos questionados. Ninguém considerou o curso ruim. Esse dado é curioso, pois muitos alunos revelaram na questão seguinte que tiveram dificuldades em alguma parte do curso.

A etapa do curso na qual os alunos sentiram maior dificuldade (80,9%) foi a Elaborando o Plano de Negócios. As etapas Internet e Plano de Negócios não foram marcadas. É preciso atentar para a contradição, pois se o curso foi considerado excelente por 90,4% dos alunos, não é possível ter essa percentual de dificuldade na elaboração do Plano de Negócios, que faz parte do itinerário formativo – para a conclusão – no qual o aluno é orientado sobre os procedimentos a serem seguidos.

Os conhecimentos adquiridos com o JEP ajudaram na sua inserção no mercado de trabalho? Constatou-se que 42,8% dos alunos que eles não consideram que o JEP contribuiu para seu ingresso no mercado de trabalho, 14,2% pouco e 33,3% não contribui.

Os alunos que responderam aos questionários representam uma pequena parte dos alunos que cursam o JEP. Além dos jovens, que aparecem nos quadros demonstrativos, muitos alunos adultos que cursam o noturno, como donas de casa e trabalhadores de modo geral, ingressam no programa.

Antes da aplicação dos questionários, nas observações realizadas nas escolas mencionadas já era perceptível um maior número de alunas do sexo feminino, bem como um grande número de alunos de baixa renda e o grande número de alunos que estão desempregados e lutando para conseguir se inserir no mercado.

O surgimento e a proliferação dos estabelecimentos que oferecem conexão com a Internet, a baixo preço, denominados lan house, contribuíram para que muitos jovens da periferia e/ou de baixo poder aquisitivo tornassem-se usuários freqüentes da Internet. Embora seja um fato constatado pelos instrutores o de que alguns alunos somente têm seu primeiro contato com o computador ao entrar para o JEP e, mesmo com várias dificuldades e maior lentidão que os demais alunos já usuários do computador e da Internet, têm conseguido seguir adiante no curso, concluindo todos os módulos do itinerário formativo, adquirindo uma boa segurança no uso dos recursos dispostos na Internet.

Com o curso realizado, o aluno tem ampliado sua compreensão sobre o funcionamento de uma economia de mercado, podendo melhor avaliá-la na perspectiva da sua visão adquirida quanto aos fatores de produção, agentes econômicos, aspectos institucionais, formação de preços e direitos do consumidor.

A presença dos instrutores é apontada pelos alunos, especialmente nos depoimentos que escrevem na finalização do curso, como necessária e, de modo geral, os relacionamentos têm sido enriquecedores para as partes envolvidas. A satisfação dos alunos também tem sido uma constante nos depoimentos colhidos.

No JEP eles são direcionados e orientados para desenvolver um conjunto de competências que os tornam capazes de tomar decisões, traçar planos e organizar os

recursos necessários para chegar ao sucesso. Deve-se ressaltar que esse sucesso não precisa ser compreendido necessariamente como sucesso financeiro.

O mais importante é que o JEP permite aos alunos um contato com a Internet, incentiva a pesquisa, estimula a reflexão e o aprendizado autônomo. Ajuda no desenvolvimento de competências e habilidades necessárias aos alunos do Ensino Médio, úteis à vida e ao trabalho, previstas nos PCN do Ensino Médio, como por exemplo, “dominar conceitos computacionais, que facilitem a incorporação de ferramentas específicas nas atividades profissionais”.

Preparando-se adequadamente, o aluno, com as informações e conhecimentos adquiridos, estará sendo estimulado a refletir e a decidir sobre seu futuro. Provavelmente, caso precise tornar-se um empresário para inserir-se no mercado de trabalho, ele procurará empreender por oportunidade e não apenas motivado pela necessidade. Terá, então, maiores chances de obter êxito no seu empreendimento. Conseqüentemente, se esse aluno não se tornar um empresário, optando por outra trajetória como trabalhador, ele terá adquirido competências com o estudo do empreendedorismo que poderão lhe ser úteis pela vida inteira, seja qual for sua escolha para o futuro.

O JEP também contribuiu para a formação e qualificação dos alunos – proporcionando-lhes inclusive uma certificação de qualificação provavelmente útil para enriquecer seus currículos ou ajudá-los numa eventual prova de títulos em concursos. Porém, os dados colhidos sobre os resultados concretos dos investimentos de alunos oriundos do JEP para a formação de microempresas ainda demonstram que são casos isolados. Alguns poucos tiveram essa iniciativa.

Quanto à resolução do problema que deu origem a essa pesquisa, constata-se tanto nas observações como nos depoimentos e questionários que a inserção dos alunos no mercado de trabalho, em função do JEP não é uma realidade. Não é participando do JEP que os alunos terão assegurado vagas no mercado de trabalho ou a abertura de uma microempresa.

Entretanto, o programa JEP, introduzindo o Empreendedorismo nas escolas estaduais, pode proporcionar aos alunos a oportunidade de descobrir suas aptidões, desenvolver competências e analisar criticamente a alternativa de empreender.

O JEP contribui na preparação para a vida, a medida em que melhora a autoestima dos alunos, os insere no mundo digital, amplia seus conhecimentos sobre a sociedade na qual estão inseridos, os ajuda a aprender a planejar e fornece certificados de qualificação que poderão ser importantes nas tentativas de colocação no mercado de trabalho. Isso já representa um excelente caminho e já demonstra a importância de programas como JEP.

#### 4. Considerações Finais

Estimulando a relação educação e empreendedorismo novos desenhos curriculares e ambientes de trabalho poderão surgir no espaço escolar. O comportamento e as atitudes de uma pessoa com a competência empreendedora possibilitam a inovação. Um empreendedor possui a capacidade de transformar a sua realidade e gerar renda. Por isso, as oportunidades oferecidas pelo mercado podem ser utilizadas com sucesso pelos empreendedores.

A busca por novos referenciais para a finalidade educativa, a aquisição de inovações para o processo ensino-aprendizagem são alguns dos elementos que influenciam e contribuem para a inclusão social e digital. Com o estudo do empreendedorismo torna-se possível unir várias áreas do conhecimento, com a apropriação de conceitos oriundos do mundo dos negócios.

Programas como o JEP podem melhorar a Educação Básica, possibilitando uma formação na qual todos os alunos tenham acesso a todas as áreas do conhecimento, através da EAD e da adoção do ensino do empreendedorismo nas escolas públicas.

O JEP tem contribuído para a melhoria do Ensino Médio, nas escolas nas quais ele está inserido, a medida em que ajuda os alunos na aquisição de competências úteis a vida e ao trabalho. Não esquecendo, evidentemente, a importância de oferecer a igualdade de oportunidades para a continuidade dos estudos no nível superior, numa universidade pública e gratuita na qual o jovem da escola estadual, com sua competência empreendedora, não necessite de ações afirmativas, como o sistema de cotas, para ingressar.

No JEP, a EAD é utilizada para proporcionar uma formação complementar que comumente não é colocada para os alunos, oferecendo a oportunidade de enriquecer os estudos e complementar os conhecimentos. Os alunos aprendem a utilizar a Internet para adquirir novos conhecimentos, desenvolvem aptidões, habilitam-se a desenvolver autonomamente seu aprendizado e estudam empreendedorismo, refletindo sobre oportunidades de empreender em seu cotidiano. A grande contribuição do JEP se dá de fato na preparação para a vida e na inserção digital.

As emergentes demandas econômicas e sociais têm apontado para a necessidade da inclusão do tema empreendedorismo na escola. Apontam também sobre a necessidade de implantar políticas públicas ativas para a EAD nos âmbitos local, regional e nacional. A implantação e desenvolvimento de programas como o JEP, que já se insere por outros estados pode ser um dos caminhos a serem seguidos.

Este estudo trouxe uma reflexão sobre o empreendedorismo e os jovens, mostrando a necessidade de discussões sobre alternativas para o desenvolvimento da

sociedade e para a melhoria do precário quadro educacional, tanto no âmbito nacional como no alagoano. A pesquisa mostrou que o JEP possui potencial para, através do ensino do empreendedorismo e da utilização da metodologia da EAD, tornar-se cada vez mais uma das formas de facilitação da inclusão social e digital, no âmbito das escolas.

Essa inclusão vem ocorrendo numa escala pequena, mas que tende a se ampliar e proporcionar a igualdade de oportunidades e condições de cidadania aos alunos, jovens e adultos, das escolas públicas.

Diminuir as desigualdades encontradas no meio heterogêneo que se encontra o sistema educacional brasileiro, será algo obtido apenas com a elevação do nível de escolarização, com a disponibilidade de acesso à tecnologia, a disseminação da Internet, a formação de professores, a manutenção de comunidades virtuais de aprendizagem e a geração de cursos a distância, como o próprio JEP.

A importância da contribuição do JEP para a formação dos alunos concluintes do Ensino Médio, foi uma capacitação para utilizar a Internet, fornecendo indicações de novos caminhos e opções para a sua inserção destes no mercado de trabalho, preparando-os para tornarem-se possíveis empreendedores e/ou melhorando a sua formação. E o JEP realmente contribuiu para a formação dos alunos concluintes do Ensino Médio, enriquecendo-a, conduzindo-os a uma qualificação, auxiliando-os a adquirirem habilidades necessárias na vida e exigidas pelo mercado de trabalho. Ao obterem maior autonomia nas pesquisas na Internet, os alunos passam a dominar um instrumento que pode ser usado para sua formação e/ou informação.

## Referências

ABRAEAD. Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância, 2006. Disponível em: [www.abraead.com.br/anuario/anuario2006.pdf](http://www.abraead.com.br/anuario/anuario2006.pdf). Acesso em: 23 set 07.

ANDRADE, R.C. Empreendedorismo: um novo passo em educação. In: ACÚRCIO, M. R. (coord.); ANDRADE, R. C. O empreendedorismo na escola. Porto Alegre/ Belo Horizonte: Artmed/Rede Pitágoras, 2005.

BRASIL. Lei nº 9394 de 23 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

BUENO, J. L. O empreendedorismo como superação do estado de alienação do trabalhador. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção da UFSC. Florianópolis, 2005.

COOL, C.; MARTIN, E. A educação escolar e o desenvolvimento das capacidades. In: \_\_\_\_\_et al. Aprender conteúdos & desenvolver capacidades. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DANIEL, J. Educação e tecnologia num mundo globalizado. Brasília: Unesco, 2003.

DELORS, J. et alli. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez/Unesco, 2000.

DOLABELA, F. Empreendedorismo e educação. II Seminário Internacional de Empreendedorismo (Siempre). Abril de 2005. Disponível em: <http://ensino.univates.br/~siempre/noticias.htm>. Acesso em 23 mai. 07.

DORNELAS, J. Empreendedorismo corporativo: como ser empreendedor, inovar e ser diferente em organizações estabelecidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

\_\_\_\_\_. Empreendedorismo: transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DRUCKER, P. F. Inovação e espírito empreendedor - entrepreneurship: práticas e princípios. São Paulo: Pioneira, 1987.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Revista de Administração, São Paulo, v.34, n.6, 1999.

\_\_\_\_\_. O Empreendedorismo como tema de estudos superiores. Seminário A Universidade Formando Empreendedores. Escola de Altos Estudos Comerciais (H.E.C.) de Montreal, CNI – IEL, 1991. Disponível em <http://www.epa.adm.br/emprend001.htm> . Acesso em 14 set 05.

GERANEGOCIO. JEP/AL. Disponível em: <http://www.geranegocio.com.br/jepal> . Acesso em 30 jul 05.

GOMES, R.C.; CÂMARA, M.R.; GOMES, S.R. Empreendedor x empreendedor. Encontro Nacional de Empreendedorismo. Florianópolis: Anais... ENE-UFSC, 2002.

LEITE, E. O fenômeno do empreendedorismo: criando riquezas. Recife: Bagaço, 2002.

MARTÍNEZ, J. G. Novas tecnologias e os desafios da educação. In: TEDESCO, J. C. (org.). Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza? São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educacion; Brasília: Unesco, 2004.

MORAN, J. Contribuições para uma pedagogia da educação online. In: SILVA, M. (org.). Educação online. São Paulo: Loyola, 2003.

PETERS, O. Didática do ensino à distância: experiências e estágio da discussão numa visão internacional. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

SIQUEIRA, C. A. Grandes idéias para pequenos e micronegócios. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

TIMMONS, J. New venture creation. Boston: Irwin McGraw-Hill, 1994.

VILELA, C. Empreendedorismo na escola. In: ACÚRCIO, M. R. (coord.); ANDRADE, R. C. O empreendedorismo na escola. Porto Alegre/ Belo Horizonte: Artmed/Rede Pitágoras, 2005.

# INCLUSÃO DIGITAL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO PARA ATUAR NA EDUCAÇÃO ONLINE

Aristóteles da Silva Oliveira  
Neisa de Lourdes Frederico Fumes

## 1. Introdução

Analisar as implicações educacionais e sociais da introdução das TIC nas atividades cotidianas representa um esforço para delimitar a atuação que cada cidadão precisa desenvolver num cenário marcado por transformações globais que afetam a todos, independentemente, do espaço geográfico em que residem, do nível educacional, social e econômico de cada um.

O impacto causado pelas TIC são imprevisíveis, já que a cada dia novos equipamentos são inventados e aprimorados, num processo que parece ser interminável, pois vivemos num mundo de incertezas e conflitos permanentes que pressupõem uma necessidade constante de adaptação e aprendizagem contínua.

Recontextualizar a educação nessa nova realidade, analisando as mudanças ocasionadas por esse processo amplo e global impulsionado pelo avanço das TIC e da reorganização dos setores produtivos da sociedade, é uma necessidade. Como resultado desse processo, a educação está passando por uma transição de paradigmas, adquirindo relevo e evidência como meio para estabelecer as bases da Sociedade da Informação e do Conhecimento (CASTELLS, 1999; MERCADO, 1999; DUPAS, 2001; CHIROLLET, 2001; MATTELART, 2002).

Os espaços de formação vão se modificando e as suas estruturas, adaptando-se às exigências da Sociedade da Informação e Comunicação. Nesse contexto, analisaremos as transformações que a Universidade vem passando para atender à essa nova demanda cada vez maior de formação e qualificação, condizente com a realidade social que vivenciamos na atualidade.

A dinâmica social globalizada exige uma qualificação mais especializada, que exige novas competências profissionais, principalmente formação de nível superior

que prepare as pessoas a lidarem com situações-problema com mais conhecimento. Tiffin e Rajasingham (2007, p. 165) acentuam a necessidade de uma reformulação nas universidades quando afirmam:

A sociedade da informação introduziu outra camada de complexidade em uma sociedade que exige novas habilidades e novos tipos de profissional da informação. As universidades encontram-se frente à frente com uma necessidade de diversificar ainda mais os programas de especialização profissional que oferecem. E agora chega a globalização com outro nível de exigências profissionais. Uma universidade do futuro precisará preparar profissionais em nível de uma sociedade global, mas também local.

As universidades brasileiras não comportam a demanda por vagas existentes, devido a suas limitações geográficas e físicas. Como solução aparecem os cursos a distância como proposta para democratizar e socializar o conhecimento de alta qualidade desenvolvidos nestes centros de educação.

Para Riccio (2005, p. 125), a educação online inicialmente era vista com preconceito pela maioria dos acadêmicos, porém esta percepção muda com o advento das TIC. A autora assinala que:

A EAD on-line de qualidade caracteriza-se por uma visão metodológica baseada na interação e na construção do conhecimento de forma colaborativa, entendendo que o lugar do aprendente é no centro do processo de aprendizagem, e não na periferia, como vê a educação tradicional. No contexto da cibercultura, a EAD on-line é uma demanda da sociedade; é um caminho a ser percorrido por toda instituição de ensino.

O processo de institucionalização da educação online nas universidades brasileiras públicas, e também privadas, demonstra a preocupação do MEC pelo crescimento da demanda de cursos superiores para atender às especificidades de nosso país, com graves índices educacionais e com dimensões continentais. A educação online adquire prioridade na agenda do MEC, que passa a criar e fomentar políticas públicas com o objetivo de atender a um grande número de pessoas sem acesso a cursos superiores e a professores que atuam na rede do ensino fundamental e médio, sem a formação universitária.

A primeira ação, de grande repercussão e que demonstra a relevância de que o MEC está tratando da EAD foi a criação, em dezembro de 2005, da Universidade

Aberta do Brasil (UAB), a partir da cooptação de recursos provenientes dos fundos das estatais, com a meta de interiorizar o ensino superior no país, com a manutenção do ensino de qualidade, gratuito e para todos.

Em caráter experimental, as primeiras experiências da UAB iniciaram com o curso piloto de Administração a distância em parceria com o Banco do Brasil, em 18 universidades federais e 7 estaduais. Com essa medida, o país segue caminhos já trilhados com sucesso na criação da universidade aberta de outros países, entrando definitivamente na era da educação online. Assim, a educação superior brasileira entra na era da virtualização do ensino e na coexistência de cursos mistos: presencial, semi-presencial e virtual.

Moran (1994, p 1) esclarece que “hoje temos a educação presencial, semi-presencial (parte presencial/parte virtual ou a distância) e educação a distância (ou virtual). A presencial é a dos cursos regulares, em qualquer nível, onde professores e alunos se encontram sempre num local físico, chamado sala de aula. É o ensino convencional. A semi-presencial acontece em parte na sala de aula e outra parte a distância, através de tecnologias. A educação a distância pode ter ou não momentos presenciais, mas acontece fundamentalmente com professores e alunos separados fisicamente no espaço e ou no tempo, mas podendo estar juntos através de tecnologias de comunicação

A institucionalização da UAB surge no cenário brasileiro para expandir a oferta e vagas de cursos no ensino superior e melhorar a formação e qualidade do ensino ofertado. Pesquisas atuais de Moran (2006) indicam que a educação não evolui com professores mal preparados para exercer sua profissão. Franco (2006) aponta que a falta de professores e a precária formação de muitos que estão no exercício da docência é um dos aspectos mais graves da educação brasileira.

A criação da UAB foi um avanço na concretização de políticas eficazes de formação de professores e preparo para o estabelecimento de uma sociedade baseada na informação e no conhecimento através de investimento no acesso da população ao ensino superior.

As experiências das universidades são baseadas no ensino presencial e uma mudança para cursos híbridos (presencial e semi-presencial) e online envolvem transformação organizacional e estrutural que as universidades precisam adaptar e trilhar. Já os professores possuem uma longa experiência no ensino presencial, domínio de conteúdos e metodologias de processos de ensino-aprendizagem e avaliação sedimentadas que precisam ser re-elaboradas e inventadas na educação online, tendo em vista que nessa modalidade de educação os professores e alunos ganham novos papéis, nos quais o professor não é mais visto como única fonte de saber e o aluno pode ser mais autônomo na busca pela construção do conhecimento.

## 2. Educação Superior Online

O desenvolvimento das TIC e sua presença cada vez maior nas instituições sociais como um todo e mais particularmente nas instituições educacionais aponta para uma mudança nesses espaços de formação, construção e socialização do conhecimento e uma crescente oferta por cursos na modalidade da educação online.

A educação online ganha repercussão e expansão com os avanços nas TIC e sua crescente entrada nos espaços educativos como instrumento pedagógico. Para Moore e Kearsley (2007, p. 47), as primeiras experiências de educação online estiveram voltadas para instrução e treinamento. Muitos cursos nesta modalidade permanecem com esse formato no qual valorizam-se os conteúdos e ferramentas, mas quase inexistente a interação do aluno, e quando ocorre é de maneira individualizada, não existem momentos de troca e interação entre eles.

Analisando a globalização e sua interferência nas universidades e as tendências de mudanças das instituições superiores, Arriaza (2003, p. 11) defende que:

A educação a partir da década de oitenta, apresenta, para a América Latina e várias outras regiões do mundo, três grandes referenciais de configuração, 1) crise econômica e de ajuste estrutural que condiciona o gasto público; 2) globalização da sociedade do conhecimento; que estabelece novas demandas para a educação e para a formação em função do desenvolvimento científico tecnológico, o mercado de trabalho e novas relações de poder, 3) a igualdade e desenvolvimento humano sustentável, exigido pela própria ingovernabilidade que gera a desigualdade e suas conseqüentes manifestações, as mobilizações e as lutas sociais.

Nesse contexto, aparece a discussão do papel das TIC na educação superior e a utilização da educação online nas universidades como meio para democratização do acesso ao ensino superior e a novos espaços de formação, abrindo oportunidade para uma parcela da população que por diversos fatores são impedidos de frequentar uma universidade presencial.

As universidades são desafiadas a modificar a sua estrutura e organização para atender às demandas da sociedade da informação. A modalidade a distância, subsidiada pelo uso das TIC, caracteriza-se pela flexibilidade e adaptação ao perfil dos alunos do século XXI, implicando maior autonomia dos alunos no processo de ensino-aprendizagem e mudanças significativas nos currículos que atendam aos interesses personalizados do aluno da era da informação.

Peters (2003), ao analisar o cenário das universidades na Sociedade da Informação, esclarece que sua sobrevivência depende da flexibilidade no acesso de mais alunos ao ensino superior, maior autonomia e responsabilidade pela aprendizagem e

a satisfação dos desejos individuais de cada um. Estas demandas da educação superior exigem medidas urgentes para atender às necessidades de novos e inovadores espaços de formação.

As universidades tradicionais, caracterizadas pelo ensino presencial e restrito a um número menor de pessoas, passam para uma estrutura que contempla um número cada vez maior de alunos, para isso o desenho institucional deve ser alterado para uma estrutura flexível, abrangente e em sintonia com as transformações em curso na sociedade.

As TIC assumem papel fundamental no ensino superior na atualidade provocando mudanças no modelo de aquisição e difusão do conhecimento, esse processo está ocorrendo lentamente, mas já está modificando a relação entre professores e alunos e entre a instituição e os alunos.

Defendemos a passagem da universidade tradicional-presencial para a universidade virtual, o que não exclui a possibilidade de coexistirem simultaneamente, apenas verificando que a tendência será a proliferação das universidades virtuais em relação as universidades como conhecemos atualmente.

O uso das TIC na educação superior facilita a troca de informações entre professores e alunos e abre o debate sobre os meios de utilização e implementação dessas ferramentas como auxiliares do trabalho docente já que são inúmeras as possibilidades de sua aplicação pedagógica.

Uma visão mais aprofundada do papel das TIC vai além do mero instrumento. Elas são concebidas “como redes de produção de conhecimento e de aprendizagem, mais do que como meros instrumentos de intercâmbio de informação, pois são recursos imprescindíveis para a gestão do conhecimento” (RAMAL, 2003, p. 6). Neste sentido, são indispensáveis seu conhecimento, compartilhamento e apropriação dos recursos disponibilizados por essas tecnologias.

O uso das TIC, com finalidades educativas pressupõe conhecimento teórico e metodológico de suas funções e sua transposição para a prática pedagógica, para assim aproveitamos todo seu potencial didático. A educação superior, nessa realidade depara-se com um grande desafio formar com e para as TIC. As universidades públicas não possuem estrutura adequada e recursos suficientes para investir na modernização de seu espaço físico e na criação de meios para contemplar um maior número de alunos.

Para Roca (2006) é fundamental o uso das TIC na educação superior para estimular a produção de conhecimentos e serviços prestados à comunidade acadêmica sendo necessário que ela facilite ao máximo o acesso de professores, alunos e o pessoal da gestão.

A consolidação da TIC na educação superior deve-se, sobretudo, as inovações metodológicas que rompem com a perspectiva tradicional do processo de ensino-

aprendizagem e constituem novos modelos de construção do conhecimento baseado na interação entre os professores e alunos, além de atender as novas demandas da sociedade da informação no qual o domínio e competência para utilizar as TIC são fundamentais.

Nesta perspectiva, Harasim et alii (2005, p. 221) assinala que “as redes de aprendizagem proporcionam uma rica oportunidade de intercâmbio de informação e idéias, em que todos os alunos podem participar ativamente, aprendendo uns com os outros e com o professor”. Essa perspectiva deve ser a base para a educação baseada na modalidade da educação online.

### 3. Inclusão Digital de Professores na Educação Superior para atuar na Educação Online

As principais políticas públicas de EAD, voltadas para a formação e qualificação de professores passam pelas universidades, levando-nos aos seguintes questionamentos: estão os professores da IES preparados para lidar com as especificidades da educação online? Estão incluídos digitalmente para utilizar as diversas TIC para formar professores por meio da educação online? A inclusão digital é suficiente para o professor atuar na educação online? Os professores estão preparados para atuar nessa nova sociedade? O que muda na formação do professor? Quais competências e habilidades precisam desenvolver para exercer o trabalho docente em contexto de educação online? Esses questionamentos são fundamentais para pensarmos o preparo dos professores universitários para atuar na educação online na qual se exige um conhecimento profundo da metodologia que envolve essa modalidade de educação e domínio pedagógico e instrumental das TIC.

Para que esses programas sejam bem sucedidos e produzam mudanças significativas a que se propõem são necessários que os professores da educação superior estejam familiarizados com as TIC e com as particularidades de uma educação online baseada na construção colaborativa do conhecimento.

A formação para utilização das TIC é concebida como uma atividade inacabada que carece constantemente de renovação e reflexão contínua, ou seja, ao longo da vida que possibilite o condicionamento às transformações na sociedade atual.

Diante desse cenário, Dalvi, Pereira e Dias (2003, p. 472) destacam que a formação de professores, com o desenvolvimento da educação online, caminha para uma verdadeira revolução no qual elas apontam como um dos principais desafios, caracterizar o papel docente frente as permanentes mudanças na sociedade. Segundo as autoras:

Eis aqui um desafio que precisa ser construído e reconstruído e que resgata cada vez mais, o papel do professor. Este precisa ser

capaz de interagir dinamicamente frente às novas e mutantes realidades sociais que se configuram a partir de formas diferenciadas de comunicação, de tecnologias, de constituição dos seres humanos e reestruturação de laços sociais. O professor, ele mesmo, enquanto um dos sujeitos dos processos de ensinar e aprender, precisa constituir-se outro, se pôr nesse novo cenário.

Os papéis que os professores incorporam nesse novo cenário diferem das práticas anteriormente assumidas e são substituídos por conhecimentos e habilidades passageiras que se alteram de acordo com o desenvolvimento científico e tecnológico de uma sociedade caracterizada pelo estabelecimento de conhecimentos provisórios e em constante atualização e evolução.

O desafio aqui apontado para os professores da educação superior é apropriar-se criticamente das TIC e usá-las como benefício pessoal, profissional, em prol da instituição e de seus alunos e como condição *sine qua non* para mudanças significativas na perspectiva de ensinar e aprender na Sociedade da Informação.

Uma das responsabilidades que recai sobre o professor da educação superior é incorporar as TIC no ensino presencial, semi-presencial e a distância, o domínio e preparo deste professor é decisivo para que os avanços tecnológicos modifiquem o ensino ofertado e produza resultados positivos nas universidades.

Com a inserção das TIC no espaço da educação superior modificam-se as estruturas organizacionais, o currículo, as estratégias de ensino-aprendizagem e avaliação, repercutindo na formação do professor que precisa re-elaborar conceitos, práticas, atitudes e buscar uma fundamentação teórica que o auxilie a compreender o momento histórico no qual está vivendo.

O professor que estiver amparado teórico e metodologicamente na utilização das TIC enfrentará os problemas e dificuldades, de seu uso, com maior naturalidade evitando, assim, frustrações e insegurança. Por isso:

A formação não pode ser dissociada da atuação, nem se limitar à dimensão pedagógica ou a uma reunião de teorias e técnicas. A formação e a atuação de docentes para uso da informática em educação é um processo que inter-relaciona o domínio de recursos tecnológicos com a ação pedagógica e com os conhecimentos teóricos necessários para refletir, compreender e transformar essa ação (SANTOS e RADIKE, 2005, p. 328)

A formação docente é um processo permanente que não pode prescindir do binômio teoria/prática, pois é essa combinação que habilita o professor integrar as

TIC ao seu fazer pedagógico. A ênfase atual está nas habilidades e competências que o professor da educação superior precisa desenvolver para agregar os recursos tecnológicos à sua experiência profissional. A capacidade técnica de utilizar as TIC é essencial, contudo, não basta apenas capacidade de saber fazer para ter sucesso, é preciso saber relacionar-se, o que envolve a capacidade de lidar com as TIC, agregando valores éticos, culturais, pedagógicos e metodológicos.

Na maioria das vezes as mudanças trazem medo, resistência e receio quanto a perspectiva futura. É nesse momento de transitoriedade que surgem especulações, críticas, propostas, dúvidas e sugestões. É um momento rico em proposições e contestação que em muitas situações, ao invés de contribuir para assimilação do novo criam-se barreiras entre o passado e o futuro que levam a rejeição do novo, sem ao menos vivenciá-lo e experimentá-lo.

Não podemos restringir a formação de professores para utilizar as TIC a aspectos estritamente técnicos, precisamos ir além, ou seja, utilizar os conhecimentos e habilidades técnicas associado-as aos conhecimentos e condições objetivas que busquem a promoção da igualdade social e democratização do conhecimento.

Por isso a ênfase em que o professor seja letrado digitalmente e esse processo não pode resumir a capacitação instrumental e domínio das ferramentas do computador. A responsabilidade como educador obriga a uma alfabetização mais ampla e profunda em que os “objetivos prioritários dessa alfabetização digital seja a capacitação para transformar a informação em conhecimento e fazer do conhecimento um elemento de colaboração e transformação da sociedade” (MARTÍN, 2003, p. 12).

Esse é o princípio norteador que precisam ser aplicados nos cursos de formação de professores. Uma capacitação que o permita apropriar-se criticamente dos recursos tecnológicos e o ajude a usá-los para a promoção, construção do conhecimento e a lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

Para que essas mudanças se concretizem é necessário que as universidades contemple os seguintes aspectos, segundo Área (2002): existência de plano institucional que impulse e avalie a inovação educativa utilizando TIC; adoção de infra-estrutura e recursos informáticos mínimos nas universidades e salas de aula presenciais e virtuais; formação do professor e a predisposição favorável para uso das TIC; disponibilidade de variados e abundantes materiais didáticos e curriculares de natureza digital; configuração de equipes externas e apoio ao professor e as universidades destinadas a coordenar projetos e a facilitar a resolução de problemas práticos.

Essa nova configuração estabelecida pela sociedade da informação aponta para outro aspecto muito importante que é aprendizagem ao longo da vida, ou seja, a

educação não se limita apenas ao espaço de sala de aula, mas amplia para novos espaços de produção de conhecimentos.

Os relatos de experiências bem sucedidas ou fracassadas da aplicação pedagógica dos meios tecnológicos ajudarão os professores a superarem as limitações e desconhecimento do uso didático das TIC e de seus resultados pedagógicos.

O professor ao perceber que as TIC tratadas e usadas como instrumento didático facilitam, dinamizam, enriquecem e favorecem o seu trabalho, não oferecem resistência na utilização da aprendizagem do aluno. Geralmente, o que acontece é uma repulsa por parte dos professores sobre o que não dominam ou não conseguem transpor do domínio tecnológico para o contexto pedagógico, ou seja, o desconhecimento ou preconceito por não fazer parte do seu dia a dia. Para Silva et alii (2005, p. 32):

Se a inclusão digital de professores é uma necessidade inerente desse século, então isso significa que o cidadão do século XXI, entre outras coisas, deve considerar esse novo fator de cidadania, que é a inclusão digital. E que constitui uma questão ética oferecer essa oportunidade a todos, ou seja, o indivíduo tem o direito à inclusão digital, e o incluído tem o dever de reconhecer que esse direito deve ser estendido a todos. Dessa forma, inclusão digital é um processo que deve levar o indivíduo à aprendizagem no uso das TIC e ao acesso à informação disponível nas redes. Especialmente, aquela que fará diferença para a sua vida e, para a comunidade na qual está inserido.

Uma outra possibilidade que se apresenta com apropriação didática das TIC é a capacidade dos professores deixarem de ser apenas consumidores de material pedagógico para tornarem-se autores. São enormes as perspectivas que se abrem para utilização das TIC em sala de aula, sendo necessário que o professor esteja conectado com essas possibilidades, e tenha uma formação que o ajude a descobrir e implantar métodos inovadores de ensino-aprendizagem mediados pelas tecnologias.

Para que possamos falar numa efetiva inclusão digital é preciso pensá-la “como um conceito mais abrangente, que implique que aquele que está incluído é capaz de participar, questionar, produzir, decidir, transformar é parte integrante da dinâmica social em todas as suas instâncias” (BONILLA, 2006, p. 8). Para a autora isso só é possível quando houver uma democratização no uso das TIC que se traduza na participação efetiva da população, de forma que os indivíduos tenham capacidade não só de usar ou manejar novos recursos, mas também de aprender, prover serviços, informações e conhecimentos.

Para que haja uma concretização desses objetivos o professor precisa passar por uma nova alfabetização, a digital, na qual passa a desenvolver capacidades e habilidades necessárias para lidar com as diversas possibilidades didáticas que as TIC oferecem e possibilitam.

Outros autores vão além da denominação alfabetização digital e chegam ao termo “letramento digital” para designar práticas sociais nas quais o conhecimento de informática assume papel significativo e reflete melhor o processo de inclusão digital. Silva et alli (2005, p. 33) faz a justa distinção entre alfabetização digital e letramento digital:

Precisa haver uma tendência no entendimento de que alfabetização é a simples habilidade de reconhecer os símbolos do alfabeto e fazer as relações necessárias para a leitura e a escrita, o que encontra correspondente na alfabetização digital como aprendizagem para uso da máquina. O letramento, contudo, é a competência em compreender, assimilar, reelaborar e chega a um conhecimento que permita uma ação crescente, o que encontra correspondente no letramento digital: saber utilizar as TIC, saber acessar informações por meio delas, compreendê-las, utilizá-las, e com isso mudar o estoque cognitivo e a consciência crítica e a agir de forma positiva na vida pessoal e coletiva.

A alfabetização digital sobrepõe a concepção que seria apenas a habilidade para usar programas e ferramentas do computador. Percebemos a alfabetização digital como a capacidade de buscar, selecionar, filtrar e organizar as informações e relacioná-las como o cotidiano e o contexto da educação superior.

O professor nesse contexto não é um profissional “acabado”, que possui todas as habilidades e conhecimentos para exercer sua profissão, ao contrário, é um profissional em constante construção, buscando sempre seu aperfeiçoamento e uma formação continuada que lhe dê segurança e habilidade para lidar com a utilização das TIC. Essas características são essenciais na promoção de uma educação voltada para a inclusão digital de seus alunos.

Nesse sentido, são imprescindíveis profissionais preparados e experientes para lidar com o desafio de inclusão digital na educação superior e, por outro lado, são necessárias medidas que eliminem a exclusão digital de professores através de programas de formação continuada e permanente que ofereçam instrumentos necessários para que os professores sejam incluídos digitalmente.

#### 4. Formação de professores para docência online

Um problema que é recorrente e está na pauta de discussões que analisam a formação de professores para utilização das TIC, gravita entre as competências e habilidades que esses profissionais precisam desenvolver para apropriar-se dos recursos pedagógicos disponíveis nas diversas mídias.

Termos como hipertexto, multimídia, hipermídia são por muitos professores universitários desconhecidas, dado grave visto que essas expressões estão cada vez mais presentes na Sociedade da Informação e na literatura.

A constatação da existência de professores qualificados ou não para lidar com as mudanças pelas quais a sociedade e a educação superior passam, em particular, de professores e formadores que dominem as TIC, revela um grave problema na educação superior brasileira, necessitando de uma formação que os habilite a utilizar as TIC no processo de ensino-aprendizagem e pesquisa.

Os alunos que já vivenciam cotidianamente essas transformações, adquirem uma familiaridade e domínio dessas tecnologias que muitas vezes superam o conhecimento do professor a respeito dos recursos disponíveis nas diversas mídias. O professor, frente a esses desafios, vê-se despreparado e, conseqüentemente, sente necessidade de qualificação e desenvolvimento de práticas que respondam a essas carências de sua formação inicial.

Nesse sentido, os cursos de formação, capacitação e atualização precisam criar instrumentos concretos que viabilizem a familiarização dos professores com os recursos tecnológicos articulando os saberes e experiências anteriormente adquiridas com novas práticas de ensino-aprendizagem baseado nos meios tecnológicos.

O fato de termos professores que ainda não desenvolveram competências para utilizar as TIC agrava a exclusão digital e indica que medidas urgentes que promovam a inclusão dos mesmos precisam ser implementadas para superar a exclusão entre aqueles que tem acesso e usufruem dos recursos tecnológicos daqueles que não tem acesso e está fora do círculo de possibilidades que as TIC oferecem na relação professor –aluno.

Durante a formação de professores algumas atitudes e posturas precisam ser trabalhadas para que estes modifiquem sua prática, como analisa Almeida (2004, p. 216):

A formação desenvolve-se na articulação da tríade entre as dimensões: domínio da tecnologia de informação e comunicação – TIC, prática profissional com as TIC e teorias educacionais que permitam compreender e transformar essas práticas. Assim, a perspectiva de formação é de assessorar o profissional na incorporação da TIC à sua prática, valorizar o saber oriundo de sua experiência, promover a articulação

desse saber com teorias que ajudem a refletir e depurar essa experiência e, sobretudo, favorecer a sua atuação como um profissional crítico-reflexivo, comprometido com uma prática transformadora, progressista e prazerosa, voltada para a evolução da educação e da aprendizagem de todos que compõem esse sistema: educando e educadores aprendem juntos e se desenvolvem.

Analisaremos uma experiência de capacitação de professores universitários para atuar na educação online, numa perspectiva de autoria e produção de material disponível nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), que apresentam-se como espaços de aprendizagem individual e coletiva em que se mesclam modalidades híbridas de educação: presencial, semi-presencial e online. Facilitam as atividades educativas através da Internet buscando reproduzir ou simular as condições de uma sala de aula presencial, mas que se destaca pelas ferramentas de comunicação e interação dispostas no ambiente virtual.

Abordaremos as dificuldades e desafios para os professores incorporarem novas práticas docentes baseados nas TIC e as perspectivas pedagógicas que esse novo ambiente educativo proporciona. Exploraremos a importância dos professores em dispor de ambientes que permitam o surgimento de novas práticas pedagógicas centrada em atividades inovadora, dinâmica, participativa e interativa.

Diante do desafio de formar professores com competências na utilização das TIC em ambientes de educação online foi organizado o Curso de Capacitação Construção de Material Didático para EAD na Internet: o uso de ambiente virtual de aprendizagem Teleduc destinado a professores da UFAL cujas finalidades foram: desenvolver trabalho de conscientização sobre a importância da educação online e o uso das TIC, reduzindo-se o preconceito a esses projetos de inclusão digital; construir material didático para ser disponibilizado em ambiente de educação online; discutir conceitos, práticas e formar professores para utilização dos recursos das TIC na educação online. A carga-horária compreendeu 60 horas, sendo 30 horas presenciais e 30 horas a distância.

Selecionamos para a pesquisa 30 professores participantes do curso objeto deste estudo, destinado para os professores que havia interesse de se vincular a projetos ou cursos envolvendo educação online, utilizando AVA. A maioria dos professores participantes nunca havia atuado na educação online e demonstraram grande interesse em conhecer a metodologia e o processo de educação baseado nos AVA. A equipe de formadores foi composta por um professor e dois tutores, responsáveis pelo acompanhamento das atividades, esclarecimento de dúvidas e dificuldades dos professores durante a realização do curso.

Foram utilizadas como instrumento de coleta de dados: relatório e projeto de elaboração do curso, observações, acompanhamento e participação nos encontros presenciais do curso; atividades desenvolvidas a distância; registros dos professores no AVA; participação e acompanhamento de toda a concepção, implementação e análise do curso.

A realização do curso no AVA facilitou o registro das informações e a própria estrutura do ambiente proporcionou a geração automática de dados e estatísticas, oferecendo subsídios para análise e discussão dos dados.

Nos AVA, os papéis de professores e alunos se modificam. O professor é um facilitador da aprendizagem, um tutor que guia, orienta e acompanha o desenvolvimento individual do aluno, enquanto, que os alunos assumem uma postura autônoma na construção do conhecimento, facilitada pela interação, socialização e mediação das interfaces disponíveis.

Nesse espaço de formação, o papel docente se modifica, passa de uma figura centralizadora no processo de ensino-aprendizagem para um profissional que acompanha, facilita, incentiva, estimular e media o processo de construção do conhecimento, pois de acordo com Kenski (2005, p. 76)

Esses espaços virtuais de aprendizagem oferecem condições para a interação (síncrona e assíncrona) permanente entre os seus usuários. A hipertextualidade facilita a propagação de atitudes de cooperação entre os seus participantes, para fins de aprendizagem. A conectividade garante o acesso rápido à informação e à comunicação interpessoal, em qualquer tempo e lugar sustentando o desenvolvimento de projetos em colaboração e a coordenação das atividades. Essas três características – interatividade, hipertextualidade e conectividade – já garantem o diferencial dos ambientes virtuais para a aprendizagem individual e grupal.

As competências necessárias para o professor atuar na educação online trabalhadas na formação durante o curso foram: domínio de conteúdo, domínio de ferramentas das TIC e do ambiente Teleduc, domínio pedagógico da educação online, articulação de conteúdo, da ferramenta numa perspectiva pedagógica para EAD, conhecer processos de gestão (tecnologias, atividades).

Aprender a atuar em educação online a partir da própria ação no ambiente virtual exige: desenvolver habilidades no domínio das ferramentas do ambiente virtual, planejar atividades a distância, realizar a mediação pedagógica.

O acompanhamento envolveu a interação com cursistas no ambiente virtual através da condução de fóruns de discussão, chats, atualização de conteúdos, inserção de novos materiais, avaliação e retorno das atividades desenvolvidas aos alunos. Também foram produzidos pelos tutores, relatórios de acompanhamento da aprendizagem dos cursistas e registros avaliativos disponibilizados no AVA.

Na perspectiva de preparar professores capazes de atuar na educação online de forma coerente e baseado no uso das TIC aplicadas à educação foram trabalhados os seguintes conteúdos programáticos: utilização das TIC na educação online, AVA, concepção pedagógica, desenho e elaboração de material didático no Teleduc.

Os depoimentos dos professores que expressam sua motivação e incentivo na realização do curso demonstraram uma preocupação clara sobre sua formação, ou seja, como o conhecimento e aplicação das TIC na educação podem promover uma aprendizagem mais significativa e inovadora do ponto de vista educativo.

A metodologia do curso caracterizou-se, nos momentos presenciais, pela discussão da legislação vigente que autoriza a realização de 20% da carga horária de cada disciplina na modalidade a distância e familiarização com o ambiente Teleduc. Na etapa a distância foram exploradas as ferramentas síncronas e assíncronas do ambiente e suas aplicações pedagógicas.

Os temas estudados no primeiro momento presencial do curso foram os seguintes: apresentação do curso com destaque para os temas docência em ambientes com tecnologias, legislação que fundamenta a educação online, cadastro do professores no ambiente Teleduc, utilização do fórum de discussão, preenchimento do perfil do aluno no curso.

Na primeira semana, foram trabalhados presencialmente os aspectos teóricos e metodológicos que envolveram a prática do professor diante da educação online; a legislação que fundamenta a utilização de 20% da carga horária das disciplinas em atividades não-presenciais nos cursos de graduação segundo normatização do MEC através da Portaria nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004. Essa Portaria teve como objetivo fomentar métodos e práticas de ensino-aprendizagem inovadores apoiados no uso das TIC, e suas implicações e desafios quanto aos aspectos legais e práticos dessa legislação, foi estudada e analisada com os professores participantes do curso.

Outro ponto fundamental visto no primeiro encontro diz respeito à educação online, que por sua natureza, tem especificidades pedagógicas e metodológicas distintas da educação presencial, sendo necessário esclarecer e definir as atribuições e responsabilidades de professores e alunos nesse novo formato de educação, devido a grande maioria dos professores participantes do curso não conhecerem e tampouco terem vivenciado experiências na educação online, vários questionamentos surgiram, nos

quais abordavam os desafios e dificuldades que possivelmente encontrariam diante da resistência dos colegas de sua área de atuação e dos próprios alunos frente a incorporação de atividades não presenciais na sua disciplina.

Percebendo as dificuldades dos professores, o formador utilizou sua experiência pessoal para esclarecer as perguntas levantadas pelos professores, além de fornecer bibliografia especializada que tratava dos questionamentos apresentados durante a apresentação do curso.

Ainda na primeira semana do curso foram propostas atividades a distância dentro do ambiente Teleduc que visavam a familiarização com as ferramentas do ambiente e com a metodologia da educação online. Nesse sentido, foram colocados alguns questionamentos baseados no texto de Ramal (2003) “Educação a distância: entre mitos e desafios” artigo que aponta as contradições e desafios da EAD enumerando os mitos criados e delimitando assim a abrangência e contribuição da metodologia para a prática docente. Para realização dessa atividade foi selecionada a ferramenta portfólio para os professores realizarem os seus registros e análises.

Outra atividade proposta foi trabalhar na ferramenta fórum o conceito de colaboração e cooperação, com objetivo de compreender melhor o funcionamento dos ambientes virtuais e refletir sobre os conceitos de colaboração e cooperação em relação à construção do conhecimento no ambiente online, utilizando como suporte o artigo de Okada (2006) “Desafio para EAD: como fazer emergir colaboração e a cooperação em ambientes virtuais de aprendizagem”. Foram aprofundados esses termos e discutidos a operacionalização do ambiente numa perspectiva que favoreça o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Okada (2006, p. 278) “para compreender melhor ambientes virtuais colaborativos e cooperativos é necessário não só refletir sobre a concepção de colaboração e cooperação, mas também analisar as estruturas e interfaces contidas nesses ambientes”.

No segundo momento do curso foram trabalhados os seguintes conteúdos: educação online na formação de professores, elaboração do plano de curso online, preenchimento do formulário de cadastro do curso, organização de materiais relativos ao curso criado para cada aluno.

Após a conclusão da atividade os professores enviaram aos formadores e colegas do curso como arquivo anexo usando a ferramenta correio do próprio curso.

Seguindo essa linha de análise, foi traçado um panorama geral das mudanças sociais e suas implicações na educação destacando a importância dos professores conhecerem novos meios e processos de ensino-aprendizagem ancorados na educação online, como também, o que muda e permanece como princípio na prática docente.

A ênfase do segundo encontro foi planejar o material para cada participante disponibilizar no seu curso. Para aprofundamento das questões relativas ao processo

de construção do conhecimento nos AVA foi indicado o artigo de Almeida (2006) “Educação, ambientes virtuais e interatividade”, no qual a autora fundamenta e explora teoricamente a interação construída a partir da utilização das TIC nos AVA. Também foi indicado o artigo “Educação a distância: Limites e possibilidades” de Nova e Lynn (2003), neste artigo as autoras abordam as mudanças educacionais com a introdução das TIC nos ambientes educacionais esclarecendo o uso da EAD delimitando suas possibilidades e limites numa análise criteriosa e cuidadosa dessa temática.

Apoiados nos artigos foi solicitado aos cursistas que criassem um mapa conceitual dos conceitos abordados: digital e analógico, Interatividade e interação, ecologia da informação, hipertexto, aprendizagem com TIC, AVA e educação online.

No terceiro momento presencial foram desenvolvidas as atividades referentes a abertura do curso do aluno, cronograma, escolha de ferramentas do curso, inserção de materiais no curso, agenda, atividades, leituras e material de apoio, abertura de fóruns, cadastro de formadores e alunos. Essas etapas foram desenvolvidas já pensando na implementação e utilização da plataforma pelos professores.

Nas duas primeiras semanas do curso os professores possuíam status apenas de aluno, com o cadastro desses professores como formadores a partir da terceira semana, começaram a gerenciar o seu próprio curso e, simultaneamente, eram alunos. Essa performance contribui para os professores terem uma visão mais ampla dos recursos e dinâmica do ambiente.

Para auxiliar os professores na elaboração do plano de curso online foram selecionados textos de Paloff e Pratt (2004), que refletem sobre o aluno virtual, suas necessidades, desafios e propostas de ações que favoreça uma compreensão mútua entre o papel de professores e alunos nos AVA, além da disponibilização de um modelo do plano de curso online.

Para fomentar uma cultura pedagógica fundamentada na educação online foi solicitado aos professores elaborarem um plano de curso que orientasse suas ações presenciais e não-presenciais durante o ano letivo. A realização desse plano foi muito significativa, pois auxiliou os professores a pensarem suas aulas, prevendo momentos distintos no qual o ambiente virtual desempenharia papel importante no processo de ensino-aprendizagem.

Nesta perspectiva, discutiu-se como os professores poderiam utilizar as interfaces de atividades disponíveis no AVA para otimização do processo de ensino-aprendizagem baseado na interação e colaboração, incentivando o uso pedagógico adequado e apropriado para cada objetivo didático.

Para a criação do curso no ambiente, foi entregue uma ficha para que preenchessem com os dados necessários para criação do curso. As senhas para a criação

dos cursos foi encaminhada para os e-mails dos professores. O acompanhamento da construção do material didático no ambiente elaborado pelos professores se deu nos dois últimos encontros presenciais.

No quarto momento presencial, os professores estudaram sobre a perspectiva de avaliação na educação online, buscando desmistificar conceitos equivocados, métodos, estratégias e instrumentos de avaliação, distinguindo-os da educação presencial online.

Nessa etapa, os professores iniciaram a edição dos seus cursos e tiveram maior dificuldade em organizar seu material para disponibilizar no Teleduc.

Percebendo a dificuldade de muitos professores em avaliar no contexto educacional da educação online, Alonso (2005, p. 163) nos traz alguns elementos fundamentais na avaliação, destacando que:

a EAD é uma modalidade de ensino que pressupõe o rompimento da relação “face a face” entre alunos e professores. Como é uma modalidade de ensino que tem por base esse fato, elementos como os meios de comunicação, os materiais didáticos, a tutoria acadêmica, entre os elementos mais importantes nesse tipo de sistema, assumem um papel central nos processos educativos (em função da necessidade de mediá-los). Isso não significa que os sistemas construídos para um processo de ensino/aprendizagem baseado na EAD impliquem formas de aprendizagem. Significa, simplesmente, que novos ambientes de aprendizagem podem se construir de maneira independente da relação professor/aluno que conhecemos. Assim, quando tratamos da EAD, esses novos ambientes também devem ser considerados no processo avaliativo. Dessa maneira, material didático, meios de comunicação, tutoria e organização de meios acabam por influenciar os processos de ensino-aprendizagem, sem, no entanto, modificar seus fundamentos epistemológicos.

A avaliação do desempenho dos professores no curso envolveu: trabalhos escritos, participação nos fóruns de discussão, produções individuais disponibilizados no portfólio, participação nos chats agendados, uso do e-mail e produção final do curso na área de atuação.

Neste momento do curso os professores já estavam editando seus cursos, escolhendo as interfaces que utilizariam e o material que disponibilizariam no ambiente. Essa foi uma das fases mais interessantes e impressionantes do curso: perceber os professores em processo de construção e inovação de sua prática, fazendo uso das TIC e dos conhecimentos adquiridos no estabelecimento de uma prática fundamentada na educação online.

Neste quarto encontro algumas atividades foram desenvolvidas pensando nas dificuldades e desafios que os professores enfrentariam ao incorporar as TIC a sua prática pedagógica, sendo assim, foi solicitada a leitura do texto “A integração das tecnologias de informação e comunicação aos processos educacionais” (BELLONI, 2003) e “Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais” (KENSKI, 2003).

A partir da leitura e reflexão dos textos foi solicitado aos professores que registrassem no diário de bordo como poderiam integrar as diferentes mídias em ambientes virtuais e/ou cursos online. Outra atividade proposta foi a análise do texto de Pallof e Pratt (2004) no qual delimitariam o perfil do aluno virtual considerando suas inquietações e necessidades básicas, registrando no fórum concepções sobre os aspectos a serem considerados para acompanhar satisfatoriamente os alunos virtualmente.

No quinto e último encontro presencial, os formadores auxiliaram os professores na finalização da edição dos cursos criados. A última atividade desenvolvida envolveu a avaliação do curso ao qual participaram e deveriam pontuar as dificuldades encontradas, formas de superação e experiência adquirida com a realização do curso. Para realização dessa última atividade, os professores registram suas impressões do curso no diário de bordo. Concluíram a edição dos cursos com o auxílio dos formadores.

No curso, foram vivenciados momentos de troca, cooperação, aprendizagem, desafios que resultaram numa contribuição valiosa para a prática pedagógica baseada no uso de suportes digitais. O uso do AVA favoreceu a utilização e incorporação das TIC, o domínio pedagógico da educação online, articulação do conteúdo e das interfaces do AVA e construção de material didático para ser disponibilizado no AVA.

Como requisito para conclusão do curso foi exigida a elaboração de um curso no qual os professores deveriam explorar todas as interfaces do AVA, demonstrando estar familiarizado com os recursos disponíveis no ambiente e a possibilidade de aplicarem os conhecimentos adquiridos nas suas respectivas áreas de atuação. Como resultado foram construídos 30 cursos no qual representa um esforço coletivo de professores em atuar na educação online.

## 5. Resultados e análises dos dados

Os professores descreverem os motivos para realização do curso, conforme registros que retratam o interesse pela realização do curso, suas expectativas e demandas relativas a educação online:

- a) aperfeiçoar a prática pedagógica - conhecer os detalhes e possibilidades de trabalho como Teleduc; conhecer outras pessoas interessadas em compartilhar experiências; conhecimento sistematizado sobre a construção de material didático para educação online; necessidade de desenvolver estudos e práticas pedagógicas relacionadas ao desenvolvimento e uso das TIC. Nesta categoria ficou evidente a preocupação dos professores-alunos em compartilhar experiências de utilização de métodos de processos de ensino-aprendizagem baseados na Internet; aperfeiçoar e/ou melhorar a prática pedagógica com o apoio das TIC e aprender a produzir material didático para educação online.
- b) conhecer o ambiente e as ferramentas - Conhecer a plataforma Teleduc e utilizar recursos da TIC nas atividades didáticas, como metodologia de ensino; adquirir conhecimento prático sobre uso de AVA. Destacaram a importância e necessidade de conhecer e familiarizar com outros espaços de aprendizagem e produção do conhecimento, ressaltaram a carência do desenvolvimento de competências e habilidades para dominar as interfaces do AVA e implementar novas práticas docentes com o apoio das TIC.
- c) conhecer metodologias específicas em educação online - aprofundar conhecimentos em desenvolvimento de programas de capacitação para atuar em educação online, conhecer interfaces do AVA para realizar ação pedagógica; construir material didático direcionado as disciplinas que leciona; participação de momentos de interação (chats, fóruns); conhecer as diversas concepções das utilizações das TIC na educação online; iniciar novos projetos em educação online, tanto na confecção do material quanto em desenvolvimento da plataforma; ter mais informações de como preparar um material didático para educação online, de como utilizar com maior eficácia e eficiência o AVA. As principais motivações para participarem do curso foram conhecer e aprofundar os conhecimentos na área de educação online, a perspectiva de trabalhar a autoria e construção de material didático online e apropriar-se dos recursos pedagógicos disponíveis nos AVA.

O envolvimento dos professores no curso constituiu num processo de inclusão digital e na criação de possibilidades pedagógicas da utilização dos AVA para qualificação e apoio a prática docente caracterizando como uma experiência bem sucedida no uso das TIC na educação superior.

O curso contribuiu para melhorar a prática pedagógica e conhecer melhor a metodologia da educação online. A análise dos registros dos envolvidos demonstrou conhecimentos a priori e experiência em educação online, contudo os participantes

mostraram que o material selecionado, as atividades desenvolvidas e o incentivo a autonomia do aluno durante a realização da formação propiciou um enriquecimento pedagógico, em relação as experiências anteriores como destaca um dos participantes:

Apesar de não ter concluído o curso formalmente pelo fato de não poder estar presente a aula do dia 18 gostaria de dizer que o curso foi muito interessante, enriquecedor e contribuiu muito na minha perspectiva de trabalho em EAD. Caminhei na tentativa do acerto e do erro e agora neste momento, ao realizar as últimas atividades me sinto mais segura na compreensão da dinâmica do funcionamento de um curso nesta modalidade. Gostaria de participar de outros, pois este, para mim, funcionou como um pré-teste ou melhor, um “rascunho”.(A)

A reflexão realizada pelo participante revela o interesse e a motivação de realização de outros cursos online da mesma natureza. Destacou, também, a importância do tutor para as dúvidas que surgiram durante o desenvolvimento do curso.

a experiência incipiente de alguns cursistas com o aprendizado on-line; a pressuposição por parte dos formadores que estavam lidando com professores universitários (completamente autônomos, reflexivos e críticos em seu processo de (re) construção do conhecimento); preocupação premente com o conteúdo do curso em detrimento do nível interacional dos participantes; falta de ênfase em atividades diversificadas que promovessem a aprendizagem cooperativa, como por exemplo, pequenas tarefas destinadas ao trabalho em grupo com 5 pessoas realizado mais de uma vez com rodízio dos membros dos grupos; tendência ao deslumbre encantatório diante do novo, do inusitado e do tecnologicamente avançado, despertando certa dose de tecnolatria em detrimento da valorização e humanização dos processos interpessoais de construção coletiva de conhecimento de ambientes alternativos de aprendizagem. Contudo, nenhum dos aspectos assinalados destituem o curso de seu valor intrínseco enquanto iniciativa de socialização das TICs com finalidade de emprego educativo, além do zelo, manejo desvolto dos conteúdos e entusiasmo dos formadores, por um lado; e o desejo ávido de aprendizagem e manejo das TICs no contexto escolar dos cursistas, redimensionando suas respectivas práticas pedagógicas e seu relacionamento tanto com as inovações tecnológicas quanto com as pessoas com quem, mesmo virtualmente, possam contribuir para construção de um mundo melhor a começar de nós mesmos, por outro.

Os professores entrevistados fizeram uma análise crítica apontando falhas na condução do curso, destacando que houve valorização excessiva na utilização das tecnologias em detrimento das relações e troca de informações entre os participantes, mas que esse problema não interferiu na socialização da aplicação pedagógica e na percepção da importância da aprendizagem e domínio das TIC.

Este curso foi muito significativo por me oportunizar refletir na prática sobre a utilização de determinadas ferramentas, compreendendo cada vez mais que fora de um projeto político pedagógico não tem sentido utilizá-las, terá meramente na educação seja presencial ou à distância foco instrucional. Observei que neste curso, a interação entre as pessoas ocorreu mais no ambiente virtual do que nos momentos presenciais e que neste ambiente as possibilidades de criar uma comunidade de aprendizagem com objetivos educacionais, com base na relação dialógica, no trabalho colaborativo ou cooperativo é muito significativo. Outro aspecto enriquecedor, trabalhoso e fascinante foi a criação do curso. Em alguns momentos inicial na elaboração do curso, eu não me colocava na posição do professor cursista, considerando suas dificuldades no cotidiano (sobrecarga de atividade, ausência de domínio tecnológico, momentos de reflexão coletiva) e em seguida ao refletir, lembrava que vários cursos ao elaborar sua proposta esquecia de fazer algumas considerações relevantes, partindo da realidade no qual o sujeito está inserido. A avaliação do curso permeia todos os elementos, inclusive requer o exercício da auto-avaliação do cursista, que em parte já fiz, entretanto não posso deixar de reconhecer minha razoável participação, ser aluna online requer uma certa disciplina e nem sempre foi possível manter. Senti dificuldades de acessar o ambiente, devido dispor de Internet “discada”, apenas disponível durante a semana, a partir da meia-noite, e nem sempre eu conseguia me manter acordada e em alguns finais de semana, não consegui acessar o ambiente, pois estava fora do ar, acho que foi um aspecto desfavorável. Na criação do curso ocorreram muitas dúvidas e não senti muita clareza e segurança nas informações obtidas.

Na avaliação realizada, outro professor assinalou a importância do curso para refletir sobre sua prática, porém, enumerou vários problemas que impediram de ter desempenho melhor como problemas técnicos de acesso a Internet, o que o prejudicou por não dispor das condições ideais para realização de um curso online. Destacou a importância do curso para implementar ações a serem desenvolvidas na perspectiva da educação online e o interesse de participação de outros cursos da mesma natureza.

O curso atendeu todas as expectativas, especialmente no que se refere as contribuições no que se refere ao planejamento das ações a serem desenvolvidas. Quanto aos tutores e ao professor, se mostraram preocupados com o acompanhamento e estímulo a cada participante apesar do grande número.

A educação online abre novos horizontes para a atuação docente na educação superior e a adesão do professor é fundamental para mudar as posturas e práticas pedagógicas dominantes neste nível de ensino. A inclusão digital é um caminho viável para romper com as resistências existentes e buscar novas formas de ensinar e aprender baseada no uso das TIC.

## 6. Considerações Finais

A expansão da educação online na educação superior, provoca mudanças na formação de professores que precisam de capacitação para incorporar as TIC a sua prática pedagógica e do desenvolvimento de competências para atuar na docência online no ensino superior.

Para Pretti (2001, p. 1) “a discussão sobre a formação do professor não é tão recente, mas ganha novos contornos (conjunturais, políticos, ideológicos e pedagógicos) ao ser associada à modalidade a distância”. O desafio das universidades públicas brasileiras é preparar os seus docentes para essa nova perspectiva educacional.

Muitos professores universitários não possuem competências nem formação apropriada para inserir as TIC ao contexto pedagógico da sua sala de aula presencial, e se pensarmos na educação online a situação é mais grave, por esse motivo, a realização de cursos de formação e capacitação docente para preparar os professores para utilizar as TIC no ensino presencial e online.

Ao analisar o processo de inclusão digital de um grupo de professores universitários para incorporação da educação online à sua prática pedagógica, numa perspectiva de autoria e autonomia desenvolvida através de AVA, constatamos os desafios técnicos e instrumentais de desenvolver habilidades e competências pedagógicas no uso educação online na educação superior.

O estudo apontou a carência de cursos voltados para formação de professores para atuar na docência online. Outro ponto investigado, foi a receptividade e o interesse de conhecer novas estratégias de ensino-aprendizagem baseado na educação online, em particular o AVA Teleduc, que oferece suporte pedagógico para os professores produzirem seu próprio material didático para disponibilizar no ambiente.

A importância da iniciativa de realizar um curso voltado para os professores universitários obteve repercussão positiva, pois os participantes se familiarizaram com conceitos e instrumentos pedagógicos específicos da docência online contribuindo para que esses professores possam atuar com propriedade nos cursos na educação online.

Ao participar da formação aqui relatada, os professores conheceram ou aprofundaram os conhecimentos pedagógicos dos processos de ensino-aprendizagem que norteiam a metodologia da educação online e o papel de professores e alunos no AVA.

No curso foram estudados os conceitos de educação online e a importância dos professores conhecerem novas práticas apoiadas nesta nova perspectiva, e, neste sentido os formadores buscaram demonstrar para professores-alunos acostumados a práticas pedagógicas comumente presenciais, novas perspectivas de construção do conhecimento apoiado na utilização das TIC e na apropriação crítica e reflexiva desses recursos à prática docente. Para Mercado e Silva (2007, p. 179):

A utilização das TIC, por si só, não é sinônimo de qualidade de ensino e nem tampouco garantia de sucesso na aprendizagem. Tão importante quanto o uso desta ferramenta é a preparação do professor para utilizá-las de forma inteligente e criativa, para que este não corra o risco de usá-la como um passatempo, sem objetivo e propósito. É de fundamental importância que o educador esteja disposto a aprender sempre, não tenha medo de experimentar e inovar enquanto aprende que se coloca no papel de problematizador de conteúdos e atividades. Em vez de continuar no papel de transmissor de conhecimento, e que desenvolva sua capacidade reflexiva, autonomia, postura crítica e cooperativa, para realizar mudanças significativas e condizentes com as necessidades atuais.

O curso foi concebido com a intencionalidade de oferecer subsídios teóricos e prático da inserção pedagógica das TIC no contexto da educação superior voltada para a educação online. Como resultado tivemos ao final da capacitação a elaboração de 30 cursos construídos pelos professores resultantes do trabalho final e condição para recebimento da certificação.

Durante todo o curso, houve uma preocupação em oferecer subsídios teóricos que auxiliassem os professores a solucionar suas dúvidas e questionamentos, além de esclarecer os métodos de avaliação e aprendizagem nos AVA. Outra preocupação foi fazer com que utilizassem todas as interfaces do ambiente para conhecerem sua funcionalidade e escolherem com maior propriedade as mais interessantes para a realização das atividades e incorporassem os conhecimentos adquiridos em sua prática pedagógica.

## Referências

ALMEIDA, Maria E. Inclusão digital do professor: formação e prática pedagógica. São Paulo: Articulação, 2004.

ALONSO, Kátia M. A avaliação e a avaliação na educação a distância: algumas notas para reflexão. In: PRETI, Oreste (org). Educação a distância: sobre discursos e práticas. Brasília: Líber, 2005.

AREA, Manuel. La integración curricular de las NTIC: entre el deseo y la realidad. 2002. Disponível em: <http://dewey.uab.es/pmarques/EVTE/INTEGRACIÓN ESCOLAR NNTT.pdf>. Acesso em: 25 set 06.

ARRIAZA, Ricardo. Reformas y tendencias de cambio en las instituciones de educación superior en centroamérica. 2003. Disponível em: [www.iesalc.unesco.org/ve/programas/reformas/centroamerica/ref\\_cam\\_sol.pdf](http://www.iesalc.unesco.org/ve/programas/reformas/centroamerica/ref_cam_sol.pdf) Acesso em: 01 jan 07.

BONILLA, Maria. As TIC estruturando dinâmicas curriculares horizontais: o programa de formação de professores par o município de Irecê-BA. Encontro Nacional de didática e prática de ensino, 2006.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHIROLLET, Jean-Claude. Filosofia e sociedade da informação: para uma Filosofia fractalista. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

DALVI, Maria P.; PEREIRA, Isabel P.; DIAS, Isabel S. Formar professores no contexto da cultura digital. 2003. Disponível em: <http://www.nonio.uminho.pt/challenges/05comunicacoes/Tema7/02MariaDalvi.pdf>. Acesso em: 18 mar 07.

DUPAS, Gilberto. Ética e poder na sociedade da informação: de como a autonomia das novas tecnologias rever o mito do progresso. São Paulo: Edunesp, 2001.

FRANCO, Sérgio. O programa Pro-Licenciatura: gênese, construção e perspectivas. In: CHAVES FILHO, Helio. Desafios da educação a distância na formação de professores. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2006.

HARASIM, Linda et al. Redes de aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem on line. São Paulo: Senac, 2005.

KENSKI, Vani. M. Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem. 12º Congresso Internacional de Educação a Distância. Florianópolis, 2005.

MARTÍN, Afonso G. Alfabetización digital: algo más que ratones y teclas. Barcelona: Gedisa, 2003.

MATTELART, Armand. História da Sociedade da Informação. São Paulo: Loyola, 2002.

MERCADO, Luís P. Formação continuada de professores e novas tecnologias. Maceió: Edufal, 1999.

MERCADO, Luís P.; SILVA, Maria L. Utilização de ambientes virtuais de aprendizagem na formação de professores. In: MERCADO, Luís P. (org). Percursos na formação de professores com tecnologias da informação e comunicação na Educação. Maceió: Edufal, 2007.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. Educação a distância: uma visão integrada. São Paulo: Thomson, 2007.

MORAN, Jose M. A educação está mudando radicalmente. 2006. Disponível em: [www.eca.usp.br/prof/moran/mudando.htm](http://www.eca.usp.br/prof/moran/mudando.htm) Acesso em: 19 dez 06.

\_\_\_\_\_. Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento. 1994. Disponível em: [www.eca.usp.br/prof/moran/interf.htm](http://www.eca.usp.br/prof/moran/interf.htm) Acesso em: 11 mar 07.

MOTA, Ricardo; CHAVES FILHO, Hélio; CASSIANO, Webster. Universidade aberta do Brasil: democratização do acesso à educação superior pela rede pública de educação a distância. In: CHAVES FILHO, Helio. Desafios da educação a distância na formação de professores. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2006.

OKADA, Alexandra L. Desafio para EAD: como fazer emergir colaboração e a cooperação em ambientes virtuais de aprendizagem. In: SILVA, Marco. Educação online. São Paulo: Loyola, 2006.

PALLOFF, Rena; PRATT, Keith. O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PETERS, Otto. A Educação à distância em transição: tendências e desafios. São. Leopoldo: Unisinos, 2003.

PRETI, Oreste. A formação do professor na modalidade a distância: (des) construindo metanarrativas e metáforas. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 82, n. 200/2001/2002 p. 26-39.

RAMAL, Andréa C. Educação à distância: entre mitos e desafios. In: ALVES Lynn.; NOVA, Cristine (Orgs). Educação a distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. Rio de Janeiro: Futura, 2003.

RICCIO, Nícia C. Educação a Distância: uma alternativa para a UFBA. In: LEMOS, André et al. Educação a distância no contexto brasileiro: algumas experiências da UFBA. Salvador: ISP/UFBA. 2005.

ROCA, Genis. La presencia de las universidades en la red. Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento, v. 3, nº1, 2006. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139950m.pdf>. Acesso em: 01 mar 07.

SANTOS, Bettina; RADIKE, Márcia. Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente. In: PELLANDA, Nize; SCHLÜNZEN, Elisa; JUNIOR, Klaus (orgs). Inclusão digital: recendo redes afetivas/cognitivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SILVA, Helena et alli. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. Brasília: Revista Ciência da Informação, v.34, n.1, p. 28-36, jan./abr.2005

TIFFIN, John; RAJASINGHAM, Lalita. A universidade virtual e global. Porto Alegre: Artmed, 2007.

# A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DO ESTADO DE ALAGOAS

Anamelea de Campos Pinto  
Jivaneide Araújo Silva Costa

## 1. Introdução

Integrar as mídias educacionais ao currículo, de forma a contribuir significativamente na melhoria das atuais práticas pedagógicas, é uma tarefa árdua. Muitos professores ainda não se apropriaram das tecnologias disponíveis nos diferentes contextos sociais, o que os impede de ver a utilização das mídias na educação como um fator relevante para desenvolver o conhecimento, as habilidades e os valores em seus alunos e na sua própria formação profissional.

Com o propósito de promover a interação do professor com as novas tecnologias, o Governo Federal, em parceria com Universidades e Secretarias de Educação, vem oferecendo cursos de formação a distância. Dessa maneira, é dada a oportunidade ao professor que deseja aperfeiçoar sua formação, criando novas oportunidades educacionais para todos que aceitam estes desafios e se colocam abertos a estas novas práticas educativas.

O Curso de Mídias em Educação, direcionado aos professores da educação básica e objeto de pesquisa deste trabalho favorecendo as condições para uma análise dos reais motivos da permanência e da evasão nos cursos de modalidade a distância, como também discute a sua contribuição na formação dos professores.

## 2. Base Teórica Conceitual

O grande salto da tecnologia recriou o contexto social, quebrou antigos paradigmas, inovou e mudou o modo de trabalho e as relações humanas na sociedade contemporânea. Com a aliança dessas novas realidades, o sistema educacional foi fortemente alterado. A globalização trouxe consigo um cenário configurado pela árdua

concorrência em uma sociedade, na qual as disputas entre os indivíduos deixam de abranger o âmbito local para partir para o âmbito global. Mais que isso, a globalização exige preparação das instituições educacionais para aderirem ao novo modelo de sociedade, onde o uso das TIC - configura um ambiente de conhecimento. É importante criar harmonia e consenso para a estruturação de uma sociedade organizada.

Para utilizar as mídias como ferramentas pedagógicas é necessário, antes de tudo, conhecer o que são as mídias educacionais, como elas são aplicadas no contexto escolar, como podem contribuir com a inclusão digital dos professores e alunos. Aqui, pode-se incluir novas formas de interação proporcionadas pelo desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, como por exemplo, as comunicações eletrônicas via Internet, videoconferência e teleconferência.

Para Belloni (2005), a escola é que tem condições teóricas e práticas de executar a tarefa de educação para as mídias. Integrar os meios de comunicação, tanto como instrumento ou como objeto de estudo - considerando a nova linguagem e forma de expressão que eles introduzem no universo dos nossos alunos, principalmente a televisão - é tarefa não muito fácil, pois o grande problema consiste nas condições materiais e técnicas e no preparo de professores para esta tarefa.

Segundo Moran (1999), transmissão de informação é tarefa fácil e as tecnologias podem ajudar o professor a facilitar o seu trabalho. Porém, para interpretá-las, relacioná-las, hierarquizar-las, contextualizá-las, os recursos das tecnologias não serão suficientes. O professor ajudará seus estudantes a questionar, a procurar novos ângulos, a relativizar dados e a tirar conclusões.

Hoje a educação busca outros caminhos para atender a esta nova sociedade, uma vez que a transmissão de conhecimentos não acontece só na escola e na família, como antigamente. Por meio da Educação a Distância, doravante EAD, ela se dá em todos ambientes sociais e virtuais freqüentados pelas crianças, jovens e adultos, contribuindo com sua formação profissional, moral, cultural e intelectual. A escola atualmente exige um novo fazer pedagógico, a partir da participação ativa dos alunos e de toda comunidade escolar, na construção do conhecimento aconteça de fato. Que juntos busquem uma proposta pedagógica que possibilite um novo pensar, novos caminhos para construir uma sociedade justa para todos, com acesso às tecnologias e à educação, garantindo direitos a cidadania.

### 3. Percursos de uma Análise Introdutória

Esta pesquisa foi realizada no período de maio a junho de 2007 com professores que participaram do Programa de Formação Mídias na Educação, no município de

Maceió – AL, ofertado pela SEEE/MEC, objetivando investigar os motivos que os levaram a permanecer ou desistir do curso, além das contribuições pedagógicas na prática docente.

Na primeira etapa, as questões tratavam dos dados de identificação dos professores, como: sexo, idade, instituição de trabalho e tempo de serviço. A segunda parte refere-se aos dados do curso, tais como: locais de acesso à internet, frequência com que fazem uso do computador como ferramenta pedagógica, condição interativa do curso, possíveis problemas técnicos do sistema, feedback e outros. Na última parte, há uma questão aberta, permitindo ao cursista argumentar, sugerir e colaborar no enriquecimento do curso; além de relatar suas expectativas, as contribuições da formação na sua prática pedagógica, motivos de desistência ou os fatores que contribuíram para sua permanência no curso. Foram utilizados gráficos e tabelas para representação quantitativa dos dados colhidos na pesquisa, por serem instrumentos que facilitam a interpretação. A partir dos dados apresentados na tabela 1 constatou-se que a maioria dos cursistas pertence ao sexo feminino, fato que não surpreendeu, por se tratar de um curso na área de educação, no qual geralmente o sexo predominante é o feminino.

Gráfico – 1 Distribuição dos cursistas por sexo

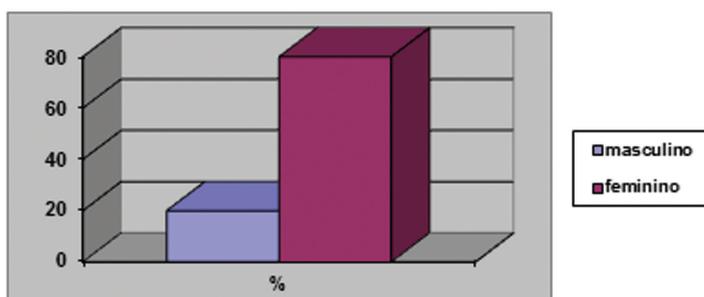


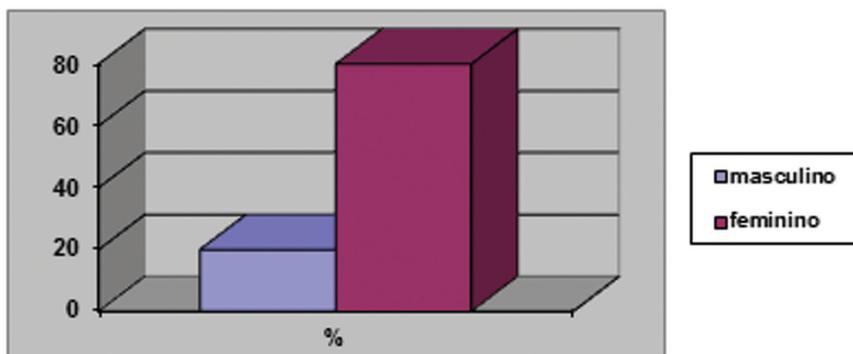
Tabela 1 - Divisão do n.º de participantes da pesquisa por gênero e por faixa etária

Gênero	Cursistas								Total
	Concluintes				Evadidos				
FAIXA ETÁRIA	20-30	31-40	41-50	+50	20-30	31-40	41-50	+50	
Masculino	0	71%	29%	0	0	0	0	0	100%
Feminino	14%	14%	27%	3%	3%	29%	7%	3%	100%

Pode-se observar na questão nº 9 da parte aberta do questionário (Comente as razões pelas quais você optou por esta formação e por que permanece nela.), que a maioria das mulheres pesquisadas está descobrindo o mundo da tecnologia com fascinação pelas mudanças que as mídias vêm fazendo em sua prática pedagógica.

Pelo gráfico 2 pode-se constatar que os professores do curso Mídias em Educação não estão entre os mais jovens, como se supunha. O maior número de cursistas está na faixa de 30 a 50 anos. Culturalmente, as novas tecnologias geralmente estão associadas aos jovens, pois é comum escutar no meio educacional reclamações de professores quanto à sua inabilidade com a modernidade e principalmente com o computador. Muitos se sentem como verdadeiro “migrantes digitais”.

Gráfico 2 – Distribuição dos cursistas por faixa etária



Fonte: Dados obtidos por meio de questionários aplicados pelas autoras deste estudo.

Observou-se que havia um conceito pré-concebido, no que diz respeito ao uso do computador pelos professores, com idade acima dos 40 anos, e sobre o tempo de serviço na educação acima de 15 anos, momento em que geralmente se rotula que os professores como cansados e desestimulados para investir na sua formação.

Na questão de nº 1 (Onde acessa a internet para realizar as atividades?), fez-se uma tentativa de conhecer os principais locais em que os professores acessavam a internet para realizar as atividades do curso. Observou-se que: entre os evadidos 50% acessavam no trabalho, 30% em casa e 20% assinalaram a alternativa “outros”, alguns especificaram que utilizavam a Lan house. Dos que permaneceram no curso, 83% acessavam a internet em casa, sendo que neste grupo alguns também acessavam

no trabalho. 17% acessavam apenas no trabalho, não houve nenhum que acessasse a internet em outros ambientes.

Comparando os dados entre os cursistas evadidos e os que permaneceram, pode-se inferir que um dos fatores que favoreceu a permanência dos professores no curso foi o acesso aos equipamentos tecnológicos, e principalmente, quando possuem o computador em casa, como mostram os depoimentos a seguir, onde uma grande parte admite que permanece no curso pelo fato de poder administrar seus horários de estudo.

O curso a distância dá possibilidade de trabalhar as tarefas a qualquer hora do dia e nos dias que o aluno achar melhor, bastar ter disciplina, [...].(aluno x - Curso Mídias na formação continuada).

Esta é formação boa de se fazer porque você pode determinar quando vai realizar as atividades no seu tempo, pessoalmente como trabalho muito durante a semana, sempre deixo pro fim de semana. (aluno y - Curso Mídias na formação continuada)

Perguntou-se para os dois grupos – tanto aos que permaneceram no curso, quanto aos que se evadiram – com qual frequência utilizavam o computador como ferramenta pedagógica. Entre os evadidos, 18% disseram utilizar diariamente, 27% responderam quinzenalmente, 62% responderam nunca utilizar a internet como ferramenta pedagógica.

Tabela 2 - Divisão do n.º de professores que utilizam o computador como ferramenta pedagógica

Uso do computador na sala de aula	Cursistas evadidos	Cursistas Frequentes
Diariamente	18%	30%
Semanalmente	0%	39%
Quinzenalmente	27%	17%
Nunca	54%	13%

É perceptível que a falta de recursos tecnológicos nas escolas desestimulam os professores a investirem em sua formação continuada. Quando se têm recursos que favorecem o trabalho, a teoria e a prática, simultaneamente, dentro do contexto escolar, pode-se validar o que se aprende nos cursos de formação, em especial nesse curso que tem como objetivo principal contribuir para a formação continuada, para o uso dos recursos tecnológicos no cotidiano da escola, de forma articulada à proposta pedagógica e à concepção interacionista de aprendizagem, entre outros.

As mídias precisam ser levadas para a escola, para serem compreendidas e debatidas, afim de que exista uma produção de conhecimento construído por

professores e alunos, utilizando-as de fato, como ferramentas pedagógicas com intuito de criticar com propriedade sua influência na vida de todos.

Segundo Moran (1999), precisamos reinventar a forma de ensinar e aprender, presencial e virtualmente, diante de tantas mudanças na sociedade e no mundo do trabalho. Os modelos tradicionais são cada vez mais inadequados. Educar com novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade.

As questões de 3 - 9 são fechadas, tratando de dados referentes ao curso, tanto no aspecto técnico como pedagógico. Alguns dados coletados foram inquietantes, e precisariam ser mais pesquisados com o envio de outro questionário para possibilitar ao cursista responder e esclarecer algumas dúvidas.

A tabela de 3 mostra os dados quantitativos das questões acima mencionadas.

Tabela 3 – Dados das questões referentes ao curso

Questões	Evadidos		Concluindo	
	Sim	Não	Sim	Não
3- O curso apresentou condições para uma comunicação interativa tutor/aluno?	6%	26%	54%	14%
4- Houve falha de funcionamento no computador que você utilizava durante o curso, impossibilitando sua permanência?	54%	46%	X	X
5- Houve falha no sistema (eproinfo) prejudicando o andamento do curso?	6%	26%	20%	48%
6- Durante o Curso foram enviadas mensagens de incentivo para chamar sua atenção em relação às atividades atrasadas?	3%	3%	57%	11%
7- Houve um feedback das dúvidas para esclarecimentos das atividades?	0	31%	54%	14%
8- O curso tem contribuído para melhorar sua prática pedagógica?	26%	5%	69%	0%
9- A quantidade atividades propostas e o tempo sugerido para realização das mesmas foram satisfatórios?	4%	29%	63%	4%

Como podemos observar na tabela acima, 81% dos cursistas evadidos afirmaram que o curso apresentou problema no quesito interação tutor/aluno, caracterizando de certa forma a necessidade que o professor/cursista tem de manter uma aproximação mais estreita, com o professor/tutor. Fator importante em qualquer metodologia,

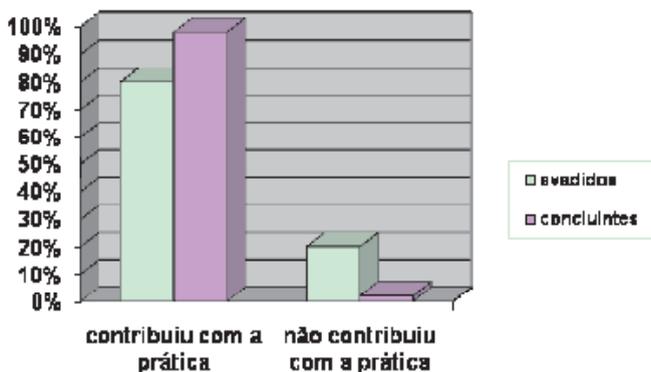
independentemente de ser virtual ou presencial. As relações ainda são necessidades humanas, mesmo que mediada pela telemática.

Os cursistas relataram que houve falha no sistema do E-proinfo, prejudicando o andamento do curso. Esta questão foi vista de uma forma mais negativa entre os evadidos. Talvez a falta de habilidade com o computador tenha feito com que o problema se tornasse mais complexo. Sobre a motivação, 90% dos cursistas que não permaneceram e 17% dos que estão concluindo o curso disseram que não houve envios de mensagem de incentivos motivando-os a realizarem as atividades atrasadas.

Perguntamos se houve um feedback das dúvidas para esclarecimentos das atividades. 100% dos evadidos e 21% dos que permanecem no curso disseram que não. No entanto, é mais uma questão que precisaria ser retomada com outro questionário, estudando mais profundamente o caso. Na EAD, as devolutivas de atividades e dúvidas são motivações importantes, que precisam ser estimuladas com frequência, chamando o cursista para a responsabilidade desta modalidade de ensino, mantendo uma postura crítica reflexiva do seu trabalho.

No gráfico 3 a seguir, observa-se que praticamente todos os cursistas do Programa Mídia na Educação disseram que o curso vem contribuindo de forma significativa na sua prática pedagógica. Pode-se verificar nitidamente que a grande maioria dos participantes que evadiram durante o percurso afirmam que as contribuições do curso, foram positivas para melhoria das suas atividades nas unidades de ensino em que trabalham, mudando a sua concepção quanto ao uso das mídias, que passaram a ter uma nova função como ferramenta pedagógica a partir das leituras e atividades oferecidas no curso, o que caracteriza a eficiência e a eficácia da EAD nas necessidades dos professores que buscaram a formação oferecida pelo Programa Mídias na Educação.

Gráfico 3 – Contribuição do curso na prática pedagógica dos professores



Os participantes que permaneceram mostraram-se satisfeitos com as contribuições pedagógicas que o curso ofereceu, muitos relataram que é um desafio e que vêm melhorando sua atuação pedagógica.

É um curso bastante enriquecedor para minha vida profissional e pessoal também.

O curso a distância dá possibilidade de trabalhar as tarefas a qualquer hora do dia e nos dias que o aluno achar melhor, bastar ter disciplina, além de ser um tema interessante, pois as novas tecnologias estão definitivamente na escola e em nossa vida. Permaneço no curso porque gostei da metodologia e dos temas abordados, além da tutoria.

[...] permaneço nela porque tenho uma grande satisfação em poder transmitir conhecimentos e também recebe-los.

[...] continuo para saber utilizar as novas tecnologias na minha prática pedagógica, entre outros motivos.

Optei por esta formação pela perspectiva de atualizar e/ou aprofundar os conhecimentos...e permaneço nela porque a qualidade dos textos é ótima e a plataforma do curso também. Sem esquecer do apoio da tutora e das contribuições dos colegas que complementam, creio eu os objetivos do curso.

Para inovar a metodologia das minhas aulas, enriquecer a minha prática pedagógica e contribuir, sobretudo para o processo ensino-aprendizagem.

Os concluintes do Curso Mídias na Educação enfatizaram a importância do curso como oportunidade de aprimorar sua prática profissional, de interagir com as novas mídias e integrá-las como ferramenta pedagógica no processo de ensino/aprendizagem. Mesmo lidando com algumas dificuldades, como a longa jornada de trabalho, observou-se que os professores se esforçaram, sacrificando seu tempo livre para o lazer, no final de semana, para dedicar-se às atividades do curso.

De Masi (1999), defende e prevê uma redução na jornada de trabalho e afirma que a população precisa ser reeducada para a liberação de tarefas e para as atividades criativas, e, principalmente, para o ócio criativo e ativo.

Percebeu-se a necessidade de ter acontecido durante o curso, alguns momentos presenciais que estabelecessem uma relação mais próxima entre tutor e aluno, como plantões para atendimentos pedagógicos e para suporte técnico, para sanar as dificuldades dos cursistas. Com os plantões, provavelmente, as dúvidas apresentadas neste estudo pudessem ter sido resolvidas, evitando a evasão.

Em relação à questão aberta, a qual verificava os motivos dessa evasão, foram enfáticos em colocar que a “falta de tempo” foi o principal motivo que os levaram a desistir. A falta de tempo do professor para investir na sua formação continuada tem sido uma constante dificuldade em qualquer modalidade de ensino. Temos acompanhado muitas formações presenciais em que os professores se evadem na primeira semana do curso, mesmo sabendo que a formação oportuniza o professor não só o saber em sala de aula, mas também por ser o caminho para o seu crescimento profissional.

Não tinha tempo para realizar as atividades.

Foram muitas as razões, achei o curso muito desorganizado, não recebia informação de como realizar as atividades, e também a falta de tempo pra realizá-las.

Não conseguia postar as atividades, achava muito complicado, e não tinha orientação para resolver o problema [...].

#### 4. Considerações Finais

O compromisso com as questões educacionais têm sido ampliados por meio das várias formas de organização das práticas pedagógicas, incluindo aquelas que fazem uso da tecnologia para superar os limites de espaço e tempo, de modo a propiciar que os professores de diferentes gerações e instituições, públicas ou privadas, tenham acesso à informação e possa enriquecer suas experiências profissionais.

Esta amplitude de possibilidades, quando pautada em princípios que privilegiam a construção do conhecimento e o aprendizado significativo, requer do professor novas competências e atitudes para desenvolver uma pedagogia relacional.

Segundo relato de um cursista “fomos criados com medo da tecnologia, ouvindo de nossos pais coisa como: não põe a mão no botão...vai quebrar a TV”, como se para utilizar os eletrodomésticos precisassem de um especialista na área. Sem dúvida, a próxima geração de educadores deverá apresentar maior facilidade com as Tecnologias de Informação e Comunicação/TIC.

No entanto, apesar dos professores terem consciência que precisam investir na sua formação profissional, o problema da ampliação do tempo de trabalho – tanto em sala de aula, como em mais de uma escola, conseqüentemente mais trabalho para realizar o planejamento de suas aulas e todas as suas atividades pessoais – impedem que ele tenha tempo para se dedicar a sua formação. Além da falta dos recursos tecnológicos na escola para trabalhos coletivos, ausência de computador e internet em casa, o professor

fica impossibilitado de participar de cursos de formação a distância via internet. Estes problemas mostram-se maiores do que aprender a lidar com as mídias, os ambientes virtuais de aprendizagens e usar a informática na preparação e transmissão das aulas, já que essas habilidades podem ser adquiridas sem muitas dificuldades quando se têm os recursos tecnológicos à disposição dentro e fora do seu ambiente de trabalho.

A apropriação dos processos tecnológicos será mais adequada se ocorrer juntamente com a formação pedagógica, para que o professor esteja capacitado a manter uma postura reflexiva no processo educativo. Iniciativas como esta da SEED/MEC em ofertar um curso de formação, realizado via internet, possibilita contribuir com a inclusão digital do docente, uma vez que muitos estão se adaptando às tecnologias e às novas formas de ensinar e aprender, revendo sua postura diante dos novos paradigmas.

Durante a pesquisa surgiram situações importantes que necessitariam ser melhor investigadas em futuras pesquisas, como as dificuldades citadas em lidar com o computador e a internet; a falta de habilidade em realizar trabalhos no ambiente virtual de aprendizagem; a falta de feedback e interação entre o tutor e o aluno. A questão da faixa etária também precisa de uma atenção especial, pois onde estão os professores mais jovens que quase não apareceram na estatística da pesquisa?

Depoimentos dos cursistas relatam que o curso a distância é uma motivação para os que buscam uma nova postura pedagógica. Os cursos a distância, que antes eram considerados sem qualidade, pela ausência da sala de aula, espaço físico e horário definido, agora conquistam seu espaço entre os educadores.

A metodologia dos cursos a distância favorece o estudo em diferentes locais, situações e horários, como foi colocado pelos educadores desta pesquisa. Essa flexibilidade, entretanto, pode trazer benefícios e novos desafios para o participante, que terá de esforçar-se para conciliar as atividades familiares, profissionais e sociais às necessidades de uma formação continuada.

Outra dificuldade que os professores precisam vencer é a dupla jornada de trabalho, causadora da “falta de tempo” do professor que precisa trabalhar em várias escolas para complementação de renda, sacrificando seu tempo livre, que deveria ser para o lazer, o saber e o viver com qualidade, fator que vem contribuindo para evasão dos participantes do curso, fazendo com que as TICs ainda permaneçam fora dos espaços de ensino/aprendizagem.

## Referências

BELLONI, Maria Luisa. Educação a distância. Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. O que é mídia-educação. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

DI MASI, Domenico de. O ócio criativo. Rio de Janeiro. Sextante, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 32 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_, Pedagogia da autonomia: saber necessário à prática educativa. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MORAN, José; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 12 ed. São Paulo: Papirus, 2006.

\_\_\_\_\_. Textos sobre Tecnologias e Comunicação. Disponível em: [www.eca.usp.br/prof/moran/textosead.htm](http://www.eca.usp.br/prof/moran/textosead.htm). Acesso em julho de 2007.

# FORMAÇÃO DE TUTORES DO CURSO PILOTO DE ADMINISTRAÇÃO A DISTÂNCIA DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

Luís Paulo Leopoldo Mercado  
Lílian Kelly de Almeida Figueiredo  
Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim

## 1. Introdução

A expansão da EAD nas universidades brasileiras, através do aumento da demanda de oferta de novos cursos de graduação, vem ampliando a necessidade de professores com conhecimento de como trabalhar nesta abordagem e da metodologia de elaboração de material didático que envolva uso de tecnologias de TIC em ambientes virtuais de aprendizagem.

O modelo de educação online em vigência precisa enfatizar ações de formação de professores e tutores para a oferta de novas disciplinas ou cursos, criando processos de acompanhamento da formação de tutores para o uso de tecnologias e introdução destas nas atividades da educação online, permitindo desenvolver uma cultura tecnológica que promova a atuação dos tutores em ambientes virtuais.

Os desafios atuais colocam aos tutores a necessidade de dispor de ambientes que permitam: autoria em EAD, interação, mediação pedagógica, produção de conhecimento colaborativo. Para superar esses desafios, precisa: desenvolver competências na utilização de ambientes virtuais de aprendizagem, como: domínio de conteúdo, domínio de ferramentas das TIC e do ambiente virtual de aprendizagem e domínio pedagógico da modalidade da educação a distância.

## 2. Educação Online

A mudança de foco da sociedade industrial para uma sociedade tecnológica convergiu para a profunda valorização da informação. Neste sentido, a chamada

Sociedade da Informação, privilegiada com os avanços tecnológicos, implicou na re-organização da EAD perpassando seus objetivos e metodologias, incidindo sobre a prática pedagógica como um todo.

Para atender as necessidades dos tempos atuais a EAD abrange várias opções. Inicialmente foi utilizada como recurso para a superação de deficiências educacionais, estendendo-se para a qualificação profissional e aperfeiçoamento ou atualização de conhecimento e hoje envolve interesses não só educacionais ou profissionais, mas sociais e particulares.

Nos cursos online, o papel do professor não se modifica. O mesmo continua responsável pelo conteúdo e a dirigir o curso, como tutor. No entanto, há espaços para que os alunos interajam, explorem o conteúdo disponibilizado, tirem suas dúvidas e busquem os seus interesses. O mais importante e o que difere a educação online da presencial são as interações dos alunos com os tutores e os resultados colaborativos destas, através de ambientes virtuais.

Peters (2005), ao apontar a trajetória da EAD e seus objetivos em cada período histórico, mostra que as transições que tem ocorrido na modalidade demonstram que a constituição de um novo paradigma educacional incitou uma série de transformações fortemente reforçadas pela inserção do uso das TIC.

O uso dos recursos da Internet potencializou a expansão da EAD, por ser instrumento mediador do processo de ensino e aprendizagem, reforça os espaços de comunicação e de acesso a informação. Suas especificidades, como o contato direto com informações atualizadas e as possibilidades de comunicação síncrona e assíncrona, transformam-na em espaço de aprendizagem atraente, permitindo a interação e colaboração entre os envolvidos e o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem mais efetivo.

O advento da aprendizagem online favorece uma abordagem que enfatiza a aprendizagem centrada no aluno, possibilitando que o sujeito desenvolva habilidades e competências de autonomia e criticidade.

Com os ambientes virtuais de aprendizagem, a EAD passa a ter possibilidades de travar uma relação muito mais dialógica, multidirecional e afetiva, com interações quantitativa e qualitativamente mais significativas.

Considera-se que o público participante das ações da EAD não necessariamente apresenta domínio apurado das ferramentas de interação mais corriqueiras da Internet, mas espera-se que tenham ao menos um conhecimento básico. Logo, para evitar dúvidas, é interessante que o ambiente virtual de aprendizagem explicita a justificação de cada ferramenta integrante de sua estruturação, ou seja, descreva qual o objetivo de cada uma delas.

Para que este conjunto de ferramentas tenha êxito conforme as ações previstas, reforça-se a necessidade de familiarização por parte dos envolvidos (alunos, monitores, tutores, professores, administradores) com a dinâmica do ambiente virtual. Com isso, espera-se que o conhecimento a cerca das ferramentas de interação facilite o encaminhamento técnico exigido para cada ação sem que prejudique o desempenho do tutor e o conteúdo pedagógico da atividade proposta.

Torna-se um perigo que a acomodação dos conteúdos e atividades sejam forçadas. Neste caso teremos a incompatibilidade nas propostas de apresentação e execução dos mesmos, pois os conteúdos e as atividades não tem que se adequar as ferramentas do ambiente e sim, é o ambiente virtual de aprendizagem que deve, em sua estrutura, prever as diversas possibilidades da EAD, disponibilizar as ferramentas que atendam ao máximo as especificidades da modalidade.

### 3. O trabalho do Tutor Online

Até pouco tempo, o tutor era concebido como apoio do professor, responsável por gerenciar junto com o professor sua disciplina, ajudando na produção dos materiais didáticos e nas atividades desenvolvidas. Para além destas competências, o tutor pode ser identificado como o sujeito multifacetado, que possui ampla noção do processo de ensino e aprendizagem, que enxerga as diversidades e atua em variadas perspectivas.

A necessidade de formação de um tutor que atenda estas múltiplas exigências é um desafio, depositando-se no tutor a responsabilidade de gerenciar o trabalho cooperativo, capaz de lidar com situações variadas e demonstrar conhecimentos diversos.

Na educação online, a figura do tutor aparece com elevado grau de responsabilidade, porém seu real papel ainda é motivo de grandes discussões, por existirem divergências em concepções e atuações correspondentes.

Para muitos autores, a importância do papel do tutor é evidente quando se trata dos processos de interação travados na educação online, mediatizada pelas TIC. O tutor é figura responsável pela incessante comunicação que encadeia o processo de ensino e aprendizagem.

Belloni (2003, p.81) define essas competências ao descrever que o tutor será “parceiro dos estudantes no processo de construção do conhecimento, isto é, em atividades de pesquisa e na busca da inovação pedagógica”.

A figura do professor na educação online está representada pelo especialista que planeja o curso, produz e garante a qualidade do material didático que será utilizado,

e pelo tutor que de maneira síncrona e assíncrona, presencial ou a distância deve garantir a qualidade comunicacional para a efetivação do referido material, conduzindo, acompanhando e avaliando a aprendizagem dos alunos.

Gonzalez (2005, p. 71) aponta as competências que o tutor deve seguir para desenvolver de forma consistente suas atribuições no curso e para avaliar os alunos:

O tutor deve tratar conhecimentos com seus alunos, através dos recursos tecnológicos disponíveis, como e-mail, telefone, fax e mesmo a velha tradicional correspondência escrita e enviada por correio.

O tutor deve sempre que possível fazer do primeiro teste um ensaio (...).

O tutor deve fornecer feedback (resposta) aos alunos.

O tutor deve ter cuidado com palavras que possam ser interpretadas como prenunciadores de má notícia (...).

O tutor deve, em seus comentários devolutivos, evitar ao máximo utilizar expressões que possam conter carga negativa ou depreciativa.

Belloni (2003) destaca que o tutor deve ter capacidade para interagir com os conteúdos e material didático disponibilizado e dinamizado durante o curso; utilizar-se de estratégias de orientação; realizar as intervenções didáticas com a frequência necessária e ter disponibilidade para estimular a autonomia e a emancipação do aluno.

Moore e Kearsley (2007) apresentam funções que o tutor online deve possuir para um bom desempenho na EAD: elaborar o conteúdo do curso; moderar as discussões; supervisionar os projetos individuais e em grupo; avaliar as tarefas e proporcionar feedback sobre o progresso; manter registros dos alunos; ajudar os alunos a gerenciar seu estudo; motivar os alunos; responder ou encaminhar questões administrativas; responder ou encaminhar questões técnicas; responder ou encaminhar questões de aconselhamento; representar os alunos perante a administração e avaliar a eficácia do curso.

O tutor online é um mediador do conhecimento, além de moderador das interações no ambiente virtual de aprendizagem. Ao criar a comunidade online desenvolve uma atitude de confiança, na qual o grupo torna-se coeso, pois ao atuarem juntos eletronicamente, contam suas vidas, viagens, acontecimentos recentes, emoções, tornando o trabalho em grupo mais agradável. Mercado (2006, p. 147) enfatiza ainda que o tutor:

(...) deve ter a capacidade de gerenciar equipes e administrar talentos, habilidades de criar e manter o interesse do grupo

pelo tema; ser motivador e empenhado em acompanhar a aprendizagem dos alunos, pois terá grupos de alunos heterogêneos, formados por pessoas de regiões distintas com vivências bastante diferenciadas, culturas e interesses diversos, exigindo do tutor uma habilidade gerencial com pessoas extremamente eficiente. Deve ter domínio sobre o conteúdo do texto e do assunto para ser capaz de esclarecer possíveis dúvidas referentes ao tema abordado pelo autor; a bibliografia recomendada, as atividades e eventos relacionados ao assunto.

As instituições que oferecem educação online devem se preocupar com a formação dos tutores, na medida em que oferecem cursos de formação, avaliando o desempenho de cada um durante o curso. A importância destes cursos preparatórios é possibilitar o conhecimento do funcionamento da modalidade de educação a distância e de suas técnicas e proporcionam a realização de práticas de tutorias, ampliando os temas de estudo.

#### 4. O Curso de Formação de Tutores da Universidade Aberta do Brasil na UFAL

O Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) foi criada através do Decreto nº 5.800 de 08/06/2006, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no país, com objetivo de: oferecer cursos de licenciatura e de formação inicial e continuada de professores da educação básica; cursos superiores para capacitação de dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios; cursos superiores nas diferentes áreas do conhecimento; ampliar o acesso à educação superior pública; reduzir as desigualdades de oferta de ensino superior entre as diferentes regiões do país; estabelecer amplo sistema nacional de educação superior à distância; e fomentar o desenvolvimento institucional para a modalidade de EAD, pesquisa em metodologias inovadoras de ensino superior apoiadas nas TIC.

Esta iniciativa congrega políticas que enfatizam programas voltados para a expansão da educação superior e promoção da inclusão social, promovendo o desenvolvimento regional, a geração de empregos e a maior qualidade social.

A UAB iniciou com a oferta do curso piloto de Administração a Distância, financiado pelo Fundo das Estatais, através do Banco do Brasil. O MEC, com a finalidade de atender à demanda das empresas estatais em termos de qualificação dos seus servidores públicos, propôs, em parceria com 25 universidades públicas, a criação de um curso de Graduação em Administração, na modalidade à distância. Instalado

em junho de 2006, o projeto iniciou as atividades em 174 pólos. A opção por essa modalidade se deve não só à necessidade de se atender alunos residentes em regiões que não possuem instituições de ensino superior, mas também profissionais em serviço que necessitam formação em nível universitário. O curso ofereceu 500 vagas para o Estado de Alagoas.

A formação de tutores do Curso de Administração a Distância da UAB envolveu o uso do material do curso, textos complementares e formação continuada durante toda a execução das primeiras disciplinas, envolvendo reuniões semanais com a coordenação e realização das atividades dos módulos.

O curso foi ministrado por um facilitador e dois tutores a um grupo de 43 professores das seguintes áreas: Administração, Filosofia, Pedagogia, Ciências Contábeis, Economia, Ciências Sociais. Ao final foram selecionados 27 tutores para atuar no curso. Os selecionados demonstraram grandes expectativas com o curso e em desenvolver as qualidades e requisitos necessários para ser um bom tutor na modalidade a distância, conforme os relatos:

Conhecer bem o projeto pedagógico do curso. Conhecer bem a história de cada aluno, para manter um bom relacionamento interpessoal; Orientar os alunos para o estudo a distância, individualmente e em grupo, buscando mostrar a necessidade de se adquirir autonomia de aprendizagem; Ler bastante para indicar ao aluno material didático complementar para que ele se aprofunde nos conteúdos das disciplinas; Recolher, ao final de cada disciplina, a avaliação que o aluno faz do material didático, da modalidade de ensino a distância e dos tutores que o orientaram presencialmente e a distância; Preparar um relatório semanal para o professor responsável pela disciplina com o registro da participação dos alunos, suas principais dúvidas e respectivas orientações e encaminhamentos e registro de informações sobre os tipos e os níveis de dificuldades que os alunos apresentam em relação a tópicos das disciplinas e respectivo material didático. (CP)

É um grande desafio, como também reconheço que é uma grande oportunidade, pois estaremos em constante aprendizado, e teremos uma experiência maravilhosa. Sei que no início não será fácil, pois estaremos em um momento de adaptação, mas poderemos buscar o apoio dos professores em casa de alguma dificuldade em relação ao conteúdo, claro que não vamos querer que eles nos ensinem, cada um que for tutor deverá buscar o maior número de conhecimento possível, por si só, e isso vai depender do interesse de cada um. Tenho interesse de aprender sempre mais. (JB)

Vontade de enriquecer minha bagagem de conhecimento como também a prática em relevantes princípios como o da construção, interação, disciplinaridade, criatividade, investigação, flexibilidade e autonomia. Tenho habilidade tecnológica necessária no ambiente virtual, como também esta ferramenta, a Internet, amplia minha forma de interagir e pesquisar. Preocupação é a construção de um embasamento eficaz para a evolução contínua da interação e compreensão pedagógica do aluno. (KS)

Como vamos trabalhar com um público diferente e com ferramentas e metodologias diferentes? Os nossos alunos irão corresponder a estes novos desafios? como irá funcionar esta parceria? teremos infraestrutura adequada? material didático adequado? (LJ)

O curso teve como objetivo mostrar situações de orientação e atuação do tutor no curso online, para que pudessem acompanhar, intervir, atender solicitações da aprendizagem, pois do tutor se exige conhecer os temas, sua relação com práticas pedagógicas, dificuldades de compreensão, objetivos das unidades, atividades previstas e materiais.

O curso baseou-se em processos reflexivos de investigação, a partir de um currículo consistente baseado na relação teoria e prática. Nessa, o tutor repensa sua prática, direcionada para aprender a aprender. Buscou-se direcionar esforços na personalização da EAD, mediante apoio sistemático e organizado, que ajude os alunos na utilização dos materiais educativos oferecidos, proporcionando orientação individual e coletiva, facilitando e motivando as situações de aprendizagem.

O curso envolveu a formação de tutores para atuar na educação online a partir da própria ação no ambiente virtual que exige: desenvolver habilidades no domínio de ferramentas do ambiente, planejar atividades a distância e realizar a mediação pedagógica. A formação partiu da necessidade de se incentivar o uso pedagógico de ferramentas disponíveis nas plataformas, permitindo melhor aproveitamento e favorecendo a interação entre alunos e professores e entre alunos.

A partir dessa formação, os tutores acompanharão os alunos, o que permitirá o monitoramento direto do desempenho e do fluxo das atividades, facilitando a interatividade e identificação de possíveis dificuldades de aprendizagem. Há dois tipos de tutores para favorecer o ensino-aprendizagem na UAB: o tutor a distância e o tutor presencial. O primeiro, através do ambiente virtual de aprendizagem, orienta os cursistas durante o curso, facilitando as interações e é responsável pelo atendimento dos estudantes via Internet e o segundo, responsável pelo atendimento nos pólos presenciais definidos por cada instituição.

O curso teve carga horária de 60 horas, sendo 20 horas presenciais e 40 horas a distância, utilizando o ambiente virtual de aprendizagem e-Proinfo ([www.eproinfo.mec.gov.br](http://www.eproinfo.mec.gov.br)), no qual aconteceram as interações entre tutores e avaliação da participação e a partir das atividades disponibilizadas no ambiente.

O curso teve como objetivos: desenvolver trabalho de conscientização sobre a importância da EAD e do uso das TIC na aprendizagem online; conhecer e explorar o ambiente virtual do curso; elaborar e executar o trabalho de tutoria ao longo das disciplinas do curso.

#### Conteúdos Desenvolvidos no Curso

1. Cadastro dos tutores no e-Proinfo. Fundamentos da educação online: características, problemas e interatividade na EAD.
2. Aprendizagem em Ambientes Virtuais de Aprendizagem: possibilidades comunicacionais na educação online e aplicações para o ensino-aprendizagem. Estratégias para uso de ferramentas de interação em cursos online. Exploração do ambiente e-proinfo como aluno e tutor.
3. A tutoria no cenário da EAD. Elaboração do plano de tutoria da disciplina Educação a Distância (primeira disciplina do curso).
4. Acompanhamento na elaboração do plano de tutoria das disciplinas do primeiro semestre do curso.

As atividades desenvolvidas durante o curso foram: no primeiro encontro foi feita a exploração e reconhecimento do curso, através da ambientação no e-Proinfo: identificação e exploração das ferramentas que serão utilizadas no curso. Apresentação da disciplina Educação a Distância, dos professores e tutores. Apresentação do plano de estudo: objetivos, metodologia, atividades, tutoria e avaliação.

Esta primeira atividade teve como objetivo a formação da comunidade de aprendizagem do curso, a partir do fórum de discussão com o tema Prazer em conhecer, que solicitava que cada tutor contasse um pouco sobre si, seu nome, cidade onde nasceu e onde vive atualmente, que contasse porque escolheu o curso e sobre sua trajetória profissional e experiência na EAD, expectativas em relação ao curso. Solicitou-se a cada tutor que navegasse nas participações dos colegas e os conhecessem um pouco mais, comentando aspectos que chamaram a atenção ou com o qual se identificaram.

Para a maioria dos tutores, esta foi a primeira experiência em EAD. A maioria tinha boas expectativas no curso e esperavam conhecer mais essa nova forma de interação e aprendizagem. O grupo acredita que a modalidade é uma tendência do ensino no Brasil, e, fazer parte deste grupo pareceu muito promissor, conforme se percebe nos relatos dos tutores:

Ampliar conhecimentos na área de Educação. (P)

O curso nos possibilita a exercitarmos nossa criatividade compilando ferramentas para motivar todo grupo: alunos x tutores x professores, interagindo de forma benéfica e feliz. (Je)

Saber como funciona a EAD. (MS)

Possibilidade de fazer parte de um projeto onde um novo tipo de aprendizagem será trabalhado, tem feito com que novas perspectivas e possibilidades sejam pensadas. Estou bastante ansiosa com o desenrolar deste projeto e certa de que essa nova experiência será de muita valia. (P)

Me identifiquei bastante com esse método pelas suas características flexíveis no tempo e espaço. (J)

Quebra de paradigmas, onde cada um de nós irá constuir seu próprio modo de pensar. (JP)

Agregar valor ao meu conhecimento e carreira profissional. (L)

Palloff e Pratt (2002, p. 53), afirmam que “iniciar o curso pelo envio de apresentações e incentivar os alunos a buscar áreas de interesses comuns são boas formas de começar”. A comunidade é o espaço no qual acontece a aprendizagem online e o local em que “os participantes dependem um dos outros para alcançar os resultados exigidos pelo curso”.

A atividade buscou traçar o perfil do participante, conforme Notó (2002, p.37):

Para que os tutores possam realizar sua função, eles têm de dispor do máximo de informação de cada um de seus tutorados. É preciso dedicar um tempo a essa troca de informação com os colegas que atendem os alunos e, se possível, decidir intervenções para melhorar o processo educativo dos alunos. Com o acompanhamento individual, será possível orientar sobre os aspectos acadêmicos, pessoais e profissionais.

Para que seja identificada a criação da comunidade de aprendizagem, é necessário iniciar o curso pelas apresentações dos alunos, facilitando a troca de informações que o tutor deve dispor. Com isso, consegue-se manter o ritmo, o envolvimento e o desenvolvimento dos alunos para realizar de maneira consistente a sua tutoria no decorrer do Curso de Administração a Distância, ensinando a motivação precisa perante as reflexões estabelecidas durante a formação.

A tutoria é uma instância de mediação entre o estudante e o material didático, na busca de uma comunicação ativa e personalizada. Orientando e supervisionando o

processo de aprendizagem do cursista, o tutor conhece as dificuldades do aluno e o ajuda a responder, de maneira adequada, aos desafios impostos pela educação individualizada.

A função do tutor não se estabelece entre as dificuldades do aprendiz e no saber orientá-lo, mas deve ir além da orientação. Moore e Kearsley (2007), em seus estudos, argumentam que o tutor deve ser capaz de reconhecer os problemas existentes de apoio ao aluno, antes que estes identifiquem e estejam prontos para articulá-los e discutí-los.

Cada tutor deve ter uma compreensão verdadeiramente íntima do grupo de alunos, de seu progresso, de seus sentimentos e de suas experiências no curso. O tutor é a fonte de informação mais confiável quando gestores do sistema tentam interpretar os dados que fluem do ambiente do curso (MOORE e KEARSLEY, 2007, p. 149).

Palloff e Pratt (2002) relatam que os tutores têm o costume de criar um espaço comunitário no site de seus cursos, para que os professores e alunos possam se conhecer. Neste espaço, há o diálogo e a discussão sobre os assuntos do curso, mas o objetivo é que todos se conheçam melhor e que o trabalho coletivo se torne mais confortável.

A tutoria, por sua vez, deve agregar valor ao curso, na medida em que é necessária, para orientar, dirigir e supervisionar o ensino-aprendizagem na EAD. Esse apoio tutorial realiza, entretanto, a comunicação e a inter-relação entre o professor-tutor-aluno, reunindo em uma única função tríplice: a orientação, o conhecimento e a avaliação.

Numa comunidade online, o tutor é mediador, através de uma interface tecnológica, pois a interatividade em ambientes virtuais só será efetivamente bem sucedida se a interface disponibilizada for eficiente, garantindo a comunicação entre os participantes do curso. “Uma comunidade que aprende online não pode, é claro, ser criada por uma pessoa só. A criação de uma comunidade de alunos, visto que o conhecimento seja transmitido e repassado, os significados sejam formados em conjunto, prepara o terreno para uma aprendizagem com resultados significativos (PALLOFF e PRATT, 2002).

O segundo momento do curso envolveu a realização da pesquisa sobre Instituições credenciadas para oferta de EAD no Brasil, usando o site do Ministério da Educação ([www.mec.gov.br/seed](http://www.mec.gov.br/seed)) e o da Associação Brasileira de Educação a Distância ([www.abed.org.br](http://www.abed.org.br)). A partir da seleção de uma ou duas instituições, o tutor visitou o site da instituição escolhida e procura informações sobre cursos oferecidos na modalidade a distância e faz um relato da exploração feita, no fórum Relato de Experiências na EAD, conforme relatos abaixo:

Percebi que há bastante instituições não credenciadas ofertando a EaD, esse fato me chamou a atenção, por não ser um fato isolado dos cursos presenciais. Devemos tomar bastante cuidado com isso. Outra coisa que achei importante, é o fato de haver

bastante instituições da região nordeste já fazendo parte desta nova modalidade de ensino, pelo menos no que diz respeito a graduação, por que com relação a cursos de pós-graduação, percebi que ainda temos muito que avançar em relação as instituições do sul e sudeste. Sei que no curso de EaD a distância geográfica tende a ser menos importante, porém devemos analisar o fato de fazermos parte de uma região pobre, onde as dificuldades são bem maiores, Então, creio que quanto mais instituição nordestinas inseridas nesse processo melhor será para nós, já que mesmo sendo um curso a distância, há momentos presenciais. (P)

O que me admira é que os nossos governos passado não tiveram a atitude de implantar a tempo este metodo. Visto que, temos uma sociedade heterogenia e desigual e o MEC não investiu a decadas nas políticas públicas para atender estas demandas que estão longe do alcance das escolas e faculdades. Assim como fizeram outros países. (AA)

Essa medida tomada com a UAB me encantou, colega. Olha, isso vai ajudar tanta gente que mora longe, não tem dindin pra pagar as mensalidades, transporte, moradia pra morar onde estão as universidades. Sabe, eu acredito muito na EAD. Tenho certeza que em um futuro muito, muito próximo, teremos uma concentração muito maior de educandos na modalidade à distância que na presencial. (I)

Percebo que essa modalidade abre oportunidades gigantescas para a produção de conhecimentos devido a sua abrangência geográfico. Pessoas das mais diversas regiões desse país continental tem a possibilidade de compartilhar entendimentos e visões sobre os assuntos tratados no processo de aprendizagem. Portanto, essa modalidade quebra fronteiras e barreiras culturais e sociais, resultando numa nova perspectiva da realidade. (J)

A pesquisa mostrou aos tutores a dimensão do processo e permitiu verificar em que nível de envolvimento as instituições de ensino superior se encontram. Algumas instituições são pioneiras ou estão envolvidas no processo há mais tempo e podem transmitir, ou compartilhar experiências e principalmente vivências com as que estão se inserindo no processo posterior.

Pelos relatos do fórum, observa-se que a maioria dos tutores não tinha idéia da quantidade de cursos a distância. Isso demonstra que essa modalidade está se expandindo rapidamente e que a divulgação ainda é muito tímida.

Os tutores elaboraram um panorama geral da EAD referente à adesão das instituições públicas e privadas, além das não credenciadas que desenvolvem cursos nesta modalidade, analisando o contexto sócio-histórico, a implementação e a expansão na região Nordeste.

Muitos tutores não compreenderam o objetivo da atividade e se contiveram em descrever suas expectativas quanto à expansão da EAD e não avançaram em pesquisar exemplos desta expansão, identificando instituições que tem implementado a modalidade.

É notório nesta atividade as interações tutor-tutor a partir de comentários e contrapontos referentes as idéias discutidas no fórum.

O terceiro momento do curso, após a realização da disciplina Educação a Distância, foi o estudo da avaliação na modalidade a distância, na qual questionou-se aos tutores que características deve possuir um bom tutor na EAD? A partir dos relatos dos tutores, destacam-se

O tutor é a pessoa que terá maior contato com o aluno. Para tanto, ele necessita estar atento ao que lhe é comunicado por este aluno, mesmo que esta comunicação seja o silêncio. o tutor deverá estar atento a tudo o que lhe é expresso, e a forma como lhe é colocada para então, ler as entrelinhas. Uma vez privado do contato face-a-face, qualquer comunicação (ou ausência desta) deve ser considerada e compreendida. Portanto, o tutor deve ser sensível. (...) A disciplina, uma vez que na EaD, o tempo é visto de outra perspectiva, se ele não dedicar tempo e criar uma rotina de acompanhamento, sua tutoria ficará comprometida. A criatividade e capacidade para se relacionar e transmitir afetividade através das interações. (AA)

Atualização e especialização constantes por ser um transmissor de informações como intermediário entre instituição, professor e aluno e de orientador comentando, debatendo, respondendo, supervisionando e ajudando seus alunos “protegidos” como no século passado. (Je)

Usar o conhecimento do conteúdo para dar orientação, ajudando os alunos a encontrarem o seu sentido de orientação fornecendo dicas para que possam organizar melhor suas ideias, sugerindo fontes de informação adicionais ou alternativas, apresentando maneiras diferentes de ver as questões. Manter o feedback aos trabalhos realizados pelos alunos estabelecendo e comunicando expectativas claras, identificando pontos fortes e fracos na maneira como foi executado o trabalho, identificando

os conteúdos compreendidos e os que foram menos claros. Sugerir estratégias que possam consolidar o que os alunos sabem e que possam melhorar as suas deficiências. (CO)

O tutor deverá ter habilidade aproveitar bem o tempo, pois não saberá se aluno voltará a procurá-lo, quando na orientação de uma atividade; Deverá administrar a oportunidade de acesso ao aluno, não deixando o aluno a esperar quando fizer algum questionamento; Não aproveitando o tempo e oportunidade de orientação correrá o risco de um aproveitamento parcial, não satisfatório no processo. (P)

Boa formação acadêmica, que é a capacidade intelectual e domínio da disciplina e conhecer profundamente assuntos ligados a área de administração, nosso curso. Ser capaz de lidar com o heterogêneo quadro de alunos, teremos alunos que concluíram o ensino médio ou equivalente a pouco tempo e outros que pararam de estudar há anos. Deve possuir atributos psicológicos e éticos, tais como: maturidade emocional. Não sabemos quem está do outro lado e muitas vezes essa pessoa pode estar com algum problema que com certeza vai interferir no aprendizado e muitas vezes até no relacionamento com tutor e colegas de turma, empatia. Sempre colocar-se no lugar do outro aluno antes de tomar qualquer decisão, liderança, cordialidade e saber ouvir, principalmente quando surgirem críticas e sugestões. Deve conhecer bem o aluno que está orientando, motivá-lo, ser tolerante, humilde e estar sempre disposto a aprender, o último item é um dos mais importantes, pois ele vai ter que dedicar muito tempo aos estudos para tirar as dúvidas dos alunos assim que elas surgirem. (CPa)

Capacidade de motivar para o estudo, facilitar a compreensão de conteúdos, esclarecer dúvidas e ajudar na aplicação desses conteúdos em situações concretas; Orientar os alunos na familiarização com o ambiente virtual de ensino-aprendizagem e quanto à regras diretrizes e aos padrões do curso; Colocar problemas e desafios, bem como para estimular a colaboração entre alunos na busca de soluções e construção de significados; Aprender com as vivências e experiências dos alunos, incorporando essas lições à prática da tutoria, se for o caso; Capacidade de trabalho em grupos, entusiasmo para vencer desafios e compromissos com a qualidade. (Je)

Sugerir informações alternativas e oferecer explicações para que haja um melhor aprendizado por parte do aluno; saber lidar com turma heterogênea, pois geralmente são pessoas de idades, raças

e culturas diferentes; possuir uma boa comunicação (eficaz), saber se expressar, ou expressar algo por escrito, de modo que o aluno consiga entender a explicação. (MS).

A EaD requer do tutor professor/ tutor mais do que técnica, requer maturidade emocional, empatia com os alunos, habilidade de mediar questões, liderança, cordialidade e capacidade de “ouvir”. No tocante às questões práticas do dia a dia, o tutor efetua os comentários dos trabalhos realizados pelos alunos, corrige as avaliações, elucida dúvidas sobre o material de apoio do curso, fornece feedback aos coordenadores sobre os materiais do curso e as dificuldades dos estudantes, entre outras. A forma como o tutor exerce suas atividades irá influenciar na avaliação dos resultados na EaD. A eficiência de suas orientações interfere, inclusive, na questão da evasão no decorrer do processo. (NA)

O grupo colocou que o tutor atua como professor, mediador, facilitador, incentivador, investigador do conhecimento, da própria prática e da aprendizagem individual e grupal. O novo papel do tutor precisa ser repensado para que não se reproduzam nos atuais ambientes de EAD concepções tradicionais das figuras do professor. É preciso superar a postura ainda existente, do professor transmissor de conhecimentos, passando ele, sim, a ser aquele que imprime a direção que leva à apropriação do conhecimento que se dá na interação, aluno/aluno e aluno/professor, valorizando-se o trabalho de parceria cognitiva e elaborando-se situações pedagógicas em que as diversas linguagens estejam presentes.

A atividade proposta solicitava que os tutores apresentassem suas preocupações relacionadas à atuação do tutor no curso. As preocupações mais explicitadas foram: conhecer o projeto do curso, saber como orientar o aluno, ter leitura suficiente, saber identificar o público-alvo, organizar o tempo para aprofundamento das leituras realizadas e como solucionar os possíveis problemas de administração e execução.

Os tutores compreenderam o objetivo da atividade, pois descreveram seu papel em cursos a distância como o de apoiar os alunos no desenvolvimento das atividades, conhecer o conteúdo do curso específico, fornecer feedback, buscar solucionar os problemas.

Os tutores definiram as seguintes habilidades para exercer a tutoria: acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem individual e grupal, respeitar o ritmo dos alunos e promover a motivação para que estes tenham um bom desempenho durante o curso, administrar o tempo das atividades e ter uma formação acadêmica que permita o domínio do conteúdo proposto.

Apontaram que o tutor é responsável por comentar os trabalhos realizados pelos alunos; corrigir avaliações dos alunos; ajudar os alunos a compreender os materiais do curso por meio das discussões e explicações; responder às questões sobre a instituição; apoiar os alunos no planejamento dos seus trabalhos; organizar círculos de estudo; fornecer informações por telefone e e-mail; supervisionar trabalhos práticos e projetos; atualizar informações. Para isso, é necessário a inserção no processo de aprendizagem e em contínua busca do conhecimento que contribua para sua formação.

Em relação a avaliação do curso, questionou-se os tutores a cerca do que aprenderam no curso, destacando-se nos relatos a seguir:

Aprendi a importância e o papel do tutor professor /tutor, que vai muito além de um simples mediador entre o aluno e a universidade; Aprendi a utilizar as ferramentas do ambiente virtual, como chat ou bate-papo, o fórum, a biblioteca, entre outros, no uso da mídia eletrônica dentro do processo de mediação na EaD. Percebi que nesse processo de ensino à distância, o professor repassador de informações deu lugar a um agente organizador, dinamizador e orientador da construção do conhecimento do aluno e até da sua auto-aprendizagem. (NA)

Entender o trabalho da tutoria na modalidade à distância, usando a internet como meio; priorizar as interações e colaborações; buscar formas de construir uma atuação criativa e estimulante; buscar a harmonia no ambiente do qual faço parte; aproveitar o tempo para dar norte aos navegantes, sem interferir na sua autonomia; valorizar o feedback e as interações para a conquista das competências e habilidades na tutoria. (ID)

Aprendi sobre EaD, sua história, o planejamento e implementação, o uso das tecnologias necessárias e sobre o papel do tutor. Quanto ao trabalho do professor e dos tutores, acredito que foi um bom modelo, gostei da interação on line que tiveram com os alunos, atendendo às suas expectativas. (AA)

Aprendi que o tutor pode apoiar os alunos, ajudando-os a lidar com questões não relacionadas com o conteúdo, que possam afetar a sua aprendizagem; orienta-los, ajudando-os a compreender o conteúdo e a sua relação com os seus objetivos de aprendizagem; que o tutor deve ser capacitado, ajudando os alunos a desenvolver e aplicar os processos de aprendizagem com eficiência. (CO)

No ensino à distância exige-se mais do aluno e do tutor do que eu imaginava. É uma grande oportunidade de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal/profissional. Através da

metodologia utilizada no curso, os momentos em aula foram bastante dinâmicos e produtivos. Percebi que nesse processo de ensino à distância, o professor repassador de informações deu lugar a um agente organizador, dinamizador e orientador da construção do conhecimento do aluno e até da sua auto-aprendizagem.(NL)

Em relação a percepção dos tutores sobre o trabalho da tutoria, temos os seguintes relatos:

Grande intimidade com o ambiente e facilidade de interação e acompanhamento de nossas dúvidas e expectativas. (A)

Conhecimento que o tutor e professor devem ter da compreensão plena do Plano Pedagógico Institucional que contribui para diminuir a ambigüidade a que ficam submetidos os integrantes do processo tutorial e, conseqüentemente, melhorar a qualidade da tutoria. A falta de entendimento e confiança por parte de alguns tutores e professores são os fatores que poderão contribuir para as dificuldades encontradas nesse modelo educacional e que necessitam de pleno esclarecimento do processo, além de um período de adaptação e um eficiente acompanhamento. (P)

Poderei contribuir juntamente com meus colegas de EAD em mais um trabalho pedagógico de muita significação e amplitude social, levando para aqueles que não podem fazer um curso superior presencial, possam ter acesso a eles através da EAD. (LJ)

As relações se dão, de forma recíproca entre aluno, monitor, tutor e o ambiente virtual de aprendizagem. Para que as relações entre tutor e monitor sejam bem sucedidas é necessário o comprometimento e o desenvolvimento de um trabalho cooperativo.(PI)

Os tutores aprenderam a trabalhar com o ambiente virtual de aprendizagem do curso, operacionalizando as ferramentas deste. Tiveram oportunidade de ingressar e se aprimorar em uma experiência efetiva de EAD. Travaram interações online e conheceram o papel do tutor e habilidades específicas para desenvolver um trabalho consistente; apropriaram-se da metodologia de ensino da EAD; estudaram sobre o desenvolvimento e importância das TIC no contexto atual; conheceram o panorama, estrutura e funcionamento da EAD; observaram e analisaram o processo de expansão da EAD; familiarizaram-se com o gerenciamento do tempo e do espaço na EAD e exercitaram a disciplina para a realização das atividades propostas.

As dúvidas no aprendizado se converteram mais em necessidades, tais como utilizar com maior intensidade o ambiente virtual de aprendizagem e se familiarizar com as outras interfaces do ambiente, como, por exemplo, as ferramentas disponíveis para o perfil de tutor.

O reconhecimento do que precisam melhorar apontam para a necessidade dos tutores realizarem maior aprofundamento nas leituras para terem mais segurança nas futuras orientações, bem como utilizarem as ferramentas do ambiente com habilidade e, sobretudo, interagirem mais com os participantes do curso, conforme se percebe nos relatos a seguir:

A minha disciplina diária para interagir com o ambiente.  
(CC)

Ser mais paciente, buscando as interações e ser mais segura. (ID)

Praticar as ferramentas para melhor interagir com os alunos e professor responsável pela turma que estiver tutorando. (JB)

Aprofundar mais, no que diz respeito a navegação, para obter uma maior agilidade nas atividades, ou seja, evitando problemas simples e otimizando tempo para oferecer o máximo possível de informação. (PI)

Melhorar meu entendimento sobre os relatos, análise dos textos, aprofundar mais no assunto das tecnologias da informação e comunicação. Sintonizar as matérias de forma clara e coesa.  
(GA)

Melhorar a minha participação mais ativa nas ferramentas de interação do Eproinfo?. (JB)

Lidar com o fator tempo.(LR)

Os tutores sinalizam que os professores que acompanharam a turma demonstraram conhecer as perspectivas pedagógicas do curso, bem como tiveram sensibilização para questões externas que perpassaram a atuação dos tutores, para tanto conheciam o perfil dos mesmos e mantiveram a motivação através de uma contínua interação professor-tutor. Neste sentido, reconheceram o tutor como um multiplicador, mediador, organizador e orientador da construção do conhecimento pautado em um trabalho cooperativo.

## 5. Considerações Finais

A educação online tem favorecido o desenvolvimento de diversas atividades, nas mais diferentes categorias. Neste sentido, a expansão e democratização do acesso a informação tem se realizado junto a iniciativas públicas e privadas.

Constatamos que a implementação da modalidade de EAD pelas universidades tem ampliado as oportunidades de formação continuada. Este estudo buscou averiguar o desenvolvimento de uma destas propostas.

Constatamos que o I Curso de Formação de Tutores do Curso Piloto de Administração a Distância da UAB possibilitou aos tutores uma formação consistente para desenvolverem as atividades da tutoria.

A partir da análise das categorias descritas no estudo, identificou-se que o curso foi significativo para os tutores envolvidos, expressas nas respostas dos mesmos na formação recebida.

Os tutores ficaram satisfeitos em participar do curso, e mesmo com limitações, demonstraram avanços sobre os conhecimentos referentes a EAD, bem como a compreensão da proposta de formação de tutores apresentando-se como interessados em exercer a atividade de tutoria.

Os dados revelam a pertinência do curso para formação dos tutores, visto a pouca experiência e familiaridade com a modalidade da EAD e com as ações do tutor até o momento da execução das mesmas no curso. De acordo como a investigação, as hipóteses do estudo foram confirmadas, consolidando a qualidade do curso e efetivando os objetivos pretendidos por ele.

Também, no que se refere investigar se o curso aproximou a realidade da tutoria, até então pouco conhecida pelos tutores e se o curso buscou apresentar e sistematizar o papel do tutor junto aos mesmos, a fim de que estes interiorizassem as habilidades necessárias para exercerem a atividade de tutoria com consistência, constatando-se que o curso enfatizou discussões pertinentes ao trabalho da tutoria, explorando as características do tutor na atividade final.

Ao examinarmos as impressões dos tutores em relação ao processo de formação e no trabalho do mesmo, constatou-se efetiva compreensão quanto as competências deste e seu papel no acompanhamento de atividades da educação online.

A metodologia de capacitação de tutores em EAD utilizada no Curso de Administração da UAB na UFAL envolveu atividade inovadoras para a maioria dos tutores envolvidos e os que serão integrados com a abertura de novos cursos de graduação, extensão e pós-graduação a distância oferecidos pela UFAL. Com isso, torna-se necessário buscar formas alternativas de ensino, visto que trabalhar com um número elevado de tutores, durante o período presencial exige, tanto por parte do professor, quanto por parte do tutor uma articulação que se fará presente na atuação dos envolvidos no processo.

As instituições que oferecem EAD devem ter a preocupação de formar o tutor por meio de cursos de capacitação e averiguar o seu desempenho. É importante que sejam

oferecidos cursos preparatórios, de forma permanente, para que os tutores conheçam o funcionamento dessa modalidade de ensino, além de proporcionar aos tutores capacitação sobre as técnicas de EAD e práticas tutoriais para ampliar os temas de estudo.

### Referências

BELLONI, Maria L. Educação a distância. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

GONZALEZ, Mathias. Fundamentos da tutoria em educação a distância. São Paulo: Avercamp, 2005.

MERCADO, Luís P. Tutoria no Curso TV na Escola e os desafios de hoje. In: \_\_\_\_\_. Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação. Maceió: Edufal, 2006.

\_\_\_\_\_. Percursos da formação de professores com tecnologias da informação e comunicação na educação. Maceió: Edufal, 2007.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. Educação a distância: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NOTÓ, Francisc. A ação tutorial para atender a diversidade dos alunos. In: ARGÜÍS, Ricardo et al. Tutoria: com a palavra, o aluno. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PALLOFF, Rena M; PRATT, Keith. Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula online. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PETERS, Otto. Educação à distância em transição: tendências e desafios. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

UAB/UFAL. Projeto Político Pedagógico do Curso de Administração na Modalidade a Distância. Florianópolis: UFC, 2006.

# GÊNEROS DIGITAIS COMO MATERIAL DIDÁTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Edilayne Dantas da Silva

## 1. Introdução

Entre os comentários comuns feitos sobre o ensino da Língua Portuguesa, estão os de que é uma língua complicada e pouco atrativa, o que leva os professores a uma prática enfadonha. Diante disso, alguns recursos estão sendo inseridos na metodologia do ensino da língua para atrair a atenção do alunado e retirar os rótulos negativos que circundam o ensino do nosso idioma, além de contribuir para a melhoria no aprendizado.

Levando em consideração o fato de que o ensino nas escolas deve ser voltado para a qualidade das aulas, visando à aprendizagem como meta a ser atingida através de meios que levem o aluno ao interesse pelas aulas e à absorção dos conteúdos, e o processo de digitalização que se estabelece com extrema rapidez no mundo, as escolas não poderiam ficar à margem do processo de inserção de novas tecnologias, entre elas, o computador para acesso à Internet.

O uso da Internet é cada vez mais fácil e freqüente, pois, mesmo os alunos que não dispõem de computador, podem acessá-lo por outros meios, um deles são as casas que disponibilizam computadores para o público em geral. Daí cabe ao professor de Língua Portuguesa inseri-los nesse contexto, aliando a prática de sala de aula a uma ferramenta presente no cotidiano dos alunos e tornar as aulas interativas e atrativas.

Com o uso da Internet, é possível proporcionar uma infinidade de ambientes, visto que o aluno não se vê mais apenas no ambiente escolar, podendo acessar às aulas ou mesmo às atividades propostas de casa ou do local em que tiver acesso à rede. A partir dela, podem ser trabalhados os gêneros digitais em benefício da Língua Portuguesa e do aprendizado.

## 2. Gêneros digitais: da linearidade textual à hipermídia

Segundo Marcuschi (2004), o gênero digital possibilita o trabalho da oralidade e da escrita bem como os gêneros textuais tradicionais utilizados na escola, pois se apresentam como uma evolução destes. E define, ainda, como gênero digital todo o aparato textual em que é possível, eletronicamente, utilizar-se da escrita de forma interativa ou dinamizada.

Os e-mails, chats, blogs, vídeos-conferência e todos os outros recursos disponíveis na Internet - Exceto a homepage, os jogos interativos e o hipertexto. Marcuschi define os dois primeiros como suportes, sendo o primeiro, suporte de várias informações acessíveis ao usuário; e o segundo é caracterizado como suporte de ações complexas e avançadas. - fazem parte da comunicação eletrônica e podem ser trabalhados pelo professor de Língua Portuguesa que deseje enquadrar seu aluno no processo evolutivo de aprendizagem. A partir do momento em que o professor passa a trabalhar os gêneros digitais com o objetivo educacional, estará dando ao aluno uma nova visão desses gêneros, aliando o ensino ao prazer da comunicação digital.

Algumas diferenças entre os gêneros textuais utilizados em sala de aula tradicionalmente e os gêneros digitais podem ser apontadas.

É possível observar que os gêneros tradicionais da escrita (cartas, bilhetes, postais) não ocorrem em tempo real (assíncronos), o que dificulta a comunicação imediata, enquanto que o chat (bate-papo) apresenta a característica do imediatismo (sincronia) e da possibilidade de grande quantidade de interlocutores, o que seria um ótimo trabalho de interação com o aluno. E mesmo os e-mails e os blogs, que são semelhantes ao gênero tradicional por terem a possibilidade da correção (facilitada pelo tempo de que dispõe o autor), no momento em que são emitidos, para só depois ser passado ao destinatário ou ao público que os acessará (no caso do blog), dispõem de recursos áudios-visuais e de uma diversidade de formatos e apresentações que os gêneros tradicionais não possuem.

É possível aliar imagem, som e texto num único gênero digital, proporcionando dinamismo, além de ser intensa a quantidade de texto e arquivo que se pode enviar num único e-mail. Daí sua vantagem sobre os outros gêneros e seu caráter inovador, como lembra Marcuschi (2004).

Alguns apontam como uma das desvantagens dos gêneros digitais o fato de a Internet levar o indivíduo à introspecção e à anulação de algumas habilidades. Outro ponto que se destaca comumente sobre o uso desses gêneros é o fato de ser mínima a preocupação do usuário em fazer possíveis correções do que escreve por ser também mínima a cobrança dos que se utilizam da Internet. Tanto a primeira quanto a segunda desvantagem devem ser analisadas com cuidado, pois não se sabe até que ponto são

consistentes e se é possível haver generalizações. No entanto, o que se enfatiza aqui é a utilização desses gêneros em sala de aula. O professor, certamente qualificado para tal, direcionará sua utilização com fins pedagógicos, o que não constitui uma desvantagem ou ameaça às relações pessoais do usuário. O importante é destacar a relevância desses gêneros como meio de interação e de envolvimento com o imaginário do autor.

### 3. Gêneros digitais na Língua Portuguesa

Trabalhar gêneros digitais em sala de aula nas aulas de Língua Portuguesa consiste num atrativo que propiciará aos alunos um melhor nível de aprendizado. A utilização dos chats, dos fóruns de discussão e das outras formas de se trabalhar a linguagem escrita desperta no aluno o interesse pela modalidade, dependendo da forma como se desenvolve a proposta de atividade, pois, se a proposta não se faz interessante, cairá em lugar comum. Daí a necessidade de existir criatividade por parte do professor para trazer o novo, o diferente para a sala de aula.

#### 3.1. Bate-papo (chat)

O chat, bate-papo virtual, é definido por Santos (2005) como um meio de comunicação por escrito que ocorre em tempo real e em meio eletrônico. Com a utilização desse gênero digital, é possível existir interação entre várias pessoas sobre um tema em comum.

Nesse gênero, a escrita é produzida com características da fala por se tratar de uma forma de comunicação que se efetiva de forma rápida e descontraída. Os usuários podem utilizar-se de reduções, abreviações e onomatopéias sem que haja cobranças de correções.

A conversa virtual não possibilita certas manifestações concernentes à conversa realizada oralmente, como o toque do interlocutor. Enquanto a conversa se efetiva, risadas e expressões faciais da forma convencional, são reproduzidas com símbolos e grafias que tentam aproximar-se do som na linguagem falada. Os emoticons, as chamadas carinhas, representam os movimentos de expressão facial, enquanto que os efeitos sonoros como risadas e expressões de tristeza podem também ser grafados como reprodução sonora ou com sinais de pontuação expressiva.

Bonilla e Halmann (2006) apontam duas possibilidades de efetivação dos chats: aqueles que ocorrem de forma livre, sem mediador e os que têm os textos supervisionados por alguém que definirá o que será remetido ao convidado.

Nos chats que ocorrem de forma livre, há um convidado que responde às perguntas feitas pelos participantes da conversa que produzem seus textos livremente, sem que haja revisão por terceiros. Nesse tipo de bate-papo, é possível que um participante mude o direcionamento da conversa, descentralizando o tema. Segundo Mercado (2004), esse sistema permite que os participantes optem pelo anonimato, utilizando-se de um nickname, proporcionando até mesmo a representação de um personagem.



Fig. 1 - Exemplo de Chat

Nos chats mediados, há algumas regras a serem cumpridas pelos participantes e alguém determinado previamente fica responsável por observar o que é enviado pelos outros participantes e selecionar os trechos ou perguntas adequadas ao direcionamento do assunto abordado pelo entrevistado. Lembra Marcuschi (2004), o entrevistado, numa conversa com muitas pessoas só poderá responder a algumas perguntas, além de poderem existir perguntas inconvenientes ou que possam causar constrangimentos.

De acordo com Bonilla e Halmann (2006), nesse tipo de chat há uma relação de superioridade na qual há uma pessoa que não é apresentada aos participantes que decide o que é ou não relevante à conversa, não se estabelecendo de fato um diálogo que vá além de perguntas direcionadas e pré-selecionadas.

Um dos fatores importantes nesse tipo de comunicação virtual é a possibilidade de arquivamento dos diálogos para que sejam analisados depois e retomados, se preciso.

No caso do uso desse recurso em Língua Portuguesa, o professor tem como instituir um bate-papo entre vários usuários a partir de um assunto que pode ser polêmico ou não e salvar as informações para que sejam avaliadas.

Uma proposta de utilização de chat na sala de Língua Portuguesa tem como objetivo proporcionar a interação entre os participantes, familiarizar os alunos com o gênero chat, fazer com que o aluno perceba outras possibilidades de discussão além da sala da oral.

O professor abordará temas polêmicos em sala de aula, através de vídeos e de materiais fotocopiados. Nesses materiais, serão mostrados pontos de vista de autores e imagens sobre o assunto abordado, como documentário, a partir da leitura e da visualização das imagens. A partir daí, o professor encaminhará seus alunos à sala de informática, avisando-os de que participarão de um chat com em que serão levantadas questões sobre o tema, onde poderão expor suas opiniões sobre o que viram e leram nas quais previamente, serão repassadas informações sobre o que caracteriza o chat e o que o compõe, como a possibilidade da interação com outros participantes e a gravação do que é conversado para posterior avaliação.

É importante que o professor alerte que não é necessário que haja preocupação exagerada com possíveis erros ortográficos, pois o que estará sendo considerado será o processo de interação, a capacidade de argumentação, a coerência entre o que é abordado e discutido e a ampliação de conhecimento dos participantes, que será resultante dessa interação. Se o professor cobrar dos alunos em chat a correta grafia das palavras, a escrita perfeita, estará fugindo do que é característico nesse gênero digital, fazendo com que se perca a essência da proposta. Não parece nada agradável e proveitoso que o professor esqueça-se de observar o que é mais importante em um processo interativo online e detenha suas observações em correções de cunho ortográfico.

O professor lançará uma pergunta específica sobre o que viram e se disponibilizará para, além de respondê-las, tirar as dúvidas que surgirem a qualquer momento.

Numa atividade como essa, é possível que surjam alguns contratemplos, como aponta Mercado (2004), o professor poderá sentir dificuldade em interagir com várias pessoas ao mesmo tempo. No entanto, é um tipo de atividade diferenciada das discussões tradicionais, que proporciona ao aluno um ambiente distinto para a colocação de suas dúvidas sobre o tema e de seu ponto de vista.

### 3.2. Blog

O blog ou diário virtual consiste em um sistema simples de publicação na web, no qual são postadas mensagens, que podem estar com links, imagens e outros signos lingüísticos, como afirma Ribeiro (2006). O autor do blog pode postar textos, comentários, acontecimentos, links para outros sites e blogs, em ordem cronológica, disponibilizando aquele espaço para que os visitantes comentem o que foi postado. Possui,

em geral estrutura leve, textos leves de descrição ou opinião, como ressalta Marcuschi (2004), porém, pode apresentar textos mais longos para comentários posteriores.

Com a utilização desse recurso, o professor de Língua Portuguesa proporcionará aos alunos um processo de interação, visto que os visitantes poderão postar mensagens sobre o que o dono do blog disponibilizou e também sobre o que outros visitantes dispuseram no espaço. A partir daí, o professor poderá proporcionar um momento de reflexão textual, visto que o aluno, para efetivar a análise do que foi postado, precisará ler e compreender o contexto do que foi escrito.

Conforme o uso de blogs e visitas aumentam, novos direcionamentos são dados à utilização dos mesmos. Como destaca Ribeiro (2006), passaram da exposição ampla da intimidade do criador do blog a publicações de discussões sobre temas de conhecimento geral como profissão e política. Portanto, levando em consideração que podem ser postados temas polêmicos, de cunho social ou mesmo resultados de pesquisa, o professor poderá proporcionar um trabalho com resultados eficazes e proveitosos. Além disso, os alunos poderão ver postados textos de sua autoria para que outros visitantes tenham comentários e observações.

#### Fig. 2 - Exemplo de blog

Uma proposta de utilização do blog na aula de Língua Portuguesa tem como objetivo proporcionar uma nova experiência na produção de textos, estimular a capacidade crítica através da análise de fatos ou textos, ampliar a capacidade de interação, familiarizar os alunos com o gênero blog.

A atividade envolve cinco etapas: a de leitura e conhecimento do gênero textual crônica, a de leitura e conhecimento de temas relacionados aos problemas sociais, a de produção de textos em Power Point, pelos alunos, a de seleção e correção do gênero produzido e a de divulgação no blog dos textos selecionados.

Inicialmente, o professor exporá as características e definição do gênero textual crônica. Esse processo será feito a partir de textos utilizados como exemplos para que os alunos familiarizem-se com o conteúdo. Esse gênero será trabalhado em sala até que não restem mais dúvidas de sua estruturação. É importante que as crônicas trabalhadas abordem temas ligados aos problemas sociais, pois trabalhar crônicas com uma temática qualquer e, posteriormente abordar a temática desejada fará com que o trabalho fique desconexo.

Enquanto é trabalhada a estruturação da crônica, o professor abordará o problema social a que foi dado enfoque no gênero, dando início à segunda etapa da atividade, que consiste no reconhecimento da temática a ser trabalhada.



O professor informará seus alunos o objetivo da ligação entre o gênero textual e o tema estudado, deixando claro que produzirão um texto do mesmo gênero, a partir da mesma temática, porém, que esta produção deverá ser feita em Power Point e com o auxílio de imagens e matérias de jornal impresso. O aluno irá pesquisar em jornais, revistas e na Internet.

Colocados em duplas, os alunos escolherão a imagem ou matéria da qual se agradem mais e, a partir dela, produzirão uma crônica usando o Power Point. Em seguida, o professor pedirá que os alunos escolham uma imagem para compor a página inicial do blog, essa escolha será feita por votação.

É importante salientar que nessa avaliação, o professor deverá levar em consideração os seguintes critérios: os alunos conseguiram desenvolver o texto com estrutura de crônica? Fizeram a devida relação do texto com a imagem ou matéria jornalística? O caminho dado à história do texto realmente aponta os problemas sociais? Esses são os pontos principais a ser observados. Posteriormente, será feita uma análise semântica e sintática das produções, bem como ortográfica.

Feitas as correções, o professor elegerá 10 textos mais criativos para disponibilizar no blog para que o público comente. Em seguida, o professor estimulará os alunos a visitarem o blog, bem como seus pais e amigos para que vejam as produções e deixem seus comentários.

Todos que fizeram parte do processo de criação do blog vêem o que foi criado por eles, sendo exposto ao público e comentado.

### 3.3. Fórum de discussão

Com a propagação do uso da Internet como meio de interação, as instituições de ensino passaram a fazer uso dos recursos disponibilizados online para proporcionar discussões sobre determinados temas. Um desses recursos são os fóruns de discussão, classificados por Paiva e Rodrigues Júnior (2007) como uma modalidade de gênero

digital que possui objetos comunicativos diversos e efetivada por membros de uma mesma comunidade virtual. Nesses fóruns são postadas dúvidas, perguntas sobre temas variados e as pessoas opinam, respondem a questionamentos.

No entanto, como destaca Cunha (2007), alguns se sentem inibidos a postarem suas mensagens por saberem que serão lidas por professores e por outros alunos. Faz-se importante, portanto, a orientação do professor para que os alunos percebam que o real objetivo dos fóruns de discussão é levantar questionamentos e interagir com o professor e colegas de turma.

Compor nova mensagem		Ordenar por: árvore	
#	Título	Autor	data
1.	<a href="#">Objetivo deste fórum</a>	Sílvia de Oliveira Kist	08/10/2001
2.	<a href="#">Informações da coorden...</a>	Márcia Lúcia Fernandes Carneiro	07/10/2001
3.	<a href="#">Uso do correio!!!!!!!</a>	Márcia Lúcia Fernandes Carneiro	08/10/2001
4.	<a href="#">DICA sobre auto-avaliação</a>	Sílvia de Oliveira Kist	11/10/2001
5.	<a href="#">URGENTE (Para Mara)</a>	Yviane Sá de Lima	08/11/2001
6.	<a href="#">Conhecendo Lucila Sant...</a>	Claudia Barreto de Arruda	08/11/2001
7.	<a href="#">Simpósio</a>	Claudia Barreto de Arruda	09/11/2001
8.	<a href="#">AVISO p/ TODOS</a>	Sílvia de Oliveira Kist	09/11/2001
9.	<a href="#">Auto-avaliação???</a>	Márcia Lúcia Fernandes Carneiro	12/11/2001
10.	<a href="#">Para: Mara URGENTE</a>	Yviane Sá de Lima	22/11/2001

Fig. 3 - Exemplo de fórum

Uma proposta de atividade utilizando o fórum de discussão com alunos de Língua Portuguesa tem o objetivo de trabalhar a ambigüidade presente em textos curtos de forma diferenciada, proporcionar a interação e incentivar o olhar crítico.

O professor inicia a proposta explicando, em projetor multimídia, em que consiste a ambigüidade. Em seguida, mostrará como esse recurso textual é utilizado nos textos publicitários e qual o objetivo. Serão expostos e discutidos vários exemplos de anúncios com esse recurso para que os alunos familiarizem-se.

A segunda etapa, a de produção textual, consistirá na procura de imagens, na Internet, de propagandas com textos ou imagens que os alunos julguem ambíguos. Posteriormente, todos farão a análise de seus textos em Power Point.

O professor observará os temas das propagandas escolhidas pelos alunos e fará um sorteio desses temas como, por exemplo, propaganda de bebida, de banco, de carro, entre outros e recolherá as análises que o apresente. Em seguida, fará um segundo sorteio, em que escolherá um dos trabalhos para ser exposto em projetor multimídia.

O próximo passo consiste na criação do fórum de discussão em que será postada uma pergunta sobre a análise do texto publicitário, aliado à imagem. A partir daí, estará criado o fórum para que outros comentem e tirem suas dúvidas.

Para o processo avaliativo, o professor observará se os alunos conseguiram analisar a ambigüidade corretamente no texto, em conjunto com a imagem, se houver; se participaram efetivamente do fórum expondo idéias coerentes e relativas ao que foi proposto.

Ao trabalhar com esse gênero digital, o professor deve ter em mente que alguns alunos poderão apresentar um posicionamento sempre favorável ao que foi exposto, não apresentar opinião, ou mesmo mudar o foco do tema exposto. No entanto, são atitudes comuns tanto em fóruns quanto em chats, por se tratar de comunicação livre em que os participantes se conhecem.

#### 3.4. Correio eletrônico (Email)

É comum, em sala de Língua Portuguesa, a realização de produção de textos escritos, em que o autor imagina um destinatário e uma situação para enviá-los. São eles os bilhetes, as cartas, os postais. Porém, com o avanço tecnológico e o uso freqüente dos gêneros digitais fora da sala de aula, os professores já perceberam a necessidade de se trabalhar também em sala esses gêneros. Os livros didáticos atuais já trazem em suas unidades a inserção do gênero digital, inserindo o ensino em sala na realidade da maioria do alunado e da globalização.

Vale salientar que o gênero digital não deve ser trabalhado em detrimento dos gêneros tradicionais, visto que não há a possibilidade de anulação destes, pois um não oferece risco ao outro. Como lembra Marcuschi (2004), o mundo já chegou a pensar que o telefone seria uma ameaça aos correios, porém, sabe-se que não era bem assim. Portanto, esses gêneros devem ser trabalhados em conjunto com os antes existentes.

O e-mail, segundo Marcuschi (2004), é uma forma de comunicação escrita normalmente assíncrona de remessa de mensagens entre usuários de computador. Nesse tipo de comunicação, o destinatário é, geralmente, pessoa conhecida do remetente, daí o fato de a maioria das postagens não ser anônimas.

Alguns itens fazem parte desse tipo de mensagem como a abertura, que corresponde à saudação, o fechamento do texto ou despedida e a assinatura do remetente. Tais itens não são obrigatórios, como lembra Assis (2005), pois pode haver um contexto em que não seja necessário utilizar-se desses itens, porém ocorre em grande parte dos emails enviados, como afirma a autora.

Para Assis (2005), esse tipo de texto apresenta algumas características peculiares. A preocupação mínima com os erros gramaticais é uma delas. Por se tratar de um texto trocado entre amigos na informalidade, em sua maioria, os usuários não vêem necessidade em se fazer correções.

Uma proposta de atividade em aula de Língua Portuguesa. Utilizando o email, tem o objetivo de inserir e incentivar o aluno no contexto do gênero digital email, despertar a desenvoltura através da leitura expressiva.

O professor poderá trabalhar esse recurso textual promovendo um processo de interação entre os participantes e envolvendo o imaginário de cada um deles. Desta forma, o email não será apenas um meio de correspondência.

Inicialmente, o professor separará as turmas em duplas. Previamente, serão criados contextos situacionais e personagens que os alunos terão de representar definidos em pedaços de papel. Seguem abaixo dois exemplos do que pode ser o conteúdo dos papéis:

#### Exemplo 1

Personagens: Mãe e filho

Remetente: Filho que está fora do país estudando e há anos não vê a família.

Destinatário: Mãe saudosa que pretende ir morar com o filho.

#### Exemplo 2

Personagens: Marido que serve o exército e está em guerra em outro país

Remetente: Esposa que deu à luz a um menino.

Destinatário: Marido que, ao partir, deixou a esposa grávida de seu primeiro filho.

Exemplos como os supracitados serão distribuídos aos alunos para que eles produzam seus textos, de acordo com a proposta. Após essa etapa, os alunos que não tiverem email, criarão uma conta gratuita para fazer a atividade. Previamente, o professor mostrará como deve ser escrito o email através de uma imagem que servirá de exemplificação, exibida em projetor multimídia para que os menos familiarizados tenham idéia do que são cada item alertando-os dos seguintes pontos: o preenchimento do campo assunto, alertando-os de que esse campo geralmente é preenchido com algo

que resume a mensagem, necessidade da presença de uma saudação, informalidade da língua, possibilidade da inserção de emoticons para tornar o texto mais expressivo, presença de reduções, abreviações e siglas, possibilidade de inserção de anexos com arquivos de slides, textos, fotos, entre outros.

Após essa etapa, o professor orientará os destinatários a lerem os emails e respondê-los, seguindo os mesmos caminhos do remetente. O professor pedirá que cada aluno permaneça com os emails que receberam abertos para que possam lê-los em voz alta aos outros colegas de turma.

No processo avaliativo, será observado se o aluno conseguiu manter a composição estrutural do email, utilizando-se de algum recurso listado, como a inserção de anexos ou uso de emoticons, desenvolver o texto de acordo com o que foi proposto e ler o texto de forma expressiva e de acordo com a situação vivida por seu personagem.

### 3.5. Homepage

A homepage ou página inicial de sites é definida por Bezerra (2007) como um gênero introdutório, visto que introduz o usuário no site, funcionando como porta de entrada. Marcuschi (2004) não define homepage como gênero já que se caracteriza por ser um ambiente específico para que uma série de informações seja localizada, sendo, simplesmente, um suporte, um serviço eletrônico.

Esse recurso pode ser de grande utilidade em sala de aula se usada com fins pedagógicos. Por ser a página inicial dos sites, a maioria dos alunos já teve contato com a homepage e já deve ter-se perguntado como se dá o processo de formação desse suporte.

Nesse tipo de suporte, podemos inserir tópicos do site como “ajuda”, “início”, “notícias”, “fale conosco”, como lembra Bezerra (2007) e links que abrirão passagem para outros sites ou mesmo para gêneros textuais diversos. Esse portal pode apresentar imagens atrativas e recursos de áudio para tornar a navegação mais agradável, porém, essas características não funcionam como regra, não havendo, portanto, um modelo único de homepage.



Fig. 4 - Exemplo de homepage

O professor poderá trabalhar a criação da homepage em sala de aula, levando os alunos à participação do processo, desta forma, estarão vivenciando uma atividade diferenciada das tradicionais.

Uma proposta de atividade com o uso de homepage nas aulas de Língua Portuguesa tem o objetivo de promover a interação, estimular a coletividade e a produção textual, inserir o hábito de navegação com fins pedagógicos.

Nesta atividade, o professor deverá, em conjunto com os alunos, criar uma homepage que trará textos exclusivos, análise de livros trabalhados em sala, produções realizadas pelos próprios alunos, plantão de dúvidas, provas gabaritadas, atividades de revisão de Língua Portuguesa e Redação, análises interpretativas e o link momento do aluno, onde serão anunciados os eventos como exposições, peças teatrais e qualquer atividade realizada pelos alunos da série. Os alunos também contribuirão para a criação de novos links.

Inicialmente, o professor pedirá aos alunos que dêem idéias daquilo que poderá ser inserido na página e que sirva de orientação para os usuários. Recolhidas as idéias, o professor selecionará as mais interessantes e que tenham a ver com o objetivo da homepage.

A segunda etapa será a de escolha das imagens que comporá a página. Os alunos contribuirão mais uma vez com as sugestões. Posteriormente, será dado início a etapa de produção, em que os alunos ficarão responsáveis pela produção de textos que serão postados nos links, podendo ser análise de livros paradidáticos, de textos ou mesmo a criação de textos com gêneros precientemente definidos pelo professor.

O professor ficará com a tarefa de inserir na página as atividades de revisão, provas já trabalhadas e avaliadas, com os devidos comentários e atividades de revisão.

A proposta apresenta todo um processo de produção e coleta de textos, além da seleção de todos eles para a divulgação. Além de ser de suma importância e serventia a sua utilização, pois servirá como suporte pedagógico não só para os alunos da série envolvida, mas para qualquer um que tenha o interesse no conteúdo trabalhado naquele nível escolar.

O processo avaliativo desta atividade será a partir do desempenho de cada um, da contribuição dada pelos alunos, além das atividades e produções postadas na página.

### 3.6. Hipertexto

Segundo Ribeiro (2006), hipertexto consiste em uma forma de estrutura textual realizada no ciberespaço, que permite ao leitor ser o co-autor de seu texto em níveis diferentes de desenvolvimento.

O professor de Língua Portuguesa poderá fazer uso do hipertexto em suas aulas de várias formas diferentes, porém, aqui será destacada uma delas que valoriza o aluno como autor de seu hipertexto. A proposta tem como objetivo utilizar o hipertexto e produzir os hiperlinks, aprimorar a capacidade de compreensão textual, trabalhar a coerência e a coesão textual, apresentar um texto de própria autoria.

Pesquisas serão realizadas na Internet sobre um tema que será trabalhado e explorado em sala de aula. Os alunos discutirão sobre o tema e opinarão sobre o que é abordado.

A seguir, os alunos criarão um texto de opinião (ou qualquer outro tipo de gênero que tenha sido trabalhado em sala) a partir das informações lidas, procurarão e selecionarão em seu texto palavras que possam apresentar estreita relação com o tema, farão seleção ou criação de textos que possuam relação com as palavras pré-selecionadas, inserção de hiperlinks, exposição dos textos.

Os alunos darão início à pesquisa enquanto o professor observa se estão seguindo o caminho certo. Após a pesquisa, criarão seu próprio texto no Word, onde exporão suas idéias sobre o que foi pesquisado.

Após a criação do texto, serão orientados a observar as palavras que entendem como importantes e coerentes com o rumo que querem dar ao texto, pensando sempre no caminho que ele quer que outras pessoas, ao lerem seu texto, possam seguir.

A partir daí, o professor auxiliará os alunos na inserção dos hiperlinks, ou seja, das ligações para outros textos, sendo esses mesmos textos também criados pelo próprio aluno ou mesmo pesquisados na Internet.

Por causa da quebra da linearidade presente nesse tipo de produção textual, o professor, além de estar possibilitando ao aluno a produção, observando-se a coerência e a coesão do tema escolhido com o que é produzido, também estará sendo observada a capacidade de compreensão do aluno do tema e da ligação que ele fará do texto e seus hiperlinks.

Posteriormente, serão levados a revisar seus textos, bem como os possíveis caminhos criados por eles através dos hiperlinks.

Os alunos exporão seu trabalho para os outros de forma que comentem as dificuldades que sentiram ao fazer a atividade proposta, justificando as palavras que selecionaram para compor o hiperlink e explicando seu texto à classe.

Na avaliação, o professor observará se os alunos foram capazes de produzir um texto coerente com o tema explorado em sala, criar um texto no gênero solicitado pelo professor, selecionar as palavras que possuam coerência com o tema, estabelecer uma ligação coerente do texto-base com o texto exposto no hiperlink, organizar a apresentação de sua pesquisa.

### 3.7. Hipermissão

Braga (2004) define hipermissão como a reunião de várias mídias num sistema computacional.

O uso do hipertexto em comparação com os recursos utilizáveis em ambiente multimídia (webcam, microfone acoplado ao computador, vídeos) não apresenta tanta diversidade. No entanto, com os resultados obtidos com o ambiente multimídia, em relação à aprendizagem o aluno poderá absorver melhor conteúdos, a partir do momento que alia seu imagem, som e texto.

O aluno poderá criar situações que vão da gravação de sua própria voz para efetuar a narração de um texto trabalhado em sala até a criação de propagandas ou de sistemas de comunicação como o telejornal digital e emissoras de rádio.

Entre outras possibilidades de utilização desse ambiente, uma proposta de seu uso nas aulas de Língua Portuguesa tem como objetivo familiarizar o aluno com as ferramentas utilizadas, despertar o interesse pela produção textual, reconhecer as etapas para a construção de um texto narrativo.

O professor iniciará explicando as características de um conto. Posteriormente, os alunos criarão um conto no Power Point, inserindo figuras pesquisadas na Internet ou do clip-art que tenham relação com o que é narrado. Gravarão a própria voz narrando o que foi produzido para apresentação posterior e apresentarão o trabalho produzido em projetor multimídia para a classe.

Para que a gravação de voz ocorra é necessário que o professor oriente individualmente os alunos como ativar o microfone. É importante que o aluno adquira autonomia na utilização dos recursos, daí a importância de apenas uma orientação primária dessa utilização.

Os alunos farão a apresentação de sua gravação no projetor multimídia, analisando a entonação de voz, as imagens utilizadas, a forma como foi produzido o desfecho da história e a criatividade.

Na avaliação, o professor observará se os alunos foram capazes de inserir as características do conto corretamente, produzir uma história coerente, inserir imagens condizentes com a narrativa, emitir entonação de voz de acordo com a situação pela qual passa o personagem, utilizar-se da criatividade para a criação dos slides.

#### 4. Considerações finais

As atividades aqui apresentadas correspondem a algumas das inúmeras possibilidades de trabalhar os gêneros digitais em salas de aula de Língua Portuguesa. É possível utilizar o blog, o fórum, o email, entre outros, como aliado para a propagação do conteúdo e para que haja a interação entre o grupo.

Com os avanços tecnológicos, o professor que permanece com a prática de ensino onde somente ele é o praticante de ações e onde os alunos são apenas receptores, que não interagem, não está inserindo seu aluno no contexto do mundo atual.

A partir do momento em que o aluno interage com o professor ou com os colegas de sala, produzindo, sendo participante das aulas, desenvolve o gosto pelo ensino, principalmente da Língua Portuguesa, da qual se tem uma visão deturpada de que é complicada e maçante.

#### Referências

ARAÚJO, Júlio C. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (org.). Hipertexto e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 91 – 143.

ASSIS, Juliana A. Ensino aprendizagem da escrita e tecnologia digital: o e-mail como objeto de estudo e de trabalho em sala de aula. In: COSCARELLI, Carla V.; RIBEIRO, Ana E. Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.209 – 239.

BEZERRA, Benedito G. Gêneros introdutórios mediados pela web: o caso da homepage. In: ARAÚJO, Júlio C. Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 113 – 125.

BONILLHA, Maria H.; HALMANN, Adriane L. Reflexão entre professores em chat: uma cultura que se estabelece. In: TAVARES, Roseanne R. (org). Língua, cultura e ensino. Maceió: Edufal, 2006. p.89 – 118.

CUNHA, Ana L. Interação verbal em fóruns de discussão: a língua escrita em atividades colaborativas. Pará: Abeal, 2007.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (org.). Hipertexto e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13 – 67.

MERCADO, Luís P. A utilização do chat como ferramenta didática. Revista da FAEEBA, Salvador, UNEB, 22, jul/dez. 2004.

PAIVA, Vera L.; RODRIGUES JÚNIOR, Adail S. O footing do moderador em fóruns educacionais. In: ARAÚJO, Júlio C. Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 144 – 163.

RIBEIRO, Maria A. Diário virtual: hipertexto e formação da identidade dos jovens. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

SANTOS, Else M. Chat: e agora? Novas regras – nova escrita. In: COSCARELLI, Carla V.; RIBEIRO, Ana E. Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 151 – 183.

# EAD: PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Maria Aparecida de Araújo Lima

## 1. Introdução

A EAD vem ganhando interesse crescente entre os gestores de escolas, universidades, professores e estudantes, apesar da carência de investimentos no setor.

Além das TIC, o novo perfil do público alvo do ensino superior, força a revisão das práticas de ensino-aprendizagem e adequação delas, para atender ao corpo discente tanto na modalidade presencial como através da EAD. Esse novo cenário exige que professor de ensino superior seja lapidado para exercer seu papel de disseminador de conhecimento e também de formador de cidadãos, com visão holística de forma dinâmica e criativa, usando todos os recursos e mídias disponíveis.

Este estudo teve como objetivo investigar a percepção de professores do Centro de Educação (CEDU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) quanto o uso da EAD como meio de inclusão sócio/digital.

O tema foi desenvolvido com base no seguinte problema: Qual a percepção do professor de ensino superior na UFAL quanto à educação a Distância como meio de inclusão sócio/digital?

Este estudo originou-se a partir da experiência do CEDU de usar a educação online para atender a uma população adulta que necessita de formação continuada e que tem dificuldade para conciliar trabalho e estudo.

Para a realização do estudo foram realizadas pesquisas bibliográficas, onde foi possível detectar que a EAD propõe-se a responder às exigências que são impostas pelas políticas educativas de atender, ao máximo, a demanda de alunos, que vem crescendo a cada dia e proporcionar a eles as condições necessárias para se inserirem no mundo globalizado fazendo uso das TIC.

Espera-se com essa pesquisa estimular os professores do CEDU para práticas didáticas e metodologias mais adequadas em relação à EAD e que atendam às

expectativas dos discentes considerando globalização, as TIC e o compromisso social do professor de curso superior.

A EAD surgiu da necessidade do preparo profissional e cultural de milhares de pessoas que, por vários motivos, não podiam freqüentar um estabelecimento de ensino presencial, e evoluiu com as tecnologias disponíveis em cada momento histórico, as quais influenciam nas mudanças no ambiente educativo e a sociedade.

EAD segundo Moore e Kearsley (1996, p. 2)

é o aprendizado planejado que normalmente ocorre em lugar diverso do professor e como consequência requer técnicas especiais de planejamento de curso, técnicas instrucionais especiais, métodos especiais de comunicação eletrônicos ou outros, bem como estrutura organizacional e administrativa especial.

O MEC disponibilizou a definição de EAD no site da Secretaria de Educação a Distância a EAD da seguinte forma:

Educação a distância é a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares e tempos diversos.

Hoje a EAD mantém o material escrito como base, e incorpora de forma integrada, o DVD, a rádio, a televisão, o computador e as tecnologias que combinam textos, sons, imagens, que geram alternativas de aprendizagem (ex.:hipertextos) e instrumentos para fixação de aprendizagem com feedback imediato (programas tutoriais informatizados).

Em 1996, com a promulgação da lei 9.394/96 (LDB), que oficializou na política nacional e normatizou a EAD, no Brasil, ela foi reconhecida como modalidade válida e equivalente para todos os níveis de ensino.

Por conta dessa revolução tecnológica, algumas experiências começam a vislumbrar mudanças de postura por parte do professor que deixou de ser o transmissor do conhecimento, para ser mediador de saberes, forçado pelas exigências do mercado, do MEC e das TIC.

Refletindo sobre o que diz Kenski (2003), pode-se se deduzir que professor universitário, em especial o de EAD para desempenhar o seu papel de forma satisfatória,

torna-se mister que ele construa uma nova identidade de professor e que amplie a dimensão do seu papel abrangendo ao mesmo tempo: a andragogia, a tecnologia e a didática.

O mais importante será repensar o papel e a função da educação nos cursos de ensino superior; seu foco, sua finalidade, seu valores.

## 2. Políticas Públicas em EAD no Brasil

Para Laranjeira (2007), EAD é uma grande resposta aos desafios da inclusão social. Vergara (2000) quando afirma que a EAD está em alta por três motivos: primeiro, porque vivemos a era da informação, e saber trabalhar com ela é fundamental para poder gerar conhecimento e adquirir vantagem competitiva; segundo, porque para usufruir tal vantagem é preciso ter um grande contingente de pessoas capazes de gerar conhecimento e, nesse aspecto, a educação formal é um meio privilegiado; terceiro, porque as tradicionais formas presenciais de educação, sozinhas, não conseguem absorver toda a demanda que está na expectativa de ser atendida pelos países, estados, municípios, empresas, organizações em geral.

Para amenizar a atual situação do Brasil, referente ao ensino superior, o governo está apostando, no setor, para melhorar os números da Educação Superior Brasileira, quando propõe levar ensino superior público e gratuito a localidades distantes dos grandes centros urbanos através UAB, resultando na possibilidade de inclusão social dos cidadãos menos favorecidos.

O governo, também, vem atualizando as leis, decretos, portarias e resoluções visando adequar-se às exigências da globalização e das necessidades internas do Brasil, relacionadas à EAD.

A lei LDB nº 9.394 de 20/11/96 que em seu Art. 81 reza que é permitida a organização de cursos ou instituições de ensino experimentais, desde que obedecidas às disposições desta Lei. No Art. 80 da Lei 9394/96, orienta que instituição interessada em oferecer cursos superiores a distância precisa solicitar credenciamento específico a União.

Na tentativa de melhorar a educação, em 1998 foi criado o Decreto 2.494 que define a EAD como forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação .

Recentemente, o Decreto 5.622/2005 obrigou os professores universitários a se inserirem no contexto das tecnologias e se adaptarem ao novo jeito de ensinar e lidar com um público alvo em grande maioria nascido na era digital.

A Portaria Normativa 02/2007 dispõe sobre os procedimentos de regulação e avaliação da educação superior na modalidade a distância.

Outros Decretos, Portarias e Resoluções, também, regulamentam a EAD no Brasil, a saber: Decreto nº 2.561, de 27 de abril de 1998; Portaria nº 4.363, de 29 de dezembro de 2004 que dispõe sobre a autorização e reconhecimento de cursos seqüenciais da educação superior; Portaria nº 301, de 7 de abril de 1998 que normatiza os procedimentos de credenciamento de instituições para a oferta de cursos de graduação e educação profissional tecnológica a distância; Resolução CNE/CES nº 1, de 3 de abril de 2001 que estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação; Resolução nº 1, de 26 de Fevereiro de 1997, a qual fixa condições para validade de diplomas de cursos de graduação e de pós-graduação em níveis de mestrado e doutorado, oferecidos por instituições estrangeiras, no Brasil, nas modalidades semi-presenciais ou a distância; Portaria nº 335, de 6 de fevereiro de 2002 que objetivou criar a Comissão Assessora para a Educação Superior a Distância e a Portaria nº 4.059, de 10 e dezembro de 2004 que substitui o Decreto 2.253 que normatizava os procedimentos de autorização para oferta de disciplinas na modalidade não-presencial em cursos de graduação reconhecidos.

Porém, para que as políticas públicas dêem resultados é preciso que haja definição de estratégias técnicas e pedagógicas; e na produção de materiais para os cursos. É de suma importância o trabalho integrado de uma equipe multidisciplinar – com psicólogos, pedagogos, produtores, comunicadores – que priorize a didática, sem perder de vista as características dos alunos.

### 3. A EAD no CEDU da UFAL

A UFAL, principal instituição pública de Alagoas, criada em janeiro de 1961, foi a primeira instituição de ensino superior no Nordeste credenciada pelo MEC, para oferta de cursos na modalidade a distância.

O CEDU reconhecendo que EAD tem como uma de suas características principais, atender a um público que necessita de formação continuada, mas não tem disponibilidade ou condições para freqüentar aulas presenciais regularmente e percebendo esta necessidade em Alagoas, em 1997, iniciou os preparativos para inserir-se nesse novo contexto com vistas de atender a essa clientela, através da capacitação de dois docentes do CEDU no Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância, ofertada pela Universidade de Brasília (UnB).

Em 1998, foi estabelecida uma parceria com as secretarias municipais de educação, com a finalidade viabilizar a formação de nível superior para os professores

dos municípios envolvidos. Ainda em 1998, foi criado o NEAD iniciando a oferta do Curso de Pedagogia a Distância pelo CEDU. De 1998 a 2003 foram ofertados 1400 vagas, contemplando 5 Pólos: Maceió, Xingo, Penedo, Viçosa e São José da Lage.

Em 2002, a UFAL foi credenciada para ofertar cursos na modalidade a distância, através da portaria 2.631/2002.

No ano de 2005, a UFAL oferta de três cursos: Física, Química e Matemática dentro do consórcio UniRede Oriental.

De acordo com as informações fornecidas pelo NEAD a demanda dos três cursos foi atendida pelo Pólo Maceió. Para essas licenciaturas à distância foram ofertadas 60 vagas para Matemática, 60 vagas para Física e 60 vagas para Química, em parceria com a UFRN. O início do ano letivo, para esses cursos, se deu em junho de 2006 e tem previsão de conclusão em 2010. Ainda neste mesmo ano, foi iniciada a construção de materiais pedagógicos para programa de Formação Continuada em Mídias na Educação que, também, está sendo fornecido pela Universidade. Ainda em 2006, iniciou-se um novo ciclo na educação a nível nacional, com a criação do Sistema UAB, no qual a UFAL vem ofertando, o curso piloto de Administração, na modalidade a distância, em parceria com o Banco do Brasil.

Este curso está em andamento e sua conclusão está prevista para dezembro de 2010.

Em 2007, foram abertas inscrições para o vestibular dos cursos de Licenciatura em Pedagogia (300 vagas) e Física Bacharelado (200 vagas e Sistemas da Informação (300 vagas).

A cada ano o CEDU vem se aperfeiçoando para atender satisfatoriamente, tanto às demandas presenciais como às demandas de EAD, seja no âmbito da graduação ou no âmbito da pós-graduação.

#### 4. Análise dos Dados e Discussões

O CEDU foi escolhido para a pesquisa por estar envolvido na oferta de cursos de EAD na graduação, pós-graduação Lato Sensu e UAB.

A metodologia de abordagem qualitativa foi escolhida porque possibilitou a exploração do ambiente dos professores do CEDU e permitiu à pesquisadora aproximar-se da realidade dos pesquisados para explorar as expectativas deles com relação ao assunto em questão.

A pesquisa foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2007 contemplando uma amostra 60% dos professores convidados. Para a coleta dos dados foi usado um questionário padronizado constituídos de perguntas fechadas de múltipla escolha, sendo que em 07 delas o pesquisado teve a opção para comentar a resposta.

Os questionários foram enviados e recebidos, tanto por e-mail, como de forma presencial pela pesquisadora em datas previamente agendadas.

Os dados foram coletados sob o compromisso de manter sigilo da identificação dos participantes.

A análise dos dados foi feita a partir dos demonstrativos gráficos gerados oriundos do questionário aplicado e dos comentários dos participantes.

Desejou-se com essa pesquisa ter uma visão panorâmica sobre a percepção dos professores do CEDU da UFAL com relação ao uso da EAD como inclusão sócio/digital.

Dos 15 professores pesquisados 7%, atuam somente com cursos a distância e 93% atuam, tanto na modalidade a distância como na educação presencial.

Para a realização da pesquisa foram distribuídos questionários entre professores do CEDU, envolvidos com os cursos de graduação e pós-graduação a distância, incluindo os do sistema UAB. Dos questionários distribuídos, 60% foram preenchidos e devolvidos. É com essa amostra que a análise será realizada.

- a) Grau de Conhecimento em EAD - Constatou-se que 67% deles têm um conhecimento de “bom” a “ótimo” da modalidade EAD, o restante, 33%, responderam que têm conhecimento “regular” da modalidade e ainda não estão, suficientemente, preparados para trabalhar com as TIC sinalizando oportunidade de melhoria já que a falta de domínio das TIC, afeta o desempenho dos professores que trabalham com a EAD e conseqüentemente o desempenho dos alunos que usufruem dessa modalidade.
- b) Número de Cursos que o Professor participou na Modalidade a Distância como Usuário, Tutor ou Professor - Constatou-se que 54% dos pesquisados, participaram de pelo menos quatro cursos a distância, alguns deles como alunos e outros como tutor ou como professor conteudista o que comprova que está crescendo o interesse dos docentes do CEDU, por essa modalidade de educação. No cômputo geral deste item foi constatado que 100% dos pesquisados participaram de cursos a distância, denotando o interesse pela EAD como uso pessoal.

Este é o primeiro curso que participo. (P1)

Olhe, fiz um curso no SESC (pago) para conhecer esta nova modalidade. Confesso que não gostei, e não foi por culpa do curso. Apenas a minha maneira de ser. Não me senti muito a vontade para interagir com pessoas “via” e discutir sobre temas que não eram da minha área específica. (P2)

Iniciei minha “paixão” pela educação a distância, quando fiz meu trabalho de conclusão, na especialização em 2000, depois

fui aluna de vários cursos a distância, tutora e formadora de tutores a distância.(P3)

- c) Aceitação da EAD pelos Professores do CEDU - Apenas 7% afirmam que a EAD é aceita totalmente pelos professores do CEDU, os outros 93%, distribuídos em: 27% que responderam não, 59% que responderam parcialmente e 7% que responderam não sei. Esse expressivo percentual ratifica que a EAD ainda não foi absorvida por todos os professores do CEDU, apesar de estar difundida na Unidade desde 1998.

Outro ponto apurado nesta pesquisa foi que o conhecimento dos pesquisados sobre a EAD, não está diretamente relacionado com a aceitação do uso da EAD, por todos os professores do CEDU que verbalizaram que existe pouca aceitação por falta de domínio das TIC, apego ao estilo de ensino tradicional, por ensinarem na educação presencial e alguns porque vêem a EAD como uma ameaça ao emprego do professor.

A maioria dos professores do CEDU acredita na modalidade EAD, inclusive, atuam como professores pelo Núcleo de Educação a Distância (NEAD).(P1)

Existem diversas opiniões e pontos de vista (P2)

- d) Percepção da EAD em Relação a Educação Presencial - Constatou-se que 20% dos pesquisados com a percepção de que a EAD é melhor do que a educação presencial e 73% registraram que a EAD é mais difícil de ser desenvolvida e exige muito mais dos alunos e professores. Esses dois grupos somam 93% que acreditam na EAD, mesmo achando-a mais difícil de ser desenvolvida por exigir novas competências do professor, desde a preparação dos materiais didáticos até o acompanhamento e as interações com os alunos nos cursos. Neste aspecto os pesquisados demonstraram percepção da necessidade de mudança para adequar-se a esse novo modelo pedagógico, no qual o aluno tem o papel central no processo de aprendizagem, tendo mais autonomia e disciplina, mas o seu sucesso nos estudos depende do perfil dos professores e tutores que estejam interagindo com eles.

Ainda nesse universo pesquisado, mesmo em percentual baixo (7%) foi registrado que ainda existem professores que percebem a EAD pior que a educação presencial. O que leva a crê que esse pequeno grupo de professores, ainda não entendeu que a modalidade a distância está cada vez mais parecida com a presencial quando recorre aos encontros virtuais, através da Internet, obtêm-se um efeito similar ao efeito dos encontros presenciais. E que na EAD os professores e alunos comunicam-

se, de forma online, em tempo real, sem nenhum prejuízo aparente. Pelo contrário, tem ganhos significativos pelo aumento da leitura e conhecimentos adquiridos, em paralelo, com o uso das TIC.

Penso que na EAD professores e alunos precisam desenvolver competência e habilidade distintas do aluno presencial, exigindo maior autonomia nos processos de ensino e aprendizagem. (P1)

Penso que exige mais do professor para elaboração do material, e do aluno no estudo, pois é um estudo bastante individual. (P2)

O professor tem que se atualizar para elaborar o material e os alunos tem que desenvolver muita disciplina e autonomia. (P3)

Se o professor a distância continuar com o mesmo perfil que muitos colegas tem, a modalidade a distância não irá funcionar. A participação tanto do professor quanto do aluno é intensa. (P4)

Afinal são mais de 30 anos de ensino presencial.(P5)

- e) Principais Barreiras para uso da EAD no CEDU/UFAL - Quando investigados sobre as principais barreiras para o uso da EAD no CEDU, os pesquisados responderam que o maior índice de dificuldade encontra-se em três fatores: suporte, infra-estrutura (softwares e hardwares) e experiências técnicas, que juntos somaram 80%. Com relação às experiências técnicas, essa carência é perceptível, considerando que existem lacunas no CEDU, assim como em outras áreas da UFAL, que ainda não foram preenchidas pela inexistência de pessoal com experiências técnicas para executarem determinadas tarefas na modalidade da educação online.

Sobre o acesso e serviços de apoio ao aluno e estrutura administrativa, contabilizaram 20% das respostas. Nesse aspecto, a UFAL vem trabalhando para que o atendimento à sua clientela universitária, seja realizado de forma satisfatória considerando o novo perfil dos alunos e a inserção das TIC na educação.

Nesse contexto, o CEDU já vem oferecendo cursos a distância há 9 anos, mas, com pouco ou quase nenhum uso da Internet. No decorrer desse tempo, foi-se inserindo, aos poucos, o uso de ambientes online em alguns cursos. Um exemplo recente que pode ser citado foi o curso de Especialização em Docência do Ensino Superior a distância, que apesar de ofertado com uso da Internet, houve pouca interatividade entre alunos e professores e a ferramenta Teleduc. Com a entrada da UAB, intensificou-se a necessidade do uso da Internet e com ela a necessidade de infra estrutura, suporte técnico adequados para atender às exigências dessa nova

demanda o que servirá para melhorar a qualidade dos outros cursos de graduação e pós-graduação fornecidos pelo CEDU.

A EAD é baseada em Tecnologias de Informação e da Comunicação, nesse sentido é imprescindível uma estrutura física que apóie o trabalho pedagógico.(P1)

Seria necessário um departamento específico, tanto para suporte técnico, quanto para recursos humanos contratados especificamente para esse fim. (P2)

A equipe técnica tenta melhorar, porém não tem pessoal suficiente para ajudá-los, ficando esse “serviço” na mão de poucas pessoas, que muitas vezes não tem tempo para tantos ajustes.(P3)

Aumentar o quadro de funcionários da equipe técnica (P4)

A gente tem que melhorar muito, se quiser que esta modalidade tenha sucesso na UFAL. (P5)

- f) EAD como Ferramenta de Inclusão Social em Alagoas - Apesar da grande maioria os professores (47%) acreditarem que a EAD é uma forma de inclusão social, percebe-se que existem vários desafios que terão que ser enfrentados para que todos possam ter acesso a EAD. Um dos fatores alegados pelos pesquisados (13%) foi a falta de políticas públicas eficazes. Outro dado interessante, mencionado (33%) foi que a EAD não se encaixa totalmente como forma de inclusão social pela carência das TIC. 7% das pesquisados vêem a EAD como forma parcial de inclusão social, porque os cursos oferecidos, destinam-se a público específicos, de acordo com as necessidades do mercado. Como exemplo, a UAB, no ano de 2007 ofereceu em Alagoas apenas, cursos para suprir carências mais emergenciais e direcionadas para os segmentos da educação e do turismo: Física, Pedagogia, Sistemas da Informação e Hotelaria.

A EAD deveria focar grupos específicos. Não tem sentido ampliar o acesso para o 3º grau se a educação básica não está resolvida, tampouco se não há mercado de trabalho para todos (P1)

- g) Utilização da EAD como formação Acadêmica dos Cidadãos de Forma Igualitária - 73% dos pesquisados vêem a EAD como uma forma de ampliar a formação acadêmica dos cidadãos de forma igualitária no Brasil, 20% responderam que a EAD amplia a formação acadêmica, de forma parcial e 7% considera que é muito cedo para responder a esta questão. Considerando o exposto percebe-se que a EAD sozinha não é capaz de atingir o objetivo da democratização do ensino superior. Existem outras questões que interferem na EAD, como os fatores políticos, sociais,

culturais, financeiros e tecnológicos que dificultam a inclusão social. Para ilustrar esta afirmação, podemos citar como exemplo, a UAB, em Alagoas, que em 2007 ofertou vagas para as pessoas residentes em Maceió e no interior do estado, em locais onde não existem instituições públicas de nível superior, gratuitas na região.

Para contemplar esse público alvo foram criados 4 Pólos que estão localizados nos municípios de Maceió, Maragogi, Santana do Ipanema e Olho D'água das Flores. Como reflexão pode-se fazer a seguinte pergunta: Quando uma pessoa, classe "D" ou "E", de Pão de Açúcar, município alagoano localizado no sertão, distante, 239 km da capital, por exemplo, se imaginaria participando de uma graduação em Pedagogia, Sistema de Informação, Física ou Hotelaria, de forma gratuita e, de acordo com suas condições de tempo? Ao mesmo tempo não podemos dizer que a inclusão foi igualitária para todos os cidadãos que concluíram o Ensino Médio já que houve várias restrições de acesso. Uma delas foi vestibular, usado como estratégia para restringir o acesso considerando o número de vagas disponíveis na rede de ensino superior. Outra, é que parte dos alagoanos não dispõe dos recursos tecnológicos nem financeiros, suficientes para arcar com as despesas com transportes urbanos ou intermunicipais, nas ocasiões dos encontros presenciais e/ou visitas aos pólos para postagens das atividades.

A EAD deveria focar grupos específicos. Não tem sentido ampliar o acesso para o 3º grau se a educação básica não está resolvida, tampouco se não há mercado de trabalho para todos. (P1)

Quando entrei neste processo, via a EAD como uma forma emergencial de solucionar a falta de professor na minha área. Estou um pouco preocupado com o número de pessoas que já está desistindo do curso, talvez por achar que não era a "moleza" esperada, ou talvez pelos problemas de suporte e infra-estrutura. É realmente muito cedo para responder afirmativamente esta questão. (P2)

Um outro detalhe que foi muito bem colocado por um dos pesquisados é que todos os cidadãos deveriam ter o mesmo direito de concluir as escolaridades anteriores para garantir o acesso ao curso superior. Neste aspecto é importante mencionar que, além de franquear o acesso à escola em todos os graus, é preciso evitar a evasão e a repetência, também em todos os níveis de escolaridade.

## 5. Considerações Finais

Na percepção dos professores do CEDU/UFAL com relação a EAD, no qual ficou comprovado que a EAD representa uma contribuição importante para a população reprimida, que aguarda oportunidade para se inserirem nos cursos de nível superior por meio da EAD.

Para atender a esse público específico o CEDU busca sensibilizar os professores a elevar o nível de aceitação da EAD no setor. Sobre esta questão é importante esclarecer que, aparentemente, os professores rejeitam a modalidade a distância devido ao pouco conhecimento das TIC e ao apego ao ensino presencial.

A pesquisa revelou ainda que, uma das dificuldades que se destaca, hoje, no desenvolvimento de programas de educação online no CEDU é a pequena quantidade de professores capazes de ensinar e alunos capazes de aprender usando as TIC, principalmente a Internet. Assim como professores com a percepção que a vida útil do material didático é minimizada a cada dia, exigindo do professor conteudista, constante renovação em todos os campos do saber, pela obsolescência acelerada da informação e do conhecimento.

Na análise dos dados obtidos na pesquisa sobre a EAD, percebe-se que a necessidade dessa inclusão digital começa dentro da própria universidade, dada à heterogeneidade que existe, no quadro dos professores do CEDU quando se trata do nível de conhecimento das TIC, apesar da maioria dos pesquisados, quase 70%, já participaram de pelo menos três cursos a distância.

Em Alagoas existe um remanescente de docentes que seguem a mesma linha de raciocínio, daqueles que argumentam que a EAD vai piorar a qualidade da educação. Na UFAL, mais especificamente no CEDU, mesmo minoria, também existem aqueles professores que ainda não se inseriram no mundo das TIC e tem alguns temores em relação à EAD optando por acreditar que a educação presencial ainda é a que de fato garante o melhor resultado no processo ensino e aprendizagem.

Os professores foram unânimes em afirmar a importância da utilização TIC nos programas de EAD e a necessidade do repensar os processos pedagógicos direcionando-os para a cidadania e para a educação com vistas a atender aos estudantes de forma satisfatória.

Com esse estudo percebeu-se a necessidade de reverter o conceito de EAD, que hoje ainda tem sido identificado como um ensino de segunda classe, de baixa qualidade denotando que ainda existem lacunas nessa modalidade de educação que merecem atenção e que precisam de estudos e novas implementações para garantir o sucesso a oferta da EAD, principalmente no ensino superior.

Com a chegada da UAB, as dificuldades se evidenciaram e com elas, um leque de oportunidades de melhorias na EAD, uma vez que a UAB é ofertada através de

parceria entre órgãos públicos que envolvem as esferas governamentais federal, estadual e municipal, universidades públicas e outras organizações interessadas na iniciativa.

Neste sentido pode-se observar que barreiras educacionais com particularidades individuais, distância geográfica e carência de professores em determinadas áreas do conhecimento podem ser solucionadas por meio da EAD. Em contrapartida é preciso que haja receptividade por parte dos professores, que haja profissionais preparados para absorver essa demanda heterogênea de alunos, infra-estrutura física e tecnológicas que atenda às exigências do desenvolvimento dos programas de EAD e atendimento dos alunos e professores.

#### Referências

BRASIL. Decreto 5.622/2005 disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec\\_5622.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf) Acesso em 25 set. 07.

BRASIL. Decreto 5.800/2006 disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil/\\_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5800.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5800.htm) Acesso em 25 set. 07.

Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n.º 9.394, de 20/12/1996). Brasília: Congresso Nacional, 1996.

Brasil. Portaria Normativa N.º 2, de 10 de janeiro de 2007 disponível em: [http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/portarias/portaria\\_n\\_2-07\\_polo.pdf](http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/portarias/portaria_n_2-07_polo.pdf) acesso em 25 set. 07.

DEMO, Pedro. A tecnologia na educação e na aprendizagem. Disponível em: <<http://www.edutec.net/Textos/Alia/MISC/pdemo.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2008.

LARANJEIRA, Hélio. Políticas públicas em EAD. CONNEAD I Congresso Norte e Nordeste de Educação a Distância. Maceió, 2007.

KENSKI, Vani M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas: Papirus, 2003.

MERCADO, Luis P. Possibilidades Curriculares em EAD. CONNEAD – I Congresso Norte e Nordeste de Educação a Distância. Maceió, 2007.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. Educação a distância: uma visão integrada. São Paulo: Thomson, 2007.

VERGARA, Vera. Educação a distância: limites e possibilidades. Dados da Revista TI. Março 2000.

# REFLEXOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DO CURSO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES CURSISTAS

Maria Amábia Viana Gomes

## 1. Introdução

A Secretaria da Educação a Distância (SEED), do Ministério da Educação, vem implementando programas que visam à qualificação dos educadores, os quais recebem críticas de alguns pesquisadores como Barreto (2003), Oliveira (2003), Toschi (1999) e Castro (2005) que alertam sobre a forma como os programas são postos para os professores, conforme os mesmos, fragmentados, não havendo fomento para continuidade da formação na escola e aligeiramento, e, conseqüentemente, não oportunizando ao professor o processo de ação-reflexão-ação e articulação teórico-prática.

Diversos programas de formação de professores na modalidade a distância têm surgido e ampliado o número de ofertas para a qualificação docente, visando minimizar a quantidade de professores que não têm a formação inicial e possibilitar a formação continuada. Os programas devem contemplar os interesses e necessidades dos professores, precisam articular a formação e atuação profissional para que os saberes teóricos estejam sintonizados com os saberes provenientes da prática pedagógica, a fim de possibilitar ao professor apropriação e familiarização das potencialidades, limitações e peculiaridade das TIC inseridas no cotidiano escolar.

Políticas públicas envolvendo EAD vêm ganhando dimensões através das TIC, por meio da criação de diversos programas originados pela SEED/MEC, implantados em 1996. Em conjunto com estados e municípios, essa secretaria visa à expansão e democratização da educação, propiciando mais ofertas de acesso ao ensino público, nos mais longínquos lugares, minimizando assim a exclusão, a falta de acesso a informações e, por conseguinte, possibilitando aos sujeitos a produção do conhecimento por meio da utilização de várias mídias, que permitem atender a diversas realidades socioeconômicas

através de vários programas de EAD, com diferentes objetivos, tais como Proformação, Proinfantil, Proinfo, Rádio-Escola, Paped, Mídias na Escola, Rived, Proconexão, Dvd Escola e TV Escola.

Para melhorar o desempenho dos professores em sua prática pedagógica por meio do acervo da TV Escola e levar o professor a refletir e discutir sobre a inserção das TIC no projeto político-pedagógico, principalmente as de linguagens audiovisuais, foi criado, em 2000, o curso TV na Escola e os Desafios de Hoje por intermédio da união da SEED/MEC e Unirede, Consórcio formado em 2000, direcionado às universidades públicas brasileiras, das quais 70 instituições fazem parte desse consórcio e tem por objetivo gerenciar e articular projetos e cursos, dispondo do potencial das universidades para viabilizar a democratização do acesso à educação por meio da EAD, atendendo a vários níveis da educação superior: graduação, pós-graduação, extensão e formação continuada.

Em cada estado, as universidades, em conjunto com as Secretarias de Educação do Estado, tiveram autonomia para implantar o curso de acordo com a necessidade de sua região. As universidades conveniadas com a Unirede responsabilizaram-se pela organização do curso, pela divulgação, inscrição, quantidade e capacitação de cursistas atendidos; seleção e capacitação de tutores, pela certificação do curso.

O curso provocou-me no sentido de querer mobilizar os professores para analisar e discutir o papel do docente, frente aos desafios do novo século, de levá-los a refletir sobre como a escola estava preparando os alunos, de que forma a prática pedagógica acontecia, quais ganhos e perdas estavam ocorrendo no processo de ensino e aprendizagem, como as TIC disponíveis na escola poderiam ser inseridas e exploradas para fomentar esse trabalho. Alguns professores foram indiferentes; outros, receptivos. Participavam da discussão, dando sua contribuição, entretanto, as práticas eram as mesmas: a postura, os recursos, as estratégias envolvidas em seu trabalho eram as de sempre: quadro e giz.

Poucos professores haviam feito o curso, devido à indisponibilidade de tempo; uns se moviam em relação à prática; outros, não; mesmo sendo incentivados, orientados, mostravam-se resistentes e, às vezes, diziam: “o que sei basta”, “já sei tudo na minha área”.

O que permeia o processo de formação do professor, como os professores percebem a inserção das TIC na educação, que significado lhes atribui, qual a percepção que têm do seu entorno e do fazer pedagógico, foram alguns dos questionamentos respondidos neste estudo, que teve como objetivo investigar a prática pedagógica no cotidiano escolar, na perspectiva de analisar os reflexos da formação adquirida no curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, na prática do professor e discutir o processo de formação continuada em EAD, visto que o curso se insere nesta modalidade que vem se propagando com intensidade por meio das TIC.

A análise da prática pedagógica dos três sujeitos da pesquisa, buscando compreender como e em que o curso TV na Escola e os Desafios de Hoje contribuiu para essa prática; qual a concepção de educação que têm, como percebem e inserem, na sua prática, as tecnologias e quais desafios permeiam sua prática pedagógica.

As TIC só terão importância na escola mediante sua inserção na proposta pedagógica, que contempla objetivos definidos, expressando a concepção de ser social, educação e cidadania. Nesse sentido, para haver incorporação das TIC será preciso que programas/cursos considerem a escola como locus de formação, levando em conta a dinâmica da escola, as dificuldades, necessidades, interesses, prioridades, condições de trabalho que envolvem a prática docente, a relação dialógica teórico-prática, como reflexão para transformar a ação.

Nessa perspectiva, os cursos de formação de professores devem auxiliar o educador no processo de ação-reflexão-ação, na aquisição de novos saberes necessários à profissão, na construção do conhecimento que ocorre através de diversas situações de aprendizagem, na superação dos desafios propostos no curso, na integração de mídias, com suas várias linguagens, ferramentas e ambientes virtuais, que aproximam mais os professores no curso ou programa, por meio da troca de experiências, descobertas, dúvidas, atitudes de respeito ao ritmo e limitações dos colegas.

## 2. O Curso Tv na Escola e os Desafios de Hoje

O curso TV na Escola e os Desafios de Hoje foi criado através da parceria SEED/MEC e Unirede com o apoio das universidades vinculadas e das coordenações estaduais, com objetivo de qualificar os educadores das escolas públicas, no sentido de desenvolver e/ou despertar a visão reflexiva e crítica quanto às tecnologias de linguagens audiovisuais, com foco na televisão e no vídeo como ferramentas pedagógicas, inserindo-as no cotidiano escolar a partir do projeto político-pedagógico.

A iniciativa da criação do curso foi de grande relevância, por buscar despertar no professor a importância da leitura interpretativa das linguagens audiovisuais. Na medida em que o professor aprende a interpretar as mensagens televisivas, passa a ter conhecimento e discernimento do que está sendo veiculado, seleciona o que considera bom, adota postura crítica e pressupõe-se que se torna exigente, cobrando melhor qualidade na programação da televisão, assim como também aproveita as mensagens boas e as ruins para trabalhar na sala de aula.

É inevitável não enfatizar a dimensão do objetivo geral do curso quanto à qualificação do professor e a inserção da TV e do vídeo na escola, a partir do

desvendamento das linguagens audiovisuais, das contribuições que os meios podem oferecer ao processo de aprendizagem do aluno, não apenas como forma de motivação, de sensibilização para trabalhar determinados conteúdos, mas também para aproximar a fala da escola à fala do cotidiano. Com isso, a escola, através do professor, seu principal agente articulador do processo ensino e aprendizagem, deve fazer elo entre as questões discutidas na escola com o mundo real ou fictício retratado pela televisão, mídia tão próxima do aluno e da qual o professor pode lançar mão visando desenvolver a capacidade de analisar, criticar e se posicionar, condição fundamental para construção da cidadania.

O curso TV na Escola e os Desafios de Hoje é composto de três módulos, de 60 horas cada, totalizando 180 horas sua realização integral, contendo várias temáticas envolvendo discussão sobre tecnologia e educação; um guia do curso, com informações e orientações sobre objetivo, conteúdos a serem explorados, organização do curso; dicas de como organizar o tempo e sobre o processo avaliativo. Outros recursos bastante significativos e relevantes foram os vídeos veiculados pelo canal TV Escola, que foram ao ar, às quintas-feiras, às 21h e reprisados às sextas-feiras e aos sábados. Existem vídeos de apoio do acervo do Programa TV Escola que ficam no NTE das secretarias de educação, vídeos de diversas áreas e com várias temáticas, disponibilizados aos professores cursistas para que possam gravar e utilizar na sala de aula, na escola, a fim de que seja montado o acervo.

Na proposta inicial do curso, o professor cursista, ao concluir apenas um módulo, obteria a certificação correspondente a este, entretanto, modificações estruturais foram realizadas pelas universidades públicas em parceria com as Secretarias de Educação dos Estados, a fim de contextualizá-lo de acordo com as necessidades locais. Especificamente em relação à carga horária do curso, em que o professor cursista poderia realizá-lo integralmente ou optar por fazer alguns módulos. Em Alagoas, a certificação ficou atrelada à conclusão integral do curso.

O primeiro módulo discute Tecnologia e Educação: desafios e a TV Escola, oportunizando aos professores cursistas reflexão, discussão e análise sobre as TIC e o potencial pedagógico que pode ser explorado através de sua utilização, em especial, a televisão no contexto escolar, explorando-a como ferramenta pedagógica. Conceitos básicos importantes, desde o material impresso à era digital são temas apresentados, discutidos, refletidos e relacionados com o papel do professor, os desafios advindos dos avanços tecnológicos, as mudanças de paradigmas na educação e a reorganização do contexto escolar.

O segundo módulo discute o uso da Televisão e do Vídeo na Escola, trata da TV e vídeo no processo pedagógico, análise e apropriação destas ferramentas, discernindo as funções que as programações veiculadas na TV devem desempenhar na sala de aula pelo professor; bem como o vídeo, enquanto suporte da televisão. Aborda e analisa tipos de

gêneros televisivos, suas características e a concepção dominante nos programas educativos e de linguagens audiovisuais. Enfatiza a relevância da integração da televisão e do vídeo nas atividades curriculares, a fim de desenvolver o senso crítico e seletivo. Apresenta as distintas funções do vídeo na sala de aula e sugestões de atividades em várias disciplinas a serem utilizadas com a mídia. Discute a importância do conhecimento e envolvimento dos gestores escolares na inserção do programa TV Escola, buscando inseri-lo dentro de uma proposta pedagógica em diversas áreas do conhecimento, propiciando ao educador a incorporação da tecnologia também como instrumento de trabalho no cotidiano.

O terceiro módulo - Experimentação, Planejando, Produzindo, Analisando, leva o professor cursista a experimentar na prática, a partir de um projeto didático produzido pelo mesmo, a utilização das mídias com objetivo de realizar intervenção no contexto escolar. Na proposta pedagógica ele pode utilizar vídeo, máquina fotográfica, câmara ou outros equipamentos que explorem suas funções e potencialidades. Apresenta etapas de como se produz um vídeo educativo, expõe a concepção dos vídeos do curso, discute e propõe a incorporação destes instrumentos, bem como outras mídias inseridas no projeto político-pedagógico.

No final de cada módulo existe um glossário para facilitar a consulta das palavras que podem ser consideradas difíceis ou desconhecidas. Existem comentários referentes a atividades relacionadas a cada unidade e uma ficha de avaliação do material impresso e dos vídeos correspondentes a cada módulo.

Durante a formação, no curso, o professor tem acesso aos módulos para realizar as leituras e responder às questões solicitadas pelo tutor. Os vídeos e a programação da TV Escola fazem parte relevante do processo, porém o acesso dos professores cursistas aos mesmos depende da estrutura e do funcionamento dos equipamentos tecnológicos existentes na escola.

Outro material é o memorial. A elaboração ocorre ao longo de cada módulo, é uma atividade obrigatória, não sendo atribuída nota, entretanto, imprescindível para conclusão de cada módulo e certificação do curso. O memorial é uma forma de reflexão, auto-avaliação do professor cursista em relação aos seus avanços, experiências, dificuldades, desafios, dúvidas, sucesso e aprendizagens que permearam a formação continuada e sua relação com a prática pedagógica.

Através do memorial, os professores cursistas registravam os avanços, dúvidas, retrocessos, dificuldades, sucesso e revelavam a compreensão e articulação teórico-prática do que estavam vivenciando no curso. Além da auto-avaliação, utilizavam o instrumento para analisar em sua escola a postura dos demais professores em relação às discussões e incorporação das TIC na sala de aula, constituindo esse documento um material rico e significativo que sinalizava o percurso realizado pelo professor cursista e um feedback para o curso.

Ao final do processo, no último módulo, dá-se a elaboração do projeto didático desenvolvido no contexto escolar com a proposta pedagógica, utilizando os recursos audiovisuais numa visão crítica, seletiva e interdisciplinar.

A construção do projeto didático foi atividade considerada mais difícil pelos professores cursistas. O trabalho final do curso era obrigatório, uma proposta significativa de incorporação das TIC na escola, que exigia leituras, pesquisas, reflexão e parceria entre alunos e professores.

De acordo com o relatório da 4ª edição, as demais atividades realizadas pelos professores cursistas obtiveram bom rendimento, os que não alcançaram êxito, foi por falta de tempo para assistir e analisar os programas de televisão para fazer os comentários requisitados ou dificuldades nos equipamentos para desenvolverem as atividades práticas.

Gestores e coordenadores que participaram do curso tiveram dificuldades para realizar atividades direcionadas à sala de aula, mas foram orientados para resgatar experiências anteriores e trocar idéias com professores cursistas que estavam em sala de aula.

As estratégias adotadas para auxiliar, acompanhar, esclarecer dúvidas sobre os conteúdos trabalhados, o incentivo à formação de duplas ou grupos para discutir as atividades dos módulos e vídeos, o estímulo e a provocação no sentido do professor refletir a prática pedagógica, propiciou maior compreensão da utilização das tecnologias de linguagens audiovisuais e enriqueceu a prática pedagógica, conforme registro no relatório final da 3ª edição (2003, p. 31):

Durante o curso pudemos observar o desenvolvimento dos professores cursistas. Ao analisar as atividades constatamos que a cada módulo o compromisso e a responsabilidade foram evidenciados. Salientando também o quanto eles expressaram sua opinião em relação à importância do curso, destacando que através dos estudos e respostas das atividades propostas tiveram oportunidade de colocar em prática o uso de forma integrada das tecnologias existentes na escola.

Os ganhos dos professores cursistas no processo de formação foram efetivos e a prática ressignificada. Destacamos no mesmo relatório outro registro do desenvolvimento, dos ganhos cognitivos dos professores cursistas.

Os professores cursistas demonstraram maior conscientização em relação aos trabalhos, autonomia no que se refere à pesquisa e à utilização das novas tecnologias, provocando uma mudança na prática pedagógica da sala de aula.

Nos depoimentos dos professores cursistas a seguir, constata-se o crescimento, a leitura crítica que fazem sobre sua postura frente ao processo de formação e à análise da televisão e do vídeo como objeto de estudo:

O medo de arriscar e de errar nos foi ensinado desde a infância, principalmente nas escolas. Ali aprendemos a repetir respostas prontas e iguais às que a professora queria e a fazer idêntico ao modelo mostrado. Por isso, a dificuldade de responder algumas perguntas do módulo, por serem respostas que exigem uma visão mais ampla. Gostei de ousar, e se houver erros, mesmo assim terá valido a pena. Hoje é preciso criar coragem e sair de caminhos já aprendidos e sem medo seguir novos. (M.P.S)

Sabemos que a televisão tem se tornado um meio de comunicação cada vez mais importante, mas temos observado que nem sempre o compromisso deste veículo de comunicação atende os interesses dos cidadãos, apesar de que deveria ser sua finalidade maior dado o caráter de concessão pública: nem sempre o compromisso é com a promoção cultural e formação de indivíduos. Às vezes, a mídia serve a uma minoria privilegiada, que de alguma forma detém o poder e não tem nenhum interesse em reverter a situação. É raro haver informação honesta e desprovida de segundas intenções. A TV procura sempre nos levar a consumir o que querem e agir de acordo com os interesses da minoria que detém o poder, a valorizar o que nos é mostrado como bom e maravilhoso, e o alvo mais vulnerável são as crianças. (A.L.S)

Quando analisamos criticamente uma mensagem não estamos contra a mensagem. Quando criticamos, estamos refletindo com profundidade e utilizando nossa capacidade de análise e interpretação. Precisamos sempre criticar para que haja correções e melhorias. (M.C.S. H)

Romper com velhas e repetitivas formas de ensinar, comprometer-se consigo mesmo e com o processo de crescimento profissional, permitir-se a aprender, ousar, estudar, compreender o que está implícito no que é veiculado nas mídias, o que está de forma oculta ou não claramente posto e que está cheio de significados e produzem sentidos na vida das pessoas. Posicionar-se diante destas e outras questões demonstram o nível de amadurecimento intelectual que o professor alcançou e que o processo de formação não foi fácil, precisou de determinação, compromisso pedagógico e político com a própria formação e a de seus alunos, desejo de mudança, de renovação, confronto e produção de novos saberes.

Para os professores que persistiram, ao superarem os desafios no processo de formação, fizeram destes, ganhos significativos e efetivos, tanto para as experiências pessoais, quanto para a prática pedagógica, incorporando as tecnologias de forma reflexiva e crítica, desvelando, desvelando-se, articulando saberes, planejando-se, intervindo no contexto em que atuam, abertos às mudanças e transformando.

### 3. Abordagem da Pesquisa

O trabalho de campo envolveu observação da prática pedagógica das professoras que participaram do curso, entrevistas e aplicação de questionários semi-estruturados, a fim de identificar de que forma colocaram em prática os conhecimentos adquiridos no curso; como socializaram os saberes; quais os entraves que permearam a prática pedagógica; o domínio e a utilização dos recursos tecnológicos e a compreensão crítica e seletiva das linguagens audiovisuais.

O quadro demonstrativo das escolas apresentava as condições de funcionamento da antena parabólica, TV, vídeo, o recebimento da programação do TV Escola, sua utilização pelos professores, alunos e o local de gravação dos vídeos. Também foram coletadas as relações de professores que participaram do curso nas quatro edições com os seus respectivos locais de trabalho. Com base nesses dados, 12 escolas foram inicialmente visitadas no sentido de verificar se os profissionais que participaram do curso ainda permaneciam nestas escolas. Nas visitas realizadas, situações distintas foram encontradas: professores que haviam se transferido para outra escola, afastamento por vários motivos: para capacitação, doença, licença-maternidade, aposentadoria e morte.

Encontramos também alguns professores que haviam participado do curso, porém não utilizavam as tecnologias porque os recursos se encontravam sem condições de funcionamento.

Solicitamos à Secretaria de Educação a relação nominal dos professores que concluíram o curso. De posse do material, entramos em contato com os professores que haviam participado do curso, por meio do telefone. O interesse era localizá-los, saber a escola em que trabalhavam. Nos telefonemas dados, vários professores enfatizaram que alguns recursos tecnológicos estavam quebrados, sem condições de funcionamento. A partir desses contatos, localizamos duas escolas que tinham número expressivo de professores os quais participaram do curso: em uma delas havia 8; na outra, 25 professores que foram cursistas e eram oriundos de outras escolas.

A intenção desde o início da pesquisa era investigar como os professores estavam se relacionando com as TIC na prática pedagógica, após terem participado do curso

em análise, de que forma as informações colhidas se transformaram em conhecimento. Acreditávamos que muitos professores que haviam participado do curso, de alguma forma, exploravam os recursos tecnológicos disponíveis na escola e que iríamos trabalhar com um número expressivo de professores. Entretanto, nos deparamos com a dificuldade de localizá-los devido à rotatividade e outras questões acima citadas. Conseguimos localizar 33 professores situados em duas escolas da rede pública estadual, que atuavam com alunos do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série, Ensino Médio e da escola que trabalha com ciclos.

No decorrer da pesquisa, a partir da observação, conversa informal e aplicação dos questionários sobre sua participação no curso e como aplicavam o que tinham aprendido, muitos professores cursistas enfatizaram as dificuldades que tiveram durante o curso: problemas na instalação com o kit tecnológico, precisamente na antena parabólica, não sendo possível o acesso à programação da TV Escola. Alguns professores cursistas alegaram ter assistido em casa, poucos relataram que quando podiam, iam à SEE para assistir ou gravar alguma programação e outros não assistiram. Abordaram também as precárias condições dos recursos tecnológicos, ou seja, problemas referentes à manutenção da televisão e do vídeo, pois, quando em mau funcionamento a escola não tinha verbas para o conserto. E acerca da instalação física da sala de mídias, na época em que fizeram o curso, a maioria afirmou ser inadequada, devido à ausência de ventilação, mobiliário, tamanho da sala e acústica.

Os professores cursistas afirmaram também a inexistência do acervo de vídeos do TV Escola na época em que participaram do curso. Outros falaram que compravam fitas esporadicamente ou dvd para, quando possível, trabalhar em sala de aula. Outra questão bastante citada foi a indisponibilidade de tempo, devido à sobrecarga de trabalho, pois, por causa dos baixos salários, a maioria dos professores tem jornada intensa de 40 a 60 horas de trabalho, não restando disponibilidade para ir à SEE gravar vídeos e assisti-los.

As dificuldades enfrentadas na instituição pública são familiares à pesquisadora por sua trajetória nas escolas da rede pública. Em vários momentos da pesquisa foi difícil o distanciamento enquanto coordenadora pedagógica e professora de escola pública, da pesquisadora, por ter vivenciado diversos obstáculos propiciados pela complexa engrenagem da máquina administrativa à qual está vinculada; entretanto, tão importante quanto discutir problemas é encontrar caminhos, é manter viva a dimensão águia, abordada por Boff (2003), ao ressaltar que o ser humano possui duas dimensões: águia e galinha. O autor caracteriza a dimensão-galinha como um sistema fechado, limitado à realidade e que, por suas limitações, não avança, permanece na rotina, no conformismo de que não é possível mudar a situação. Devido aos problemas, descredita na possibilidade de mudanças e a ausência da superação se dá tanto no interior do indivíduo quanto no exterior. A dimensão-águia rompe com essa concepção, com essa

visão de se relacionar com o mundo, busca, cria possibilidades para superação e inovação. As duas dimensões não estão dissociadas, entretanto, geralmente uma se sobressai à outra, pela coragem, persistência, pelas oportunidades que surgem para se conhecer novos horizontes, ousadia de perseguir e lutar pelos sonhos. Que possa sobreviver intensamente em nós a águia, que tenhamos sua força e coragem para renovação.

Partindo desta percepção de enfrentamento dos desafios pelos professores, selecionamos três professores que, apesar de vivenciarem as dificuldades citadas acima, tiveram a resistência e determinação da águia, na superação dos obstáculos, no espírito de renovação em criar condições, buscar caminhos que favorecessem a si e aos alunos, na construção da aprendizagem. A fim de identificar a reflexão e a ação de cada professora investigada, vamos denominá-las de professora Águia1, 2 e 3.

Foram realizadas quatro entrevistas: três, com as professoras Águias selecionadas como sujeitos da pesquisa, uma com o coordenador do núcleo da Unirede em Alagoas, com local e hora previamente agendados. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e vários fragmentos compõem a análise de dados, proporcionando uma significativa análise das práticas pedagógicas das professoras.

#### 4. Análises das Práticas Pedagógicas: refletindo o sentido de ser professora Águia

Registramos, por meio de nossas observações, entrevistas e conversa informal com as professoras águias, o olhar diferenciado para as inovações tecnológicas tais como planejar, pensar no aluno, em suas necessidades e interesses, o buscar a todo o momento envolvê-lo, levá-lo a refletir, discutir, posicionar-se e auxiliá-lo a inserir-se no mundo.

Evidenciamos as dificuldades presentes na prática pedagógica dos professores e a superação para realizar suas atividades e manter viva a dimensão águia. Utilizando-se dessa metáfora, refletindo sobre “os professores Águias”, percebe-se que eles possibilitam que seus alunos sonhem e voem alto, porque se permitem fazer o mesmo. Acreditam no potencial, na capacidade que cada um tem, compreendem a importância de criar condições para o desenvolvimento deles. Apostam e investem no descobrimento de suas potencialidades, talentos e valores que cada educando tem e pode construir ao longo do processo. Crêem que cada dia é um novo dia, novo despertar com novas possibilidades e oportunidades.

Professores que se inquietam, refletem, sentem necessidade de mudança, sabem de sua responsabilidade e assumem postura política, não se acomodam, não se esquivam ou simplesmente cruzam os braços diante dos obstáculos. Ao contrário, sentem-se provocados e provocam seus alunos, com aulas planejadas, objetivos definidos, pautados

numa abordagem de valorização e respeito ao educando como sujeito, ser humano que precisa efetivamente se integrar ao contexto social, responder aos desafios e às exigências.

Professores que não se intimidam com o novo, estão preocupados, atentos, permitem-se permanentemente estar no processo de aprendizagem; experimentam, utilizam estratégias diversificadas, novos recursos, as tecnologias possíveis dentro da escola; levantam hipóteses, planejam, arriscam, enfrentam os desafios de aprender a utilizar as TIC como ferramenta pedagógica e o que elas podem provocar na sala de aula. Há alunos que associam a tecnologia apenas à diversão, por isso o professor precisa saber como explorar e conduzir a situação, mas há outros que adquiriram maiores informações que o professor, o qual deve estar aberto para os saberes dos alunos, porque o risco de uma discussão provocada pela turma sem que o docente tenha vislumbrado e o próprio manuseio do recurso tecnológico é um desafio, (vídeo/dvd, com suas ferramentas, para retroceder, adiantar, parar). Para o professor que se coloca como aprendiz, os desafios são instigantes, o aprender que, em alguns momentos, é doloroso, é sobretudo prazeroso; é também compreender o processo de aprendizagem do aluno, como ele aprende, suas dificuldades, necessidades e interesses.

Estes professores, como diz Moran (2007, p.82), “professor-ensinante e professor aprendiz”, à medida que ensinam aprendem, à medida que aprendem aperfeiçoam o ato de ensinar, buscam, pesquisam, refletem, (re)avaliam suas teorias e práticas, aprendem com o outro, envolvem-no, não querem e não aceitam ser meros repassadores de informações, conteudistas; preocupam-se em contribuir com a formação dos alunos, levam-nos a exercitar a cidadania a partir da sala de aula, da escola para o mundo; auxilia-os a desenvolver o espírito crítico, argumentativo, criativo, inovador, ousado, responsável e sensível ao que acontece no seu entorno.

O professor Águia propicia propostas desafiadoras através das reflexões e análises críticas dos filmes, novelas, documentários e mensagens televisivas que propõem e provocam os alunos, criando diversas situações de aprendizagens mediadas pelas TIC, a fim de que sejam exploradas e desenvolvidas aptidões, habilidades, valores éticos e sentimento de respeito e coletividade para um mundo melhor.

Utilizando-se da compreensão de Boff (2003) sobre “a dimensão águia”, foi possível constatar, com o exemplo das três professoras investigadas, que há sempre alguém buscando, lutando e superando os obstáculos surgidos, acreditando que é possível ser, fazer diferente e fazer a diferença na vida dos educandos. Como qualquer ser humano, chateia-se, reclama, entristece-se diante dos problemas que, por vezes, permeiam o contexto escolar; entretanto, como disse uma das professoras pesquisadas: “brigamos, reagimos, mas não podemos nem devemos ficar no estado de inércia, o meu aluno precisa acreditar em si mesmo e na educação, precisa ser concretamente um cidadão”. (Águia 3)

Apesar dos problemas enfrentados no cotidiano, desde algum equipamento tecnológico quebrado, dificuldades de gravar vídeo ou dvd, problemas relacionados ao comportamento dos alunos na sala de vídeo ou à própria sala, por não ter estrutura adequada, as professoras Águias não desistiram de utilizar novas estratégias na sala de aula, novas formas de lidar e se relacionar com as novas aprendizagens e com tecnologias na sala de aula.

As professoras Águias atuam na rede de ensino público e possuem as seguintes características:

PERFIL DAS PROFESSORAS			
	ÁGUIA 1	ÁGUIA 2	ÁGUIA 3
Faixa Etária	43	46	48
Formação Acadêmica	Ed. Artística	Língua Estrangeira	História
Especialização	Formação de Professor em Docência do Ensino Superior	Formação de Professor	História Contemporânea
Nível de Ensino em que atua	Ens. Fund. e Médio	Ens. Fund. e Médio	Sistema de Ciclos
Carga horária	40h	40h	40h
Tempo de profissão	anos	12 anos	21 anos

As professoras Águias 1 e 2 atuam em uma das escolas de um complexo educacional, situado numa avenida bastante movimentada, porém, tendo em seu entorno alguns bairros. A escola atende nos três turnos, no total de, aproximadamente, 1.911 alunos freqüentando. A clientela é oriunda da localidade e de outros bairros distantes. A infra-estrutura da escola é boa, pois possui 17 salas de aula, laboratório de informática e de ciências, sala de vídeo ampla e arejada, biblioteca, salas da direção, coordenação dos professores, secretaria, cozinha, refeitório, cantina, almoxarifado, conjunto de sanitários e banheiros feminino e masculino, especialmente para educação física, sala do grêmio, uma quadra com espaço pequeno.

No período em que a observação foi realizada, a sala de vídeo, os laboratórios de informática e de ciências estavam fechados e só a direção tinha acesso às chaves, alegando que era por medida de precaução, devido aos inúmeros problemas de furtos ocasionados pela comunidade. A escola também passava por uma pequena reforma a fim de garantir mais segurança. A sala de mídias foi organizada no mês de agosto de 2006, é ampla, possui 4 ventiladores, dos quais 3 funcionam; as cadeiras estão em estado

razoável de conservação. Na sala ficava 1 televisor, o vídeo e o dvd, num gradeado, para evitar os furtos costumeiros. A escola dispõe de 3 retroprojetores e 1 microsystem, que ficava guardado em outra sala, porém, os professores tinham facilidade de acesso aos equipamentos, se lhes interessante.

Na etapa final desta pesquisa, verificamos que o laboratório que há 4 anos não estava em funcionamento por não terem computadores, já funcionava gradativamente com a chegada dos equipamentos.

A escola na qual Águia 3 trabalha situa-se num bairro periférico, muito pobre, com problemas diversos, principalmente de violência e drogas que são levados, em sua maioria, pela clientela, para o contexto escolar.

O espaço da escola é amplo, o atendimento aos alunos acontece nos horários matutino e vespertino, no total de 1.367 alunos atendidos. A escola possui 14 salas de aula, funcionando nos três turnos, está equipada com laboratório de aprendizagem, biblioteca, sala de vídeo, laboratório de informática, sala de artes, secretaria, direção, coordenação, almoxarifado e um pátio pequeno. Praticamente, todas as salas são quentes e os professores reclamavam bastante.

Os recursos tecnológicos da escola no qual Águia 1 e 2 trabalham foram comprados recentemente com o dinheiro do caixa escolar, do projeto Alvorada e com o dinheiro recebido da cantina da escola.

Quanto às tecnologias provenientes do programa TV Escola, especialmente a televisão e o vídeo, de acordo com as informações colhidas nas escolas, com o tempo foram substituídos, pois os vídeos ficaram quebrados por muito tempo, depois inutilizados e posteriormente substituídos pelo dvd e a televisão tornou-se insuficiente para atender à demanda da sala de aula.

Na escola em que Águia 3 trabalha, o televisor e o dvd foram adquiridos com o dinheiro do PDDE. Os vídeos das duas escolas, do início ao final da pesquisa, encontravam-se quebrados. A filmadora também se encontrava quebrada e a maioria dos professores afirmou que não sabia utilizar e que, se estava quebrada era porque algum professor tinha utilizado sem ter o domínio da máquina.

Os recursos tecnológicos existentes na escola em que Águia 3 atua são: 1 microsystem, 1 televisor de 29 polegadas, 1 dvd, 1 vídeo, 1 retroprojetor, 1 filmadora e 1 máquina de xerox.

Na entrevista com as coordenadoras pedagógicas da escola em que águia 1 e 2 trabalham, constatou-se que pouco professores utilizavam os recursos tecnológicos. Quando questionadas de que forma elas articulavam, viabilizavam o processo pedagógico no sentido de discutir o planejamento e refletir a inserção das tecnologias na sala de aula destacaram:

Nosso maior problema é o tempo, temos muitas dificuldades de fazer os departamentos sentar, discutir e planejar com o professor. São muitos os problemas que temos que resolver, não paramos nenhum instante. O planejamento é semestral e é feito pelo professor em casa. Quando podemos, olhamos, tentamos ajudar o professor nesse sentido.

A gestão das tecnologias na escola ocorre a partir do envolvimento de todos os segmentos, tendo o gestor e o coordenador pedagógico como sujeitos articuladores e fomentadores das mudanças na escola e essas só acontecerão na medida em que houver um trabalho sistemático, planejado, reflexivo, em que os atores envolvidos participem da construção e concretização do projeto político-pedagógico da escola, inserindo neste a tecnologia como forma de oportunizar à comunidade escolar, condições de acompanhar e fazer parte do desenvolvimento tecnológico e de todas as potencialidades que as TIC podem oferecer, se exploradas dentro de uma abordagem educacional que considere o sujeito como centro do processo.

Sobre o gerenciamento das TIC na escola, Almeida (2006, p.153) ressalta:

O gestor agora tem uma nova e múltipla incumbência. De um lado, disponibilizar o uso das modernas tecnologias à sua escola para o seu uso pedagógico para professores e alunos e para suporte à biblioteca ou às pesquisas. De outro, habilitar-se para apropriar-se deste instrumental tecnológico para administrar a gestão da escola de forma eficaz e partilhada.

O seu desafio é equilibrar-se entre as exigências da administração das contas, manutenção dos espaços escolares, do planejamento estratégico, da relação com a comunidade, da prestação de contas às secretarias de educação, do registro da memória de sua escola, da comunicação ágil com os pais e autoridades e da gestão pedagógica do processo de ensino aprendizagem, avaliação, evasão, enfim, da qualidade do trabalho fim da escola – a formação do cidadão, do aprendiz, do futuro profissional, dos cientistas, dos artistas, dos participantes da construção do país. Toda esta imensa tarefa social, pedagógica e política não se faz nos dias de hoje sem alta tecnologia.

A função do gestor ganha dimensões, não se restringe aos aspectos meramente burocráticos, de ordem administrativa. A partir do redimensionamento do espaço escolar devido aos avanços tecnológicos e científicos, o gestor e o coordenador também ganham novos perfis e novas atribuições que devem reorganizar o contexto escolar,

criar parcerias, romper com a forma bancária do ensinar e aprender, mudar o fazer que deverá decorrer de um trabalho coletivo com investimento no ser e no aprender, dentro de um processo reflexivo sobre e na prática pedagógica que se origina do novo olhar, da nova concepção sobre sujeito e sociedade e a partir desta perspectiva, ressignificar as ações desenvolvidas na escola, criar condições através das diferentes possibilidades da utilização das tecnologias para diferentes situações de aprendizagens, de participação e envolvimento, oportunizando o trabalho colaborativo.

O gerenciamento das TIC na escola só será possível a partir da formação contínua com todos os envolvidos na escola, com a participação fundamental do gestor e coordenador pedagógico para que possam refletir sobre suas práticas, experimentar, analisar, trocar experiências, fazer parcerias, elaborar e produzir conhecimento, explorando as potencialidades e especificidades das tecnologias disponíveis na escola, incentivando e fomentando a utilização das TIC pelos demais educadores.

As três professoras relacionaram as dificuldades vivenciadas à extensa jornada de trabalho, tanto para assistir aos programas quanto para participar do curso objeto de estudo desta pesquisa; entretanto, apesar do exposto, as mesmas usufruíram do melhor, tiraram proveito de tudo o que o curso lhes possibilitou.

## 5. Revisitando o Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje

Águias 1 e 2 ressaltaram a importância do curso no sentido de despertar, de chamar atenção dos professores sobre as possibilidades pedagógicas através das TIC, a fim de que possam explorá-las adequadamente. “A partir do curso, passei a ter olhar mais crítico para a televisão, comecei a filtrar o que tem de melhor e, sobretudo, levar o meu aluno a perceber isso”. (Águia1)

Um dos objetivos do curso era despertar no professor visão crítica e seletiva sobre as mensagens televisivas para que, a partir dessa leitura, pudesse adotar uma postura política e pedagógica frente à utilização das TIC no contexto escolar. À medida que a professora afirma “ter olhar mais crítico”, acreditamos que a televisão passa a ser uma ferramenta pedagógica importante no processo de formação de sujeitos autônomos, críticos e seletivos. “O curso me fez criar um olhar crítico para a programação a que o aluno assiste, então eu pude compreender certos momentos de rebeldia causados pelo mau uso da TV em casa pelos alunos”. (Águia 2)

O curso fez com que a professora despertasse o interesse pela programação que o aluno assistia e através de análises concluiu que algumas eram inadequadas. Sobre essa questão, Carneiro (2005, p. 3) enfatiza: “A televisão assumiu papel preponderante na

socialização da criança e do adolescente brasileiro. Expectativas e exigências múltiplas quanto ao papel da escola de formar estudantes para esta sociedade recaem sobre o professor.” É fundamental que o docente investigue como está ocorrendo a relação dos seus alunos com a mídia televisiva, que comportamentos, atitudes e valores eles estão captando, adquirindo por influência dessa mídia, para que, ao compreender esse processo, possa também intervir de forma significativa.” Eu já utilizava a televisão e o vídeo na sala de aula, mas o curso ampliou minha visão, me possibilitou ver que muitas coisas que eu estava fazendo estavam certas e em outras precisava ampliar meus conhecimentos! (Águia 3)

A professora nos fala de um saber já construído e incorporado em sua prática pedagógica, mas ampliado, constatado e fundamentado através do curso.

As observações das professoras apontam para várias questões: a importância da formação continuada como fomentadora do processo de aprendizagem; a reflexão da prática pedagógica e a relevância de o professor estar aberto às aprendizagens, permitir-se aprender e ter a compreensão de sua condição de aprendiz.

O papel da escola em relação à inserção e utilização das TIC está presente nos comentários das professoras, principalmente as de linguagens audiovisuais, televisão, vídeo ou dvd, recursos tecnológicos mais comuns para a maior parte da população. Carneiro (2005) firma que a escola não é e não deve ser repassadora de informação, mas, um espaço de desenvolvimento e fomentação do pensamento crítico, discernimento, desvelamento e de incentivo ao posicionamento dos educandos em relação às questões sociais, econômicas e políticas, sendo o professor o mediador desse processo, buscando, pesquisando, estudando caminhos, experimentando novas situações e ousando.

Quando as professoras investigadas foram questionadas sobre o porquê de alguns docentes não utilizarem as TIC existentes nas escolas mesmo estando em funcionamento, afirmaram:

O apego ao tradicional é grande. A resistência à mudança, o receio de possíveis questionamentos que os alunos possam fazer e que alguns professores, talvez, não tenham condições de responder e aceitar essa condição do desconhecimento. Um dos professores que ensina a minha filha na escola particular não gosta de ser questionado sobre nada, se sente incomodado com qualquer pergunta, creio que é insegurança. Como esse professor pode ficar aberto para uma discussão dos alunos provenientes de alguma tecnologia ou querer inseri-la? É difícil. (Águia 1)

Acho que muitos professores são resistentes porque não querem planejar, contextualizar dá trabalho. Pegar um vídeo ou uma

programação da TV para discutir requer planejamento, reflexão, mudança de dinâmica de trabalho e tempo para pesquisar e fundamentar as discussões. (Águia 2)

Percebo a resistência de alguns professores, entendo que talvez devido ao problema do tempo para planejar, assistir e escolher vídeos; alguns já estão acostumados a dar aula com quadro e giz, têm dificuldade de manusear um vídeo ou dvd. (Águia 3)

Analisando os depoimentos entendemos que, em geral, os professores vivenciam uma nova fase: aprender a ensinar de forma diferente daquela que vivenciaram e aprenderam. Romper com hábitos, atitudes e valores requer muito esforço pessoal, profissional e tempo, por ser um processo gradativo.

Faz-se necessário desenvolver um processo de discussão coletiva na escola, um trabalho que implique reorganização das ações no contexto escolar: participação, colaboração, ajuda mútua, começando pelo fato de os professores descobrirem juntos como manusear vídeo ou dvd, aprender a ligar, parar, avançar, voltar, colocar zoom, selecionar faixa, daí partindo para a realização de trabalhos interdisciplinares, desenvolvendo projetos ou temáticas, utilizando as mídias de forma que professores e coordenadores articulem juntos o processo. Acreditamos que todo educador deve ser um pesquisador, pela necessidade de conhecer, aprender e produzir conhecimento, a fim de sair da consciência ingênua, da mobilidade. Para Freire (1979), consciência ingênua é uma consciência frágil em seu discurso, que interpreta os problemas de forma simplista e tende a querer solucioná-los de forma mágica. "Na ingenuidade, que é uma forma "desarmada" de enfrentamento da realidade, apenas olhamos e, porque não admiramos, não podemos adentrar o que é olhado, não vendo o que está sendo olhado." (FREIRE, 1979, p.44) Não há compreensão e, conseqüentemente, compromisso com a realidade, o indivíduo mobilizado pelos conflitos, pelos desafios, pelos temores, não intervém para transformar a realidade.

O processo de construção da consciência crítica do educador, leva-o a fundamentar-se, construir suas teorias a partir da prática pedagógica e formular propostas para intervir no contexto em que está inserido.

Aprisionados à educação bancária, alguns professores repudiam qualquer tipo de inovação, fecham-se em suas salas de aulas, colocam muralhas entre o ambiente escolar e o mundo, privam a si mesmos e aos alunos das possibilidades de descobertas a partir da adoção de novas estratégias que poderiam ser exploradas e compartilhadas por aluno e professor, tendo este a posição de articulador.

Águia 1 relatou um pouco de sua trajetória profissional até ingressar na área da educação, revelou-nos os seus receios e o que a intimidava na sua escolha:

Na minha trajetória de aluna, as escolas em que estudei eram um espaço muito fechado: professores, supervisores e diretores eram autoridades severas, que tinham o poder, eram incontestáveis. A fala, o olhar, a postura deles inibia qualquer forma de expressão, cabia a nós alunos a obediência, o estado de inércia. Confesso que, naquela época, (anos 70) cresci tendo pavor à escola; o modelo de professor que predominou me distanciou durante muito tempo da possibilidade de ser professora. Só escolhi mais tarde, depois de ter feito licenciatura em serviço social e posteriormente educação artística, por me identificar, desde cedo, com a arte. Amava a arte. Educar através da arte é oportunizar e desenvolver a capacidade de expressão, sensibilização, criatividade e revelação do ser humano. (Águia 1)

Mediante o relato de Águia 1 é possível compreender a opção de ser professora a partir da dimensão águia, tendo em sua história de vida vivenciado a educação bancária, educação castradora da liberdade de expressão, da criatividade, do diálogo, do poder de transformação. Ela optou pelo oposto: educar para libertar e encontrou a resposta em si, no que gostava de fazer, de apreciar e de se encantar. Enveredou então pela educação, através da arte e afirma com entusiasmo: “a arte está presente em tudo: na educação, todos os sentidos passam pela arte e devem ser explorados na educação”.

Nessa perspectiva, a professora coloca-se aberta ao novo, aos desafios, ao aprender a aprender, pois tem como opção política auxiliar o aluno a se conhecer, desvelar seu entorno, aguçar o desejo de buscar, pesquisar, aprender e de se posicionar no mundo e com o mundo dialogar. Essa concepção de educação defendida na prática pedagógica dos professores com a dimensão águia, explora as potencialidades dos alunos, possibilita-lhes desafios, utilizando-se dos recursos tecnológicos como ferramentas pedagógicas, a fim de explorar os sentidos e oportunizar condições diversas de aprendizagens.

Os professores Águias utilizam as TIC de que as escolas dispõem: retroprojeter, microsystem, vídeo (no momento menos utilizado, devido à inserção do dvd) e à televisão. Na escola em que as professoras Águias 1 e 2 trabalham, o laboratório de informática está sendo organizado; na escola em que águia 3 atua, o laboratório está montado, entretanto, os professores não têm domínio do programa instalado, o Linux.

As três professoras investigadas disseram que optaram por utilizar as tecnologias audiovisuais “porque somam um conjunto de elementos: imagens, cores, cenários, sons, música, entre outros, que passam pelos sentidos dos alunos e provocam reação”.

Os recursos audiovisuais mexem com a imaginação, podem levar o aluno a se transportar para a situação apresentada, nas imagens, nos cenários, na música ou no som que causa impactos. Um vídeo/dvd bem escolhido, com objetivo definido, planejado,

dependendo da abordagem do professor, de como se organizou, atendendo à faixa etária dos alunos, ao nível de interesse, à forma provocadora como inicialmente apresentou o filme, ajuda a chamar atenção dos alunos ao que vão assistir.

Apesar de as professoras Águias atuarem em escolas diferentes, é consenso entre elas, e ficaram evidenciadas a preocupação e responsabilidade que sentem em desenvolver no aluno o olhar crítico e seletivo para a televisão, a um filme que assiste ou uma música que ouve. As professoras reconhecem que o processo é longo, gradativo e que a ausência dessa cultura deve-se ao fato de poucos professores utilizarem e explorarem o potencial tecnológico desses recursos, como afirma Águia 1: “Os alunos estão acostumados com filmes, assistem tudo o que passa na televisão e quando podem locar um dvd, é filme de violência ou algo parecido que não acrescenta nenhum aspecto positivo em suas vidas.”

No depoimento da professora constata-se a visão acrítica que os alunos têm e a ausência da intervenção pedagógica e coletiva na escola quanto a desenvolver uma cultura sobre as TIC, que transcenda o instrumental. Águia 2 nos alerta:

As famílias, por diversos fatores, em especial o econômico, na luta pela sobrevivência, passam mais tempo fora, do que em casa, não tendo como acompanhar os filhos que passam horas em frente à televisão. É praticamente a única diversão que eles têm.

Na escola, poucos professores utilizam e alguns fazem uso de maneira incorreta, colocam o dvd e muitas vezes saem da sala para conversar e deixa os alunos sozinhos.

A professora aponta outra discussão relevante: a ausência do acompanhamento dos pais no cotidiano dos filhos diante das tecnologias audiovisuais. Sem intervenção e participação dos pais na programação a que os filhos assistem, crianças e jovens absorvem comportamentos, valores, modelos veiculados, sejam de boa ou má qualidade.

Schemes (1991) alerta quanto ao pouco tempo que os pais disponibilizam para acompanhar o desenvolvimento dos filhos em todos os aspectos, quando afirma: “uma grande porcentagem de pais não estão preocupados em competir com o televisor pelo tempo dedicado aos filhos e muito menos em colocar limites ao uso da TV.” Enfatiza que algumas vezes os pais se preocupam quando são veiculadas notícias de crimes, de barbáries.

A parceria da escola e família é fundamental para fomentar o processo de desenvolvimento da criança, visando à formação de sua cidadania.

A professora Águia 3 exemplifica:

Trabalhei com o dvd “O pianista”, tinha o propósito de evidenciar o período da 2ª guerra mundial, a questão do extermínio dos judeus, a sandice de Hitler, a condição do ser humano, a repressão, hostilidade, ausência da liberdade, enfim, várias questões. Antes de apresentar o dvd falei um pouco sobre o que iam assistir e os situei na história. Ao passar o filme, em vários momentos há cenas de violência, tortura, extermínio. “Aí o aluno diz: Professora! Isso é massa!” Eles dizem isso porque estão acostumados a ver qualquer coisa, “os enlatados” que passam na televisão. A maioria dos filmes, esses enlatados só têm violência e os alunos acham isso normal. Eu, como professora, tenho obrigação de ajudá-los a analisar e refletir criticamente, de trazer aquela situação distante, de outra época, (refere-se ao filme O Pianista), para hoje. Provoco discussões, estabeleço comparações, trago as questões para situações presentes, próximas aos alunos, levanto questionamentos, provoco mesmo.

Através dos discursos das professoras águias quanto à utilização das TIC na sala de aula, são identificadas e destacadas três áreas: familiar, educacional e social que refletem e permeiam o trabalho pedagógico, as quais, as professoras águias têm consciência de que precisarão trabalhar intensamente para atingir seus objetivos, que vai além dos conteúdos.

Destacamos no discurso de águia 1 e 3 que o impacto, o reflexo da violência na sociedade, se faz presente nas preferências e escolhas das crianças e jovens por filmes dessa natureza. As professoras deixam evidente os desafios que enfrentam para mostrar o lado oposto da violência e despertar nos alunos o gosto para outros gêneros de filmes, que sensibilizem e agucem novos sentimentos.

Abordado por águia 2, a área familiar suscita reflexão dos pais e educadores. A ausência de acompanhamento, orientação e troca de idéias com os filhos sobre o que assistem e modelos que adotam a partir dos personagens da televisão e das mensagens televisivas que seduzem e, muitas vezes, induzem ao consumo, assim como a transferência de responsabilidades no ato de educar dos pais para a escola. Águia 2 alerta sobre esse aspecto, assim como, para a importância da parceria entre escola e família, a fim de somar esforços com objetivo de educar para cidadania, para reflexão e leitura crítica do mundo.

Nessa perspectiva, ensinar não é transferir conhecimento, nem sufocar os alunos com inúmeras informações, muito menos repetir fórmulas mecanizadas e dar tudo pronto ao aluno. Ensinar é criar inquietação, provocação, dúvidas que levem o

educando a refletir, pesquisar, (re) elaborar suas idéias, concepções e transformar suas ações; e essa condição, essa intenção pedagógica só é possível a partir da disposição que o professor tenha para aprender, conhecer e se inovar através da formação continuada.

As professoras Águias desenvolveram em si o desejo de conhecer, experimentar, aprender, permitirem-se e se sentirem aprendizes. “Na minha profissão não me sinto pronta, estou sempre descobrindo que posso fazer melhor, é um processo permanente de reconstrução, a cada dia estou aprendendo, nada é igual.” (Águia 1)

Na opinião de Águia 2 e 3, o aprender é contínuo, ensinar é um desafio e os recursos audiovisuais são ferramentas importantes porque auxiliam o professor na elaboração de situações de aprendizagens. Conforme Moran (1995), o vídeo/dvd bem selecionado, inserido numa proposta pedagógica, contribui para ampliar ou reforçar informações que poderão desenvolver no aluno um olhar holístico sobre diversos aspectos apresentados; isso vai depender da maneira como o professor vai abordar e explorar esses conhecimentos, numa visão ampla, interdisciplinar, multidisciplinar. A narrativa, as imagens, cenários, cores, personagens, movimentos, efeitos sonoros, músicas e outros elementos, tanto servirão de ilustração como forma de sensibilização e motivação dos alunos. O vídeo/dvd possibilita o resgate dos fatos históricos, de épocas, de uma realidade distante e não vivenciada, propicia uma viagem a diferentes culturas, aguça o imaginário através de filmes de ficção e desperta emoções.

Durante o estudo, ficou evidente a preocupação que as professoras Águias têm em promover a aprendizagem do aluno, buscando condições diferenciadas de ensinar, refletindo sobre o quê e como explorar determinadas temáticas, utilizando as TIC disponíveis na escola de forma planejada, mesmo sem a escola promover espaços de discussão sobre a importância de criar situações diversificadas de aprendizagens, de como utilizar as TIC nesse sentido. Mesmo com a ausência do planejamento coletivo, sem a interferência ou mediação do coordenador pedagógico no planejamento, cada professora águia, em seu contexto, fazem o seu trabalho, infelizmente, de forma individual, devido à ausência da organização escolar, pois há uma dificuldade muito grande de a escola lidar com tantos problemas e desafios que surgem, e por conta disso não encontra tempo para organizar-se coletivamente. Águia 2 assim relata:

Há muitas dificuldades para se planejar coletivamente, encontrar tempo e reunir todos. Muitas vezes o que se decide em um encontro, posteriormente, por uma série de questões, não é concretizado e alguns colocam obstáculos para as coisas acontecerem; de fato, há dificuldades no exercício da nossa profissão, mas não podemos ficar presos a elas e aí não dá para ficar esperando, eu vou embora, me planejo, me organizo.

Águia 2, ao falar das dificuldades, relata, ainda, que a escola não tinha acervo de fitas VHS, nem de dvd e que ela fez o seu próprio acervo; gravava os programas, comprava alguns dvds que lhe interessavam, mas insistia na solicitação de recursos tecnológicos ao gestor. Enfatiza que sempre buscou meios de superar os obstáculos e de proporcionar aprendizagem significativa e prazerosa. As questões abordadas acima também fazem parte do discurso das professoras Águia 1 e 3, que também organizaram o seu próprio acervo. Na escola de Águia 1 e 2 chegou, em 2007, uma caixa de dvds de diversas áreas do conhecimento, porém Águia 2 reclama e diz que vai escrever para o MEC por não haver nos materiais nada na sua área, e enfatiza que há na TV Escola material rico em língua estrangeira, mas que não veio nos dvds.

A escola em que Águia 3 atua recebeu os mesmos recursos tecnológicos em 2006, entretanto a maioria dos professores desconhecia a existência do material. As coordenadoras afirmaram que vários professores já sabiam do material e alegavam ter informado nos horários de departamentos e que nem sempre havia interesse por parte de alguns professores, e que, inclusive, a coordenação já havia trabalhado com os professores o dvd sobre “avaliação e aprendizagem”. Águia 3 conhece e explora os materiais, mas destaca que tem o seu próprio acervo, seja cd, dvd, “é importante ter em casa, porque qualquer folga que tenho posso analisar e explorar como trabalhar com meus alunos, aqui na escola não temos tempo.”

A questão do tempo foi abordada pelas professoras investigadas, que ressaltaram que durante o curso conviveram com a dificuldade de disponibilizar tempo para estudo, pois “na escola o tempo é destinado à sala de aula e em casa são muitas atividades para desenvolver; é preciso muita força de vontade, desejo de aprender e inovar-se”, afirmam as professoras. Sobre essa questão, Neves (2006) constatou em sua pesquisa que o índice maior de abandono do curso pelo professor estava relacionado com problemas pessoais, principalmente a falta de tempo, associada ao excesso de atividades.

Entendemos que se faz necessário rediscutir e reavaliar as questões relacionadas com a jornada de trabalho do professor e formação contínua, uma vez que a LDB dá mais ênfase aos dias letivos. Belloni (2003a,b) chama a atenção para algumas questões relacionadas com a carreira do professor, entre elas a falta de tempo para a formação continuada e enfatiza que é preciso prever tempo para a formação acontecer dentro da jornada de trabalho; criar incentivos à formação, tanto de progressão funcional como de remuneração.

Apesar do enfrentamento de vários desafios, as professoras Águas tinham força para superação, garra para romper os limites impostos a sua condição de trabalho e não se deixarem abater e nem se reduzirem à condição de galinhas, “confinadas aos limites do terreno”, como explicita Boff (2003), não se permitindo contagiar pela mesmice, pela rotina, pela inércia do faz de conta, do achar que é assim mesmo, de compreender a

inserção das TIC como modismo, adotando-as ou resistindo de maneira acrítica. Dessa forma, não se deixavam levar pela desmotivação, desencanto e o descrédito na profissão e em si mesmas, como agentes que podem oportunizar e auxiliar na transformação dos educandos.

Nessa perspectiva, as professoras Águias superam obstáculos, transgrediram, optaram pelas mudanças, nutridas de olhar crítico sobre as transformações sociais oriundas das tecnologias e o que estas provocam nas questões sociais, econômicas e políticas e do seu papel enquanto educadoras. Os depoimentos a seguir reforçam a visão que as professoras têm sobre a relevância das TIC na educação:

São excelentes ferramentas, quando o professor sabe explorar as possibilidades de trabalho com as diferentes tecnologias, quando o professor tem a visão ampla e está aberto para aprender e atento ao que acontece na televisão, principalmente, porque a maioria dos alunos assiste, adota comportamentos de alguns personagens, estilo de roupas, objetos, maneira de falar... Entendo que nós, professores, não podemos ficar assistindo, vendo os jovens adotarem determinados padrões sem refletir sobre o que estão vendo e incorporando. Posso dar como exemplo a moça que trabalha em minha casa, que outro dia veio vestida de Bebel. Fiquei refletindo sobre a influência da televisão, como interfere na vida do telespectador. Situações apresentadas na TV, sejam boas ou ruins, devem ser analisadas com os alunos; o professor deve, tem obrigação de provocar debates, de levar os alunos a pensar e saber discernir. (Águia 1)

O trabalho que a professora desenvolve na sala de aula com as TIC, não é uma ação conteudista, tendo como foco o conteúdo, porém, tem como ponto de partida um trabalho voltado para a formação da cidadania, que busca levar o aluno a refletir, analisar, saber argumentar, interagir com os demais para, nessa troca, no compartilhamento e nas diferenças, aprender a ser solidário, ético e responsável por seu papel no mundo.

As tecnologias são formidáveis pelo número de informações a que podemos ter acesso, pelas infinitas pesquisas que fazemos sobre os diversos assuntos, pelos cursos que podemos fazer sem ter problemas de deslocamento e também conhecer pessoas de vários lugares. Essas possibilidades são excelentes! Acho que as tecnologias digitais chegaram para complementar o que faltava nas demais, ainda pouco exploradas nas escolas. Utilizo dvd, microsystem, televisão... Tudo me enriquece porque busco explorar, vejo como ferramentas do meu trabalho. (Águia 2)

Pelo posicionamento da professora, verifica-se a consciência crítica que tem sobre o poder das TIC, na disseminação de informações, valores, ideologias presentes e ocultas; conseqüentemente, demonstram ter o entendimento da relevância de seu papel e o reconhecimento da importância da formação docente quanto à exploração e utilização das TIC.

Sempre trabalhei utilizando as tecnologias, via-as como uma porta para despertar o interesse dos alunos, partindo de informações ou situações que viam como forma também de elevar sua cultura, através de música, que não pertencia ao universo deles, que não estavam acostumados a ouvir e aos poucos explorava a melodia, a letra, a relação com o contexto histórico. Trabalhando a época da ditadura militar, explorei o conteúdo também através da música, coloquei Geraldo Vandré, “Pra não dizer que falei de flores”, expliquei antes que o autor estava retratando uma situação que ocorreu naquela época, naquele período histórico no qual as pessoas eram impedidas de se expressar e utilizavam a música e determinadas formas de expressão para denunciar, desabafar, enfim, dizer o que sentiam.

Quanto á televisão, quando assisto, lembro dos meus alunos, sei que a maioria assiste telenovelas, filmes ou programas de auditório, por isso levá-los a assistir a um documentário é tarefa difícil, porém não impossível. Na sala de aula, quando estou trabalhando estabeleço relações com situações mais próximas dos alunos, seja na vida real ou nas novelas, por exemplo: estava falando sobre a guerra, os soldados que eram convocados e obrigados a deixar suas famílias, utilizei situações de determinadas novelas de época a que os alunos assistiam. Você percebe que a tecnologia facilita, posso utilizar diferentes tecnologias para abordar o mesmo assunto de formas variadas e de maneira ampla; posso utilizá-la como forma de chegar mais perto dos alunos e também quero ajudar os alunos a selecionar melhor o que ouvem e assistem, porque em casa não há critério, assistem a tudo e tudo é diversão. (Água 3)

A integração de mídias audiovisuais, conforme o comentário realizado por uma das professoras auxilia, por causa das imagens, dos efeitos sonoros e da linguagem falada/escrita, que é a aproximação mais concreta com a vida porque compõe elementos que sensibilizam por estarem presentes na sensibilidade das pessoas.

Quando a professora afirma que, ao utilizar o dvd, ela tem uma intenção pedagógica e que a mesma intenção ela pode aprofundar e/ou complementar através

de uma música escutada por meio de outro recurso tecnológico ou ainda que pode reforçar, solicitando aos alunos que assistam a um documentário, uma reportagem na TV, registrem seus pontos de vista a respeito e os levem para discussão na sala. Essa apropriação, embora seja uma ação isolada na escola e um trabalho gradativo desenvolvido pelas professoras Águias, têm efeitos significativos nas suas vidas e dos alunos; é uma abertura para o enfrentamento de desafios, na busca de situações de aprendizagens em que o conteúdo e as tecnologias sejam meios para atingir a finalidade principal, que são as tentativas de propiciar ao aluno condição para ser humano, ser cidadão.

Identificamos, através das observações das práticas pedagógicas das professoras águias, de seus discursos, inquietações, da capacidade de inovação e superação dos desafios que vivenciam cotidianamente, algumas categorias que ressignificam suas práticas e marcam o diferencial, tanto no aspecto profissional quanto pessoal.

Elegemos como categoria precípua, o sentimento de inacabamento das professoras Águias, a partir da percepção de seres inacabados, inconclusos, permanentemente num processo de indagações, inquietações e buscas, permitindo-se a experimentar, aprender, fazer, refazer e descobrir novos caminhos, novas formas de ensinar, de aprender a ser professor e aprendiz.

A ruptura de um determinado modelo de ensinar e de ser professor propicia às professoras Águias a aceitação do novo, categoria marcante em seu fazer pedagógico. Transformar a sala de aula num espaço de discussão, provocação e reflexão, trazendo as questões que permeiam o mundo para a sala de aula, rompendo com a redoma que muitos educadores colocam em torno da escola, extrapolando o muro escolar, levando os alunos a problematizar, conhecer novas culturas e realidades distintas, ampliar o universo de informações, desenvolver uma comunicação mais dinâmica e dialógica com o seu entorno. Essa posição política auxilia as professoras Águias a compreender como o aluno percebe e interpreta o mundo e levá-lo a reflexão e posicionamento crítico.

O comprometimento das professoras com a formação de seus alunos é uma categoria que permeia sua prática, propicia ação reflexiva e reafirma a tomada da posição pedagógica e política de ser professora, bem como, a consciência de a favor de quem está se educando, por que e para que se está educando, da organização do trabalho pedagógico utilizando novas metodologias e recursos tecnológicos para ressignificar a prática, considerando o aluno, sujeito do processo e construtor de sua história.

Apoiamo-nos no pensamento de Freire (1995, p.88) quando afirma que:

Uma das condições necessárias para que nos tornemos um intelectual que não teme a mudança é a percepção e a aceitação de que não há vida na imobilidade. De que não há progresso na estagnação. De que, se sou, na verdade, social e politicamente

responsável, não posso me incomodar às estruturas injustas da sociedade. Não posso, traindo a vida, bendize-las.

Ninguém nasce feito. Vamo-nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos parte.

As transformações só podem ocorrer se as pessoas se dispuserem a mobilizar-se para efetivar as ações, se desprenderem dos medos, comodismos, resistências, dos obstáculos que se colocam ou que são criados. A mobilidade no fazer pedagógico é uma categoria inerente a professores críticos, que estão continuamente num processo de transformação, adquirindo novos saberes, articulando estes com suas experiências docentes. As professoras Águias se movem na perspectiva da educação emancipatória, tendo o sujeito, a aprendizagem como elementos fundamentais e provocadores da ação reflexiva.

O discurso das professoras sobre suas práticas pedagógicas, a concepção de educação que implicitamente nos revela, encaminham-nas para uma prática libertadora em que educador e educandos estão num processo contínuo de aprendizagens, vivenciando novas formas de ensinar e aprender mediados pelas TIC. Nessa perspectiva, as falas das professoras Águias assemelham-se ao depoimento do coordenador do curso sobre sua relevância, que enfatizou:

O mais importante do curso foi a cultura do uso das tecnologias, porque mesmo que o professor não as usasse plenamente na sua prática pedagógica, mas ele abriu horizontes, ele criou a idéia da importância das tecnologias que naquela época ainda não estava tão forte, tão presente. (Coordenador do Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje/UFAL)

O curso foi uma iniciativa embrionária, despertando para ensinar e aprender a partir do uso das TIC, especialmente as de linguagem audiovisuais, abrindo portas para novas possibilidades de compreender o processo de ensino e aprendizagem, para busca de novos saberes e gradativamente auxiliá-los frente aos desafios lançados pela sociedade contemporânea.

Falta muito ao professor, em sua formação, tanto programas e cursos presenciais como a distância. As crises e os desafios pelos quais os professores passam, não são peculiaridades da EAD, estão presentes no sistema educacional como um todo e vêm, ao longo dos anos, numa luta constante pela valorização profissional: melhores salários, condições de trabalho, jornada de trabalho que contemple a formação continuada, articulação entre teoria e prática pedagógica, ação-reflexão-ação, a fim de possibilitar a práxis pedagógica na busca de uma educação que emancipe os sujeitos.

## 6. Considerações Finais

Constatamos no estudo que a ausência do gerenciamento do trabalho pedagógico envolvendo as mídias reforça o seu uso indevido ou a sua não-utilização.

Mediante os resultados obtidos, entendemos que não é possível desconsiderar alguns fatores que ocorreram durante o curso, como recursos tecnológicos quebrados, dificuldades para gravar os vídeos, que, no nosso olhar, podem ter contribuído para reforçar alguns comportamentos de resistência e não utilização regular das tecnologias audiovisuais, por parte de outros educadores que participaram do curso e faziam parte do mesmo contexto escolar que as professoras Águias.

As escolas, principalmente são marcadas por suas contradições e desafios. As professoras Águias romperam com a desesperança, descridibilidade no trabalho pedagógico permeado por obstáculos e, através do sentimento de incompletude, se dispuseram a refletir o seu papel de professor enquanto articulador do conhecimento e provocador das situações de aprendizagens; lançaram mãos de estratégias que oportunizassem ao aluno, diferentes e diversas situações para aprender, principalmente a pensar, analisar. As tecnologias audiovisuais foram utilizadas pedagogicamente em vários momentos e com finalidades diversas, sendo planejado seus objetivos, contextualizados, a fim de sensibilizar, provocar o aluno à reflexão e posicionamento crítico sobre as mensagens televisivas, filmes, documentários, notícias, enfim, informações veiculadas na mídia.

A percepção construída pelas professoras Águias, a partir de sua formação no curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, é evidenciada através da sua capacidade de utilizar as tecnologias audiovisuais como ferramenta pedagógica, levando o aluno a aprender a ler as entrelinhas das mensagens, discernir o relevante de algo não significativo, para saber selecionar, argumentar com base numa leitura crítica, compreendendo e desvelando o que não está tão explícito. Outra questão importante que nos retorna à formação continuada é a integração das mídias. As professoras exploraram as tecnologias que têm na escola e naquele período da pesquisa estavam à disposição das mesmas, como: televisão, dvd, e microsystem.

Outro aspecto constatado no discurso dos sujeitos da pesquisa, que é fator preponderante para a formação acontecer, favorecendo reflexão, discussão e envolvimento de todos, foi a questão “tempo”. O trabalho do professor requer tempo de estudo, pesquisa e produção, tanto individual quanto coletiva.

Ao pensar em formação continuada, entendemos ser elemento decisivo considerar os aspectos relevantes para o desenvolvimento pessoal e profissional dos educadores para obterem qualidade na educação oferecida à população.

Quando as professoras Águias avaliam que os alunos têm visão acrítica sobre o que assistem e que naquele contexto escolar não há intervenção pedagógica e coletiva, elas sinalizam que é preciso investir mais na formação continuada, romper com antigos paradigmas, provocar novas experiências, levar o professor a se sentir aprendiz, articular os conhecimentos teóricos a sua prática, a fim de que possa ressignificar suas ações.

As professoras demonstram preocupação na forma como os alunos internalizam os padrões de comportamentos, valores apresentados e, muitas vezes, fomentados pela televisão e filmes que locam. Fischer (2001) reafirma que a “TV exerce um poder sem precedentes”. Ao mesmo tempo em que informa, incentiva, instiga, desperta curiosidade e o trabalho pedagógico insere-se nesse movimento, no olhar constante no aluno, nas informações, no que sabem ou pensam que sabem, nas mídias como ferramentas que vão dar suporte ao seu trabalho, numa perspectiva do professor articular mundo e escola.

Reafirmamos que as professoras Águias exploram as potencialidades das tecnologias audiovisuais pedagogicamente, não as utilizando apenas para atingir os objetivos propostos nos conteúdos das disciplinas, mas com visão ampla de articular, aproximar o mundo e a escola, conseqüentemente desenvolver em seus alunos a capacidade de questionar, discutir, analisar, comparar, selecionar, relacionar e produzir. O exercício da cidadania é gradativamente e continuamente realizado, professores e alunos são desafiados nesse processo de aprendizagem.

No cotidiano do fazer pedagógico, as professoras Águias sentem a necessidade da integração família e escola, denunciam a inércia de alguns atores sociais da escola para o trabalho coletivo e alertam que a família precisa cumprir seu papel e que a escola deve fazer parceria com a instituição família.

Para compreendermos o que levou as professoras Águias à determinação de colocar em prática o aprendizado adquirido na formação continuada e estar num processo de ação-reflexão-ação, nos debruçamos em algumas categorias, as quais Freire (1996) denomina de saberes fundamentais para a prática pedagógica. Verificamos que toda mobilização das professoras é possível por sentirem-se inacabadas, estarem abertas às inovações e comprometerem-se consigo e com o outro, preocupação com o cidadão que estão formando.

Neste trabalho, é evidenciada a importância das mudanças nas políticas públicas de formação de professores, porém, é imprescindível pontuarmos o que Garcez (2004, p.36) destaca: “Bons professores sabem transformar circunstâncias pouco favoráveis e são capazes de reverter fatores adversos; são criativos, empenhados, e gostam de enfrentar desafios”. São bons porque assumem ser professores, adotam postura política a favor de seus alunos, compreendem o trabalho pedagógico como uma ação provocadora, instigadora e transformadora. Apoiando-nos ainda na autora, que toma como exemplo

as palavras de um professor: “universidade se faz primeiro com cérebros, depois com cérebros, depois com cérebros, depois com bibliotecas e laboratórios e somente depois com prédios”.

As professoras Águias, mesmo não encontrando na organização interna da escola, espaço para promoção de seu trabalho, desenvolvendo ações individualizadas devido ao contexto no qual se inserem, não perderam o entusiasmo e a determinação de atuar de forma comprometida com os alunos. Essa opção é um grande diferencial, e faz com que grandes trabalhos aconteçam na sala de aula, porque nela se aglutina o trabalho pedagógico e político. E para que as mudanças ocorram num contexto maior, é necessário que cada um comece fazendo sua história e contribuindo significativamente com outras histórias.

#### Referências

ALMEIDA, Maria E. B.; ALMEIDA, Fernando J.; FRANCO, Mônica G.; RUBIM, Ligia; SAPUCAIA, Flávio. A parceria gestão escolar e tecnologias: um sucesso de muitas mãos. In: MACHADO, Maria A. M. (Org.). Progestão: construindo saberes e práticas de gestão na escola pública. Brasília: Consed, 2006.

BARRETO, Raquel G. Tecnologias na formação de professores. São Paulo: Loyola, 2003.

BELLONI, Maria L. A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores. Educação e Pesquisa. São Paulo, 2003, pp. 300.

\_\_\_\_\_. Educação à distância. 3ª ed. São Paulo: Autores associados, 2003.

BOFF, Leonardo. A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana. 40ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CARNEIRO, Vânia L. Televisão e educação: aproximações. In: ALMEIDA, Maria E. B.; MORAN, José E (Org). Integração das tecnologias na educação. Brasília: MEC/ Seed, 2005.

\_\_\_\_\_. Integração da TV na prática, na formação do professor: desejos, propostas, desconfianças, aprendizados. Caxambu, 26ª ANPED, 2005. Disponível em: [www.anped.org.br](http://www.anped.org.br). Acesso em 03 jul/ 07.

CASTRO, Alda M. Política de educação à distância: uma estratégia de formação continuada de professores. Natal: Edufrn, 2005.

FISCHER, Rosa M. Televisão e educação: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. Política e educação. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCEZ, Lucília H. O professor no processo educacional. Boletim Referenciais Curriculares. Brasília: MEC/ Seed, 2004.

MORAN, José M. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. São Paulo: Papirus, 2007.

\_\_\_\_\_. O vídeo na sala de aula. Comunicação e educação. São Paulo: Moderna, 1995.  
Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm#tvvideo>. Acesso em 13 mar/ 07.

NEVES, Yára P. Evasão nos cursos a distância: Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Alagoas, 2006.

OLIVEIRA, Elsa G. Educação à distância na transição paradigmática. Campinas: Papirus, 2003.

RODRIGUES, Cleide A. Mediações na formação à distância de professores: autonomia, comunicação e prática pedagógica. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2006. Disponível em [http://fmail8.uol.com.br/cgi-bin/webmail.exe/Tese\\_Cleide.pdf?ID=IO4T1WgXMhwRo0Jtjzpeg9BvEhdr9eo1kEYT0Gcz&Act\\_View=1&R\\_Folder=aW5ib3g=&msgid=424&Body=2&filename=Tese\\_Cleide.pdf](http://fmail8.uol.com.br/cgi-bin/webmail.exe/Tese_Cleide.pdf?ID=IO4T1WgXMhwRo0Jtjzpeg9BvEhdr9eo1kEYT0Gcz&Act_View=1&R_Folder=aW5ib3g=&msgid=424&Body=2&filename=Tese_Cleide.pdf). Acesso em: 21 mar07.

SCHEMES, Jorge N. Educação via televisão: os cúmplices da TV. Disponível em: [http://br.geocities.com/edu\\_midia/edu\\_midia.html](http://br.geocities.com/edu_midia/edu_midia.html), 1991. Acesso em 20jul07.

TOSCHI, Mirza S. Formação de professores reflexivos e TV Escola: equívocos e potencialidade sem um programa governamental de educação à distância. 1999. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba 1999.

# TUTORIA ONLINE NO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Carmen Lúcia de Araújo Paiva Oliveira  
João Geraldo de Oliveira Lima  
Luís Paulo Leopoldo Mercado

## 1. Introdução

A ampliação da EAD a partir da Lei 9394/96 gerou a necessidade de formar e desenvolver profissionais para a gestão do conhecimento nessa modalidade. A questão da tutoria aparece como uma das mais relevantes a ser estudada e abordada, uma vez que a atuação do tutor é apontada como decisiva para o sucesso da iniciativa e permanência do aluno nos cursos a distância.

O desenvolvimento das TIC ampliam as possibilidades de aprofundar, compartilhar e ressignificar permanentemente o conhecimento. Por outro lado, viver na sociedade do conhecimento implica em modificações no que se refere a novos espaços e tempos para a aprendizagem. O mundo do trabalho apresenta exigências às quais as escolas, os cursos de formação profissional tentam adaptar-se, mas há uma grande insegurança com o que há de vir, o novo. Torna-se urgente o desenvolvimento de novas competências profissionais, como flexibilidade, capacidade de adaptação a novas funções, criatividade, principalmente disposição para o trabalho em grupo.

Somos convocados a aprender permanentemente, enquanto temos na contramão, em nosso país, um contingente populacional excluído do acesso ao saber formal, porque não há escolas para todos. A educação online aponta para a democratização do acesso ao saber e amplia as possibilidades de aperfeiçoamento continuado, sendo a formação para a docência um dos campos em que a educação online hoje é muito utilizada.

A LDB, admitindo a EAD em todos os níveis de ensino, possibilitou um grande avanço na área, visto que hoje temos uma grande quantidade de universidades federais e instituições estaduais e particulares que estão investindo nessa área, em todas as regiões do país. Esta ampliação da EAD, além de exigir um novo tipo de profissional - o tutor – gera também a necessidade de formar e desenvolver esse profissional para a gestão do conhecimento nos espaços online.

De acordo com Giannasi et al (2005), a tutoria é uma das tarefas mais complexas da prática docente nessa modalidade de ensino, exigindo diferentes competências para o desempenho das funções de tutor, tais como: competências técnicas, pedagógicas, comunicacionais, de iniciativa e criatividade, gerenciais, sociais, profissionais, entre outras. Para os autores, a observação de alguns processos de formação, via EAD, vem apontando a atuação do tutor como decisiva para o sucesso da iniciativa e permanência do aluno até o final do curso.

Para Alves (2006), a função da tutoria é um dos principais fatores que determinam a qualidade da formação num ambiente virtual de aprendizagem. O papel de orientador e guia por parte do tutor assume um maior protagonismo na educação online e se faz necessário uma formação específica neste campo. Para isso, o tutor precisa assegurar a participação dos alunos e criar, cuidar e prover a existência de comunidades virtuais de aprendizagem que podem se constituir em um *locus* de diferentes aprendizagens, respeitando os diversos modelos de aprendizagem dos aprendentes.

O Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação trouxe uma proposta inovadora de tutoria online por ocorrer totalmente online, utilizando o ambiente de aprendizagem e-Proinfo desenvolvido pelo MEC, através da SEED/MEC em parceria com secretarias de educação e universidades públicas, sendo estas responsáveis pela produção, oferta e certificação dos módulos, assim como pela seleção e capacitação de tutores. Com foco na pedagogia da autoria, na integração de tecnologias, na democratização e flexibilização do acesso à formação e no trabalho colaborativo, o Programa é uma referência para cursos online.

Seu objetivo geral é proporcionar aos profissionais de educação, formação continuada para o uso pedagógico das diferentes TIC: TV e vídeo, informática, rádio e impressos, de forma integrada ao processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para a formação de um leitor crítico e criativo, capaz de produzir e estimular a produção nas diversas mídias.

Este texto analisa o processo de tutoria online, destacando o papel, as características desejáveis e o perfil do tutor, relatando a experiência vivenciada, no módulo introdutório do Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação, da SEED/MEC.

## 2. A Tutoria no contexto da Educação Online

Diversos autores, como Adell e Sales (2003), Azevedo (2005), Cejudo (2006), Gutierrez (2005), Neder (2000), Palloff e Pratt (2004), destacam a figura do tutor

como essencial ao processo educativo em educação online, devendo mediar as ações pedagógicas de interação entre professores, alunos, conteúdos e ambientes. Sua atuação estará a serviço da facilitação do processo de ensino-aprendizagem, visando à concretização dos princípios de autonomia e aprendizagem, contribuindo para a criação, nos ambientes online, de espaços colaborativos de aprendizagem. Independente dos recursos tecnológicos que utilize, é essencial que possa proporcionar aos alunos, a interação e integração com a proposta pedagógica do curso.

Com a ampliação da educação online, estimulada pela própria legislação vigente, ampliou-se também o campo de atuação para o tutor, em funções da mediação tecnológica e humana dentro de instituições que promovem a educação online e a capacitação de pessoas pela Internet. Entretanto, não basta o uso de recursos da Internet para que o foco se desloque do ensino para a aprendizagem. Conforme Ramos (2005),

o tutor passa a ser um elo entre o virtual e o real, tornando-se assim um gestor do conhecimento, que tem por objetivo estimular e articular o conhecimento, visando atingir a excelência e proporcionar o compartilhamento das informações, envolvendo assim a promoção das relações humanas e do uso da tecnologia voltada para a Educação.

O tutor deve ter capacidade de gerenciar equipes, habilidades de criar e manter o interesse do grupo pelos temas; ser motivador e empenhado em acompanhar a aprendizagem dos alunos, pois terá grupos de alunos heterogêneos, formados por pessoas de regiões distintas, com vivências bastante diferenciadas, culturas e interesses diversos, exigindo do tutor uma habilidade gerencial com pessoas extremamente eficiente. Deve ter domínio sobre o conteúdo do curso e do assunto para ser capaz de esclarecer possíveis dúvidas referentes ao tema abordado pelo autor, a bibliografia recomendada, as atividades e eventos relacionados ao assunto.

O tutor é capaz de coordenar discussões e trabalhos em grupos, problematizar os temas propostos, mobilizar os conhecimentos prévios dos cursistas, dar-lhes feedback do seu desempenho e, ajudá-los na recuperação de conteúdos e habilidades que não atingiram plenamente.

Percebe-se assim, que o tutor é um grande articulador nos processos de educação online, enfatizando os elementos necessários à permanência ativa dos alunos no curso. Para que isso aconteça, além da preparação e do conhecimento necessários, o tutor tem algumas tarefas essenciais a cumprir no desenvolvimento de um curso, devendo possuir características e um perfil específico.

Vários autores apontam as características e atribuições do tutor. Flemming, Luz e Mestrando (2005), valorizam características como sensibilidade e iniciativa.

Sensibilidade para perceber os problemas e iniciativa para criar alternativas que ajudem na solução dos mesmos. Belloni (1999) destaca que o professor-tutor orienta o aluno em seus estudos relativos à disciplina pela qual é responsável, esclarece dúvidas e explica questões relativas aos conteúdos da disciplina; em geral participa das atividades de avaliação. Neder (2000) enfatiza que o tutor precisa estimular e motivar o aluno, além de contribuir para o desenvolvimento da capacidade de organização das atividades acadêmicas e de auto-aprendizagem. Lima e Rosatelli(2005) afirmam que o exercício da função do tutor requer qualidades como: possuir atitude crítica e criativa no desenvolvimento de suas atribuições; ter capacidade de estimular a resolução de problemas; possibilitar aos alunos uma aprendizagem dinâmica; ser capaz de abrir caminhos para a expressão e comunicação; apresentar atitude pesquisadora; possuir uma clara concepção de aprendizagem; estabelecer relações empáticas com seus interlocutores; capacidade de inovação; facilitar a construção de conhecimentos. Afirmam, ainda, que o tutor pode ser considerado o centro das relações, pois ele media tanto a interação do professor com o aluno, como do aluno com o material didático, sendo sua função mais importante auxiliar o aluno a aprender a aprender. Para esses autores, o tutor apresenta-se como elemento chave, dinâmico e essencial na harmonização de todo processo ensino-aprendizagem.

As atividades da tutoria online (ADELL e SALES, 2003; CEJUDO, 2006) podem ser classificadas em atividades de formação no ambiente virtual e em atividades de apoio técnico e operativo da coordenação tutorial do curso.

Nas atividades de formação, é necessário que o tutor assegure a compreensão dos alunos sobre as instruções e o tempo fixado para a realização de cada atividade, parcial e final; ofereça exercícios que proporcionem a familiarização dos alunos com as ferramentas do ambiente, crie e coordene as discussões nos fóruns ou chats, de acordo com o cronograma do curso, facilitando atividades de aprendizagem, comunicação, experiência na tarefa colaborativa; estimule a participação individual e grupal e ainda assessor os alunos em questões técnicas e administrativas em geral.

O tutor deve realizar diariamente o acompanhamento dos trabalhos dos alunos, mostrando sua constância e presença nas diversas atividades propostas, utilizando as ferramentas do ambiente virtual. É preciso estar atento às consultas dos alunos, geralmente via e-mail, não demorando mais que 24 horas para responder. É importante também favorecer atividades que estabeleçam relações entre os conteúdos do curso, as propostas de trabalho e as práticas e experiências pedagógicas dos alunos.

A avaliação dos resultados do grupo, deve ser contínua, indicando correções, reforçando ou estimulando de forma apropriada. Ao final do módulo ou etapa, conforme esteja organizado o curso, comunicar aos alunos os resultados, bem como encaminhar os mesmos à coordenação do curso, em planilha disponibilizada para tal.

As atividades de apoio técnico e operativo, estão relacionadas à comunicação com a coordenação do curso, informando situações complexas por parte dos alunos, como situações de abandono, problemas de conexão, problemas com o uso das ferramentas. É papel do tutor elaborar os relatórios parciais e finais, encerrando as atividades do curso com os resultados do grupo e ainda uma autoavaliação de seu desempenho como tutor.

No Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação (SEED, 2005), os tutores são educadores com formação superior em diversas áreas, todos com graduação ou pós-graduação. A eles cabem o acompanhamento e avaliação dos alunos no decorrer do curso, dando respostas as suas dúvidas; correção e comentário das atividades dos cursistas; ajuda para a compreensão dos materiais do curso por meio das discussões e explicações, bem como no planejamento dos trabalhos; o fornecimento de informações via ferramentas de interação do ambiente virtual ou telefone; atualização de informações sobre o progresso dos cursistas e ainda o fornecimento de feedback aos coordenadores sobre os materiais dos cursos e as dificuldades dos cursistas, fazendo a intermediação entre estes e a instituição.

Na educação online, a perspectiva da aprendizagem colaborativa, defendida por autores como Bueno (2006), Duarte e Sandra (2000), Harasim et al (2006), Smith e Kollock (2003), Santos (2001), Palloff e Pratt (2003), mostram a possibilidade de aprender junto, em colaboração com o outro, que pode estar a quilômetros de distância, seja um colega de curso, seja o tutor que realiza o acompanhamento do mesmo.

Esta aprendizagem, baseada no modelo colaborativo em rede se baseia no paradigma centrado no grupo de alunos e não no aluno individual. A comunidade de alunos se envolve no desenvolvimento ou na consecução de uma tarefa comum. Este modelo difere dos anteriores, já que a aquisição de novos conhecimentos e a melhora das competências não se devem ao autoestudo sobre um conjunto de recursos didáticos disponíveis, nem à transmissão do conteúdo por parte de um professor, o processo de aprendizagem se gera através das interações entre todos os alunos e ao compartilhar as experiências e competências que já possui o grupo de alunos.

O sentimento de pertencimento, a permanência, a ligação entre o sentimento de comunidade, o caráter corporativo e a emergência de um projeto comum, bem como a existência de formas próprias de comunicação, são características fundantes de qualquer comunidade, na qual os membros dependem um dos outros para conseguir os resultados de aprendizagem no curso.

Sem o apoio e a participação de uma comunidade de aprendizagem, não existe curso online. Ainda que o professor seja responsável em facilitar o processo, os alunos têm uma responsabilidade na criação da comunidade. A habilidade para colaborar e criar o conhecimento e significado comum é um indicador claro de que uma comunidade de aprendizagem virtual tem sido criada com êxito.

Pallof e Pratt (2002) identificam que uma comunidade de aprendizagem num ambiente virtual de aprendizagem tem sido realmente constituída: interação ativa que implica tanto no conteúdo do curso como na comunicação pessoal; aprendizagem colaborativa evidenciada por comentários dirigidos principalmente entre alunos mas que entre alunos e professor; significado construído socialmente evidenciado pelo acordo e o questionamento, com o objetivo de conseguir acordos sobre assuntos de significados; compartilhar recursos entre alunos e, expressões de apoio e motivação trocados entre os alunos, assim com conhecimento para avaliar criticamente o trabalho de outros.

Giannasi et al (2005), reforça esse pensamento afirmando que como educador, ao tutor são requeridas qualidades como maturidade emocional, capacidade de liderança, bom nível cultural, capacidade de empatia, cordialidade e ser um bom ouvinte.

Destá maneira, o tutor irá fazer a ponte entre os cursistas, o ambiente e o processo de aprendizagem e colaboração. Seu papel é de mediador, ouvindo, negociando, ajustando. Essa postura requer do tutor presença mais constante e um envolvimento cada vez maior com o que os alunos estão aprendendo, pois será sua a tarefa de realinhar metas, auxiliar nas decisões, aproximar as pessoas para que a aprendizagem seja efetiva e significativa, como afirma Ramos (2005), ressaltando ainda importância da figura do tutor, no modo como se constituem as relações humanas nos ambientes de aprendizagem, de forma a promover a motivação e a interação do grupo.

Para desempenhar as funções da tutoria online, é necessário que o professor tenha um perfil específico, sendo capaz de: facilitar o ambiente virtual procurando introduzir uma matriz de humanização; realizar um acompanhamento acadêmico e motivacional através do espaço virtual, sem deixar que os interesses nem processos individuais e grupais decaiam; gerar confiança, qualidade e eficiência, além de ser capaz de compreender a cada aluno; dinamizar o trabalho individual e grupal, organizando e planejando as tarefas; transmitir clareza e segurança desde sua postura e fazer; dominar a língua escrita, possibilitando a compreensão adequada dos cursistas em cada uma das intervenções; sistematizar e ter responsabilidade em seu fazer e em sua comunicação online; apresentar solidez pedagógica com relação ao tema do curso, fazendo ágeis e apropriadas intervenções; ter criatividade e flexibilidade, adaptando-se com plasticidade aos imprevistos e mudanças que podem surgir no caminho; refletir a respeito de sua própria prática.

Observa-se assim, que entre diversos elementos importantes na educação online, a figura do tutor emerge como essencial, à medida que é ele que estabelece todo um relacionamento com o cursista, tendo um papel fundamental na permanência deste no curso. A evasão é um aspecto extremamente indesejável em qualquer processo educativo e se constitui uma grande preocupação na educação online. Cabe então ao tutor usar diversas estratégias para animação, estímulo, formação de vínculos no grupo que acompanha, para que este alcance os objetivos de aprendizagem propostos no curso.

Entretanto, não se pode esquecer que estudar a distância ainda é um desafio para as pessoas que cresceram no paradigma da educação presencial. Alguns cursistas, conforme observado no acompanhamento do Programa de Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação, necessitam do contato pessoal com o tutor, como se os meios utilizados para comunicação não fossem suficientes. Isto compõe o quadro de diferenças individuais que devem ser observadas e respeitadas em qualquer curso, seja presencial ou a distância.

Ao tutor cabe estabelecer os tempos necessários a ouvir este aluno, ter disponibilidade para tal. É importante também que tenha um plano de tutoria bem estruturado, o que permitirá uma comunicação mais eficiente com os cursistas sob sua responsabilidade. A tutoria online, demanda tempo e dedicação para que o acompanhamento realmente funcione adequadamente e o cursista se sinta confortável para prosseguir em sua jornada de formação contínua.

### 3. A Tutoria online no Programa de Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação

A formação de professores para utilização de tecnologias em escolas públicas, tem sido uma grande preocupação do MEC, junto às Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e Universidades. Ao mesmo tempo, aumentam os investimentos federais em termos de dotar as escolas com novas tecnologias e mídias.

Os primeiros equipamentos a chegarem às escolas foram TV, vídeo, antena parabólica e receptor analógico, existindo paralelamente a isso, investimentos em formação de multiplicadores no âmbito das secretarias estaduais e municipais, para que estes fizessem chegar aos técnicos e professores das escolas o conhecimento técnico-operacional para uso do equipamento, bem como o conhecimento pedagógico necessário à inserção da programação da TV Escola à prática docente.

Passados alguns anos e constatada a subutilização dos equipamentos, o MEC propôs em parceria com a UniRede, a primeira formação a distância para uso dessas tecnologias: o curso TV na Escola e os Desafios de Hoje, envolvendo professores em todo Brasil. Esse curso seguia o modelo de EAD híbrida, utilizando material impresso e vídeos de apoio. O curso foi realizado em quatro edições, no período de 2000 a 2004

Por outro lado, a partir de 1997, iniciou-se a preparação das escolas para a implantação dos primeiros laboratórios de informática. Ao mesmo tempo, foram oferecidos cursos de especialização para formação de professores multiplicadores e criados no âmbito das Secretarias Estaduais de Educação, os Núcleos de Tecnologia

Educacional (NTE), como locais apropriados para a formação dos professores da rede, com a finalidade de implementação do programa de informática nas escolas.

Os NTE começaram a funcionar, iniciando a formação dos professores das primeiras escolas equipadas e em algumas delas o programa começou a ser implementado. E logo a história da TV Escola começou a se repetir: laboratórios fechados, alunos e pais a reclamar, denúncias, perda de equipamento por roubo. Entretanto algumas escolas, com o auxílio dos NTE, começaram a inserir o laboratório de informática na sua vida cotidiana.

O ProInfo ampliou o número de escolas equipadas. O MEC, através do programa TV Escola investiu na substituição dos equipamentos analógicos por equipamentos digitais. Chegaram às escolas novos aparelhos de TV, DVD e mídias já gravadas. Isso aumentou a necessidade de compreensão das linguagens das mídias pelos professores, para torná-las aliadas na busca pela melhoria da qualidade do ensino, que em Alagoas tem apresentado indicadores bastante negativos.

Os NTE, dotados de número muito reduzido de profissionais, não tem conseguido atender à demanda provocada pela ampliação do número de escolas equipadas com novos laboratórios. Por outro lado, os professores com carga horária fechada, não dispõem de tempo para participação em formações presenciais cuja carga horária varia de 40 a 120 h.

Foi nesse contexto e aproveitando o interesse despertado pelo curso TV na Escola e os desafios de Hoje, que o MEC propôs o Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação (Fig. 1 e 2), em curso desde setembro de 2006. Este Programa trouxe uma proposta inovadora, por ocorrer totalmente online, utilizando o ambiente de aprendizagem e-Proinfo <www.eproinfo.mec.gov.br>, desenvolvido pelo MEC e veio atender a uma nova demanda por formação continuada voltada ao melhor uso das TIC, bem como sua gestão.



Fig 1 – Página do Curso no E-Proinfo



Fig.2 – Página do curso na UFAL

É uma proposta fundamentada em uma concepção de educação como processo construtivo e permanente e caracterizada pela integração das diferentes mídias ao processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para que os professores façam uso dos recursos tecnológicos no cotidiano da escola, articulando-os à proposta pedagógica e a uma concepção interacionista de aprendizagem.

O Programa surge da demanda por formação continuada voltada ao melhor uso das TIC, que fundamenta uma constante avaliação crítica da aplicabilidade das diferentes mídias televisão, rádio, informática e material impresso), que permite o desenvolvimento, de forma integrada, das habilidades e competências necessárias à atuação em processos de gestão com TIC: atuação em programas comunitários de inclusão digital e suporte técnico às atividades educacionais que envolvam o uso das TIC.

Entre seus objetivos destacam-se a identificação dos aspectos teóricos e práticos no contexto das diferentes mídias e no uso integrado das linguagens de comunicação: sonoras, visuais, impressas, audiovisuais, informáticas, telemáticas, bem como a exploração do potencial dos Programas da SEED/MEC (TV Escola, Proinfo, Rádio Escola, Rived) e os desenvolvidos por IES ou Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, no Projeto Político Pedagógico da escola, sua gestão no cotidiano escolar e sua disponibilidade à comunidade.

O Programa está estruturado em módulos, divididos em três Ciclos, permitindo o tratamento dos temas em diferentes níveis de profundidade: Ciclo básico (120 horas) composto de módulos sobre mídias e sua gestão; Ciclo intermediário (180 horas) composto de módulos temáticos dedicados às mídias, sua gestão e aplicabilidade e Ciclo Avançado (360 horas) composto por módulos temáticos dedicados às especialidades, ao aprofundamento das mídias.

Todo o curso acontece no ambiente virtual de aprendizagem e-Proinfo. O ambiente é usado pelo professor para debater assuntos com os alunos, tirar dúvidas fora do horário das aulas; basta marcar horários para se encontrarem virtualmente. Pode-se comparar a uma mesa de conversação da qual participam várias pessoas que trocam opiniões e informações sobre um tema específico, utilizando como recurso o e-mail. Também pode ser usado para debates de um determinado assunto e até ajudar em pesquisas, marcando encontros com especialistas ou análise de problemas de diferentes pontos de vistas, recurso para realização de atividades em aula ou fora da aula, como por exemplo, o professor pode solicitar aos alunos que assistam um vídeo ou leiam um texto sobre determinado assunto e façam uma análise crítica sobre o tema no chat, e ainda, que os mesmos troquem idéias e discutam suas opiniões e que, em seguida a turma faça uma síntese do tema, também o professor pode convidar um profissional para discutir com um grupo de alunos um determinado tema.

As ferramentas disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem utilizadas no curso, são: Apoio (Agenda, Referência, Tira-Dúvidas); Interação (Webmail (Correio Eletrônico), Fórum, Enquete, Bate-papo (Chat), Diário de Bordo), Biblioteca (Material do aluno, Material do Professor), Módulo (Atividades do Módulo, Atividades da Turma, Conteúdo do Módulo).

Os módulos do curso permitem acesso a diversos recursos de aprendizagem como: hipertextos, hiperlinks, simulações, textos, imagens, seqüência de vídeo e/ou áudio, exercícios práticos, tutorias, além disso, os alunos podem acessar a maior quantidade de informação através dos múltiplos recursos disponíveis na Internet como: banco de dados “on line” ou bibliográficas; sistemas de informação orientados ao objeto; livros eletrônicos, recursos de vídeo, áudio, vídeos; publicações eletrônicas; enciclopédias.

A estrutura modular permite que novos módulos sejam incorporados ao programa, sempre que se constate demanda, mediante análise da relevância do tema em questão. Novos percursos podem ser desenhados, desde que seja respeitada a característica integradora das mídias entre si e ao projeto pedagógico.

A metodologia do programa é marcada pela interatividade, objetivando familiarizar o professor com as diversas mídias: impressa, Internet, vídeo e cd-rom. As atividades têm caráter teórico-prático, buscando facilitar o processo de produção de conhecimento e a interação entre educadores e cursistas por meio da utilização das TIC.

O Ciclo Básico, iniciado em setembro de 2006 em todos os estados brasileiros, constitui o núcleo em torno do qual se estruturam os demais ciclos, engloba a discussão sobre a utilização das mídias em diferentes concepções pedagógicas, os fundamentos e a aplicabilidade das principais mídias no ensino e na aprendizagem. Este ciclo deverá ser concluído em abril de 2007 e está organizado nos seguintes módulos: Integração de Mídias na educação: concepções e tendências – Módulo Introdutório, conceitual

(30 horas), Televisão (15 horas), Rádio (15 horas), Informática (15 horas), Material Impresso (15 horas), Gestão Integrada de Mídias (15 horas), Projeto galeria de Mídias (15 horas).

A avaliação, sob a responsabilidade dos tutores, é continuada, visando garantir o desenvolvimento integrado e contínuo das aprendizagens e competências. As avaliações incluem procedimentos de auto-avaliação, avaliação a distância, participação no projeto integrador e elaboração do projeto final, conforme a certificação pretendida. Para obter aprovação e a respectiva certificação, o cursista deverá cumprir os requisitos estabelecidos, segundo o nível e especificidade do curso, apresentando ao final de cada módulo um Trabalho Final de Curso.

Os tutores, junto com a coordenação de tutoria nas IES, estabeleceram critérios de avaliação, que estão sendo observados durante a realização do curso. No caso da UFAL, os critérios foram: clareza de idéias – as idéias devem fluir de forma encadeada e coerente, esclarecendo o teor da contribuição do aluno, desenvolvendo-se de forma a esclarecer o enunciado da atividade; adequação da contribuição – a contribuição responde ao que foi proposto na atividade?; participação – especialmente para o fórum – a contribuição é colocada de forma que os colegas possam comentar em tempo? Costuma comentar a contribuição dos outros? Os resultados individuais são expressos em conceitos e encaminhados aos cursistas em planilhas individuais, após a conclusão de cada módulo.

Antes de iniciar o estudo dos módulos do curso é necessário que o tutor coordene a ambientação dos alunos no curso e inicie a socialização do grupo, que de acordo com Rodrigues (2005), se dá através da abertura do ambiente virtual antes do início do curso ou a delimitação de um prazo para se conhecer as ferramentas utilizadas neste ambiente. Este procedimento, juntamente com um roteiro de navegação, propicia ao aluno não só conhecer o ambiente do curso, mas também explorar as diversas ferramentas e recursos disponíveis.

Nesta ambientação ocorre a apresentação do grupo de participantes e primeiros contatos entre tutor e alunos, para promover a sociabilização do grupo com apresentações dos participantes, facilitando os primeiros contatos entre o professor e os alunos, mediados pela ferramenta tecnológica.

No curso ofertado em Alagoas, esse momento aconteceu no primeiro encontro presencial e durante a primeira semana do módulo introdutório, quando foi feito o convite para a formação da comunidade de aprendizagem (BUENO, 2006; PALLOFF e PRATT, 2002; SANGRÁ, 2002) proposta na atividade 1 - Formação da Comunidade de Aprendizagem - Prazer em conhecê-los, na qual é solicitado de cada aluno a apresentação no fórum para contar um pouco mais sobre a trajetória pessoal e profissional. Essa apresentação ocorreu no Fórum café, no qual foi solicitado que cada cursista escrevesse sobre si: nome, cidade onde nasceu e onde vive atualmente, trajetória

profissional, expectativas em relação ao curso e ao módulo introdutório e passatempos favoritos, quando não está na escola. Foi solicitado que navegassem pelas participações dos demais cursistas para conhecerem um pouco mais, buscando comentar algum aspecto que lhe chamou a atenção ou com o qual se identificou. Este momento foi muito importante para os componentes do grupo se conhecerem, conforme constatado nas falas dos cursistas abaixo:

Minha expectativa é aprender um pouco mais em relação as TIC e suas influências na educação e no dia a dia. Tenho como passatempos ler, assistir televisão e descansar. Cristine

Com esse curso espero ampliar e/ou atualizar os meus conhecimentos no tocante às novas tecnologias. Espero me capacitar para melhor implementar os projetos que são oferecidos, com o objetivo de proporcionar melhores recursos à comunidade escolar, inovando a prática pedagógica, atualizando os conhecimentos e até possibilitando a continuidade da formação acadêmica. Atuando na área, procuro estar, sempre que possível, acompanhando as novas descobertas encontradas para acompanhar os avanços e possibilidades que as mídias, a todo instante, oferecem. Assim, poderei, ao inovar a minha prática, contribuir com as mudanças no ensino-aprendizagem. Vejo, pelo conteúdo, que o módulo introdutório será bem interessante, pois faz uma retrospectiva da contribuição das tecnologias para a nossa vida. Os meus passatempos favoritos são: curtir a minha casa, família, praias, filmes e trocar experiência via WEB. Acreditando que sejam esses passatempos comuns a grande maioria. Maria

Tenho grandes expectativas em relação ao curso, principalmente, no que se refere a refletir como a integração midiática pode favorecer a aprendizagem dos alunos e melhorar a atuação do professor na sala de aula, por isso acredito que a interação entre os colegas, tutores e conteúdos do curso produzirá novas dimensões do uso e integração dessas mídias em nosso cotidiano. Aristóteles

Em relação a este curso vejo como oportunidade de interagir no ambiente E-Proinfo e refletir questões relacionadas a minha prática profissional. Gosto muito de viajar, ouvir música, praia e tb internet. Tá aí um pouquinho de mim. Maria

Espero então ser uma delícia poder discutir mais sobre a temática do curso e amadurecer meus conhecimentos também... é meu primeiro curso a distância então também é um desafio de uma nova experiência. Rosana

A constituição da comunidade de aprendizagem é fundamental na educação online, pois segundo Palloff e Pratt (2004), comunidades virtuais de aprendizagem são agregações culturais a partir de grupos de pessoas que se encontram e realizam atividades em comum na internet, que podem ser criadas e desenvolvidas, nas quais os membros sejam de uma mesma sala de aula, de diferentes salas de um mesmo nível, de diferentes salas de diferentes níveis ou de todo um contexto escolar e entre contextos escolares diferentes.

Um dos benefícios mais importantes das comunidades de aprendizagem, é as contribuições de cada participante, conhecimentos e habilidades, noções e conceitos para enriquecer a prática e o desenvolvimento da aprendizagem do próprio, na construção coletiva com seus companheiros, com sua própria participação nessa comunidade de aprendizagem, o que constrói um ambiente enriquecedor com contribuições e interações de todos e cada um dos integrantes dessa particular comunidade de aprendizagem.

Para considerar-se integrante de uma comunidade de aprendizagem, os participantes precisam compartilhar interesses; freqüentar as comunidades com uma periodicidade que lhes permita avaliar o compromisso mútuo; compreender e participar nas interações próprias de cada comunidade; conformar um sentimento de pertença a ela; reconhecer aos outros “comuns” a partir da identidade adquirida neste espaço virtual construir, desde a participação ativa e passiva, freqüente ou sem freqüência, a identidade no espaço.

Para Gutierrez (2005), o papel do tutor online, na constituição da comunidade do curso é fundamental para o bom andamento e resultados do mesmo. O tutor mantém uma interação constante com os participantes e obtenção de uma comunicação que vai além do meramente acadêmico – a interação é uma das estratégias que permitem ter dados e fatos que podem refletir os diferentes avanços nos processos de aprendizagem dos alunos. Uma das estratégias que tem o tutor para favorecer a interação entre os participantes é através da moderação dos grupos de discussão, do trabalho colaborativo, dos fóruns, que permitem a realização das interações assíncronas e síncronas e que facilitam a construção de conhecimento coletivo.

O fato de que o ambiente virtual possa gerar e provocar interações não é garantia de que o processo de aprendizagem que ali se constrói seja de ótima qualidade. Para contribuir de uma maneira eficiente o tutor deve ter presente que, sem seu acompanhamento, retroalimentação e motivação, o aluno dificilmente poderá alcançar suas metas em termos de aprendizagem. Este último lhe permite conhecer a seus alunos nos outros aspectos mais pessoais e inclusive propiciar este tipo de troca entre eles, evitando o sentimento de solidão e isolamento que, em muitos casos, conduz a frustração e posterior abandono.

Na etapa da ambientação, os alunos familiarizam-se com as ferramentas tecnológicas. Do ambiente virtual, vencendo as resistências e temores naturais que se

podem apresentar antes de uma nova atividade, particularmente nos que fazem estes cursos pela primeira vez. O tutor nesta etapa é um facilitador da apresentação, estimula a participação, cria e amplia redes de ajuda.

Esta etapa permitiu que os tutores e alunos iniciassem a interação virtual própria de um curso de educação online (SILVA, 2003), que conhecessem as expectativas antecedentes pessoais e profissionais e motivações do grupo.

Nesta etapa, além da apresentação do tutor e dos participantes (através das mensagens gerais proporcionadas pelo portal e os e-mails), ocorreu o manejo das interfaces básicas do ambiente virtual, conhecimento dos companheiros de aula (através do meu perfil, dos fóruns de apresentação, das mensagens aos companheiros e o café), consenso dos objetivos e conteúdos (utilização dos fóruns, dos conteúdos e objetivos do curso).

O tutor precisa ficar atento, nesta primeira etapa, aos seguintes elementos, para oferecer uma boa tutoria online: conhecer a fundo o curso e adaptar o estudante a forma como se organizam as atividades, trabalhos, tarefas, conteúdos, adequando-se as exigências dos mesmos; considerar o perfil de cada aluno, expectativas que tem a respeito do curso; precisar de horário de atenção como correção durante o desenvolvimento do curso; facilitar ao aluno as explicações necessárias para a correta compreensão e interpretação de materiais a utilizar, como assim também dos diferentes dados que são precisos (colocar uma foto, ampliar a ficha pessoal); familiarização do aluno com o ambiente virtual, sendo necessário que o aluno “virtual” explore, conheça e utilize as ferramentas de comunicação assim como todos os aspectos inerentes a sua nova aula virtual; fazer com que se estabeleça comunicação entre o aluno e os demais participantes do curso, de forma tal que se desenvolva uma interação horizontal, necessária para um curso virtual.

#### 4. Análises e Acompanhamento da tutoria no Módulo Introdutório

Antes do início do curso foram realizadas reuniões para definição de turmas, momentos presenciais e plano de tutoria. Os momentos presenciais foram compostos de duas partes: na primeira a apresentação do curso de modo geral, na segunda, o contato com o ambiente e-proinfo, criação e acesso ao e-mail.

Após os momentos presenciais, cada tutor fez o cadastro dos seus alunos no ambiente e o coordenador alocou-os nas turmas. Os cursistas receberam a informação de qual seria sua turma e respectivo tutor. Uma dificuldade que se apresentou nesse momento é que poucos deram feedback desse processo, isto levou a crer que o hábito de verificar diariamente seus e-mails precisa ser desenvolvido. Verificou-se também

algumas dificuldades de acesso, muitos professores só o fazem na escola, nos dias úteis, aqueles que têm linha discada restringem o acesso a noite e/ou finais de semana.

O primeiro módulo do curso (SEED, 2006) foi organizado em quatro etapas, cada etapa com quatro atividades, para serem realizadas no período de duas semanas. As ferramentas utilizadas foram fórum, diário de bordo, chat e biblioteca.

A etapa 1 abordou os conceitos mídias e tecnologias e sua evolução, que permitia ao cursista conhecer terminologias como multimídia, hipertexto, hiperímídia e TIC. Leva a uma reflexão sobre o papel das TIC educação e analisa as tecnologias no cotidiano. As atividades interativas propostas nesta etapa foram:

Atividade 2 - Reflexão: o que são Mídias e Tecnologias? (DBordo) - Reflexão sobre o que são mídias, o que são tecnologias e como estão presentes no dia-a-dia. É solicitado aos cursistas que pensem sobre um dia típico da sua vida: Você já havia pensado em quantas tecnologias usa em seu dia-a-dia? Quais tecnologias usou hoje? Quais mídias? Como as novas mídias interativas influenciam no dia-a-dia?

Atividade 3 - Debate Virtual (Fórum): Tecnologia na Educação - Neste fórum serão debatidas as opiniões dos cursistas sobre a utilização das TIC na educação, a partir da leitura dos textos dos professores Waldemar Setzer (Tv e Violência: um casamento perfeito) e José Manuel Moran (Desafios da Televisão e do Vídeo à Escola)

Atividade 4 - Resgatando suas vivências (Biblioteca) - objetivo conhecer um pouco mais sobre as experiências do cursista no uso pedagógico de diferentes tecnologias ou mídias na sala de aula, na comunidade escolar ou em outras situações de ensino.

Na etapa 2 analisa-se como a educação está relacionada com as mudanças sociais, tecnológicas e culturais da Sociedade da Informação e Comunicação. São apresentadas novas competências para esta sociedade, aborda as possibilidades de construção da rede colaborativa de aprendizagem; analisa a recontextualização do papel da escola diante das demandas da sociedade atual e reflete sobre a mudança de atitudes e concepções para conviver nessa sociedade. TIC. Esta etapa permite uma reflexão sobre o papel das TIC educação e analisa as tecnologias no cotidiano. As atividades da etapa 2 foram:

Atividade 1 - Debate: Refletindo sobre a mudança (Fórum e Biblioteca do Aluno) - Nesta atividade se discute como o tema mudança vem acontecendo no dia-a-dia de cada um. Como

lidamos com a rapidez e a abrangência das informações, com as novas formas de comunicação e com recursos tecnológicos que demandam novas maneiras de aprender.

Atividade 2 - Pesquisa: Ferramentas para comunicação e interação (Biblioteca) - parte da seleção de um dos temas: wiki, TV digital interativa, Fotoblog/Blog, comunidades virtuais (Orkut), RPG. Pesquisa na Internet, em revistas, jornais, programas da TV escola ou outras fontes que você localizar. Roteiro para orientar a pesquisa: 1 – Descrição: histórico, Quais os objetivos? Quais as formas usuais de utilização? Quem já utilizou em educação? Quem está utilizando? dê exemplos de utilização em atividades com alunos. 2 – Análise: Quais as limitações? Quais as potencialidades? Quais as críticas? Quais as propostas inovadoras? Quais as oportunidades de uso em educação? Pode promover a modernização ou mudança na educação?

Atividade 3 - Reflexão: Por onde começar? (Diário de Bordo) - Aborda temas sobre a Sociedade da Informação e Comunicação, a recontextualização do papel da escola diante das demandas da sociedade atual e outros. Aprofunda a reflexão sobre as mudanças que a sociedade está vivendo e como a escola está se organizando para enfrentá-las: com a Internet e outras tecnologias surgem novas possibilidades de organização das aulas dentro e fora da escola?; a escola e seus professores podem se organizar para estas mudanças inevitáveis, da forma mais adequada, equilibrada e coerente?; por onde começar e como continuar?

Atividade 4 - Trabalho final do Módulo Introdutório: como incorporar o uso de mídias em sua escola? - O cursista começa a elaborar o trabalho, que deverá ser concluído e apresentado ao final da etapa 4, em data a ser agendada pelo professor tutor. A seguir é apresentada uma sugestão de roteiro para orientar seu trabalho: Identificação de sua escola, Tema da proposta, Objetivos, Problema/questão a ser resolvido/investigada, Público a ser envolvido, Abordagem pedagógica, Mídias e tecnologias a serem utilizadas, Atores e papéis que deverão desempenhar, Dinâmica da atividade, Proposta preliminar das etapas/ações a serem realizadas, Período de realização, Referências bibliográficas.

Faça a releitura dos conteúdos das etapas 1 e 2 para subsidiar seu trabalho. Participe das atividades e debates com os demais cursistas. Prepare um documento com 1 ou até 2 laudas. Publique seu trabalho na Biblioteca em Material de aluno na data agendada pelo professor tutor. Tema - Trabalho Final, Subtema – Ensaio

A etapa 3 trabalhou as relações entre a comunicação e a educação, com objetivo de compreender que a educação é fundamentalmente um processo complexo de comunicação, que estabelece relações significativas para a aprendizagem; conhecer como os meios possibilitam a comunicação com a população e como podemos compreendê-los melhor na educação; identificar as novas formas de aprender e ensinar com o uso das mídias destacando uma postura de leitor crítico e de autoria; apresentar o papel das mídias na educação (TV, rádio, computador); explorar diferentes linguagens e representações; e propiciar o desenvolvimento da visão integradora das mídias na prática docente. As atividades propostas nesta etapa são as seguintes:

Atividade 1 - Cenário: mídias e o contexto da escola (Fórum) - se dá a partir do vídeo com o depoimento da Professora Elisabeth Almeida sobre integração de mídias e algumas experiências de atividades. Como preparar a comunidade escolar para projetos envolvendo a integração de diferentes mídias? Diante das leituras das etapas anteriores, da vivência e do debate com os demais colegas, o cursista é convidado a pensar num cenário ideal - respeitando as possibilidades reais da realidade das escolas brasileiras: as escolas estão preparadas para o uso de mídias? Quais os fatores que podem colaborar para a preparação dos professores para o uso das mídias? É necessário conhecer as especificidades e a operação de cada uma? Qual o papel dos gestores neste processo?

Atividade 2 - Integrando a TV escola (Bate-papo) - parte das experiências educacionais assistidas no vídeo do Programa Salto para o Futuro - Série A Integração tecnológica, linguagem e representação. Tais experiências retratam o uso articulado de diferentes tecnologias e mídias, revelando as potencialidades de práticas pedagógicas, que fomentam a autoria dos alunos e o desenvolvimento de atitudes críticas e reflexivas sobre a sua realidade. O aluno, na participação do bate papo debate as questões levantadas.

Atividade 3 - Articulando teoria e prática: utilizando a TV e vídeo em sala de aula(Fórum)- Aborda as diferentes formas de utilização de TV e vídeo na sala de aula. O cursista é convidado a desenvolver uma atividade de aplicação articulando os conceitos abordados em sua sala de aula. Utiliza um programa de TV ou um vídeo nas aulas para partilhar suas experiências com os demais cursistas e subsidiar o debate. Roteiro: escolha um vídeo ou programa de TV da sua preferência e apresente-o em sua sala de aula. Debate no fórum: Como planejou a atividade? Como identifica a forma de utilização: sensibilização, ilustração,

simulação, conteúdos de ensino? Relato das experiências, avaliando. Comente as experiências dos colegas e proponha novas formas de utilização.

Atividade 4 - Reflexão: o Rádio (DBordo) - Qual o papel do rádio como meio de comunicação? Você ouviu rádio hoje? Qual seu papel na educação? Sua escola dispõe de algum projeto que envolva o uso do rádio? Com que frequência você ouve rádio? Qual tipo de programa? Você já utilizou programas de rádio em sua sala de aula? Nesta atividade são realizadas pesquisas e reflexão sobre uso do rádio na sala de aula e nas atividades didáticas.

Na etapa 4 foram discutidas as possibilidades de integração de mídias e pedagogia de projetos, com objetivo de conhecer algumas experiências de integração de mídias em educação; elaborar uma proposta de atividade de sala de aula que integre diferentes mídias em sua realização, conforme os objetivos pedagógicos e condições contextuais; realizar a auto-avaliação da participação como aluno do módulo. As atividades propostas nesta etapa foram:

Atividade 1 – Encerramento: Amarrando as idéias (Fórum) - De acordo com as leituras realizadas, sua vivência, o debate e trocas com os demais colegas, reflita sobre as questões a seguir: Como situar a prática pedagógica para propiciar aos alunos uma nova forma de aprender integrando as diferentes mídias nas atividades do espaço escolar? Exemplifique com uma situação concreta. Que novos questionamentos podem ser levantados em relação às práticas sugeridas de integração de mídias na prática pedagógica? Que aspectos se sobressaem como necessários ao aprofundamento da compreensão sobre a integração de mídias na prática pedagógica? Como fica a atuação do professor diante do fato que novas tecnologias, mídias e linguagens continuarão surgindo? Participe do Fórum comentando suas reflexões sobre as questões apontadas. Debata com seus colegas e aponte soluções e propostas para a continuidade da formação para o uso de mídias na educação.

Atividade 2 - Reflexão: Diário de Bordo (DBordo) - A atividade trabalha os elementos significativos para a aprendizagem do cursista no módulo introdutório e as dificuldades encontradas, como foram superadas. Reflexão sobre a trajetória de aprendizagem nas últimas semanas: O que aprendeu? Quais as dificuldades encontradas? Como superou as dificuldades? Este caminho é o início ou a chegada?

Atividade 3 - Trabalho final do Módulo Introdutório: como incorporar o uso de mídias em sua escola? (Biblioteca) - Finalizar a elaboração do trabalho final do Módulo Introdutório. Faça a releitura dos conceitos e reflexões abordados nas etapas 1, 2, 3 e 4 para subsidiar seu trabalho. Na etapa 2 foi apresentada uma sugestão de roteiro para orientar o trabalho: Identificação da escola, tema da proposta, objetivos, problema/questão a ser resolvido/investigada, público a ser envolvido, abordagem pedagógica, mídias e tecnologias a serem utilizadas, atores e papéis que deverão desempenhar, dinâmica da atividade, proposta preliminar das etapas/ações a serem realizadas, período de realização e referências bibliográficas.

### A interação nos Fóruns de Discussão

Os fóruns foram a interface interativa mais utilizada no módulo e que exigiu muitas interações pelos tutores. Os fóruns tiveram boa participação dos alunos e tutores. Neles observou-se alguns professores com dificuldades de articulação de idéias e também dificuldades com a Língua Portuguesa. Por outro lado, há professores que empreendem discussões importantes, comentam as colocações dos colegas, acrescentam informações, tornando-o um espaço significativo de aprendizagem. Vários temas foram colocados para discussão: Tecnologia na educação – prós e contras; Refletindo sobre a mudança; Mídias e o contexto da escola (discutindo soluções para o cenário); Utilização de TV e Vídeo em sala de aula; e para encerrar, um fórum intitulado Amarrando as idéias. Serão citadas interações ocorridas em três deles:

No fórum *Discutindo Soluções para o Cenário* (etapa 3), foi proposto aos cursistas que diante das leituras das etapas anteriores, da sua vivência e do debate com os demais colegas, pensassem sobre um cenário ideal, respeitando as possibilidades reais das escolas brasileiras, procurando responder às questões: as escolas estão preparadas para o uso de mídias? Quais os fatores que podem colaborar para a preparação dos professores para o uso das mídias? É necessário conhecer as especificidades e a operação de cada uma? Qual o papel dos gestores neste processo?

Teve-se ótimas reflexões, por parte de alguns cursistas, dando-se ênfase à gestão das mídias na escola, a importância do planejamento e do trabalho coletivo, conforme pode-se observar nessas colocações:

Pensando num cenário ideal, mas trabalhando com o concreto, podemos logo no início deste nosso fórum fazer algumas

considerações sobre os pontos colocados para nossa discussão.<sup>1º</sup>

- Se as escolas estão preparadas para o uso de mídias? Creio que ainda não totalmente. Sabemos que as estruturas físicas de alguns prédios escolares precisam de adequações para a utilização das mídias e tecnologias. Quanto as estruturas humanas sabemos que a cada dia cada um de nós precisa estar se apropriando de novos conceitos e práticas, mas nunca estaremos “prontos”. Mas o caminho se faz ao caminhar. Um dos fatores que pode colaborar para o uso das mídias, é o uso cotidiano destas ferramentas pedagógicas. Não dá para andar de bicicleta lendo um livro. É preciso que haja interação com os instrumentos. Muitos professores reclamam do fato de não possuírem ainda um computador. Há alguns financiamentos por parte de bancos do governo, mas ainda é um equipamento caro, se olhamos para quanto ganha um professor. Outro ponto é o acompanhamento didático do professor por parte da coordenação. Alguns professores podem acreditar que com o uso das mídias eles vão ficar mais “folgados”, pois é só colocar um “filminho” e eles ficam assistindo... E não é bem assim! Os educadores precisam nortejar seus trabalhos por meio de planejamentos efetivos, não falo aqui de mais uma gama de papéis para se preencher, etc e tal. Mas falo de um planejamento sério, adaptado para o dia-a-dia e que o professor tenha condições para preencher e colocar em prática. É necessário conhecer as especificidades e a operação de cada uma, mas isso não é preciso ser feito tudo de uma só vez. Os professores podem ser instruídos com aquelas ferramentas que a escola dispõe e depois sobre outras que poderá estar recebendo ou adquirindo. Mas é importante que os educadores tomem posse das possibilidades que cada recurso oferece, para que assim possa estar utilizando de forma adequada (evitando estragos e danos) e utilizando para uma mudança na sua prática, tornando-a libertária. (...) O papel dos gestores neste momento de conhecimento e incorporação do uso das mídias é, inicialmente, o de fomentar o uso das mesmas. Isso significa articular espaços e horários, estar atento ao que as Secretarias de Ensino oferecem de formação continuada e estar disposto ao diálogo com os educadores na busca de uma linguagem que unifique o trabalho – isso porque sempre encontramos pessoas que dizem assim: “... olha só, lá vai aquele professor para a sala de vídeo... não dá mais aula, fica só assistindo filme e usando o computador... assim até eu quero...quanto moleza, e a direção ainda incentiva... o que ele quer, salvar o mundo?” Percebemos

que as mudanças têm que ultrapassar grandes barreiras, e uma delas é a da ignorância, da falta de conhecimento que leva as pessoas a antipatizar com alguém ou com algo... (FSC)

(Contribuição) Compreendendo a escola em seu aspecto mais amplo, acredito que ainda não está preparada para o uso de mídias, da forma como devem ser realmente utilizadas, basicamente por dois fatores: 1. Os professores necessitam repensar e reconstruir seus conceitos fundamentais do processo ensino-aprendizagem, o que enfoca desde o planejamento, adequação metodológica, enfim, uma mudança pedagógica sem perder o já conquistado, ou seja, os educadores serão os responsáveis pelos novos paradigmas educacionais; 2. O acesso de todas as escolas aos recursos necessários para o implemento das mídias, pois sabemos que muitas não contam sequer com o básico, como material para o aluno. Entretanto, alguns fatores podem colaborar na formação e trabalho dos professores, como auxílio para a aquisição de computadores, acesso a internet, cursos como este que fazemos parte, onde o professor ao mesmo tempo que aprende, ensina seus alunos a aprender, ou seja, na prática reaprendemos com o uso das mídias, desconstruindo e reconstruindo, numa interação diferente do que já tivemos, onde observamos a plasticidade do nosso cérebro (utilizamos novas sinapses), etc. Sem sombra de dúvida, só podemos utilizar bem aquilo que conhecemos em todas as suas especificidades, só poderemos estar aptos aos novos desafios educacionais como o uso de mídias na educação baseado no trinômio conhecimento/criticidade/responsabilidade. Acredito que o papel dos gestores, todos os responsáveis pelo planejamento da educação em nosso país, desde o Ministro da Educação até as secretarias de educação devem passar pela democratização do acesso as mídias, a verdadeira inclusão digital, que resgate todos os professores que estão a margem desse processo. (AP)

Ainda na etapa 3 discutiu-se em outro fórum Experiências com TV e Vídeo na Escola. Foi proposta uma discussão sobre as diferentes formas de utilização da TV e do vídeo em sala de aula, sendo solicitado aos cursistas que escolhessem um vídeo ou programa de TV de sua preferência, apresentassem-no em sala de aula, relatando a experiência no fórum, destacando: Como planejou a atividade? Como identifica a forma de utilização: sensibilização, ilustração, simulação, conteúdos de ensino? Solicitou-se ainda uma avaliação da experiência, comentários e sugestões nas experiências dos colegas. Aconteceram trocas muito interessantes como as que seguem:

Utilizando TV e vídeo em sala de aula (Relato) Tenho turmas de ensino médio, mais precisamente 3º ano, no qual ao explicar o conteúdo de ensino: II Guerra Mundial, achei interessante utilizar um vídeo coerente com o tema. Desta feita escolhi o filme: Linha de Fogo, onde planejei um debate sobre o tema apresentado pelo filme, acompanhado de um relatório individual a respeito dos pontos históricos (aula de história geral) destacados no filme, os mais marcantes. Ao fim atribuí uma nota. Observei que a escolha do filme foi excepcional, pois os alunos, todos sem exceção, fizeram questão de não perder nenhum detalhe. Por ser uma produção baseada em fatos reais, abala a sensibilidade do telespectador, característica que envolveu ainda mais os alunos. O resultado foi maravilhoso, os alunos ficaram admirados com a força de vontade, coragem da população de Stalingrado, território arrasado pelos nazistas de Hitler, porém não se renderam e finalmente, venceram. Percebi que os meus alunos tomaram como lição pessoal: não desistir nunca! Ainda que a batalha pareça perdida. Ao final foi nota máxima para a maioria dos alunos. (EM)

(Contribuição) (...) Como foi o debate? Você descreve em seu relato que tinha preparado um debate sobre o filme. Como os alunos foram orientados para o debate? Você já pensou em fazer um júri simulado a partir das questões que levaram os países a declararem guerra? Acredito que seria uma oportunidade de potencializar o poder de discussão dos alunos, quem sabe podendo estar realizando alguma pesquisa para complementar a preparação para o debate (júri simulado). (FSC)

(Explicação) (...) esta turma de 3º ano conheceu o conteúdo da I e II Guerra Mundial, pesquisou sobre a Batalha de Stalingrado e havia feito uma peça que encenou para o turno vespertino sobre o Holocausto. Para produzir a peça, assistiram em casa alguns filmes como a Lista de Schindler a fim de conseguir embasamento para o enredo do trabalho e logo após partimos para o trabalho com o filme: Círculo de Fogo, onde foi realizado o trabalho que descrevi no Fórum. Quanto ao júri, não indiquei alunos para se posicionar contra ou a favor, naturalmente, cada um defendeu sua opinião a respeito do fato. Gostei muito dos seus questionamentos, aguardarei outros. (EM)

Como a turma é formada por professores de áreas diversificadas, as experiências trataram de temas diversos como africanidade, meio ambiente,

estudos literários, 2ª guerra mundial, filosofia grega (filme Tróia), universo virtual (filme Matrix), valores (filme A Era do gelo), análise de matérias exibidas no Fantástico, entre outros. Neste fórum ocorreram importantes trocas, levando a crer que o professor se sente valorizado quando fala de sua experiência, quando alguém questiona e pede explicações ou dá novas sugestões.

No último fórum do módulo introdutório, Amarrando as Idéias (etapa 4) foi proposta uma reflexão sobre os temas estudados, que respondesse às seguintes questões: a) como situar a prática pedagógica para propiciar aos alunos uma nova forma de aprender integrando as diferentes mídias nas atividades do espaço escolar? Exemplifique com uma situação concreta. b) Que novos questionamentos podem ser levantados em relação às práticas sugeridas de integração de mídias na prática pedagógica? c) Que aspectos se sobressaem como necessários ao aprofundamento da compreensão sobre a integração de mídias na prática pedagógica? d) Como fica a atuação do professor diante do fato que novas tecnologias, mídias e linguagens continuarão surgindo? Colocamos abaixo um dos diálogos empreendidos:

(Contribuição) Para que a prática pedagógica faça uso real e significativo das mídias no cotidiano da sala de aula, de forma integrada, muito caminho ainda precisa ser percorrido pelos educadores. É indispensável por parte destes, que conheçam concretamente a função de cada mídia, para usá-las como aliadas de suas aulas. A escola (no coletivo), pode criar um projeto voltado exatamente para o uso das mídias, com o tema: Mídia X Conhecimento, (cada professor daria sua contribuição no que melhor conhecesse), e a partir daí, seria feito um desafio: cada turma se aprofundaria em uma das mídias, para posteriormente apresentar resultados para a escola como um todo, buscando respostas para as seguintes perguntas: para que serve? como posso aprender? do que preciso? quais as possibilidades reais de aprendizagem? por que devo saber usar?, etc. Infelizmente surgem as inevitáveis perguntas: a escola tem estrutura para integrar as mídias no seu cotidiano? Os professores estão seguros para usá-las? O governo tem investido nessa área? Batendo na mesma tecla, volto a dizer: é necessário mais investimento no aparelhamento tecnológico de nossas escolas e na formação continuada de nossos professores. Um curso como este, por exemplo, quantos tiveram oportunidade de realizá-lo? Ao professor, cabe a conscientização de que os tempos são outros, assim como as cobranças, e que por isso ele deve aceitar o desafio de um fazer pedagógico diferente. Para isso, deve ser um inquieto aprendiz em sua profissionalização. (MJ)

(Contribuição) (...)Concordo com suas colocações sobre a prática pedagógica e o uso das mídias. Estamos no início do caminho e tenho convicção de que, para continuar, precisamos “abrir os olhos”, ou seja, precisamos perceber que o mundo ao nosso redor está evoluindo e nossas práticas muitas vezes são tão arcaicas... Pena que muitos professores, em decorrência de uma necessidade de trabalhar em várias escolas, não podem ter um tempo para estudo e planejamento. Sobre a questão da oportunidade deste curso percebo que alguns até sabiam do curso mas não quiseram ter “mais uma obrigação”! Precisamos acreditar na nossa profissão, e investir nela! (FSC)

(Contribuição) Concordo com você. O professor precisa com certeza mudar a sua prática de ensino para atender melhor as necessidades dos alunos e da sociedade. E só com a auto avaliação e formação adequada ele pode enquanto educador encontrar a melhor maneira de alcançar os seus objetivos.(R)

(Contribuição) (...) Seus questionamentos são muito oportunos e na implementação dos programas que levam os diversos aparatos tecnológicos às escolas, sofremos muito com a falta de estrutura, principalmente no que diz respeito às redes elétrica e lógica. Há um desrespeito às normas técnicas por parte das empresas prestadoras desse serviço à rede pública e pouca ou nenhuma fiscalização por parte de quem deveria fazer isto. Há investimentos do governo tanto em equipamentos, quanto em formação, mas ainda precisamos avançar muito. A segurança dos professores irá acontecendo à medida que ao participarem de formações como esta, possam ir experimentando na prática, registrando essas experiências, discutindo com seus pares, tornando-se autores. A inquietação é um elemento motivador para experimentarmos novos caminhos. (C)

Observa-se que os cursistas, em sua maioria já fazem uso das TIC, alguns com uma postura mais crítica, sofrem com a falta de estrutura das escolas e com as críticas dos colegas mais acomodados, sofrem com gestões que dificultam a utilização mais efetiva das mídias. Ressaltam a necessidade premente de melhoria da prática, bem como a importância da formação contínua do professor, que deve ser conforme uma das cursistas “um inquieto aprendiz em sua profissionalização”.

Durante a realização dos fóruns observou-se que, para ser produtivo o tempo de realização tem que se estender pelo menos por duas semanas. O tempo menor, leva a uma diminuição considerável da participação. Alguns cursistas preocuparam-se apenas em postar sua contribuição nos últimos dias do prazo quinzenal , não

interagindo com os demais, acredita-se que por conta do tempo exíguo e das dificuldades de acesso à internet.

Os fóruns permitiram inúmeros debates, como o transcrito abaixo, desencadeado na elaboração da pesquisa, na atividade Ferramentas para Comunicação e Interação (etapa 2). A atividade parte da seleção de um dos temas/ferramentas a seguir ou da sugestão de novo tema de interesse: wiki, TV digital interativa, fotoblog/blog, comunidades virtuais (Orkut),

#### Debate 1 – RPG

(Relato) Ao fazer a leitura da atv2, resolvi optar pela ferramenta RPG, pois em casa os meus filhos jogam. Por muito tempo, fiz comentários sobre o tempo que perdiam com isso, sem acrescentar nada aos seus conhecimentos. Foi bom, porque me estimulou a pesquisar, procurando conhecer melhor o jogo, entendendo mais a sua função e as contribuições que podem trazer quando se desenvolve um tema dentro do jogo. Faz o grupo se unir, pesquisar, raciocinar, criar e brincar ao mesmo tempo. tudo isso em prol de um final legal para todos, sem competição, mas com muita cooperação. O interessante foi que, ao falar para eles que iria fazer essa pesquisa e precisava da contribuição deles, ficaram contentes em colaborar, pois sabiam que agora eu iria conhecer melhor o jogo e, quem sabe, participar dele algum dia. Falaram com um professor que também joga, e que desenvolveu uma pesquisa acadêmica sobre o RPG, como contribuição para a educação. Este me enviou o seu TCC, que me trouxe entendimentos iniciais acerca do assunto e me incentivou a buscar mais informações. Cheguei ao final da pesquisa, feliz por agora saber que o RPG pode contribuir para que os meus filhos cresçam psicossocioculturalmente. Eles entram em contato com o real de forma lúdica, estudam brincando. Com isso, acrescentei conhecimentos e fiquei ainda mais perto dos meus filhos. Hoje, com as pesquisas, percebo que o professor pode ter muitos aliados que contribuirão com o ensino-aprendizagem, se o mesmo inserir as novas tecnologias no seu cotidiano escolar. (M)

(Contribuição) Acredito que foi interessante sua descoberta sobre a importância dos jogos e o uso que nossos jovens fazem dele e o que aprendem nos mesmos. Com sua pesquisa, acreditamos que nosso olhar em cima dos jogos on line será diferente. (Tutor)

(Relato) Comecei a pesquisa sobre comunidades virtuais, mas no meio do caminho M. me contagiou com o interesse pelo

RPG(Role Playing Game). Jogo no qual cada jogador interpreta um personagem criado por ele em um ambiente pré-definido, que pode ser ficção, idade média, cyberpunk, vikings, velho oeste, Brasil colônia, etc. O personagem é criado de acordo com as regras e obedecendo a lógica do mundo para o qual está sendo criado. O mestre do jogo é o diretor, roteirista, figurante, ator coadjuvante e responsável pelo sucesso do jogo. O roteiro é aberto, o mestre cria tudo, menos o que os personagens dos jogadores irão fazer. A história no RPG é sempre uma criação coletiva e nunca se repete. O desafio e a superação de limites é o que dá graça ao jogo. Pelo que vimos, o jogo resgata a tradição do oral ajudando a melhorar a leitura e a escrita, estimulando a criatividade, a imaginação, o raciocínio, desenvolve também a capacidade de ouvir o outro e melhora a autoestima dos jogadores com o sistema de pontuação, considerando características como sabedoria, destreza, carisma, força de vontade, honra. Achei muito interessante a experiência da Prof<sup>a</sup> Rosângela, com crianças de 4ª série com dificuldades de leitura e escrita. Pode ser de grande ajuda em sala de aula, numa época em que vivemos uma crise de valores e tantas dificuldades de aprendizagem. Acho que esse jogo pode ser um bom aliado dos professores, tanto para resolver conflitos em sala de aula, como também através de uma ambientação histórica para abordar conceitos de determinada cultura, geográficos ou científicos ou numa ambientação de ficção científica, abordar conceitos de física, química e biologia (C)

(Contribuição) durante as pesquisas sobre blog, encontrei um artigo na revista educação de setembro/2002 p. 56 sobre RPG. É um artigo bem interessante onde relata experiência de uma professora da Escola Municipal D. Pedro em São Paulo. Caso interesse, tenho a revista. (S)

(Contribuição) Muito interessante a temática que vocês estão envolvidas. Tem um livro que trata desse tema cujo nome é Game Over de Lynn Alves. O livro é resultante de sua dissertação de mestrado na UFBA. (Tutor)

No debate ocorrido no fórum, percebemos o modelo cooperativo de aprendizagem, baseado no paradigma centrado no aluno, pois a comunidade de alunos se envolve no desenvolvimento ou na consecução de uma tarefa comum, que é a pesquisa de uma dupla de alunos, cujas descobertas são socializadas no debate, motivando aos colegas o interesse em pesquisar ou ampliar pesquisas sobre o tema. Como vemos, no debate transcrito abaixo sobre o uso do blog na sala de aula:

(Contribuição) Dentre tantas ferramentas de interação, escolhi BLOG. Não por achar que é a mais importante, mas por perceber o dinamismo que promove aos que nele interajem. Tive algumas dificuldades em encontrar artigos sobre o tema pelo fato de ser uma prática nova, mas, pude perceber que já vem sendo bem utilizada e com boa aceitação. É uma ferramenta que permite a interação de forma descontraída, promovendo a inserção dos envolvidos numa rede de comunicação favorecendo o ensino, a aprendizagem e consequentemente a construção do conhecimento no coletivo, ou seja, a prática da construção coletiva do conhecimento, defendida por muitos teóricos da área de TIC, como Pierre Lévy no seu livro *Inteligência Coletiva*. É de fundamental importância que no contexto escolar, o blog seja direcionado pelo professor que deverá tb atuar como um animador para instigar a discussão entre seus participantes. Sabemos que essa realidade ainda está com muitas limitações pelo fato de muitas escolas não possuírem os equipamentos que possibilitam essa prática, mas acreditamos que em um tempo não muito distante, haverá um bom número de escolas utilizando-o. Por enquanto contamos com a exclusão em muitos ambientes escolares. Com base no que pude ler a respeito do blog, observo que é uma ferramenta de grande importância na vida dos professores, pois os remete à se conectarem com o mundo, aproxima-o mais de seus alunos no que se refere ao diálogo que promove a relação interpessoal tão necessária entre os sujeitos da aprendizagem e que nem sempre a aula presencial permite. Além de promover ao aluno o desenvolvimento da sua potencialidade em expressar seus pensamentos, refletir sobre o objeto e reformular seus conceitos na mais moderna forma de se comunicar: “on line”. (S)

(Contribuição) realmente todos os temas sugeridos para a pesquisa são interessantes e importantes para enriquecer o processo de crescimento e aprendizagem na busca de entender como funciona as TICs na educação. Selecionamos o FOTOBLOG\BLOG para aprofundarmos e aprimorarmos nosso conhecimento. Eu e AP também tivemos dificuldade de encontrar material disponível. Concordo com você que o uso do blog promove a interação, o trabalho coletivo e a melhoria da relação professor ? aluno, na busca de uma melhor aprendizagem e construção do conhecimento. Pelo que pude ver os blogs já começam a contagiar professores e educadores que já vêm neles uma alternativa para comunicação na educação e um excelente meio para oferecer uma formação descentralizada. O professor

não pode ficar fora desse contexto, deste mundo virtual que seus alunos dominam. Portanto convido a todos os colegas a acessar o site [www.blogger.com](http://www.blogger.com) e se deixar seduzir por esta ferramenta elaborando seu próprio blog, pois a maneira mais rápida de entender a edição de blogs é experimentando. (Cr)

(Contribuição) acredito que o uso do blog levará o sujeito a perceber as possibilidades dos cursos em EAD. Sou muito a favor dessa modalidade, uma vez que cursos presenciais têm uma tendência ao enfado enquanto o curso a distância leva o sujeito à pesquisas, projetos e outras ações de interação que promovem experiências onde as teorias podem ser testadas. (S)

(Contribuição) Os blogs são ferramentas de comunicação e registros que disponibilizados na Internet. Por serem ferramentas recentes, com pouco tempo de uso, ainda são poucas as experiências de sala de aula ou aprendizagem envolvendo as mesmas. Existem várias possibilidades de usá-las em várias situações de aprendizagem. Trabalhar essas situações é um bom tema de pesquisa. (Tutor)

(Relato) Também vejo o blog como uma grande contribuição para os cursos em EAD. Só não tive sorte ao criar o blog da TV Escola, que tinha como objetivo discutir sobre as experiências, novidades e também as dificuldades dos professores que usam esses recursos. Divulgava o endereço através do meu e-mail e nos cursos, infelizmente as pessoas não estão acostumados com essa prática e cansei de trabalhar sozinha. Espero que agora possa ser reativado. (M)

(Contribuição) Blog vem da abreviação de weblog: web (tecido, teia, também usada para designar o ambiente de internet) e log (diário de bordo). É uma ferramenta do mundo virtual que permite aos usuários colocar conteúdo na rede e interagir com outros internautas. Na sala de aula, serve para registrar os conhecimentos adquiridos pela turma durante os projetos de estudo, sendo possível enriquecer os relatos com links, fotos, ilustrações e sons. Blog um interessante recurso tecnológico tem como objetivos: interagir, registrar diário online, publicar histórias, poemas, imagens, divulgar projetos e atividades interdisciplinar onde o papel do professor é de mediador da aprendizagem acompanhando e orientando. Está sendo utilizado não só educação mais, por empresas, jovens, NTE na formação de professores. É uma ferramenta que não tem limite de utilização, por sua praticidade e facilidade de publicação sendo um grande atrativo para os jovens. Diversas

escolas e professores estão utilizando como ferramenta a aprendizagem significativa. No entanto, é necessário que a escola tenha computador com acesso a Internet. O professor está desenvolvendo um projeto sobre o meio ambiente, como atividade socializa que, eles registrem suas pesquisas e descobertas no Blog construindo para interação da turma, onde todos possam ter acesso a informação, responder, comentar, perguntar, trocar endereços, imagens etc. Análise: Como os provedores costumam deixar o blog no ar indefinidamente, desde que sejam abastecidos periodicamente (nos termos de uso esses prazos estão definidos), mas costumam fixar um limite de capacidade de armazenamento de dados. Textos coloridos e fotos grandes ocupam mais espaço. Um dos provedores de acesso gratuito aceita até 1 mega, ou 1000 kbites. Uma foto pequena e um texto de 10 linhas ocupam, cada um, cerca de 10 kbites. Portanto, pode-se escrever bastante. As possibilidades de uso são inúmeras basta ser usado com criatividade, podendo promover mudanças ou inovações. Na capacitação que realizamos para professores na Escola José Correia da Silva Titara, ano passado fizemos uma experiência utilizando Blog, pois era uma formação presencial e a distância, elas deveriam registrar suas reflexões e fazer comentários, devido problema com a Internet na escola, não podemos concluir os trabalhos com blog, como o site está ativo disponibilizamos para visita, pois ainda temos acesso. <http://pedagogiachoque.weblogger.com.br>. Sugestões bibliográficas para navegar em sites blogs: <http://www.blog.uol.com.br/>; [Blogs.com.br](http://www.blogs.com.br/); [www.sobresites.com/blog](http://www.sobresites.com/blog), [www.weblogger.brasil.com.br](http://www.weblogger.brasil.com.br). (E)

Neste outro debate, temos a ampliação pelos colegas, da proposta inicial de pesquisa a qual foi acrescida do relato de experiências realizadas nas escolas e das sugestões bibliográficas trazidas pelos participantes.

Outra interface usada no curso foi o chat (bate papo), utilizada apenas uma vez. O tema discutido foi a Integração tecnológica, linguagem e representação, a partir de uma série de 5 programas do Salto para o Futuro, exibido pela TV escola. Houve dificuldade de acesso aos vídeos da série, mas disponibilizou-se os textos de apoio, para facilitar a participação. O chat foi realizado em três dias e horários diferentes, mas mesmo assim contou com a participação no total, de apenas 12 cursistas.

Cada tutor criou a sala de bate-papo, agendou data e informou os alunos pela ferramenta aviso. Foram oferecidas sessões em horários diferentes, para que o aluno pudesse acessar na sua conveniência de horário. O bate-papo teve duração

de 30 a 60 minutos. Os momentos trabalhados no bate-papo foram: introdução – informa - proposta da sessão (questionamentos, sínteses de leituras, análise de casos, debate de notícias ou filmes); desenvolvimento - debate a partir do tema introduzido, interagindo com as mensagens colocadas. Cuidar para que as mensagens sejam destinadas a todos (evitar mensagens pessoais e solicitar aos alunos que não conversem no reservado); fechamento - síntese dos pontos principais ou breve resumo do que foi discutido no bate-papo.

Ao final, cada sessão de bate-papo foi gravada e disponibilizada na biblioteca para que toda turma tivesse acesso e para que o debate pudesse continuar foi criado o fórum Chat Integração das TIC na Sala de Aula, cuja discussão gerou mensagens significativas:

(Relato) Foi interessante participar e interagir com pessoas envolvidas com TIC onde compartilhamos informações em tempo real. Percebemos que os diálogos foram rápidos e muitas vezes trocamos de temas por outro, praticamente sem sentir mas segundo Mercado 2002 são superposição de temas habitual no uso de Chat. Não tive problema com a conexão mas parece que alguns colegas caíram e tiveram dificuldades para retornar. Contudo valeu a interação. (Y)

(Relato) Achei muito interessante voltar a interagir com colegas sobre temas discutidos no curso. Infelizmente, nesse chat minha participação não foi muito feliz. Fui prejudicada pela própria tecnologia, com a minha conexão sendo cortada toda vez que formulava um questionamento, o que não me permitiu interagir quase nada. Tinha assistido a dois programas, feito algumas anotações, formulado perguntas para enriquecer a interação e graças tecnologia sem manutenção, fiquei com água na boca e só na vontade. Mas valeu a tentativa!!! (M)

(Relato) Achei muito interessante participar do chat. Só havia experimentado uma vez, durante a capacitação para uso do ambiente e-proinfo. A dificuldade é que tudo é muito rápido e quando a gente começa a responder a uma questão, já surgiram novas. Não tive problemas com a conexão. É uma pena que seja tão curto o tempo que temos para interação em tempo real. (Ca)

(Contribuição) Infelizmente, esta é uma das características da mídia interativa que ainda estamos aprendendo a conviver. Já participei de três chat e ainda não me acostumei com a rapidez que as informações vão sendo passadas. É muito legal interagir com pessoas em vários espaços, como falou a Bete. Tenho certeza que ainda chegaremos lá. (M)

(Relato) Foi ótimo, pena que todos (as) não conseguiram

assistir ao vídeo, acredito que teria sido mais interativo. Já tive oportunidade de participar de outros chat, acho uma novidade interessante, saber que o outro está a quilômetros e conversamos como se estivéssemos juntinhos. (E)

(Contribuição) Concordo com você ao falar que interação não atingiu o objetivo da atividade, pois todos deveriam ter pelo menos lido o texto que o boletim da série traz. Assim, a discussão seria bem mais rica. (M)

(Relato) O chat foi muito bom, pena que nem todos os participantes tiveram a oportunidade de participar, mas isso é normal, pois nem todos têm disponibilidade na mesma hora. Considero o chat uma ferramenta de interação muito importante. O fato de podermos discutir questões no virtual, faz com que nos sintamos realmente participantes de um curso on line. Achei proveitoso. (S)

A continuidade do debate iniciado no chat usando um fórum aberto para tal é de suma importância para manter a comunidade de aprendizagem ativa e interessada, pois permite uma ampliação dos conhecimentos trabalhados de forma rápida no tempo disponibilizado no bate-papo e também permite interação dos colegas que não tiveram condições de participar das sessões agendadas de bate-papo.

Com essa experiência percebeu-se que o chat é uma ferramenta para ser utilizada em atividades optativas, pois a maioria dos cursistas não consegue acesso à internet naquele exato dia e horário em que o mesmo se realiza, ficando excluídos.

Outra interface utilizada no curso foi o diário de bordo, ferramenta na qual o cursista pode fazer seus registros, independente de ser exigido numa atividade, mas poucos fazem uso dela espontaneamente. Foi a interface que alguns cursistas tiveram muitas dificuldades, pois não conseguiam postar suas reflexões. Alguns chegaram a enviar suas mensagens para o e-mail do tutor, diante das dificuldades apresentadas, como o relato de dúvida apresentada por uma aluna:

(02/11/2005 21:33) - Estou tentando responder a atividade 3, entretanto não estou conseguindo acessar o texto do Moran - Desafios da televisão e do vídeo na escola. Nas referências também não consegui acessar o artigo Tecnologia, sociedade e outras abstrações. (Ca)

04/11/2005 13:24 - Ca, Todos os textos estão no formato PDF. Precisa checar se é o link que não está permitindo o acesso ou se o PDF precisa ser atualizado. Quando pedir para abrir o texto, minimize a tela e veja se pede uma confirmação. Tutor

Os trabalhos produzidos pelos alunos no módulo introdutório foram disponibilizados a todos através da biblioteca. Durante o módulo aconteceram quatro oportunidades de postar material na biblioteca: duas pesquisas, um texto, um projeto. O uso desta ferramenta apresentou também algumas dificuldades. Apesar do fornecimento de orientações detalhadas vários cursistas não conseguiram postar o material, outros conseguiram, mas o arquivo não tinha sido anexado. Ao avaliar o material postado o tutor comenta, sugere modificações, complementações, mas poucos acessam o comentário, de forma que é necessário fazê-lo também via e-mail. O que mais chamou a atenção foi a falta de referências bibliográficas nas pesquisas que realizaram. Alguns trabalhos ficaram pendentes por este motivo.

## 5. Considerações Finais

O tutor online precisa se preparar para conduzir o trabalho em grupo, ser dinâmico, saber guiar diversas situações simultâneas e dominar o conteúdo envolvido na docência online. O papel dos tutores e alunos no processo de aprendizagem com diferentes linguagens textual, visual, audiovisual na aprendizagem e no acesso ao conhecimento, exige uma interação constante com os participantes na obtenção da comunicação que vai além do meramente acadêmico. A interação é elemento chave no processo educativo. Vários autores, como Silva (2003), Sangra (2002), Harasim et al (2006), Barberá e Badia (2005), Duart e Sangrá (2000), Mattos (2002) tem referido a ela como uma das estratégias que permitem ter dados e fatos que podem refletir os diferentes avanços nos processos de aprendizagem dos indivíduos. Uma das estratégias que tem o professor para favorecer a interação entre os participantes é através da moderação dos grupos de discussão, o trabalho colaborativo, os fóruns, que permitem a realização das interações assíncronas e síncronas facilitam a construção de conhecimento coletivo.

Também é fundamental a participação do tutor nas ferramentas interativas do ambiente virtual do ambiente virtual de aprendizagem. O tutor gerencia diferentes tipos de debates, já que estes tipos de dinâmicas se constituam como um elemento relevante para incrementar a união do grupo e reforçar por sua vez o progresso individual dos alunos. Para isso é preciso identificar os temas que mais preocupam os alunos e criar um debate no qual se fomenta a análise e a reflexão; e o planejar junto com o coordenador do curso a temporalização desses debates.

O acompanhamento online feito pelos tutores no Módulo Introdutório envolveu os seguintes momentos:

- conferir na seção de estatística da aula se os alunos ingressaram no ambiente do

curso. Convém ter uma lista impressa dos alunos e marcar na medida em que observamos o ingresso de cada um. Destacar os casos em que se observe que o nível de interação é baixo ou que se tem produzido um declínio na qualidade da participação. Assim poderá conhecer se o participante está ativo ou não se poderá indagar as razões desta declinação, procurando oferece ajuda e apoio antes de caracterizar a evasão;

- enviar mensagem no início de cada semana com as indicações pertinentes e orientações para o trabalho;
- abrir fóruns e discussões referentes a socialização e ambientação na aula virtual e nos módulos correspondentes. No módulo introdutório foram abertos os seguintes fóruns: Café – Apresentação; Etapa 1 - Tecnologias na Educação; Etapa 2 – Pesquisa; Etapa 2 - Refletindo sobre a mudança; Etapa 3 - Discutindo soluções para o cenário; Etapa 3 - Utilizando a TV e vídeo em sala de aula; Etapa 4 - Amarrando as idéias; Trabalho Final - Ensaio;
- abrir as consignas nas diversas interfaces a serem usadas no curso;
- deixar mensagens na agenda para orientar e alertar a participação;
- oferecer retroalimentação nas atividades obrigatórias;
- visitar os fóruns respondendo as intervenções de maneira pertinente e com conteúdo relevante, de maneira que a intervenção do tutor retroalimente o debate e gere novas perguntas;
- proceder a leitura, validação ou indicação de refazer os trabalhos postados na biblioteca do curso pelos alunos.
- registrar no diário de bordo e validar materiais na biblioteca do aluno, nas atividades do cursista sua atuação e desempenho. Disponibilizar comentário em todas as mensagens postadas no diário de bordo individual de cada aluno;
- informar à Coordenação Acadêmica falhas, dificuldades, problemas e dados que possa resultar interessantes para enriquecer o curso, sua dinâmica e seu desenvolvimento;
- realizar uma devolução conceitual e individual com respeito a avaliação final, indicando sua aprovação ou necessidade de ajuste ou revisão;
- registrar nas atividades as atuações de cada aluno;
- conferir se existem alunos ausentes da aula online por vários dias e entrar em contato através de e-mail. Alguns têm dificuldade e vão se ausentando e uma mensagem do tutor em tempo pode recuperá-lo no curso.

Analisando o desenvolvimento do Módulo Introdutório, constatamos que:

- o curso não é acessível para todos os professores, mesmo estando lotados em escolas equipadas com computadores e com Internet, pois nem todos têm facilidade de acesso. Algumas escolas têm computadores antigos, para os quais hoje, não se tem peças de reposição. A baixa velocidade de conexão com a Internet é outro obstáculo;
- professores que não são bons usuários de Internet, sentem muita dificuldade em postar as atividades;
- há dificuldade em seguir as instruções dadas a cada atividade, mesmo disponibilizando todo o roteiro, passo a passo;
- as interações não são muito significativas, porque a única preocupação de alguns cursistas é postar sua atividade, muitas vezes nem lendo o que os colegas colocaram e, muitas vezes, emtravam uma única vez no ambiente do curso;
- os comentários feitos nos trabalhos postados na biblioteca dificilmente são lidos pelos cursistas, fazendo com que se tenha que enviá-los via e-mail;
- as leituras realizadas por alguns alunos são superficiais, de forma que têm pouco a dizer em relação aos temas colocados para debate;
- os textos postados, não passam por uma revisão ortográfica, denunciando dificuldades com a língua escrita;
- alguns cursistas não criam uma sistemática de estudos e se perdem na organização das idéias e das atividades;
- o ambiente virtual de aprendizagem e-Proinfo não facilitou a vida dos cursistas. Foi difícil usá-lo em conexões discadas, travava muito em computadores mais antigos, sendo um dos fatores responsáveis pelas desistências que ocorreram no módulo. Um cursista relata as dificuldades vividas no ambiente:

A principal dificuldade encontra foi na própria estrutura do ambiente e-proinfo que ao invés de facilitar o processo de submissão dos trabalhos muitas vezes apresentou-se para mim complicado de submetê-los e visualizá-los, principalmente, quando era solicitado para anexar os trabalhos em biblioteca/material do aluno; os prazos para entrega dos trabalhos como já foi citado foi outro empecilho para desenvolver as atividades. A presença e intervenção constante do tutor para auxiliar nas dúvidas que surgiram foram uma das razões para superarmos os problemas que surgiram durante o curso, o desejo de aprender e de incorporar pedagogicamente as diversas mídias na sala de aula foram motivos essenciais que

contribuíram para permanência no curso e para superar as dificuldades enfrentadas (A).

Para o tutor o ambiente de aprendizagem não ofereceu a possibilidade de trabalhar de forma ágil. Quando se acessava uma interface e tentava-se passar para outra, simplesmente voltava-se para a página inicial, tendo-se de fazer novamente o percurso login – turma – ferramenta desejada. Isso causava perda de tempo, atrapalhando o trabalho que estava desenvolvendo. Nos fóruns, quando o tutor postava uma contribuição, retornava para a página inicial, fazendo com que este tivesse de percorrê-la novamente, demandando muito tempo quando se tinha um fórum com mais de 20 páginas.

Nesta formação, os cursistas reforçaram a importância da ligação com o tutor, que se torna afetiva, agradecendo pela paciência, pela ajuda dispensada conforme percebe-se em suas falas:

Obrigada pelas excelentes contribuições. Você tem me feito continuar o curso. (MJ)

Agradeço sua grande contribuição na etapa concluída. Dei uma olhada no material do módulo e fiquei encantada com a riqueza do conteúdo. (JM)

Muito obrigada por me enviar o arquivo: Para dar Animo, fiquei muito feliz por recebê-lo, o conteúdo é surpreendente e realmente nos faz lembrar que somos muito especiais, únicos para Deus. Irei passar adiante, uma mensagem como esta, não deve ser mesmo guardada, mas sim distribuída, mais uma vez, muito obrigada. (ES)

Apreendi a ver a tecnologia dentro da minha sala com outros olhos, mesmo já utilizando-a enxergo agora mais condições de inserí-las mesmo diante da falta de recursos que minha escola tem. Adorei participar do chat e conhecer um pouco mais sobre blog. Vivenciar estes novos desafios foi maravilhoso, pois percebi a importância da interação na construção do conhecimento e as possibilidades de troca que eles nos proporcionam. Minha maior dificuldade foi administrar o tempo disponível para cada etapa, principalmente neste final de ano que o meu trabalho dobra, devido as capacitações que temos que promover, além do final do ano letivo em minha escola. Mais na verdade a maior dificuldade é mudar em mim alguns conceitos pré-estabelecidos a respeito da mudança no contexto pedagógico e profissional. Vencer as dificuldades é um etapa que ainda estou vivenciando, pois as leituras, descobertas e desafios ainda não

acabaram, isto foi apenas o início da caminhada. Para mim este caminho é o início de novos conceitos e aprendizados que obtive a partir dos estudos, leituras e interações com o grupo. E é ponto de chegada, quando reconheço que eu já vivencio na minha sala de aula estas mudanças e aceito-as, pois vejo que estou no caminho certo e inicio um novo caminho, em busca de mais aperfeiçoamento e de uma nova qualidade para a educação pública do meu estado. Dando é claro, a minha contribuição. AP

Esses momentos me fizeram refletir sobre a diversidade de recursos que temos a nossa disposição, e que muitos desses recursos até desconhecemos, e nos limitamos a trabalhar somente com o habitual. No meu caso aprendi sobre o Wiki e RPG que não conhecia. Aprendi que as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula. (S)

O tempo foi e será um dos elementos que precisamos lidar na EAD. O curso inciou muito rapido, sem termos acesso aos materiais com antecedência e sem termos trabalhado as estratégias de tutoria e essa foi a grande mancada do pessoal da coordenação, pois acredito que os tutores e coordenadores de tutoria nem todos tem experiência em educação a distância virtual e no uso de ambientes virtuais que é o caso do e-proinfo. Por isso a grande dificuldade de muitos dos nossos colegas de outros estados em encontrar seus tutores e saber onde colocar os materiais. Mas valeu a experiência, pois não tive problema com o e-proinfo, embora tenha sido a primeira vez que usei como aluno, tutor e coordenador de curso. (Tutor).

Apesar das dificuldades, consideramos uma grande oportunidade a participação neste curso, seja como tutor, seja como cursista, pois seu conteúdo abre novos horizontes em relação à linguagem audiovisual e à inserção das mídias e tecnologias na prática educativa. As trocas de experiência enriquecem e subsidiam os participantes, todos professores das escolas públicas, a experimentarem novas práticas, buscando a melhoria da qualidade da educação.

No processo de aprendizagem na educação online, o tutor é uma figura muito importante, cabendo a ele acompanhar junto aos cursistas as estratégias que facilitam melhores resultados. É necessário que seja um especialista no tema de ensino proposto no curso, para que possa colaborar com o aluno, orientando as leituras e atividades que deve realizar. Sua grande responsabilidade está na facilitação do desempenho do aluno, mantendo sua presença ativa no mesmo, como também nos resultados de aprendizagem

que conduzam a um bom desempenho. O tutor exerce um controle contínuo do curso, facilitando a comunicação e oferecendo uma retroalimentação pertinente e apropriada. Paralelamente, mantém a constante comunicação com a coordenação de tutoria do curso, apresentando relatórios e outros documentos solicitados por esta.

A tutoria online é um trabalho muito desgastante, porque demanda tempo para que o tutor possa dar conta das interações no fórum, dar as respostas necessárias no diário de bordo, ler, avaliar e comentar cada trabalho postado na biblioteca. Os fóruns precisam ficar abertos mais tempo do que o previsto, porque os alunos se atrasam nas atividades, ficando o tutor com interações em até três fóruns ao mesmo tempo. O acesso ao e-mail tem que ser diário e até mais de uma vez ao dia, evitando que o cursista fique esperando muito tempo uma resposta que necessita com urgência.

É necessário também estabelecer um perfil de aluno para esse tipo de curso, pois nem todos têm condição de cumprir as etapas no tempo previsto, por diversos problemas, inclusive o fato de não ter computador em casa. Os professores também precisam ser incluídos em programas que facilitem a aquisição de computadores.

Pode-se afirmar que a educação online exige tempo e dedicação do tutor e do aluno, ao contrário do que muitos pensam não é uma modalidade de educação para quem não tem tempo, fato que é um elemento dificultador para os professores da rede pública, por conta da jornada de trabalho pesada que têm.

A virtualidade confere um novo caráter aos processos de aprendizagem, modificando os papéis do tutor e do aluno, pois os mesmos passam a ser companheiros de comunidade de aprendizagem, na qual o tutor lidera a “animação”, sendo acompanhado pelos alunos, todos colaborando para o crescimento grupal. Certamente que o limite no número de alunos ajudará o tutor a desenvolver melhor suas atividades online.

Assim, o tutor é o professor online e mais do que domínio de um conteúdo ou de técnicas didáticas, precisa ter a capacidade de mobilizar o grupo, sob sua responsabilidade, em torno de sua própria aprendizagem. Precisa ampliar o debate, manter o clima de ajuda mútua, incentivando cada participante a assumir seu papel na motivação grupal. A responsabilidade é compartilhada, mas uma boa parte do sucesso de um curso a distância dependerá do perfil e do compromisso do tutor.

## Referências

ADELL, Jordi; SALES, Auxi. El professor online: elementos para la definición de un nuevo rol docente. 2003. Disponível em: <http://tecnologiaedu.us.es/edutec/paginas/105.html>. Acesso: 06 abr 03.

ALVES, Lynn R. Trilhando os caminhos da didática online. XIII ENDIPE, 2006. Recife-PE.

AZEVEDO, Wilson. Novo professor e novo aluno. Módulo Tutoria. Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação. SEED/MEC, 2005.

BARBERÁ, Elena; BADIA, Antoní. El uso educativo de las aulas virtuales emergentes en la educación superior. Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento. Vol. 2. nov. 2005. Disponível em: <http://www.uoc.edu/rusc/2/2/dt/esp/barbera.pdf> Acesso em: 10 set 2006.

BELLONI, M. L. Educação a distância. São Paulo: Autores Associados, 1999.

BUENO, Lourdes. Comunidades de aprendizaje: identidad y participacion. Virtual Educa 2006. Bilbao: junio de 2006. Disponível em: <http://ihm.ccadet.unam.mx/virtualeduca2006/pdf/30-LBM.pdf> Acesso em 10 set 2006.

CEJUDO, Maria C. El tutor en e-learning: aspectos a tener en cuenta. Edutec. Revista Electronica de tecnología Educativa. nº. 20. Enero 2006. disponível em: <http://edutec.rediris.es/Revelec2/revelec20/llorente.pdf> Acesso em: 10 mai 2006.

DUART, Josep; SANGRA, Albert. Aprender en la virtualidad. Barcelona: Gedisa, 2000.

FLEMMING, D.M., LUZ, E.F. E MESTRANDO, R.A. Monitorias e tutorias: um trabalho cooperativo na educação a distância. Módulo Tutoria. Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação. SEED/MEC, 2005.

GIANNASI, Maria J. et al. A prática pedagógica do tutor no ensino a distância: resultados preliminares. Virtual Educa 2005, México, 2005.

GUTIERREZ, Manoel A; RANGEL, Marelza. Tareas del docente en la enseñanza flexible (el caso de UNAB virtual). Revista Universidad y Sociedad del Conocimiento. Vol 2. n.: 1. Maio 2005. Disponível em: <http://www.uoc.edu/rusc/dt/esp/monografico0405.pdf> Acesso em 10 set 2006.

HARASIM, Linda et al. Redes de aprendizagem: um guia par ensino e aprendizagem on line. São Paulo: Senac, 2006.

LIMA, D.R.; ROSATELLI, M.C. Um sistema de tutor inteligente para um ambiente virtual de ensino aprendizagem. Módulo Tutoria. Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação. SEED/MEC, 2005.

MATTOS, Fernando L. Precariedade de práticas colaborativas em cursos online: avaliação de uma experiência de formação de professores. XI ENDIPE, 2002.

MEC/SEED. Projeto de Formação Continuada em Mídias na Educação. 2005. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br) . Acesso em 16 dez 2006.

NEDER, M.L.C. A orientação acadêmica na educação a distância: a perspectiva de (re) significação do processo educacional. In: PRETI, O. Educação a distância: construindo significados. Brasília: Plano, 2000.

PALLOFF, Rena; PRATT, Keith. O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line. Porto Alegre: Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_. Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aulas on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAMOS, Andréia F. et al. E-desafio – uma proposta de capacitação de tutores para a gestão do conhecimento na educação a distância. CINTED-UFRGS, v.3, nº 2, Novembro, 2005. Disponível em: [http://www.cinted.ufrgs.br/renote/nov2005/artigosrenote/a27\\_edesaio.pdf](http://www.cinted.ufrgs.br/renote/nov2005/artigosrenote/a27_edesaio.pdf) Acesso em 10 set 2006.

RODRIGUES, Ricardo. Estratégias de ensino e aprendizagem para modalidade de educação a distância. 12. Congresso Internacional de Educação a distância. Florianópolis: ABED, 2005. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/118tcc3.pdf> . Acesso em: 25 set 2005.

SANGRA, Albert. Desarrollo de comunidades de enseñanza-aprendizaje desde la virtualidad: el caso de la UOC. Ribic. Vigo, 2002. Cd;rom

SANGRA, Albert. La calidad en las experiencias virtuales de educación superior. Disponível em: [http://www.uoc.es/web/esp/art/uoc/0106024/sangra\\_imp.html](http://www.uoc.es/web/esp/art/uoc/0106024/sangra_imp.html). Acesso: 08 jan 2002.

SANTOS, Neide et al. Cooperação e aprendizagem on-line. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SEED. Programa Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação. Integração de mídias na escola. Módulo Introdutório prozudido por MORAN, José M.; SILVA, Marias G.; ALMEIDA, Maria E. B.; PRADO, Maria E. Brasília: MEC, 2006.

SILVA, Marco (org). Educação online. São Paulo: Loyola, 2003.

SMITH, Marc; KOLLOCK, Peter. Comunidades em el ciberespacio. Barcelona: UOC, 2003.

VECCHIONE, Cristina M. La formación de tutores en un contexto virtual: un diseño instruccional para la enseñanza y el aprendizaje estratégicos. Virtual Educa, 2006. Disponível em: <http://ihm.ccadet.unam.mx/virtualeduca2006/pdf/13-CDV.pdf> Acesso em 14 set 2006.

# OBJETOS VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO

Luís Paulo Leopoldo Mercado  
Ivanderson Pereira da Silva  
Raissa Cavalcante Pinto

## 1. Introdução

O Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL, criou em 2005, a linha de pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação que tem como objetivo estudar os fundamentos, desenvolver metodologias sobre o uso das TIC na formação de educadores, nos diversos espaços de aprendizagem, com suporte em ambientes virtuais como apoio à formação presencial e online (BELLONI, 1998; HARASIM et al, 2005; PALLOFF e PRATT, 2004; SILVA, 2003; MOREIRA, 2006; MOORE e KEARSLEY, 2007), utilizando ambientes de aprendizagem (BARBOSA, 2005) voltados à construção de um conhecimento autônomo, numa abordagem transdisciplinar, dentro de novos paradigmas educacionais.

Os projetos de pesquisa vinculados ao grupo tem, dentre outros, os seguintes objetivos: formar professores para a utilização de ambientes de aprendizagem nos cursos envolvendo EAD: organização, gerenciamento e acompanhamento do processo ensino-aprendizagem na modalidade à distância, usando TIC e ambientes virtuais de aprendizagem.

Os desafios atuais trazidos aos professores, exigem destes, dispor de ambientes que permitam: autoria de conteúdos, interação, mediação pedagógica, produção de conhecimento colaborativo, desenvolver competências na utilização de ambientes virtuais de aprendizagem.

A formação de professores, deste objeto estudo, permitiu desenvolver competências para uso de objetos virtuais de aprendizagem na sala de aula presencial e online, envolvendo as disciplinas de Física, Biologia, Química e Matemática no Ensino Médio, numa perspectiva interdisciplinar. Envolveu uma capacitação do professor do Ensino Médio, permitindo a apropriação dos recursos das TIC e uso de ambientes

virtuais de aprendizagem e Objetos Virtuais de Aprendizagem disponíveis na Internet, mais especificamente no RIVED.

A proposta apresentada é importante para a melhoria da oferta dos cursos de licenciatura em Física, Matemática, Biologia e Química que vem sendo ofertados pelo Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), desde 2007, permitindo melhorias nas condições de acesso e utilização de objetos virtuais de aprendizagem disponível no repositório do RIVED, na página da SEED/MEC.

O público-alvo atendido na proposta envolveu 600 professores do Ensino Médio da rede pública do estado de Alagoas, sendo 150 na área de Física, 150 na área de Química, 150 na área de Biologia e 150 na área de Matemática, distribuídos em 8 turmas cada área, ofertadas nos pólos de EAD da UFAL.

O estudo teve como objetivos: difundir as possibilidades de utilização de objetos virtuais de aprendizagem na área de Física, Química, Biologia e Matemática junto aos professores do Ensino Médio das escolas públicas das regiões dos pólos de EAD da UFAL; fortalecer ações junto aos pólos de EAD, para formação de professores do Ensino Médio nas áreas de Física, Química, Biologia e Matemática, para aplicarem metodologias e práticas envolvendo uso de (OVA) produzidos pelo RIVED; ampliar e popularizar, junto aos pólos de EAD do Sistema UAB em Alagoas, do acesso à utilização das TIC nas atividades presenciais e online pelos professores da rede pública, permitindo a utilização de metodologias envolvendo uso de objetos virtuais de aprendizagem nas aulas de Física, Química, Matemática e Biologia; familiarizar-se e explorar as possibilidades dos OVA em relação à construção do conhecimento, desenvolvendo habilidades para utilização, aprendendo a avaliar, selecionar e integrar os recursos tecnológicos nas atividades curriculares.

## 2. Formação de Professores de Ciências

Na formação de professores para a área de Ciências da Natureza e Matemática a situação diagnosticada indica que há necessidade de se formar um grande número de professores – especialmente para Matemática, Biologia, Física e Química – visto que os profissionais existentes são insuficientes para atender as redes públicas (estadual e municipais) e também a rede privada. Proliferam profissionais improvisados sem a devida qualificação, que não dão conta das necessidades quantitativas e qualitativas do ensino público. Os resultados deste quadro são registrados nos péssimos desempenhos dos concluintes do Ensino Médio, que podem ser verificados nos concursos vestibulares nos últimos anos, nos resultados do ENEM, e nos dados do SAEB/MEC, refletindo negativamente, na formação básica da sociedade alagoana.

A aprendizagem das Ciências da Natureza no Ensino Médio, deve contemplar formas de apropriação e construção de sistemas de pensamento mais abstratos e ressignificados, tratados como processo cumulativo de saber e de ruptura de consensos e pressupostos metodológicos. A aprendizagem de concepções científicas atualizadas do mundo físico e natural e o desenvolvimento de estratégias de trabalho centradas na solução de problemas é finalidade da área, de forma a aproximar o educando do trabalho de investigação científica e tecnológica, como atividade institucionalizada de produção de conhecimentos, bens e serviços.

As ciências, assim como as tecnologias, são construções humanas situadas historicamente e que os objetos de estudo por elas construídos e os discursos por elas elaborados não se confundem com o mundo físico e natural, embora este seja referido nesses discursos. Importa ainda compreender que, apesar de o mundo ser o mesmo, os objetos de estudo são diferentes, enquanto constructos do conhecimento gerado pelas ciências através de leis próprias, as quais devem ser apropriadas e situadas em uma “gramática” interna a cada ciência. Cabe, ainda, compreender os princípios científicos presentes nas tecnologias, associá-las aos problemas que se propõe solucionar e resolver os problemas de forma contextualizada, aplicando aqueles princípios científicos a situações reais ou simuladas.

A integração dos diferentes conhecimentos pode criar as condições necessárias para uma aprendizagem motivadora, na medida em que ofereça maior liberdade aos professores e alunos para a seleção de conteúdos mais diretamente relacionados aos assuntos ou problemas que dizem respeito à vida da comunidade. Todo conhecimento é socialmente comprometido e não há conhecimento que possa ser aprendido e recriado se não se parte das preocupações que as pessoas detêm. O distanciamento entre os conteúdos programáticos e a experiência dos alunos certamente responde pelo desinteresse e até mesmo pela deserção que constatamos em nossas escolas. Conhecimentos selecionados a priori tendem a se perpetuar nos rituais escolares, sem passar pela crítica e reflexão dos docentes, tornando-se, desta forma, um acervo de conhecimentos quase sempre esquecidos ou que não se consegue aplicar, por se desconhecer suas relações com o real.

A aprendizagem significativa (AUSUBEL, 2003; MOREIRA, 2006) pressupõe a existência de um referencial que permita aos alunos identificar e se identificar com as questões propostas. Essa postura não implica permanecer apenas no nível de conhecimento que é dado pelo contexto mais imediato, nem muito menos pelo senso comum, mas visa a gerar a capacidade de compreender e intervir na realidade, numa perspectiva autônoma e desalienante. Ao propor uma nova forma de organizar o currículo, trabalhado na perspectiva interdisciplinar e contextualizada, parte-se do pressuposto de que toda aprendizagem significativa implica uma relação sujeito-objeto

e que, para que esta se concretize, é necessário oferecer as condições para que os dois pólos do processo interajam.

O processo de formação do professor ultrapassa os limites da simples instrumentalização, uma vez que, para formar profissionais comprometidos com a ruptura de determinados modelos educacionais é preciso que o mesmo seja formado dentro do espírito investigativo, tornando-se capaz de identificar como novas ordens podem ser criadas na estrutura de um currículo, à medida que as informações trazidas por cada sujeito funcionam como elementos analógicos e que constituem como verdadeiro lugar de significação. Essas questões sugerem que não se pode trabalhar a formação do professor sem analisar com profundidade o currículo que se pretende desenvolver na escola, a investigação das práticas do senso comum, ampliando-se a cultura ética-política em formação de um mundo cada vez mais tecnologicado.

### 3. Uso de Objetos Virtuais de Aprendizagem

OVA podem ser compreendidos como “qualquer recurso digital que possa ser reutilizado para o suporte ao ensino” [10]. Existe um consenso de que ele deve ter um propósito educacional bem definido, um elemento que estimule a reflexão do estudante e que sua aplicação não se restrinja a um único contexto (BETTIO, 2006). São como recursos digitais que podem ser reutilizados e combinados com outros objetos para formar um ambiente de aprendizado rico e flexível (SÁ FILHO e MACHADO, 2004). Existem diversos fatores que favorecem o uso dos OVA na área educacional (LONGMIRE, 2001) como: flexibilidade, a facilidade para atualização, a customização, interoperabilidade, o aumento do valor de um conhecimento e a facilidade de indexação e procura.

Nesse contexto, flexibilidade deve ser entendida como caráter de se adequar a diferentes ambientes e situações de vida do aluno que vai utilizá-lo, facilidade para atualização é uma característica imprescindível que o OVA deve possuir, pois se ele se detiver a um único momento de utilização, muito provavelmente não será interessante dispor de tanto tempo e dedicação para produzi-lo; customização ressalva o fato dos objetos serem independentes a possibilidade de utilização e qualquer nível dependendo apenas da proposta do professor, a Interoperabilidade seria a possibilidade do inverso: A possibilidade de utilizar esses OVA combinados uns com os outros remetendo assim à próxima característica, o aumento do valor d um conhecimento ou mesmo a construção desse conhecimento.

Podem ser classificados em simples e compostos, de acordo com os diferentes recursos que foram utilizados para a formação do OVA. Será simples, se possuir apenas um tipo de mídia agregada, por exemplo, uma animação. Composto é aquele que integra diferentes formas de transmitir a informação, misturando texto com imagens dinâmicas ou simulações.

Podem também ser usados em um determinado contexto e depois ser reutilizados em contextos similares. Um OVA, tenta quebrar um determinado conteúdo em pequenos pedaços, se propondo a abarcar a fatia mínima possível de um conceito; isso de deve a que, quanto mais granular for esse objeto, maior a possibilidade dele ser inserido em situações diversas e utilizado um maior número de vezes.

Ainda não existe um conceito universalmente aceito sobre objetos de aprendizagem, provavelmente por este campo de conhecimento ser relativamente novo. No Brasil, a produção desses recursos teve início em 2004. São pouco utilizados pelos professores em geral e em decorrência disso pouco conhecidos pelos alunos.

Os OVA visam a construção de conceitos através de atividades exploratórias. Na interação com estes objetos se dá a possibilidade de operar interativamente, uma vez que o aprendizado é uma experiência particular e individual, ele pode se dar na troca de informações entre pares, mas a forma e o sentido dessa nova informação, depende de como está organizada a estrutura cognitiva desse aprendiz, ou seja, esse saber desenvolvido, é único. As simulações e jogos virtuais educacionais permitem ao sujeito que aprimore e (re)construa seus sistemas de significações.

Essas atividades interativas oferecem oportunidades de exploração de fenômenos científicos e conceitos, que muitas vezes não são explorados experimentalmente por sua inviabilidade ou inexistência de condições financeiras ou de segurança, como por exemplo: experiências radioativas ou conceitos de Gravitação Universal. No RIVED, os objetos estão acompanhados de um recurso extra, o guia do professor, com sugestões e instruções de uso, onde o professor irá encontrar as vantagens de uso que os desenvolvedores pretendiam inserir nesse OVA. Cada professor tem plena liberdade de usar os OVA sem depender de estruturas rígidas e estáticas; dependendo do tamanho desse objeto, o professor está livre para utilizar todo, ou apenas uma parte em sua exploração, isso está atrelado à necessidade do professor e a que proposta de ensino ele quer focar.

A formação na Internet permite configurar diferentes cenários formativos que combinados podem proporcionar uma aprendizagem mais significativa comparação entre as diferentes situações de ensino em função de uma aula tradicional ou utilizando recurso da Internet.

A formação na Internet permite configurar diferentes cenários formativos que combinados podem proporcionar uma aprendizagem mais significativa comparação

entre as diferentes situações de ensino em função de uma aula tradicional ou utilizando recurso da Internet.

OVA são recursos digitais que podem ser usados, reutilizados e combinados com outros objetos para formar um ambiente de aprendizado rico e flexível (SOUZA, 2005). Seu uso pode reduzir o tempo de desenvolvimento, diminuir a necessidade de instrutores especialistas, bem como, os custos associados com o desenvolvimento baseado na Internet. Esses objetos podem ser usados como recursos simples ou combinados para formar uma unidade de instrução maior. Podem também ser usados em um determinado contexto e depois ser reutilizados em contextos similares.

Existem vários OVA na área de Física, Química, Biologia e Matemática, além, de outras áreas, produzidos pelas IES brasileiras, disponibilizados no site do RIVED, programa da Secretaria de Educação a Distância - SEED, que tem por objetivo a produção de conteúdos pedagógicos digitais, na forma de objetos de aprendizagem. Tais conteúdos estimulam o raciocínio e o pensamento crítico dos alunos, associando o potencial das TIC às novas abordagens pedagógicas.



Fig.1 – Página do RIVED no site do MEC

Um objeto de aprendizagem (LONGMIRE, 2001) pode ser uma única atividade ou pode ser um módulo educacional completo. Os módulos do RIVED são formados por um conjunto de estratégias e atividades, para aplicação em sala-de-aula, elaboradas para promover a aprendizagem de uma unidade curricular ou temática. Utilizando a internet, o módulo traz variados formatos de apresentação de conteúdos (textos, imagens, animações, simulações) que facilitam a compreensão

e possibilitam ao aluno a exploração dos conceitos. Cada módulo apresenta uma estrutura de organização das atividades que pode ser administrada pelo professor com a ajuda de um guia que descreve passo-a-passo as atividades do computador e atividades complementares.

O sucesso e efetividade da combinação e uso dos objetos de aprendizagem depende de um criterioso planejamento pedagógico anterior. No RIVED todos os objetos de aprendizagem estão vinculados à objetivos educacionais previamente identificados e a estratégias pedagógicas que ajudam os alunos no alcance desses objetivos.

As estratégias de ensino/aprendizagem planejadas para os objetos de aprendizagem precisam considerar os objetivos que se quer atingir, e além disso, a infra-estrutura existente. Um OVA desenvolvido pelas IES participantes da RIVED envolve as seguintes fases de desenvolvimento, conforme fig.2:

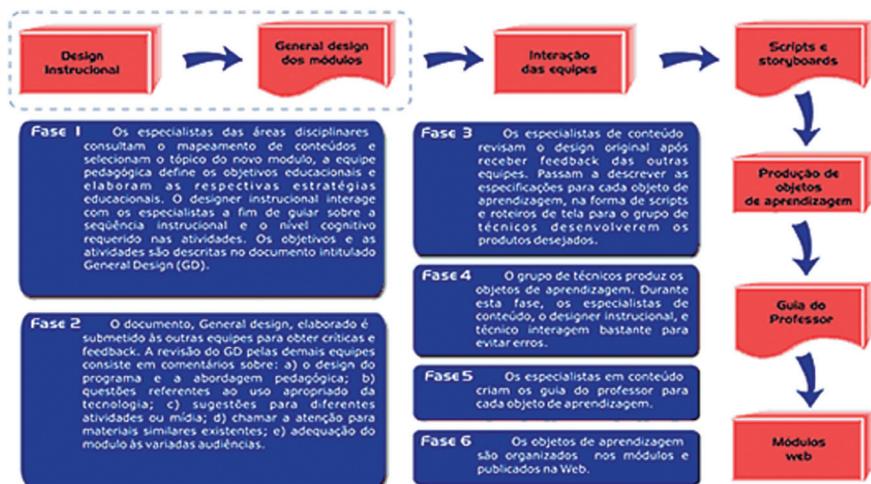


Fig. 2 – Desenvolvimento de OVA

Os OVA visam a construção de conceitos através de atividades exploratórias. Na interação com estes objetos se dá a possibilidade de operar interativamente. As simulações permitem ao sujeito que aprimore e (re)construa seus sistemas de significações.

Com o auxílio de OVA, o professor pode simular não apenas um ambiente no computador, mas múltiplos estágios de uma atividade de ensino sem necessariamente manipular um material concreto. Além de possibilitar a reutilização total ou parcial sob abordagens pedagógicas com abrangências diferentes em relação à turma ou em relação a um único aluno. Agiliza ao aluno o fazer e desfazer ações, reconstruindo seu

sistema de significação, promovendo metacognição sobre os esquemas adquiridos, não possuindo uma seqüência muito rígida, de forma que o usuário pode interagir com alguma liberdade na condução da aprendizagem conforme seu conhecimento e características cognitivas pessoais.

Um objeto de aprendizagem pode ser usado em diferentes contextos e em diferentes ambientes virtuais de aprendizagem, para atender a esta característica, cada objeto tem sua parte visual, que interage com o aprendiz separada dos dados sobre o conteúdo e os dados instrucionais do mesmo. A principal características dos objetos de aprendizagem é sua reusabilidade, que é posta em prática através de repositórios, que armazenam os objetos logicamente, permitindo serem localizados a partir da busca por temas, por nível de dificuldade, por autor ou por relação com outros objetos.

Os conteúdos do RIVED ficam armazenados num repositório e vêm acompanhados de um guia do professor com sugestões de uso. Cada professor tem liberdade de usar os conteúdos sem depender de estruturas rígidas: é possível usar o conteúdo como um todo, apenas algumas atividades ou apenas alguns objetos de aprendizagem como animações e simulações.

A utilização dos OVA produzidos pelo RIVED, envolvem atividades multimídia, interativas, na forma de animações e simulações. A possibilidade de testar diferentes caminhos, de acompanhar a evolução temporal das relações, causa e efeito, de visualizar conceitos de diferentes pontos de vista, de comprovar hipóteses, fazem das animações e simulações instrumentos poderosos para despertar novas idéias, para relacionar conceitos, para despertar a curiosidade e para resolver problemas. Essas atividades interativas oferecem oportunidades de exploração de fenômenos científicos e conceitos muitas vezes inviáveis ou inexistentes nas escolas por questões econômicas e de segurança, como por exemplo: experiências em laboratório com substâncias químicas ou envolvendo conceitos de genética, velocidade, grandeza, medidas, força, dentre outras.

#### 4. Metodologia

O estudo envolveu as seguintes etapas:

Seleção de Tutores - O processo de seleção envolveu: análise de currículo, entrevista. Inicialmente foi feita a divulgação do processo de seleção de bolsistas-tutores na UFAL, solicitando currículo dos interessados para uma primeira análise e posterior entrevista. Os critérios adotados na seleção de tutores foram: formação docente; disponibilidade de tempo; disponibilidade de viagens aos pólos de EAD; experiência em EAD; interesse em pesquisar sobre a temática EAD. Cada tutor realizou atividades de tutoria com carga

horária de 12 a 20 horas/semanais, sendo 12 horas no pólo e 8 horas nas atividades a distância (acompanhamento de cursistas, atividades pedagógicas, organização de registros avaliativos, construção de memorial).

Formação dos Tutores - a formação dos tutores foi feita no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL em dois momentos: uma formação inicial, utilizando material da oficina disponibilizada utilizando o ambiente virtual Moodle, no site do curso na UFAL no endereço [www.moodle.ufal.br](http://www.moodle.ufal.br) e textos complementares; e uma formação continuada durante toda a execução das oficinas envolvendo reuniões semanais com a coordenação, construção dos relatórios de tutoria, realização das atividades das oficinas, discussão dos relatórios de acompanhamento das atividades realizadas durante ao processo de tutoria. O curso teve como objetivo mostrar situações de orientação e atuação do tutor nas oficinas e acompanhamento online, acompanhar, intervir, atender solicitações da aprendizagem, do tutor se exige conhecer os temas, sua relação com práticas pedagógicas, dificuldades de compreensão, objetivos das unidades, atividades previstas, materiais. O curso de capacitação de tutores teve carga horária de 60 horas.

Planejamento de Oficinas – com 40 horas cada para formação de professores do Ensino Médio para uso de OVA. Elaboração dos planos de trabalho para cada turma e por cada tutor. As oficinas foram desenvolvidas na modalidade presencial, com atividades didáticas online usando o espaço dos pólos de EAD da UAB em Alagoas. As oficinas tiveram como objetivo discutir o papel do docente de Ciências da Natureza diante das TIC, oferecendo-lhes subsídios para a escolha e uso de procedimentos de ensino que possam contribuir para construção de novas propostas pedagógicas, capazes de atender às situações concretas que enfrentam.

As oficinas foram organizadas de modo a preparar e aperfeiçoar profissionalmente professores, para explorar os OVA disponíveis no RIVED para que os professores do Ensino Médio desempenhem seu papel de integrar e modernizar as práticas pedagógicas; gestores, para buscar formas de gerenciamento que facilitem a inserção da tecnologia no cotidiano de sua escola.

As oficinas foram ministradas durante duas semanas, com carga horária de 40 horas, contando com conjuntos de materiais didáticos formado pelo guia do professor, cd contendo os objetos de cada área e uso do laboratório de informática dos pólos de EAD da UFAL para acesso do site do RIVED.

No material impresso e online, os conteúdos são desenvolvidos através de atividades de aprendizagem, avaliação de desempenho, elaboração de um memorial, culminando com um trabalho final no qual o professor relaciona o uso e/ou produção dos recursos audiovisuais na sua escola que são apreciados pelos tutores. No início do curso os participantes recebem um Guia do curso e um manual de orientação acadêmica.

Acompanhamento (Tutoria) das Oficinas de Capacitação para usar OVA - Participação da equipe coordenadora em todas as etapas dos projetos vinculados ao programa, através de observações, entrevistas, trocas de experiências, registros em diário de bordo e na página do Projeto. Os tutores produziram relatórios de acompanhamento e relatórios avaliativos da aprendizagem dos cursistas, disponibilizados no ambiente do curso.

A avaliação das oficinas envolveu as atividades desenvolvidas no grupo, ao longo dos estudos. Critérios: inserção, participação, envolvimento na comunidade virtual, auto-reflexão sobre as experiências e ações de produção de OVA. Os trabalhos solicitados foram disponibilizados no ambiente do curso. Foram consideradas a participação em discussões nos fóruns; inserção e produção cooperativa no fórum do ambiente do curso, da pesquisa, planejamento de utilização de Objetos Digitais de Aprendizagem, socializados no ambiente do curso.

Foram observados e analisados, entre outros: método de estudo do aluno; empenho na realização das atividades propostas; interesse e a iniciativa para a leitura, estudo e a pesquisa; participação nas atividades presenciais; participação nas atividades a distância; interlocução com os tutores e colegas de curso; acompanhamento das discussões e abordagens propostas no material didático; produção de atividades ou projetos envolvendo uso de OVA.

Ao longo das ações desenvolvidas no estudo, atingimos os seguintes resultados: efetiva utilização pelos professores de Ciências da Natureza, dos OVA nas atividades presenciais e online, envolvendo formas alternativas de ensino; melhoria das as condições de acesso e produção de materiais para EAD em ambientes virtuais de aprendizagem; melhoria no uso das possibilidades interativas entre alunos, professores, tutores, coordenação, utilizando recursos da Internet.

## 5. Conclusão e Perspectivas

Nessa perspectiva, os OVA são tidos como uma possibilidade de mediar e conciliar o uso do computador, a interatividade entre alunos e professores, e transpor o papel do aluno delineando uma nova escola, com uma conotação de prazer e satisfação em estar por parte desse aluno. Mas não devemos crer que são esses recursos sejam transformadores da Educação. Não é a tecnologia que faz o aluno aprender, não é colocar computadores na escola e os alunos diante deles que vai resolver o problema da educação, dependendo, pode fazer até piorar o quadro, o que é mostrado quase que

diariamente na mídia televisiva: filhos distantes dos pais, notas baixas e reprovações na escola por conta do mau uso da Internet, alunos que se tornam agressivos por conta de jogos eletrônicos.

Isso é reflexo do uso incorreto das TIC, é preciso salientar que é o professor o responsável direto pelo resultado do processo ensino/aprendizagem e que as TIC são um bom recurso para serem usadas nesse processo, desde que se faça um uso consciente!

Outro ponto a ser destacado é a posição que os OVA ocupam no cenário educacional, seria um equívoco pensar que esses ocupariam o lugar do livro didático por dias atuais. Esses recursos podem e de fato trazem resultados positivos nas mais diferentes esferas da Educação, como EJA, Educação Especial, EAD, auxiliar, e ser um recurso adicional, não algo a ser usado durante todo o processo.

## Referências

AUSUBEL, D P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BARBOSA, R. Ambientes virtuais de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BELLONI, M. L. . Educação a distância mais aprendizagem aberta. 21ª Reunião Anual da ANPED. 1998.

BETTIO, R. W.; MARTINS, A. Objetos de aprendizado: um novo modelo direcionado ao ensino a distância. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=5938> Acesso em: 20 mai. 06.

HARASIM, L.; TELES, L.; TUROFF, M.; HILTZ, R. Redes de aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem on line. São Paulo: SENAC, 2005.

LONGMIRE, W. A primer on learning objects. 2001. Disponível em <http://www.leraningcircuits.org/2000/mar2000/Longmire.htm>. Acesso em: 22 fev. 2007.

MERCADO, L. P. Percursos na formação de professores com tecnologias da informação e comunicação na educação. Maceió: Edufal, 2007.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. Educação a distância: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MOREIRA, M. A. As teorias da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula. Brasília: UnB, 2006.

PALLOFF, R.; PRATT, K. O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SÁ FILHO, C. S.; MACHADO, E. C. O computador como agente transformador da educação e o papel do objeto de aprendizagem. 2004.

SILVA, M. (org). Educação online. São Paulo: Loyola, 2003.

SOUZA, A. C. Objetos de aprendizagem colaborativos. 2005. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/024tcc4.pdf> Acesso em: 02 mar 07.

# A INTEGRAÇÃO DE MÍDIAS NO PILOTO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Luís Paulo Leopoldo Mercado  
Paulo Marinho Gomes

## 1. Introdução

A inserção das TIC nas escolas é problemática e constitui um desafio para escolas e professores que têm dificuldade em aplicar os conhecimentos adquiridos sobre as TIC na prática pedagógica, devido às mudanças que implicam para essas mesmas práticas. As TIC são mais do que veículos de informação, ferramentas ou instrumentos educacionais: possibilitam novas formas de sintetizar a experiência humana, com múltiplos reflexos na área cognitiva e nas ações práticas, ao possibilitar novas formas de comunicação e produção de conhecimento, transformando a consciência individual, na percepção do mundo, nos valores e, até mesmo, na sua atuação pessoal.

Os professores têm atitudes muito diversas em relação às TIC. Alguns lançam um olhar de desconfiança, procurando adiar o mais possível o momento do encontro indesejado, fruto muitas vezes do desconhecimento das possibilidades reais das TIC neste processo ou apenas por falta de oportunidade em conhecer o seu potencial. Outros se colocam como meros utilizadores na sua vida diária, mas não sabem muito bem como usá-las na sua prática profissional, algo que recai na falta de formação adequada deste profissional. Outros ainda procuram integrá-las no seu processo de ensino usual sem, contudo, alterar de modo significativo as suas práticas pedagógicas.

Alguns professores e o gestores sabem da importância das TIC mas não querem mudar sua forma de ensinar e muito menos incorporá-las ao ensino. Apenas uma minoria mais ativa, procura desbravar caminhos explorando constantemente novas possibilidades, mas defronta-se com muitas perplexidades e também com dificuldades devido à escassez de equipamentos, formação básica e recursos, principalmente no âmbito da escola pública.

As conseqüências desta falta de formação podem ser vistas no cotidiano, no qual professores ainda não utilizam as TIC por motivos diversos, entre eles o de não estarem devidamente preparados em todos os aspectos, não só o tecnológico, mas também nas suas novas competências e habilidades.

Para se estabelecer este perfil, há a necessidade de trabalhar a formação do professor desde as licenciaturas. Formar o professor para que este possa usar devidamente as TIC, exige mudanças na forma de conceber o trabalho docente, tanto na flexibilização dos currículos e na responsabilidade da escola no processo de formação do cidadão.

## 2. Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação

Com os objetivos de identificar os aspectos teóricos e práticos das diferentes mídias e no uso integrado das linguagens de comunicação com destaque nas mais importantes ao ensino e aprendizagem, o Ministério da Educação brasileiro lançou o Programa de Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação visa explorar o potencial dos programas da própria SEED/MEC, no que diz respeito à TV Escola, Proinfo, Rádio Escola e o Rived, todos com aspectos do uso das TIC na educação e também, os programas em andamento desenvolvidos pelos parceiros, que atinjam os objetivos de gestão no cotidiano da escola e sua relação com a comunidade.

Este programa teve como objetivos atender à demanda por formação continuada para um uso mais aprimorado e pedagógico das TIC na educação, visando uma articulação que fundamentasse a avaliação crítica de como essas tecnologias vem sendo aplicadas na integração das habilidades e competências necessárias no uso das mesmas, permitindo também atuar na gestão em tecnologia educacional, além de atender a uma demanda social de inclusão digital e também pela importância que a tecnologia tem assumido no contexto educacional.

Para a oferta do Ciclo Básico do Programa, houve uma preparação dos tutores responsáveis pelas turmas deste Ciclo a partir de um curso piloto que serviu de formação dos tutores para o programa, como também de experiência no âmbito da EAD, da perspectiva de integração de mídias na educação e como uma forma de avaliar a metodologia do curso como um todo.

O objetivo do curso piloto foi a formação de professores da educação básica e outros educadores com interesses nas TIC no processo pedagógico e teve como principal meta a convergências das mídias como rádio, televisão, impressos e informática, numa visão ampla de produção, autoria e uso criativo das mídias nas suas diferentes características e linguagens.

A seleção dos alunos para o curso piloto atendeu aos pré-requisitos: professores, gestores, coordenadores pedagógicos, supervisores das redes estaduais e municipais, que tivessem acesso a Internet e disponibilidade de pelo menos duas horas diárias, comprometendo-se a participar das atividades presenciais e virtuais referentes a cada módulo, características primordiais para que os cursistas selecionados pudessem acompanhar e concluir o curso.

O objetivo deste estudo foi investigar os resultados do Curso Piloto do Programa, tomando como base os trabalhos avaliativos do módulo introdutório e analisar a relação entre a proposta do curso, resultados esperados e resultado obtido na integração das mídias e se estas atenderam aos objetivos do Programa. O estudo envolveu um grupo experimental de cursistas do piloto, formado por 15 professores, todos com especialização e experiência em EAD e formação de professores, escolhidos pela coordenação do programa.

Foram selecionados 12 dos 15 cursistas do curso piloto estabelecendo o critério do número de interações nas diversas ferramentas usadas no curso, nas atividades realizadas e nas interações dos cursistas com os colegas e tutor foram analisadas bem como os relatórios individuais detalhados do processo de ensino-aprendizagem e das atividades de tutoria realizadas no módulo introdutório do curso.

Para esta investigação, foram escolhidos 12 dos 15 cursistas do curso piloto estabelecendo o critério do número de interações nas diversas ferramentas usadas no curso. Para análise das produções dos 12 cursistas, as atividades foram assim distribuídas no Módulo Introdutório: leitura dos módulos e interação em todos os materiais disponibilizados no ambiente e-Proinfo; participação e interação em oito fóruns de discussão: Café – Apresentação; Etapa 1 - Tecnologias na Educação; Etapa 2 – Pesquisa; Etapa 2 - Refletindo sobre a mudança; Etapa 3 - Discutindo soluções para o cenário; Etapa 3 - Utilizando a TV e vídeo em sala de aula; Etapa 4 - Amarrando as idéias; Trabalho Final – Ensaio; produção de trabalhos de pesquisa e projeto final disponibilizado no diário de bordo e na biblioteca do aluno; realização de um chat sobre o tema Integração das TIC na sala de aula, no dia 02 /12/2005 com 9 participantes.

As interações dos cursistas com os colegas e tutor foram analisadas bem como os relatórios individuais detalhados do processo de ensino-aprendizagem e das atividades de tutoria realizadas no módulo introdutório do curso.

### 3. Integração das Mídias na Prática Pedagógica dos Cursistas do Programa Mídias na educação

Discutir questões como democratização do acesso a tecnologia, inclusão digital, resistências às mudanças na escola, despreparo de professores para uso das TIC e o uso integrado das mídias na educação, foi o principal foco do Curso Piloto neste programa, já que as políticas públicas neste âmbito vem propondo uma visão mais ampla do uso das TIC na educação numa perspectiva integradora nos aspectos sociais, culturais, econômicos, profissionais, e principalmente, no ensino e aprendizagem.

Na análise das atividades dos alunos do Curso Piloto do Programa percebeu-se um quadro de preocupação dos cursistas, quanto às questões propostas pelo projeto piloto no tocante aos seus principais objetivos, e uma preocupação de como efetivamente aplicar este na prática docente diante de tantos problemas como: dificuldade de acesso dos professores; falta de tecnologia apropriada nas escolas; despreparo do professor para uso das TIC; novas e velhas concepções educacionais em conflito; necessidade emergente da sociedade em constante mudança decorrente da inserção das tecnologias no dia a dia em obter pessoas qualificadas; o avanço natural do aluno às vezes mais conectado tecnologicamente do que o próprio professor; e as políticas públicas que ainda não foram suficientes para democratizar o acesso às TIC.

O curso piloto foi dividido em quatro etapas, divididas em atividades utilizando-se de ferramentas da EAD, como fórum, bate-papo, diário de bordo e pesquisas em bibliotecas virtuais. Em cada uma das etapas procurou-se explorar estas ferramentas nos objetivos pedagógicos propostos pelo programa, disponibilizadas dentro do ambiente virtual e-Proinfo.

A primeira etapa teve como objetivo abordar os conceitos de mídias, tecnologia e sua evolução enquanto TIC e uma abordagem sobre multimídia, hipertextos e hiper-mídias, como também levar os alunos a uma reflexão sobre o papel das TIC na educação e a análise das tecnologias no cotidiano.

Como apoio didático a esta etapa, foram apresentados os textos: “Tecnologia e TIC” que trata sobre as definições dos termos em questão e a aplicabilidade de ambos na prática dentro das suas terminologias; “Mídias” que aborda o uso das mídias na linguagem, na comunicação e como uma nova forma de interação do homem com o mundo na busca de informação, diante da evolução tecnológica; “Evolução da Conceituação das Mídias” que trata da evolução dos conceitos da tecnologia nas décadas de 20, 30 e 60 traçando um paralelo da história desde a imprensa até a chegada da TV e os outros meios tecnológicos; “Novas Terminologias” que trata sobre o tema texto-áudio-visual e o renascimento dos termos hiper-mídia, hipertexto, telemática e multimídia com

uma nova roupagem na sociedade de informação, e a tecnologia computacional como elo na produção de informação e de entretenimento; “Mídia Antiga e Nova Mídia” que dá um enfoque a evolução das mídias se adequando a nova realidade e o ponto de fusão onde ambas se configuram e as diversas possibilidades de interação, informação e comunicação a elas atribuídas; “TIC na Educação” reflexão sobre as possibilidades das TIC e sua relação com a educação enfocando o novo desafio da educação frente a esse novo contexto e como orientar o aluno para usar essas informações, transformá-las em conhecimento e usá-las de forma adequada, responsável e consciente.

Esta etapa teve como meta tratar as conseqüências culturais e sociais provocadas por uma nova tecnologia emergente e que estas conseqüências não podem ser compreendidas isoladamente e discutir a importância de se analisar cada mídia integrada com as outras disponíveis em seu contexto espaço-temporal, considerando que velhas e novas mídias coexistem assim como os meios de comunicação se integram e se complementam.

Nesta etapa foram propostas quatro atividades: a primeira levou os alunos a uma apresentação pessoal considerando a sua trajetória profissional e pessoal, seus interesses e expectativas oportunizando-os a se apresentarem, através de um fórum e incentivando-os também a explorar esta ferramenta navegando em busca de conhecer um pouco mais sobre o outro, comentando os aspectos mais relevantes ou que os identificaram com o outro. A segunda atividade trouxe uma reflexão sobre o que são mídias na educação e como as TIC estão presentes no cotidiano, fazendo-os refletir as tecnologias como parte da sua rotina diária e como as tecnologias interativas influenciam no dia-a-dia, tendo como avaliação da atividade a apresentação de uma análise estruturada do uso das tecnologias nos diferentes espaços e situações de aprendizagem, mostrando o conhecimento sobre esta situação numa visão positiva frente à importância e uso das TIC na sala de aula, na aprendizagem e na prática pedagógica. A terceira atividade envolveu um debate virtual sobre tecnologia na educação enfatizando-se a opinião de cada aluno sobre como as TIC devem ser utilizadas na educação a partir de uma leitura de textos que se confrontam quanto ao uso da TV na sala de aula.

Analisando a fala do cursistas nas atividades propostas da primeira etapa do curso piloto, para perceber até que ponto houve um entendimento por parte dos mesmos sobre a integração das mídias, as principais dificuldades em usar as mídias de forma integrada na proposta do curso e trazendo esta realidade para a escola. Outro aspecto importante investigado foi a evolução dos cursistas entre o início e a conclusão do curso.

Na primeira atividade percebe-se uma expectativa básica em aprender mais sobre as TIC e as suas relações com a educação. Para outros, a preocupação com a integração das mídias já afloravam nesta primeira atividade.

Esta primeira manifestação dos alunos na atividade, deixa clara as expectativas que as TIC causam nos aspectos de atrair, inovar, capacitar e interagir no uso das mesmas e também na formação do professor para usá-las mesmo por cursistas com um perfil voltado ao uso das tecnologias.

Minha perspectiva é de aprender mais sobre mídias na educação. (C1)

Ampliar os conhecimentos sobre o uso das mídias na educação e como integrá-las devidamente. (C2)

Refletir sobre a importância das mídias e a sua integração. (C3)

Na segunda atividade, os alunos fizeram uma análise do uso das tecnologias nos diferentes espaços e situações de aprendizagem mostrando que alguns têm um bom conhecimento sobre o assunto com uma visão positiva frente ao uso das mesmas na sala de aula. O uso das mídias no cotidiano tem se tornado uma rotina prática e cada vez mais constante de forma que as pessoas às vezes nem se dão conta de como elas as usam sem até mesmo perceber.

Tenho certa intimidade com as mídias, mas procuro sempre buscar informações de como usá-las e integrá-las na escola. (C4).

A escola não acompanha as mudanças da sociedade na mesma velocidade, no entanto a tecnologia em geral não deve ser usada neste ambiente apenas tecnicamente mas para a valorização humana. (C5)

Quanto ao uso das TIC na educação, alguns comentaram sobre as dificuldades de trazer as tecnologias para o ambiente educacional, dificuldade esta que reflete diretamente na integração das mesmas. Há também uma preocupação de não só incluírem as TIC no ambiente escolar com fim nelas próprias, mas valorizando o uso adequado delas no ensino e aprendizagem, como refletem os alunos nesta atividade e colocam que o tempo, espaço, mudança de concepção, preparo dos professores e democratização de acesso, são preocupações generalizada com as TIC nos mais diversas situações da vida e principalmente na escola.

Na terceira atividade desta etapa, levou-se em consideração a discussão dos alunos sobre a utilização das TIC a partir de dois textos: “A TV e o Vídeo na sala de aula” que trata de como usar esta ferramenta no contexto educacional; e “TV e violência, um casamento perfeito” que traz a idéia de como a TV tem influencia maléfica nos jovens. Os textos confrontavam as idéias sobre usar ou não a TV na sala de aula.

A TV tem assumido muitas vezes o lugar dos pais pela sua ausência onde a criança acaba absorvendo informações sem uma filtragem necessária o que pode vir a deturpar seu crescimento. (C6).

A TV influencia as relações sociais e familiares, esta, portanto deve ser usada positivamente para ensinar, desde que os alunos e professores estejam devidamente preparados para assistir a TV com um olhar crítico. (C1)

A TV consegue transmitir diversão e emoção, pontos positivos dentro do contexto da sala de aula. (C2)

Falta uma articulação para o uso da TV, principalmente na escola pública. (C7).

Há um consenso entre os alunos sobre a importância das TIC na educação, mas também há um consenso sobre os cuidados com o uso das tecnologias mesmo no âmbito familiar. Para alguns, a TV contribui positivamente na formação do indivíduo, mas que por outro lado, essa contribuição pode ser também de forma negativa quando o abuso do seu uso ultrapassa os limites da utilização, gerando muitas vezes alienados e apenas consumidores de programação televisiva tirando aquilo que o indivíduo tem de mais importante que é a capacidade de criar e intervir, algo que parte da leitura reflexiva e não do consumo de programação que impõe seus conceitos.

Os alunos destacam também que a criança necessita de atividades que estimulem a criatividade, algo que a TV até contribui mas que ficam restritos se não houver por trás um acompanhamento pedagógico que possa filtrar programas, idéias e discutir sempre que necessário o tipo de programa dos quais estas crianças têm acesso

Para C2 tem pontos positivos quando trata da informação, da diversão e até mesmo nas emoções, mas que os professores e as escolas ainda não estão preparados para o que ela pode produzir positivamente dentro das salas de aula e de como orientar os alunos a usá-las, mesmo em casa, para que possam retirar desse instrumento o que ele tem de melhor.

Outro aspecto relevante nesta discussão sobre as TIC na escola está ligado às questões da escola pública. Neste contexto as TIC sofrem diversos problemas na continuidade do processo devido às questões burocráticas ou de interesses outros alheios ao processo pedagógico como foi citado por C7.

As discussões de uma forma geral nas três atividades desta etapa se concentram na importância das TIC na sala de aula e no mau uso delas, bem como a preocupação com a preparação do professor e dos gestores para absorver as mudanças provocadas por elas.

Diante destes relatos, foi possível perceber que a integração das mídias na educação perpassa por dificuldades que vão desde saber usar as TIC e manipulá-las

de forma adequada, passando pela formação dos professores e culminando com as condições oferecidas pelas escolas

A segunda etapa tratou da educação e sua relação com as mudanças sociais, tecnológicas e culturais dentro do contexto das TIC, apresentando novas competências para a Sociedade da Informação e Comunicação numa abordagem de possibilidades de construção de uma rede colaborativa de aprendizagem, analisando o papel da escola diante das demandas da sociedade atual refletindo sobre as mudanças de atitudes e concepções para se conviver nesta sociedade.

Nesta etapa o material de apoio deu enfoque às redes de comunicação colaborativa de aprendizagem e como trabalhar isto na educação. Para tanto foram usados os textos: “Uma Sociedade em Mudança” que trata sobre o movimento que impulsionou e foi impulsionado pelos avanços das pesquisas, das descobertas científicas e do desenvolvimento dos meios tecnológicos de informação e comunicação e pelas complexas inter-relações do mercado internacional globalizado e a reorganização da sociedade da informação nas suas características exclusiva; “A Educação na Nova Sociedade” que enfoca a educação tecnológica e a influência das TIC na educação enquanto escola inserida no contexto da sociedade da informação participante ativa na comunidade; “Quais as possibilidades da Internet” que aborda os objetos da Internet como ferramentas de apoio no processo de ensino e aprendizagem e a necessidade de políticas públicas que possam diminuir o fosso entre os que têm acesso em casa, nas escolas e em diferentes espaços e aqueles que carecem de todos os recursos, dos mais básicos e essenciais às TIC.

Também serviu como apoio a esta etapa os textos: “Sociedade Conectada” que trata da incorporação de novos ambientes de aprendizagem nas escolas e como permitem também levar esses ambientes para além dos muros das escolas rompendo as limitações das grades curriculares e fazendo da escola um espaço de produção de conhecimento; “Na sociedade de hoje, a Sociedade da Comunicação e Informação, quais os principais desafios da educação?” que faz uma abordagem sobre como educar numa sociedade em mudanças rápidas e profundas obrigando aos envolvidos a reaprender a ensinar e a aprender e a construir modelos diferentes dos tradicionais, tendo o hipertexto e a rede como autores desta mudança; “Tecnologias na escola e criação de redes de conhecimento” que enfoca a rede tecnológica como meio e não como fim para garantir mudanças na educação e como ela pode propiciar novas formas de lidar com a informação, de produzir conhecimento e de estabelecer comunicação entre as pessoas, permitindo conexões entre elas, idéias, conceitos, crenças e valores.

Reforçando a questão da inovação e das novas competências, também foram apresentados os textos: “As Novas competências” no qual o foco está na Sociedade da Informação e Comunicação que demanda por novas competências para aprender,

ensinar, trabalhar e se relacionar com os demais; “Modernização ou mudanças?” que trata sobre a importância da modernização e o que ela provoca de mudança na educação, nas relações escola-comunidade e na exclusão tecnológica e social; “Que Educação queremos?” aborda a necessidade do professor lançar mão das TIC compreendendo-a como um oportunidade de redesenhar os currículos e as práticas pedagógicas de aprendizagem; “Desafios com as novas mídias” faz uma conexão entre a Internet, as redes, o celular e a multimídia e de como elas estão revolucionando a vida no cotidiano e de como as tecnologias não são apenas apoios, meios, mas permitem realizar atividades de aprendizagem de formas diferentes dos modelos anteriores.

Quanto às atividades desta etapa, uma delas acentuou a questão das ferramentas para comunicação. Nesta atividade dentro do cenário de integração das mídias, buscou-se a interação através da seleção de um tema ou ferramenta de interesse de cada um dos alunos como wiki, TV digital interativa, blog/fotolog, comunidades virtuais, pesquisas na Internet e em jornais e revistas, programas da TV escola ou outras fontes disponíveis, tendo como roteiro da atividade o histórico, objetivo, forma de utilização no dia-a-dia e na educação, quem a utiliza e se já foi utilizada na educação.

Escolhi o o RPG porque os meus filhos usam e eu não sabia da sua importância. (C8)

Blog é uma ferramenta que contribui para o ensino pela sua dinâmica de interação e promove a inserção na Internet de leigos em informática que querem contribuir com suas idéias na rede, permitindo que os mesmos exponham seu pensamento. (C9)

As mudanças que ocorrem na escola decorrem das mudanças fora dela onde os alunos vivenciam a tecnologia no seu dia a dia. (C2).

Nesta atividade, cabia aos alunos usarem uma ferramenta de comunicação e interação na Internet e orientar a pesquisa no sentido de construir colaborativamente com outros dois alunos o conteúdo da atividade.

C8 optou em desenvolver sua atividade através do RPG e faz algumas observações sobre sua experiência e o porquê da escolha desta ferramenta, ressaltando a importância de conhecer as ferramentas da Internet que já está no dia a dia dos alunos e até mesmo dos filhos. Para ela às vezes o preconceito às TIC é fruto do desconhecimento das suas potencialidades.

Para a C9, sua pesquisa teve como foco o blog que segundo ela mesma tem uma importante contribuição ao ensino através da sua dinâmica de interação.

Frente ao objetivo da atividade de focalizar a comunicação como ponto central para a interação das ferramentas tecnológica propostas como meios, os depoimentos citados sintetizam a importância delas neste contexto e de como é possível interagir pelas TIC em várias modalidades, situações e níveis de conhecimento quando se permite trabalhá-las no processo ensino e aprendizagem com ferramentas tecnológicas e democráticas.

Há, portanto nesta etapa um direcionamento ao uso das mídias em vários aspectos e de forma específica, neste caso, com a Internet. A convergência de mídias atribuídas ao computador permite uma integração dentro das suas próprias capacidades.

Na terceira etapa, foram trabalhadas as relações entre a comunicação e a educação abordando a compreensão do processo complexo de comunicação que estabelece relações para o ensino e aprendizagem para conhecer os meios que possibilitam esta comunicação com as pessoas e como se dá essa compreensão no âmbito educacional identificando as formas de aprender e ensinar com o uso das mídias dentro de uma postura crítica e de autoria observando o papel das mídias na educação como TV, rádio, e o computador explorando as diferentes linguagens e representações para propiciar o desenvolvimento da visão integrada das mídias na prática docente.

O foco desta etapa foi o panorama geral do uso das mídias na sala de aula. Foram disponibilizados os seguintes textos: “Interações entre comunicação e educação” que trata da importância da comunicação como meio fundamental na expressão, no relacionamento, na busca pela informação e como interação entre as pessoas; “Integração tecnológica, linguagem e representação” que aborda, entre outras coisas, as diferentes representações da linguagem diante dos meios tecnológicos existentes, o ensino e na aprendizagem e a necessidade de se ter das intenções e objetivos pedagógicos das possíveis formas de representação do pensamento e das características de narratividade, roteirização e interação entre as tecnologias.

Também serviram como apoio didático a esta etapa os textos: “Redimensionando o ensinar e o aprender com o uso de tecnologias” que faz uma busca sobre como identificar as contribuições tecnológicas nas práticas pedagógicas e as mudanças dessas práticas mediante o uso das TIC direcionando-as para melhorar o aprendizado do aluno e de como ele poderá produzir e gerir estas tecnologias; “A TV e a educação” que traz a tona reflexões sobre a importância desta tecnologia em casa, na escola e no dia-a-dia e sua influência nas mudanças sociais e culturais e de como isto influencia diretamente na formação do aluno, considerando ser ela o maior meio de comunicação de massa e como suas influências mexem com o emocional, os desejos e o instintos das pessoas; “Como a televisão e as mídias se comunicam” que aborda a comunicação sensorial na facilitação do repasse das mensagens ao público e o seu poder racional e emocional pela forma como agrega

as mídias escritas, áudio e vídeo afetando prioritariamente os sentimentos; “O cinema na escola” que caracteriza a magia do espetáculo, da arte em movimento, da poesia, da emoção, da alegoria, da narração, do mistério e da realidade tendo como fim o entretenimento e de como esta arte pode ser trabalhada em uma escola organizada em séries, disciplinas e grades de conteúdo e de como aproximar esta arte das atividades de sala de aula.

Ainda nesta etapa, buscando uma reflexão sobre o objetivo do curso, foram disponibilizados também: “Integrar as mídias na escola” que trata das diversas habilidades que a criança já possui quando chega a escola e de como lidar com essas habilidades, muitas vezes adquiridas pelo acesso às mídias, e que a escolas geralmente não estão preparadas para lidar com estas situações preocupando-se neste sentido em não só permitir o acesso às tecnologias pelo aluno mas o uso das TIC para a comunicação, produção de conhecimento e interação; “Rádio na educação” que retoma a discussão do uso de velhas e novas tecnologia se fundindo na prática pedagógica com vistas à democratização da informação, à interação social e à disseminação do conhecimento; “A utilização do vídeo, CD e DVD na educação” que leva à compreensão desta mídias na escola numa perspectiva mais consistente com objetivos pedagógicos de sensibilização, ilustração, simulação e conteúdo de ensino, trazendo também uma reflexão sobre o uso indevido dos mesmos num sentido único de apenas “tapar buraco”;

Na terceira etapa, duas atividades foram relevantes ao cenário de integração das mídias: a primeira atividade foi um fórum sobre as mídias no contexto da escola a partir de um vídeo com o depoimento de uma professora sobre a integração das mídias na educação em algumas experiências e atividades, e de alguns questionamentos de como preparar a comunidade escolar para projetos envolvendo a integração das diferentes mídias considerando a realidade da escola brasileira e de como colaborar para preparar o professor para o uso destas mídias bem como o papel dos gestores neste processo.

Outra atividade desta etapa, também no formato de fórum, objetivou a teoria e prática do uso da TV, levando o aluno a desenvolver uma atividade de aplicação articulando os conceitos vistos na sala de aula através de um vídeo ou de um programa de TV de sua escolha, ressaltando a identificação da forma de utilização como sensibilização, ilustração, simulação e conteúdo de ensino, posteriormente compartilhando a experiência com os outros alunos do projeto dentro do fórum.

A primeira atividade desta etapa focalizou a influência das TIC no dia-a-dia, no cotidiano da escola e a sua integração à prática pedagógica. A partir das discussões das etapas anteriores, esta atividade levanta a questão de como preparar a comunidade escolar para projetos envolvendo diferentes mídias.

No contexto desta atividade há uma preocupação acentuada nas falas dos alunos quanto à integração dos gestores e professores no projeto pedagógico da escola. Para alguns alunos, há uma busca paralela de interesses entre os professores e os gestores. Neste cenário a C5 considera que um dos maiores problemas do uso e conseqüentemente a integração das mídias na escola é pela falta de um projeto participativo entre os interessados no contexto escolar.

Efetivar uma gestão participativa na escola para buscar uma solução de como usar as TIC na escola onde o administrativo se coloque a serviço do professor e não ao contrário. (C7).

O professor necessita ser capacitado para o uso devido das TIC na escola e a partir daí preparar o ambiente. (C10).

A falta de preparo do professor e gestores no uso das TIC na escola contribui para a ausência destas no projeto pedagógico. (C5).

A infra-estrutura é um grande entrave no uso das mídias nas escolas públicas, seja pela falta delas ou por estarem obsoletas. (C3).

Por outro lado, há também a preocupação de alguns em relação ao professor que ainda não se apropriou devidamente das TIC, fato que não se deu ainda não só pela falta de preparo, mas pela falta de mudança de postura em aceitar as TIC como uma ferramenta necessária e cotidiana.

Há sempre uma tônica comum nas discussões sobre o uso e a integração das mídias na educação: a falta de preparo, postura, mudança de concepção em relação a disposição para com o novo e falta de tempo do professor para se apropriar devidamente das possibilidades das TIC na educação.

Nestas discussões fica evidente para os cursistas que dessa forma não haverá integração das mídias, ou seja, se não há na escola ainda o uso devido das TIC, por conseqüência não vai haver a integração delas dentro desse cenário.

Reforçando a contextualização pedagógica como integração das mídias C4 aborda esta questão quando escreve: “o professor contextualize o uso das mídias tomando como partida a realidade dos alunos, para que seja um meio acessível a eles”, ou seja, usar as tecnologias que os alunos conhecem dentro da sua realidade na comunidade, na escola e em qualquer lugar que elas estejam e estes alunos tenham acesso.

Outro ponto levantado nestas discussões é o fato de que algumas escolas ainda não se deram conta de que a tecnologia, apesar de já estar presente no seu ambiente físico, ainda não foi incorporada pedagogicamente e se mantém na escola como uma

sala anexa. “Estas escolas sequer contemplaram, em seu Projeto Político Pedagógico, a inserção desses recursos dificultando ainda mais a integração das mídias aos conteúdos propostos no currículo” cita C8.

Houve também nas discussões desta atividade uma preocupação com outros aspectos relevantes que não permitem a integração das mídias pelos professores considerados como empecilho: infra-estrutura das escolas; falta de um ambiente próprio para o desenvolvimento dessa integração; tecnologias às vezes ultrapassadas e computadores danificados sem possibilidades de conserto pelo tempo de uso; número insuficiente de equipamentos desproporcional ao número de alunos da escola

Percebe-se nas discussões desta atividade que não é só o fato do despreparo do professor o culpado pela não utilização das TIC e não integração das mídias na educação, mas outras questões também são relevantes neste sentido como foi demonstrado pelos alunos, inclusive em suas vivências enquanto professores da rede pública.

Na segunda atividade desta etapa, a proposta foi de se trabalhar a TV e o vídeo na sala de aula numa perspectiva de livre escolha por parte dos alunos entre um programa de TV ou um vídeo, que possibilitassem a eles vivenciar esta realidade em sala de aula e, posteriormente, discutir os seus efeitos com os colegas no fórum.

Como roteiro para esta experiência a atividade propunha algumas questões: como planejou a atividade e como identifica a forma de utilização considerando sensibilização, ilustração, simulação e/ou conteúdos de ensino? A partir daí o aluno relata sua experiência e as discute no ambiente virtual e-Proinfo.

Para alguns alunos na execução dessa atividade a escolha do programa de TV ou vídeo foi feita coletivamente pelos participantes. Desta forma o trabalho tornou-se mais democrático e por conseqüência houve uma maior participação e comprometimento da turma.

Permite que os alunos escolhessem o vídeo. Após a exibição, passaram a pesquisar na Internet sobre o assunto do vídeo. (C5).

Usei um vídeo para sensibilização. A partir daí os alunos produziram um texto e elaboraram um panfleto. (C4)

A partir de uma reportagem da TV aberta sobre anticoncepcionais, solicitei que os alunos fizessem uma entrevista gravada com a comunidade. (C10).

Através de um vídeo da TV Escola, ao alunos abriram um painel para discutir sobre as questões levantadas no vídeo e concluíram elaborando um relatório. (C8).

Usei um trecho de uma telenovela de época de onde foi possível estudar o comportamento dos personagens relativos a época, a cultura, linguagem e a questão da discriminação. (C1).

Nesta experiência percebe-se que as TIC já estão sendo usadas de alguma forma nas escolas, mas que não atingem o objetivo de ser um meio, mas de ser o fim em si mesmo e muitas vezes sem reflexão, discussão, objetivos pedagógicos e sem a mínima integração.

Os pontos levantados pelos cursistas nas atividades da terceira etapa, tomando como base o objetivo do programa piloto e os referenciais teóricos abordados neste estudo sobre a integração das mídias e sobre a formação de professores, percebe-se uma constatação dos teóricos quanto às questões do uso das TIC nas escolas que fundamentalmente se alicerçam na infra-estrutura das escolas, na preparação dos professores e na percepção dos gestores enquanto apoiadores.

Há portanto um relevante avanço dos cursistas quanto ao entendimento sobre estas questões abordadas, o que evidencia a contribuição do projeto na formação dos mesmos quanto à integração das mídias.

A quarta etapa deu ênfase a Integração das mídias e à pedagogia de projetos conhecendo-se algumas experiências de integrações destas mídias em educação, levando o aluno a elaborar uma proposta de atividade de sala de aula que integre diferentes mídias em sua realização de acordo com os objetivos pedagógicos e condições contextuais, fazendo uma auto-avaliação da sua participação como aluno do curso piloto.

No apoio pedagógico às atividades desta etapa, foram disponibilizados os textos: “A convivência com velhas e novas mídias” que numa abordagem moderna traz a reflexão sobre a integração das mídias, a leitura de palavras, imagens, gráficos, sons, outras mídias e hiperídia evidenciando-as como um elemento fundamental ao desenvolvimento do aluno-cidadão e à sua inclusão social; “A integração das tecnologias na educação” que trata da evolução dos temas e das novas expressões do cotidiano tecnológico como do físico para o virtual, do análogo para o digital e do fixo para o móvel, relacionando seu aspectos de convergência de mídias dentro de uma proposta de objetos multifuncionais e de como estes objetos afetam a escola tradicionalmente fixa no tempo e no espaço, levantando a questão sobre a escola virtual e conectada através da tecnologia e as suas diversas possibilidades de interação partindo da aprendizagem individual para a aprendizagem grupal.

Ressaltando a reflexão sobre a integração das mídias, nesta etapa também foram disponibilizados os textos: “Alguns problemas na integração das tecnologias na educação” que retoma a discussão sobre a integração das mídias ressaltando o problema de resistências às mudanças da escola e do professor frente a esta questão, discutindo o papel do professor enquanto o centro do ensino, suas aspirações de mudança mas sem estar devidamente preparado para tanto, as dificuldades motivacionais do ensino conectado pela falta de contato do professor com o aluno; “Perspectivas para integração de mídias na educação” que enfoca os objetos e ferramentas tecnológicas de aprendizagem e as dificuldades dos envolvidos para trabalharem a sua mediação diante do despreparo de

alguns professores e escolas no uso adequado e significativo no contexto da sala de aula, levando o aluno a um nível crítico de cidadão.

Como apoio à tarefa final do curso que foi a construção de um projeto visando a integração das mídias, também fazia parte do apoio didático os textos: “Pedagogia de projetos e integração de mídias” que trata efetivamente do ensino com foco no aluno através do qual o mesmo aprende fazendo, pesquisando, aplicando conceitos e desenvolvendo estratégias de aprendizagem; “Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias” que tratou especificamente da contribuição ao ensino e à aprendizagem propiciada pela prática pedagógica com projetos no uso das TIC, observando a funcionalidade de cada uma de suas ferramentas e as suas respectivas utilidades pedagógicas e de como as mesmas se integram no contexto da sala de aula e em um projeto integrado com outras disciplinas.

As atividades da quarta e última etapa do curso piloto objetivaram sintetizar as idéias em torno das experiências de como integrar as mídias na educação. Duas atividades destacaram este objetivo nesta etapa: o fórum para a discussão de como situar a prática pedagógica no sentido de propiciar aos alunos uma nova forma de aprender, integrando as diferentes mídias nas atividades do espaço escolar e quais os questionamentos que podem ser levantados em relação às práticas sugeridas de integração das mídias na prática pedagógica considerando a atuação do professor diante das TIC e das novas linguagens que estão surgindo. As interações no diário de bordo dos cursistas trazem a reflexão sobre os elementos significativos para a aprendizagem do aluno no módulo introdutório, as dificuldades encontradas e como elas foram superadas ao longo do curso e das demais atividades.

<p><b>Atividade 2:</b> Refletir através de um Diário de Bordo sobre o aprendizado durante o projeto piloto.</p>	
---	--

Na primeira atividade desta etapa, a integração das mídias e a pedagogia de projetos foram os principais focos em forma de fórum. Na orientação da atividade proposta pelo projeto, o aluno deveria refletir sobre como situar a prática pedagógica para propiciar uma nova forma de aprender integrando as mídias e dar exemplos concretos sobre este tema.

Alguns depoimentos dos alunos nesta atividade mostram que houve uma reflexão significativa sobre a integração das mídias fruto dos estudos das etapas anteriores e que as mudanças provocadas pelo avanço tecnológico interferem na escola e as obrigam

em mudarem a sua organização curricular para atender a esse novo perfil de aluno, cultura e ao sócio-econômico.

Cada vez mais se exige da escola que ela participe da comunidade nas aspirações da sociedade fazendo com que ela reformule o seu currículo para atender às expectativas desta sociedade abrindo-se às novas tecnologias. (C3)

A estrutura de cada escola é que vai permitir ao professor ser ou não aberto ao uso das TIC. (C5).

A integração das mídias é um desafio para um novo ambiente de aprendizagem que lance mão delas, depende do professor o seu uso para estimular os alunos. (C10).

Criar situações problemas que necessitem integrar as mídias no processo de ensino e aprendizagem fazendo com que o professor explore as possibilidades do seu uso. (C1).

Uma experiência vivenciada de integração das mídias foi através de um vídeo sobre a Grécia antiga durante as olimpíadas de 2004, onde através de pesquisa na Internet foi feito um estudo comparativo entre a mitologia grega e o espírito olímpico da época. (C6)

Usei um livro sobre Zumbi, alguns recortes de revistas e jornais e pesquisa na Internet, culminando com um filme sobre a vida do mesmo. (C12)

Numa outra situação, C4 ressalta a importância de que a contextualização social impulse o processo de ensino e aprendizagem e que a prática pedagógica seja situada nesta realidade. Ainda neste cenário, C1 completa chamando para o professor a responsabilidade de incentivar e mediar o aprendizado dos alunos.

Percebe-se uma preocupação generalizada em usar a integração das mídias nesta atividade, mas poucos efetivamente sugeriram ou deram exemplos de como usar. Os problemas levantados giraram em torno das dificuldades do professor em seu despreparo, da infra-estrutura, das concepções pedagógicas sobre as TIC, da falta de estímulo dos gestores e das resistências às mudanças nos vários níveis educacionais.

Entre vários depoimentos, apenas dois alunos efetivamente mostraram como se faz uma integração de mídias: a aluna Ana que através de vídeo, livros, pesquisa na Internet e um filme épico, afim de comparar a Grécia antiga com a moderna no contexto das olimpíadas; a aluna Elizabete que usou metodologia semelhante para trabalhar a história de Zumbi. Mesmo que com poucas condições técnicas, havia alguma preocupação com o aprendizado através da produção própria do conhecimento.

A segunda atividade da etapa chamou os alunos a uma reflexão sobre o que foi visto no módulo introdutório e as dificuldades encontradas por eles e se estas dificuldades foram ou não superadas. Buscou-se saber as idéias mais relevantes que surgiram ao longo da caminhada dentro do curso piloto: em que estas idéias contribuíram para as mudanças significativas nas suas posturas? Como as idéias e conceitos levantados foram importantes nesta caminhada? O que efetivamente se aprendeu com isso?

Na avaliação de alguns alunos a teoria leva à prática, mas as dificuldades conduzem ao desânimo e à falta de motivação. O tradicional e a resistência de professores e gestores ainda predominam como barreiras no avanço da prática pedagógica com as TIC.

Quando lidamos com tecnologia nunca chegamos, estamos sempre iniciando nosso processo de interação com as novidades que surgem a cada momento. (C12).

A partir das reflexões feitas anteriormente, creio que este seja o início de uma caminhada que venho seguindo desde 2002. (C5).

Os textos trabalhados foram importantes para que a aprendizagem concretiza-se. A principal dificuldade foi na própria estrutura do ambiente e-Proinfo que ao invés de facilitar o processo de submissão dos trabalhos, muitas vezes apresentou-se pra mim complicado. (C3)

Este caminho é o início de novos conceitos e aprendizados que obtive a partir dos estudos, leituras e interações com o grupo. (C11)

Este curso representa um momento de grande importância em minha formação como educadora e mais ainda com técnica de uma SEDUC envolvida com a formação de outros educadores (...) pontos que para mim foram fundamentais: necessidade de uma educação voltada para a leitura das mídias e do seu conteúdo, objetivando o discernimento, a criticidade, a importância de conhecer diversas mídias e nos apropriarmos de sua linguagem. (C7)

Analisando a fala de cada aluno sobre a proposta desta atividade, é possível perceber os temas que mais se destacaram: a evolução de concepção quanto ao uso das TIC para alguns; busca por mais conhecimentos sobre o assunto; preocupação com a situação atual das escolas, dos professores e gestores; críticas a formação básica do professor no uso das TIC; falta de políticas públicas efetivas e permanentes neste sentido.

Para alguns, este módulo marcou o início de um estudo sobre as TIC na educação como escreveu C11. Isto evidencia um avanço nas suas concepções sobre as TIC e o que

aprendeu com este módulo. Neste cenário, C12 e C5 escrevem sobre a importância do curso piloto nas suas práticas pedagógicas e no aprendizado dentro do projeto.

As dificuldades e as facilidades da EAD perpassam sempre pelas mesmas questões, as tecnológicas. Ou são meios que facilitam a interação ou se colocam como empecilho quando não estão adequadas ao uso ou quando o aluno não consegue ter uma clareza sobre o uso das suas ferramentas.

Para outros alunos, que apesar de já terem uma vivência junto as TIC nos processos educacionais, comentam nas suas falas que ampliaram de forma significativa a visão sobre a temática principalmente no tocante perceber a importância de conhecer outras mídias como foi o caso de C7.

Para a C7, as mídias necessitam ser interpretadas, avaliadas, contextualizadas e empregadas fazendo parte do contexto da escola e do seu currículo. Nesta perspectiva o efeito será mais abrangente se adicionado a isto a participação do professor, aluno e gestor nas decisões sobre a inserção das mídias nos currículos.

De uma forma geral, as perspectivas dos alunos quanto ao curso piloto neste módulo introdutório, foram atendidas segundo as suas narrativas. Apesar dos problemas como: falta de tempo; dificuldades com o acesso ao ambiente virtual na Internet; problemas com a formatação do próprio ambiente virtual no acesso às atividades e ao envio delas, foram os fatores determinantes na avaliação do andamento do curso. Muito embora todos os alunos pesquisados foram unânimes em caracterizar o projeto como positivo nas suas formações continuada.

#### 4. Análise dos Projetos Finais dos alunos Concluintes do Piloto do Programa de Formação Continuada em Mídia na Educação

A análise das atividades dos alunos nas etapas do projeto, trouxe resultados consideráveis e relevantes sobre o desenvolvimento dos mesmos dentro da metodologia de estudo do curso piloto. Este desenvolvimento, aliado a leitura das tarefas e relatos nos fóruns, entrevistas com cursistas, somou-se a análise dos projetos finais e trouxe dados mais consistentes sobre o contexto deste estudo.

Os projetos finais dos alunos foram os resultados da terceira atividade da quarta etapa. Segundo os objetivos desta atividade, estes projetos devem conter propostas de integração das mídias e de como elas se deram dentro dos objetivos do curso piloto. Estes projetos foram identificados com um tema, objetivos, descrição das mídias utilizadas e as atividades desenvolvidas dentro de uma metodologia a critério de cada cursista.

Foram analisados 7 projetos. O quadro 5 traz um resumo dos projetos apresentados pelos cursistas ressaltando as mídias utilizadas e a metodologia aplicada no uso destas:

Quadro 1: Resumo dos Projetos dos Cursistas

Projeto	Descrição	Mídias	Metodologia
Projeto 1: A situação ambiental da Lagoa Mundaú	Através de vídeo sobre a lagoa Mundaú e Magoaba, levar à consciência sobre o meio ambiente	Vídeo TV aberta Máquina fotográfica Emissora de rádio	Exibição de vídeo Elaboração de uma proposta de conscientização Visita in loco à lagoa Construção de painel Elaboração de folheto Produção de DVD com o resultado Divulgação em uma emissora de rádio Divulgação em um blog
Projeto 2: Semana da Consciência Negra	Alunos refletiram sobre a escravidão histórica e as diferenças étnicas	Computador Televisão Vídeo Filamadora Rádio Pôsteres Cartazes Instrumentos musicais	Pesquisa na Internet sobre A vida de Zumbi Apresentação um roteiro dos sites pesquisados Exibição do filme “Quilombo” Paralelo entre o enredo do filme e as pesquisas na Internet Criação de uma peça de teatro que foi filmada Entrevista na radio com o secretário de cultura Exposição de pôsteres Composição de uma música

<p>Projeto 3:</p> <p>Grandes pensadores e a sua contribuição à Matemática</p>	<p>Desmistificar o ensino da matemática</p>	<p>Vídeo</p> <p>Revista</p> <p>Livros</p> <p>Jornais</p> <p>Computador</p> <p>Internet</p>	<p>Sensibilização de alunos e professores</p> <p>Relação dos principais pensadores</p> <p>Formar grupos de alunos</p> <p>Assistir a um filme sobre o assunto</p> <p>Pesquisa na Internet</p> <p>Produção de um livreto</p> <p>Produção de slides no PowerPoint</p> <p>Produção de Painéis</p> <p>Cartazes e maquetes</p> <p>Apresentação na sala de aula</p>
<p>Projeto 4:</p> <p>Integração das mídias na proposta da escola em ciclo</p>	<p>Integração de mídias no contexto de uma escola em ciclo.</p>	<p>Televisão aberta</p> <p>Vídeo</p> <p>Máquina fotográfica</p> <p>Gravador</p> <p>Filmadora</p> <p>Jornal e revistas</p> <p>Computador</p> <p>Emissora de rádio</p>	<p>Capacitação para usar os recursos didáticos</p> <p>Dinâmica de grupo</p> <p>Atividades práticas a partir da utilização e manuseio de computador</p> <p>Estudos de textos e material impresso da TV Escola</p> <p>Análise de vídeo veiculados pela TV Escola</p> <p>Elaboração de projetos de integração das tecnologias ao projeto político pedagógico da escola</p> <p>Atividades individuais e em grupo</p> <p>Elaboração do trabalho final e avaliação.</p>
<p>Projeto 5:</p> <p>O ensino da Língua Portuguesa utilizando mídias e tecnologias</p>	<p>O uso da tecnologia na língua portuguesa com ênfase na linguagem formal</p>	<p>Jornais</p> <p>Revistas</p> <p>Internet</p> <p>TV aberta</p>	<p>Pesquisa em jornais e revistas sobre a linguagem formal</p> <p>Reconstruir artigos de revista em linguagem informal</p> <p>Uso do chat</p>

<p>Projeto 6: Integrando mídias: Vídeo e computador na escola</p>	<p>Capacitação dos professores das redes estaduais e municipais para integrarem as mídias no seu contexto escolar</p>	<p>TV e vídeo Vídeos da TV Escola Vídeos do Salto para o futuro Computador Internet Livros Textos</p>	<p>Sensibilização dos professores Promoção de discussões sobre o tema</p>
<p>Projeto 7: As tecnologias inseridas no ensino da filosofia</p>	<p>Inserção do computador no ensino da filosofia como apoio a produção coletiva</p>	<p>TV aberta TV Escola Microsystem Retroprojektor Impressos: jornais e revistas</p>	<p>Leitura de textos Leituras de livros de filosofia Leitura da cartilha de cidadania Leitura de impressos Sistematização das idéias em um relatório</p>

O referencial teórico abordado no estudo quanto a importância das TIC na escola e a integração das mídias na sala de aula trata de questões relevantes sobre o que se deve fazer para que efetivamente as TIC possam cumprir o seu papel enquanto ferramentas de auxílio ao professor. Dentre estas questões, alguns pontos fundamentais para que isto se concretize sintetizados e descritos no Quadro 1, como forma de apoio a análise dos dados dos projetos dos cursistas:

Quadro 1: Fatores que Contribuem Para o Uso e Integração das TIC

Fatores	Objetivos
Democratizar a informação	Socializar o conhecimento e permitir que mais pessoas tenha acesso a elas.
Inclusão tecnológica dos professores e alunos	Necessidade de que professores e alunos estejam capacitados a usarem as TIC.
Formação de professores	Formação básica do professor para lidar com as TIC enquanto ferramenta de apoio ao ensino.
Integração ao currículo da escola	Integração das TIC na escola e no currículo fazendo parte do projeto pedagógico e integrando as disciplinas.
Políticas públicas	Políticas que permitam a informatização das escolas, acesso a Internet, formação básica e continuada de professores para uso das TIC.
Valorizar as possibilidades didática das TIC com objetivos e fins educativos	Uso das TIC como meios e não como fim em si mesmo. Valorizar o contexto pedagógico das TIC enquanto ferramenta de aprendizagem.
As TIC como parte integral e não como um apêndice ou recurso periférico na escola	Uso das TIC de forma integralizada em todas as disciplinas e não apenas como um recurso a parte.
Diversificação de informação e conhecimento trabalhados pelo próprio aluno	Autonomia do aluno buscar informações através das TIC que possa fortalecer e contribuir para o desenvolvimento do seu próprio conhecimento.

O curso piloto deu um enfoque “aos aspectos teóricos e práticos das diferentes mídias e no uso integrado das linguagens de comunicação com destaque nas mais importantes ao ensino e aprendizagem”, como também objetivou a ampla integração de mídias na escola e no currículo como forma de ampliar as possibilidades das ferramentas tecnológicas enquanto objetos pedagógicos que sirva de apoio ao processo educacional.

As questões discutidas no referencial teórico deste estudo tratam de forma mais ampla o que se quer alcançar em relação aos cursistas, já que os parâmetros levantados pelo piloto convergem na direção dos aspectos e fatores do Quadro 2, no qual há uma relação entre as idéias dos teóricos citados e as expectativas deste curso:

Quadro 2: Parâmetros do Projeto Piloto Quanto a Formação do Cursista

Objetivo	Meta
Incentivar a produção pessoal como meio de aprendizagem	Cursista capaz de produzir textos e desenvolver aspectos de criatividade com as mídias.
Interagir com as diversas áreas de conhecimentos desenvolvidas na escola	Integração com outras disciplinas dentro do projeto pedagógico da escola inserindo as mídias neste contexto.

Ênfase à formação docente	Participar, incentivar e elaborar propostas que contribua na formação docente para uso das TIC.
Diferentes recursos de apoio à aprendizagem e à autoria nas diferentes mídias	Explorar os diferentes recursos das diferentes mídias votados para o apoio do processo ensino e aprendizagem.
Fundamentos e a aplicabilidade das principais mídias no ensino e na aprendizagem	Refletir sobre os fundamentos das TIC e como estas podem ser aplicadas no ensino.
Liberdade para criar e produzir nas diferentes mídias, programas, projetos e conteúdos educacionais	Independência na criação de projetos e propostas que venham contemplar as mídias nos conteúdos educacionais do projeto pedagógico.
Reflexão sobre a própria prática e o papel desempenhado pela tecnologia na educação	Capacidade de tematizar e refletir criticamente a respeito da própria prática e do papel desempenhado pela tecnologia na criação de um novo ambiente educacional tecnológico.
Reflexão sobre diferentes linguagens e as ferramentas tecnológicas inseridas no ensino e aprendizagem como meio de comunicação.	Capacidade de refletir crítica e criativamente a respeito das diferentes linguagens, considerando as mídias como objeto de estudo e reflexão, ferramenta de apoio aos processos de ensino e aprendizagem e meio de comunicação e expressão através de produção com auxílio das TIC.

A integração das mídias na educação foi sempre a temática destacada dentro dos projetos, seja nos objetivos, nas atividades ou no próprio tema de alguns, mas que não garantiu de forma contundente esta integração nas atividades propostas pelos projetos na perspectiva do curso piloto, já que o proposto pelo curso tratava da integração de mídias de forma articulada, bem como propunha a produção individual como apoio a aprendizagem.

Para efeito de análise, foi estabelecido um paralelo quanto às expectativas dos objetivos do curso piloto e os fatores segundo a fundamentação deste estudo e como os projetos se apresentaram na avaliação final dos cursistas. A partir das idéias expostas pelos cursistas é possível identificar em quais pontos a presença dos objetivos do curso piloto foi contemplado nos projetos.

Esta análise pode ser vista no Quadro 3 que traça este paralelo entre os fatores de integração das mídias e os parâmetros do curso piloto para esta integração.

Quadro 3: Análise dos Projetos Finais dos Cursistas

Projeto	Fatores de Integração Segundo o Referencial	Parâmetros do Piloto para Integração de Mídias
Projeto 1: A situação ambiental da Lagoa Mundaú	Democratização da informação	Incentivo a produção pessoal como meio de aprendizagem.
Projeto 2: Semana da Consciência Negra	Políticas públicas	Interação com as diversas áreas de conhecimentos desenvolvidas na escola.
Projeto 3: Grandes pensadores e a sua contribuição à matemática	Valorização das possibilidades didática das TIC com objetivos e fins educativos	Ênfase à formação docente .
Projeto 4: Integração das mídias na proposta da escola em ciclo	TIC como parte integral e não como um apêndice ou recurso periférico na escola	Fundamentos e a aplicabilidade das principais mídias no ensino e na aprendizagem.
	Diversificação de informação e conhecimento trabalhados pelo próprio aluno	Liberdade para criar e produzir nas diferentes mídias, programas, projetos e conteúdos educacionais.
	Formação de professores	Reflexão sobre a própria prática e o papel desempenhado pela tecnologia na educação.
Projeto 5: O ensino da Língua Portuguesa utilizando mídias e tecnologias	Diversificação de informação e conhecimento trabalhados pelo próprio aluno	Reflexão sobre diferentes linguagens e as ferramenta tecnológicas inseridas no ensino e aprendizagem como meio de comunicação.
		Reflexão sobre diferentes linguagens e as ferramenta tecnológicas inseridas no ensino e aprendizagem como meio de comunicação.

Projeto 6:  Integrando mídias: Vídeo e computador na escola	Formação de professores	Fundamentos e a aplicabilidade das principais mídias no ensino e na aprendizagem.  Reflexão sobre a própria prática e o papel desempenhado pela tecnologia na educação.
Projeto 7:  As tecnologias inseridas no ensino da filosofia	Fundamentos e a aplicabilidade das principais mídias no ensino e na aprendizagem	Liberdade para criar e produzir nas diferentes mídias, programas, projetos e conteúdos educacionais.  Reflexão sobre diferentes linguagens e as ferramenta tecnológicas inseridas no ensino e aprendizagem como meio de comunicação.

Confrontando os projetos e os objetivos do curso piloto quanto à formação de professores para integrar as mídias na escola e com a contextualização teórica deste estudo nos fatores considerados fundamentais para que houvesse esta integração, o Quadro 3 mostra em que aspectos esta integração se deu e em quais projetos isto de fato aconteceu.

Os fatores mais relevantes que podem garantir a integração das mídias, aconteceram em sua maioria nos Projetos 1, 2, 3 e 4, nos quais apenas nestes foi possível perceber uma relação de integração com as mídias nas suas metodologias. Estes projetos, além de contemplarem as mais variadas mídias disponíveis, traçaram uma inter-relação entre elas, levando os envolvidos a elaborarem seus próprios caminhos, partindo de um roteiro de idéias e sugestões, que conduzissem a um objetivo definido.

Os parâmetros considerados fundamentais pelo projeto como: incentivar a produção individual e pessoal através das mídias; interagir com as diversas áreas de conhecimento, dar ênfase à formação dos professores; integrar diversas mídias e a liberdade de produção pelos envolvidos foram os fatores que permearam as metodologias dos 4 primeiros projetos.

Neste aspecto, a metodologia usada na execução destes projetos, apesar de deficiente em alguns aspectos quanto a disponibilidade de mídias conseguiu, como base nos parâmetros expostos, discutir a Integração das mídias enquanto ferramenta de apoio ao ensino e aprendizagem, deixando exemplos de uso e manipulação das TIC na educação.

Para os projetos 5, 6 e 7, apesar de terem ensaiado uma integração, não consideraram as questões mais relevantes do processo de integração. Deixaram, portanto de contemplar os princípios básicos orientados pelo próprio piloto em sua metodologia conforme propostos do curso descrita neste estudo, bem como os aspectos citados no referencial teórico deste estudo.

Há nestes projetos, em contraste com os projetos anteriores, uma omissão das questões que reforçam os princípios de integração das mídias em consonância com o referencial e parâmetros adotados. Citar as mídias e até mesmo usá-las, não caracteriza uma integração. O princípio de usar as TIC como parte integral e não como um apêndice ou recurso periférico na escola e o estímulo a produção, não foram observados nestes projetos, descaracterizando os objetivos do programa. As mídias, no entanto, em alguns momentos foram usadas como ferramentas técnicas e para simples contemplação, sem considerar suas finalidades e fundamentos.

No âmbito da proposta do curso piloto como descrito do Quadro 3 dentro dos seus objetivos e metas, há nos projetos, nos que se propunham a contemplarem a integração de mídias como no caso dos projetos 1, 2, 3 e 4, uma preocupação com o incentivo à produção individual na qual o curso piloto considera como sendo fator relevante para o desenvolvimento pessoal. Este fator somado à integração de mídias no contexto de integração das disciplinas voltadas a um objetivo comum e dentro de uma perspectiva de usar as mídias como apoio didático, caracteriza os objetivos do curso como atingidos em relação aos projetos citados.

Para os demais projetos, percebe-se que não houve um entendimento por parte dos cursistas em relação aos conteúdos e, conseqüentemente não conseguiram atingir os objetivos propostos pelo mesmo. Este resultado evidencia as falhas cometidas ao longo do curso piloto quanto a sua estrutura, conteúdos, metodologia e desenvolvimento.

## 5. Entrevistas com os cursistas

Na análise do curso piloto quanto aos seus fundamentos, objetivos e metodologia, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os cursistas, com objetivo analisar a fala dos mesmos sobre o curso piloto nas suas percepções em quatro categorias: (1) uso das TIC na escola, como esta foi trabalhada no curso e no projeto final; (2) a integração das mídias, como são trabalhadas na escola e como foram expostas no curso piloto; (3) como a pedagogia de projetos é trabalhada com as mídias e como o curso tratou sobre o tema; (4) o curso piloto e sua metodologia e de como este contribui na vida e na prática dos cursistas.

- a) Categoria 1 - Uso das TIC - nesta categoria investigamos a importância das TIC quanto ao seu uso, considerando o seu papel na escola e como elas foram trabalhadas pelos cursistas no curso piloto incluindo a sua utilização nos projetos. Quanto ao papel das TIC na escola, percebe-se na fala dos cursistas a importância das TIC no aprendizado, como meio alternativo de auxílio ao professor no ensino e aprendizagem e ampliam as possibilidades de limite de tempo e espaço quando ultrapassa as barreiras físicas da sala de aula através da tecnologia online.

O principal papel das TIC na escola é favorecer a construção coletiva do conhecimento. (C9)

As TICs na escola vem trazer o novo, o atrativo e moderno para o ambiente escolar , melhorando o processo educativo, tanto para os professores. (C11)

A presença das TIC na escola evidenciam a necessidade de mudança nas práticas, porque não admitem o modelo tradicional centrado no monólogo do professor. Conectam a escola ao mundo. (C7)

O papel das tecnologias de informação na escola é de proporcionar aos alunos um ambiente inovador do processo ensino-aprendizagem, onde os objetivos educacionais possam ser atingidos. (C1)

Quebrar as arestas e ampliar as possibilidades pedagógicas da escola, conectando seus professores e alunos ao mundo sem limitar tempo ou espaços geográficos. (C8).

Contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem se usada correntemente com a realidade de cada escola. (C10).

É um meio alternativo de ensino, um recurso a mais para auxiliar o professor no processo ensino- aprendizagem, no sentido de preparar o aluno para viver e atuar numa sociedade informatizada. (C12)

O papel das TIC na escola é diversificado, mas sabemos que a tecnologia é um meio eficaz quando utilizado com segurança e dentro do currículo e projeto proposto. (c13)

Na questão sobre como foram trabalhadas as TIC no curso piloto o aprofundamento da questão sobre o uso das TIC na escola foi um dos pontos positivos,

como também foi uma oportunidade de alguns cursistas participarem de um curso a distância em um ambiente virtual.

O Piloto do Curso Mídias na Educação permitiu que alguns professores das escolas públicas tivessem a oportunidade de participar de um curso na versão totalmente on line. (C9)

No curso de Mídias, as TICs foram sempre muito bem trabalhadas e apresentadas, proporcionando aos cursistas conhecimento mais profundo de como integrá-las. (C11)

As TIC são tratadas como ferramentas auxiliares na prática educativa, sobre as quais se deve fazer uma reflexão crítica. Suas possibilidades devem ser exploradas pelo professor, a fim de incluí-las no seu planejamento, de acordo com os objetivos a serem alcançados. (C7).

Foram exploradas as possibilidades pedagógicas do TIC, enfatizando que a tecnologia deve ser usada como um recurso didático que possibilitem o acesso a fontes de informação, favorecendo o processo ensino aprendizagem, permitindo ao professor desenvolver aspectos criativos, estimulando e motivando os alunos em sua aprendizagem. (C1).

Utilizou-se de ambientes virtuais de aprendizagem para integrar as diversas mídias ao cotidiano do professor. (C8)

De maneira clara e objetiva com textos muito bons, só com alguns inconvenientes e problemas no ambiente e-Proinfo. (C10).

De uma forma bastante organizada, proporcionando ao cursista conhecer as mídias por módulos apresentados, verificando a contribuição de cada uma para a aprendizagem e a integração das mesmas para a melhoria da qualidade do ensino. (C12)

O curso foi dividido em módulos, e cada um abordou discussões sobre cada mídia específica. As discussões eram realizadas com freqüência na ferramenta Fórum. (C13)

Os cursistas ressaltaram as diversas possibilidades das TIC quando citam sobre o estímulo, criatividade e a motivação dos alunos com auxílio das TIC no processo de ensino aprendizagem. Outro fator relevante foi a integração das mídias dentro de um ambiente virtual utilizado pelo curso na sua metodologia. A organização do curso em módulos facilitou o entendimento do processo de integração das mídias.

Outra questão dentro do contexto sobre o uso das TIC na sala de aula, diz respeito de como estas formas utilizadas no projeto final dos cursistas. A TV e o vídeo, DVD, microsystem e o material impresso foram usados em um projeto de Sociologia no qual os alunos poderiam lançar mão dessas ferramentas, mas sem caracterizar uma integração efetivamente.

Nossa proposta final foi desenvolvida numa aula de Sociologia e teve como recursos utilizados: a tv, o vídeo, o dvd, microsystem, quadro, pilot e o material impresso. (C11)

No projeto pensamos na formação de professores, através de oficinas onde pudéssemos integrar os recursos da Internet ao vídeo e a TV. (C7).

As mídias utilizadas na proposta final foram: tv, vídeo, dvd, microsystem, retro projetor, quadro e material impresso. Com o objetivo de promover através da construção coletiva a utilização das TIC's como aliada no processo de ensino-aprendizagem. (C1)

Propondo a integração das TIC ao currículo da escola, integrando as atividades de uso do laboratório de informática aos recursos da TV/ DVD escola e outras mídias disponíveis. (C8).

De acordo com a realidade da escola que leciono a qual não possui muita coisa utilizando a TV e vídeo em sala de aula. (C10).

Procurei fornecer a base para que o professor pudesse fundamentar e motivar sua prática pedagógica e ao mesmo tempo responder o porquê do uso das tecnologias na escola, adquirindo competências e tornando-se capaz de desenvolver competências também nos alunos possibilitando aos mesmos a capacidade de construir o seu próprio conhecimento (C12).

Os cursistas destacaram uma oficina com o professores em que foi possível trabalhar as mídias de forma integrada através do vídeo, TV e Internet. Outras, trabalharam a construção participativa utilizando as mídias como apoio, segundo ela, no processo de ensino e aprendizagem, embora não tenha sido específica de como isto ocorreu na execução.

A articulação das TIC e sua integração perpassa pelo currículo da escola e na sua proposta de projeto integra as atividades dentro dos laboratórios de informática e através dos recursos da TV e do vídeo. Percebe-se nesta proposta uma preocupação de que a integração das mídias deve ser um processo contínuo e envolver a participação de todos, desde a elaboração do currículo e projeto pedagógico. Para C12, fornecer a base para o professor e fundamentar a sua prática, é o ponto de partida para o bom uso das TIC. Neste aspecto, caracteriza que o seu projeto final deu ênfase à competência do professor para que se torne capaz de desenvolver o seu próprio conhecimento e competência para utilizar as TIC na sala de aula.

- b) Categoria 2 - Integração de Mídias - esta categoria tratou sobre a integração das mídias na prática pedagógica dos cursistas. Na primeira questão foi analisada a importância da integração das TIC na prática pedagógica.

A dinâmica da aula e a motivação foram os pontos fortes tratados pelos cursistas neste contexto. Para as cursistas, a integração das mídias desperta o interesse pelas aulas, fato atribuído a dinâmica e ao fascínio que as mídias desperta. Por outro lado, houve uma preocupação com relação à capacitação do professor para usar as TIC. Ainda neste contexto e pelo fato de que a integração das mídias é um processo complexo na realidade dos professores já que os gestores e as escolas ainda não se encontram preparadas para a inserção das TIC no currículo.

Facilita os estudos, enriquece a aula e desperta mais interesse nos alunos. (C9)

Quando: o professor é capacitado para usá-las explorando todas as suas possibilidades, reconhecem o valor destes recursos numa aula; são reciclados constantemente; estimulados ao uso pela sua instituição; sabem utilizá-las com segurança e planejamento adequado. (C11).

A integração de mídias amplia as possibilidades de desenvolvimento dos conteúdos e da aprendizagem dos alunos. Por estes terem características diferentes, podem necessitar do contato com as diferentes linguagens das mídias, para se apropriarem dos objetos de estudo. (C7).

Os professores deverão estar preparados e seguros ao contemplar o uso das mídias no seu planejamento. Acredito que deve haver um investimento maior na preparação profissional do professor, pois o acesso as tic possibilita que as aulas sejam mais prazerosas e incentiva os alunos a pesquisarem e formarem opiniões. (C1).

Enriquecendo suas práticas e ampliando as possibilidades para se trabalhar com projetos pedagógicos. Com as TIC o professor deixa de ser somente o transmissor de conhecimentos e passa a ser um organizador da pesquisa, promovendo assim, aprendizagens colaborativas. (C8).

A prática pedagógica tendo as mídias como ferramenta de aprendizagem é possível, porém, torna-se um processo ainda complexo porque a escola (professores, gestores e coordenadores) não está preparada para o uso das mídias, com certeza nenhuma está pronta. Alguns colegas ainda não estão envolvidos no processo de mudança, até porque, isso é algo que é conquistado em longo prazo, pois exige disponibilidade de cada um em querer mudar, crescer e transforma. (C10).

No desenvolvimento da prática educacional, é importante destacar a integração de materiais e mídias diversas para que o aluno possa interpretar e dar respostas ao que acontece no mundo que o cerca. As atividades propostas devem permitir a pesquisa, possibilitando ao aluno a paixão pelo aprender. (C12)

A integração de mídias só será importante quando nos articularmos dialeticamente, através do instrutivo e do educativo, quando o ensino favorecer a resolução de problemas, exigindo capacidade objetiva ou capacidade técnica, ao mesmo tempo em que, oportuniza aos envolvidos a assimilação de valores necessários para o dia-a-dia e para o desenvolvimento das relações sociais. (C13)

A integração de mídias acontece de forma, natural, pois quando você descobre que é possível, viável e importante utilizar as mídias como recurso pedagógico, elas vão sendo utilizadas com naturalidade. (C9).

As possibilidades de desenvolvimento de conteúdos que as TIC proporcionam ao aprendizado, vêm das características que cada mídia tem dentro do contexto da sala de aula. As diversas linguagens das mídias facilitam ao aluno se apropriar dos objetos de estudo. As TIC proporcionam a paixão pela investigação e criação, que diretamente contribuem no aprendizado.

A investigação sobre como foi trabalhada a integração das mídias no material didático, teve como objetivo analisar o potencial deste material quanto ao embasamentos dos cursistas na prática de integração das mídias.

Nos conteúdos do módulo, sempre se fazia referência a esta integração e quanto é valiosa, nos levando a reflexão destas possibilidades didáticas. (C11)

Cada módulo apresenta vários recursos midiáticos. Na elaboração de atividades e projetos, sempre estimula o professor a utilizar mais de uma mídia, conforme o trabalho planejado. (C7).

Durante as leituras sugeridas nos remetia sempre a reflexão da importância da integração das diversas mídias. As tecnologias de informação e comunicação são importantes sim na educação, e no processo de formação dos nossos alunos, pois a cada dia constatamos as diversidades tecnológicas no meio educacional. (C1).

Através da metodologia de projetos, foram trabalhadas atividades que integrassem os recursos audiovisuais, telemáticos e material impresso na prática pedagógica. (C8).

Através das leituras dos conceitos e reflexões apresentados tivemos oportunidade de refletir sobre o que são mídias, o que são tecnologias e como estão presentes no dia-a-dia, como também refletir sobre a Mudança, oportunizando relatar nossas experiências no uso pedagógico de diferentes tecnologias ou mídias. (C10).

O material do curso é muito rico e oferece várias formas de integração das diferentes mídias, parte de uma maneira de utilização mais simples e vai assumindo atividades mais complexas. Experimentar, avaliar e experimentar novamente é a chave para a inovação e a mudança desejada e esperada. (C12).

A integração das mídias deve ser algo natural na prática pedagógica e isto estaria contemplado no material didático. Os cursistas ressaltaram que o material didático sempre trazia de alguma maneira algo sobre como integrar as mídias dentro das diversas possibilidades. Os recursos discutidos no material didático estimulam ao professor a utilizar diversas mídias com um trabalho planejado e pela importância dos alunos conhecerem cada vez mais sobre tecnologias e as mudanças que estas provocam na sociedade e no dia a dia.

A leitura dos conceitos contidos no material didático levou-os à reflexão de como as mídias integradas podem beneficiar a experiência dos professores em suas práticas e de como as TIC pode influenciar as mudanças desta prática na sala de aula, uma vez que é possível o acesso a informação online.

A seqüência do material didático no curso permitiu que os cursistas progredissem gradativamente dentro da reflexão da integração das mídias desde o uso mais simples destas até uma forma mais complexa de utilização.

Na terceira questão desta categoria, procurou-se analisar em qual atividade do curso piloto o cursista percebeu uma maior integração de mídias. Nesta perspectiva os cursistas ressaltaram a importância das atividades que estimularam as discussões sobre o assunto, os fóruns e as atividades nas quais os cursistas eram solicitados a assistir vídeos, acessar Internet, digitar as atividades e ouvir rádio.

Nas atividades que solicitavam ao aluno assistir vídeos, acessar a Internet, digitar as atividades, ouvir rádio. (C9).

Nos fóruns, quando contávamos nossas experiências e interagimos com as dos colegas, no projeto final, no chat e no próprio ambiente do curso. (C11).

O desenho do curso já integra diversas mídias: texto, áudio e vídeo, imagens. (C7).

As atividades propostas do Curso abordaram a importância da integração das mídias no currículo e no trabalho desenvolvido pelo professor. Posso citar como atividades que proporcionaram a integração de mídias no curso: O projeto final como incorporar o uso de mídias em sua escola? , a pesquisa ferramentas para comunicação e interação e Cenário: mídias e o contexto da escola. (C1)

Montar uma proposta para incorporar o uso de mídias em sua escola; organização de chat possibilitando na integração do recurso material impresso aos da internet; pesquisa sobre ferramentas para comunicação e informação. (C8).

A atividade final do curso ofereceu oportunidade para o cursista fazer um projeto. (C12)

Destaca-se, nas falas dos cursistas, a importância do Chat possibilitando as discussões sobre as mídias foi fundamental na reflexão dos cursistas sobre o assunto. Em todas as atividades do curso se protagonizou a integração de mídias.

A quarta questão desta categoria chamou os cursistas à reflexão de como estes integraram as TIC no projeto final. O objetivo foi investigar a percepção destes quanto a influência do curso na integração das mídias no projeto final de cada um.

Elaboramos um projeto que pudéssemos inseri-las, respeitando as condições da escola e o que ela dispunha, de forma que facilitasse o aprendizado e que motivasse o corpo docente na utilização destes. (C11)

Propondo atividades de pesquisa na internet, construção de textos no word, selecionando vídeos e material impresso de apoio. (C7).

No Projeto final as TIC foram incluídas no sentido de permitir o acesso das informações em tempo mais rápido, hábil e atualizado, além de possibilitar ao aluno a inserção das tecnologias em suas vidas. (C1).

Desenvolvendo atividades que dinamizasse o uso da TV, vídeo e internet, integrandos aos seus conteúdos pedagógicos. Integrar os recursos aos já existentes na escola, a nossa proposta teve como objetivo, planejar junto com a escola o uso das TIC, em especial, a TV, o computador e a internet atrelados ao currículo da escola. Iniciando pela preparação e ou atualização dos professores. (C8).

Como professora de Ciências de uma Escola do município desenvolvi uma atividade com os alunos da 8ª série sobre Métodos Contraceptivos, cujo conteúdo estávamos explorando em sala de aula. Articulando teoria e prática: utilizando a TV e vídeo em sala de aula aproveitando o programa da rede Globo Fantástico de domingo. (C10)

Utilizando estudo de textos, analisando vídeos veiculados pela TV Escola. Através também da utilização de aplicativos, Internet e elaboração de um projeto com uso das TIC. (C12).

Para C11, seu projeto enfatizou a integração das mídias considerando as condições da escola, já que uma das maiores dificuldades de se trabalhar as TIC diz respeito a falta de condições físicas e preparação do corpo docente quanto a essa questão.

As atividades propostas por C7 em seu projeto, vislumbrou a possibilidade de construção de textos através de um editor eletrônico com apoio de vídeos e material impresso.

A utilização de diversas mídias no projeto só caracteriza integração se houver uma articulação de objetivos e propostas no sentido de contemplar o processo de ensino e aprendizagem através da teoria e prática como citado pela aluna Yára, que segunda a aluna o curso piloto forneceu subsídio neste sentido.

- c) Categoria 3 - Pedagogia de Projetos na Integração de Mídias - nesta categoria os cursistas destacaram como foi trabalhada a pedagogia de projetos no curso e como a perspectiva da integração das mídias. Investigar esta questão teve como objetivo pesquisar em que nível os cursistas assimilaram a importância da pedagogia de projetos dentro de uma visão de integração de mídias e de como o curso pôde contribuir para este fim.

Na questão sobre como foi trabalhada a pedagogia de projetos no curso, os cursistas destacaram que esta pedagogia é a forma mais concreta do uso das TIC de forma integradora, pois mobiliza todo um contexto de interdisciplinaridade. Destacaram que a fundamentação do curso foi importante para se chegar à elaboração do projeto.

A pedagogia de projeto é a via mais concreta das possibilidades de uso das tecnologias numa perspectiva integradora. (C9).

Com momentos de leitura dos módulos, socialização dos projetos dos outros colegas e o incentivo para o estudo mais aprofundado. (C11).

Fundamentação teórica, a partir da qual o cursista é levado a elaborar um projeto, de acordo com um roteiro bem estruturado. (C7).

Com leituras e atividades que promoveram ao professor refletir e repensar sua prática em busca de novos conhecimentos. (C1).

Com atividades que fomentasse a reflexão x ação ao unir teoria a prática. (C8)

Preparar o professor para integrar as diferentes mídias a sua prática pedagógica, orientando o uso e oferecendo embasamento teórico e prático para usar as tecnologias como mais um recurso necessário para tornar suas aulas dinâmicas e criativas. (C12)

A segunda questão indagou dos cursistas como a perspectiva da integração de mídias foi trabalhada na pedagogia de projetos. Para os cursistas, os trabalhos que contemplam a integração das mídias potencializam o ensino e a aprendizagem, ressaltando a importância dos projetos já que estes estão cada vez mais presentes na escola e que devem sempre conter em sua esfera as tecnologias como apoio didático, além de permitirem uma diversificação de atividades como grupos de alunos favorecendo a colaboração e a interdisciplinaridade.

Os trabalhos com projetos didáticos utilizando as tecnologias numa perspectiva integradora potencializam o ensino e a aprendizagem. As tecnologias atuam como impulsionadora para novas formas de aprender e de ensinar. (C9)

No atual contexto escolar os projetos estão cada vez mais presentes na escola e conseqüentemente às mídias vêm colaborando efetivamente para o sucesso deles, garantindo um aprendizado mais atrativo, dinâmico e eficaz. (C11).

O desenvolvimento de projetos favorece sobremaneira a integração de mídias, porque permite trabalhar um conteúdo em seus diversos aspectos, sob diversos pontos de vista. Permite também trabalhar uma diversificação de atividades com vários grupos, favorecendo a colaboração e a construção coletiva do conhecimento. Possibilita a interdisciplinaridade, o registro, a socialização das produções, valorizando a autoria. (C7).

A efetivação do uso das mídias hoje disponíveis deverá ampliar e favorecer perspectivas para que a escola passe a trabalhar com o intercâmbio e a interatividade, fortalecendo os laços entre professores e alunos. (C1).

Proporcionam aos alunos a construção de seus próprios conhecimentos, através da pesquisa e da troca de experiências, numa perspectiva de aprendizagem construcionista. (C8).

Não vai ser possível ser realizada devido a realidade de alguns professores e escolas. (C10).

Um projeto de aprendizagem pode iniciar através do levantamento das certezas provisórias e das dúvidas temporárias dos alunos. Por meio da pesquisa e da investigação, muitas dúvidas tornam-se certezas e muitas certezas tornam-se dúvidas. Neste processo, surgem também outras dúvidas e certezas que são temporárias e provisórias. (C12)

O projeto é uma forma de demonstrar uma educação envolvente entre professores e alunos. Para se desenvolver um projeto, com integração de mídias é necessário repensar no contexto no qual se está trabalhando, como e o que será realizado para obtermos os resultados, objetivando desenvolver capacidades e habilidades do aprender a aprender. (C13).

Os cursistas enfatizaram a importância da pedagogia de projetos como incentivadora do intercâmbio entre aluno e professor no sentido de fortalecer os laços entre eles. Esta observação fortalece a idéia discutida no referencial deste estudo sobre a integração de mídias no contexto pedagógico, bem como os objetivos do curso piloto descritos no Quadro 3 deste estudo.

Neste sentido, percebe-se no relato dos cursistas que o curso piloto deu subsídios no material didático, nas atividades e avaliações para que a integração de mídias pudesse estar presente na concepção dos projetos finais através da pedagogia de projetos.

- d) Categoria 4 - Análise do Curso Piloto- nesta categoria investigou-se a importância do curso piloto na formação de professores e a contribuição do mesmo em relação ao aperfeiçoamento, capacitação e na formação continuada dos professores.

Na primeira questão desta categoria, buscou-se investigar sobre a importância da realização do curso piloto na formação de cada cursista. Na maioria das respostas, o fortalecimento dos conceitos sobre as TIC na sala de aula foi o ponto forte. O curso permitiu uma visão geral sobre as possibilidades das mídias na educação, principalmente quando integradas de forma interessante. Os cursistas destacaram o aperfeiçoamento profissional proporcionado pelo curso no tocante a experimentar mídias das quais não havia percebido a sua importância na escola e no processo de ensino e aprendizagem. O curso proporcionou:

O fortalecimento dos conceitos já adquiridos e compreender a importância do curso para os professores da rede que precisam, urgentemente, se apropriar das ferramentas tecnológicas existentes nas escolas. (C9)

Uma fundamentação sobre as TIC de uma forma mais eficiente, me estimulando a pesquisas sobre os conteúdos dos módulos e um aprofundamento mais amplo de como inseri-las na escola. (C11).

Uma visão geral sobre as mídias e suas possibilidades. Os conteúdos abordados provocam reflexões sobre as práticas e a necessidade de mudança da mesma. As trocas de experiências nos levam a aprender com os outros. (C7).

Uma visão de como trabalhar e utilizar as diversas mídias no contexto escolar. Além de que os questionamentos levantados a cerca do que são mídias, para que e como podemos usufruir das diversas possibilidades de utilização a serviço da educação. (C1)

Ampliar os conhecimentos e conhecer novas práticas. (C8)

A aquisição de conhecimentos com relação a mídia Rádio. Tive a oportunidade de refletir sobre o uso do rádio que praticamente não faz parte do meu cotidiano e nunca havia pensado em utilizá-lo como ferramenta de trabalho. (C10)

A oportunidade de pensar, adquirir conhecimento, debater, avaliar e utilizar com mais segurança, a mídia disponível na escola. Foi esse curso o responsável pelo estímulo, otimismo e confiança que geraram minhas aulas durante a sua realização. (C13).

Na segunda questão o objetivo foi investigar se os estudos realizados no curso piloto contribuíram na formação profissional do cursista, os cursistas enfatizaram o aprofundamento da questão das TIC e sua integração de mídias. A inovação das aulas é algo que as TIC propiciam e o curso permitiu este conhecimento.

Sempre é importante a participação em novos cursos, pois em se tratando de tecnologia é imprescindível a atualização na área. (C9).

Me aprofundei em assuntos que nunca tinha estudado anteriormente, participei de momentos nunca vivenciados de interação com a turma, além do domínio do ambiente do curso e da socialização de idéias e opiniões. (C11)

Levou-me a pesquisar e ler sobre temas dos quais já tinha ouvido falar, mas o tempo não havia me permitido ainda saber um pouco mais. Foi o caso das pesquisas sobre comunidades virtuais, orkut, RPG, TV digital. (C11).

Foi gratificante poder compartilhar opiniões com diversos colegas de profissão sobre um assunto tão interessante, sem contar às contribuições que os textos dos diversos autores selecionados proporcionaram novos aprendizados e conhecimentos na minha caminhada de educadora. (C1)

Como educadores precisamos está sempre atualizando as nossas práticas. (C8)

Foi valioso em todos os aspectos e um aprendizado, visto que não havia participado na condição de aluno de um curso a distância. (C10)

As atividade propostas me ajudaram muito a refletir sobre quanto o avanço das tecnologias nos trouxe várias formas de ensinar e aprender e vieram auxiliar o professor e aluno a desenvolver melhor suas atividades. (C12)

As TIC vêm adquirindo cada vez mais relevância no cenário educacional. Suas utilizações como instrumentos de aprendizagem e suas ações no meio social vêm aumentando de forma rápida entre nós. Nesse sentido, a educação vem passando por mudanças estruturais e funcionais frente a essas novas tecnologias. (C13)

Outro ponto fundamental e relevante, é a questão da interação entre alunos, algo possível com o uso das TIC. O compartilhamento das discussões sobre os assuntos abordados pelo curso traz a reflexão sobre a importância de socializar o conhecimento quando se troca idéias e sugestões através dos meios de comunicação.

O conhecimento adquirido e enfatizado nesta questão, perpassa pelos pontos em que o curso piloto colocou como fundamentais que, além da capacitação e formação continuada, trazer a discussão sobre a integração das mídias através da interação, produção individual como forma de aprendizagem, inclusão digital dos professores, uso da mídias no contexto do currículo escolar e o comprometimento da escola pelos professores e gestores, já que parte dos cursistas além de professores também são gestores da educação.

A terceira questão abordou sobre como o curso pôde ampliar as perspectivas de utilização das mídias, trazendo uma reflexão sobre as práticas pedagógicas de cada um, antes e depois da utilização das mídias.

O foco do curso é a integração de mídias, portanto contribuiu consideravelmente, apesar de já compreender isso. (C9)

Me deram maior segurança para utilizá-las e sugeriram outras formas de integração e de motivação. (C11)

Tanto dentro da perspectiva do trabalho com projetos, como no desenvolvimento de atividades pontuais. (C7)

Este curso proporcionou conhecer as diferentes possibilidades de aprendizagem utilizando as diversas mídias existente, explorando o potencial de cada uma através da leitura e pesquisa. (C1).

Percebemos que a integração das mídias coloca como desafios a criação de novos ambientes de aprendizagem, fortalecendo dessa forma a necessidade de aperfeiçoamento e reflexão

constante para o professor onde nos força a buscar teorias e perspectivas para fundamentar projetos educacionais que sirvam de estímulos para o alunado. (C10)

Estou vendo a utilização das mídias com um olhar diferente, mais crítico e consciente do que é melhor para mim e para a minha vida profissional. (C12)

Diante dessa nova conjuntura é importante que o professor possa refletir sobre essa nova realidade, repensar sua prática e construir novas formas de ação que permitam não só integrar as mídias no contexto escolar, como também construí-la. (C13)

Para os cursistas, a contribuição do curso com ênfase na integração de mídias, não adicionou apenas conhecimento específico em mídias, mas a forma estratégica de como integrá-las absorvendo o currículo da escola e o projeto pedagógico.

Conhecer o potencial de cada mídia é importante no momento de usá-las, possibilitando diversificar o processo de ensino e aprendizagem quando traz o professor à reflexão de como fundamentar os projetos educacionais que sirvam de estímulo para o aluno.

A análise destas entrevistas semi-estruturadas contribui de forma relevante nas observações deste estudo quanto ao fundamento do curso piloto e os seus objetivos enquanto modalidade a distância, uso da mídias na escola e principalmente, no seu foco primordial de integração das mídias que foi o grande centro das atenções desta análise.

## 6. Conclusão

O propósito deste trabalho foi contribuir com a discussão sobre a integração das mídias no processo educacional dentro do contexto da escola e a importância que as TIC têm como mediadora neste sentido.

A expansão da oferta de ambientes virtuais de aprendizagem e a crescente importância desta tecnologia para dinamização e otimização do processo de EAD, trouxe o e-Proinfo como uma proposta de mediação para o projeto piloto pesquisado neste trabalho, em virtude de que este ambiente deveria conter as ferramentas essenciais num processo de EAD na forma virtualizada.

Neste sentido, este estudo levou a refletir sobre as questões da integração das mídias na educação a partir das análises dos projetos finais dos alunos do piloto, partindo

dos pressupostos de que a integração das TIC configuram um longo caminho que nasce na concepção das TIC na escola, passando pela formação de professores devidamente preparados para usá-las, contemplando a interdisciplinaridade nos conteúdos pedagógicos e se inserindo no projeto político pedagógico da escola. Culminando, posteriormente, com o envolvimento de gestores, professores e políticas públicas num contexto mais amplo onde todos devem sentir-se responsáveis neste processo.

Considerando os resultados deste estudo, constatamos que, apesar da integração de mídias, como estratégia de ensino estar claramente na proposta do curso piloto, o resultado obtido nos projetos enquanto avaliação final do curso, não satisfaz ao objetivo principal no tocante ao uso das mídias nesta dimensão.

Os projetos analisados em sua maioria não contemplaram efetivamente a proposta do curso piloto, mesmo considerando que mais da metade (quatro projetos entre os sete analisados) de alguma forma estabeleceram parâmetros metodológicos que levaram a contemplar uma integração de mídias, ainda que de forma deficiente, o que leva a crer que não houve um entendimento total desta questão por parte dos cursistas envolvidos, quer por razões ligadas ao tempo ou por motivos estruturais do projeto.

Para alguns, o fato de citar as mídias diferenciadas no projeto as tornavam usáveis e intrinsecamente relacionadas, sem considerar a importância e a função de cada uma delas dentro do ambiente educacional e como suas finalidades poderiam contribuir no processo cognitivo de uma forma dinâmico, podendo introduzi-las no auxílio a aprendizagem do aluno, levando-os a uma reflexão crítica na construção da sua própria formação. Neste aspecto, os projetos analisados se apresentaram como um fator relevante das deficiências pedagógicas do curso piloto.

Ressalta-se o ponto positivo de que todos os projetos incluíram em suas atividades a produção individual e/ou coletiva como meio de aprendizagem, o que caracteriza a importância do material disponibilizado no piloto enfatizando em suas atividades a produção dos cursistas.

Há de se considerar o material disponibilizado nas várias etapas do projeto que foram considerados satisfatórios pelos cursistas, como relatado na análise das atividades ao longo do curso. Porém, faltaram mais subsídios para que o processo de integração dentro da própria metodologia do curso ocorresse. Este seria um apoio de relevante importância que contextualizaria a teoria e a prática simultaneamente dentro do paradigma “aprender fazendo”.

As deficiências ressaltadas no curso piloto demonstram uma fragilidade do processo no âmbito do ambiente virtual e-Proinfo como apoio aos estudos. Deficiências que também contribuíram para que não houvesse o resultado esperado pelos produtores e gestores do projeto. Estes resultados não só dizem respeito à

metodologia do curso, que foi tecnicamente e pedagogicamente prejudicada, mas no que se refere principalmente em atingir os objetivos iniciais propostos.

De acordo com as análises feitas nesta pesquisa e embasadas no referencial teórico sobre as questões de inter-relações das TIC e o currículo escolar, percebe-se entre os teóricos citados e nas observações dos cursistas, uma preocupação de estabelecer, desde a concepção do projeto político pedagógico da escola, diretrizes curriculares que contemplem o uso desta ferramenta na forma interdisciplinar, integrada e socializada com a comunidade, contextualizando a escola, comunidade e a tecnologia como uma necessidade básica nesta sociedade.

Outro ponto relevante verificado foi quanto ao uso da Internet e sua importância na formação dos professores, na interação de alunos, na construção do conhecimento e de como ela pode contribuir com a integração das mídias nestes aspectos do projeto piloto, já que pontos importantes como a interação e interatividade são inerentes à concepção da Internet como apoio ao ensino.

Partindo desta percepção, a experiência desta formação na modalidade de EAD trouxe reflexões que devem permitir uma visão mais aprimorada na concepção dos cursos futuros nas perspectivas da Internet, das interações, na integração das TIC e até mesmo na organização geral da concepção de um novo projeto na modalidade de EAD.

As sugestões diretas e as indiretas percebidas nas falas dos cursistas e coordenador geral se levadas em conta, poderão trazer consideráveis melhorias aos próximos projetos e cursos na modalidade de EAD. Há de se considerar como relevante neste sentido os tópicos:

Faz-se necessário registrar a importância da participação dos alunos, futuros tutores do ciclo básico do projeto subsequente ao piloto, que com sua contribuição nas atividades e na realização do projeto final, possibilitaram a sistematização deste estudo contribuindo com o futuro dos trabalhos neste universo de EAD, dando a sua colaboração nas críticas à estrutura, ao material, participando nas discussões sobre a formação de professores, na gestão das mídias e na preocupação com as políticas públicas voltadas à inclusão digital do professor neste universo.

A importância das TIC na educação online, que já se encontra diretamente ligada à integração das mídias, permeia todo processo de EAD nesta sociedade conectada, globalizada e que necessita a cada dia mais de novos caminhos, considerando a importância do professor como principal ator neste complexo processo de formação do cidadão.

## Referências

MARINHO, Simão P. Novas Tecnologias e velhos currículos. Já é hora de sincronizar. In: seminário educação com novas tecnologias na escola pública: Novas tecnologias e currículos: que mudança? (Org) Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2002.

MEC, SEED/MEC. Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação. Disponível em: <http://www.seednet.mec.gov.br/programas.php>, acesso em: 25 jan 08.

MERCADO, Luis P. Formação docente em novas tecnologias. Brasília/Inep; Maceió: Edufal, 1998.

SANCHO, Juana M. Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SEED/MEC: Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação. Disponível em: <http://www.webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/index.php>, Acesso em: 20 jan. 08.

SEED. Programa Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação. Integração de Mídias na escola. Módulo Introdutório produzido por MORAN, José M.; SILVA, Maria G.; ALMEIDA, Maria E.; PRADO, Maria E. Brasília: MEC, 2006.

# CONTRIBUIÇÃO DA TUTORIA NO ENSINO APRENDIZAGEM DOS PROFESSORES CURSISTAS DO PROFORMAÇÃO

Alice Virginia Brito de Oliveira

## 1. Introdução

A partir da década de 90, à luz da discussão da LDB nº 9.394/96 acompanhamos iniciativas de políticas públicas para a EAD na formação docente. Com isso, vários estados desenvolveram programas de formação de professores, e é neste contexto que o MEC disponibiliza o Programa de Formação de Professores em Exercício-Proformação, curso em nível médio na modalidade à distância, objetivando atender uma grande demanda nacional de professores “leigos” das redes municipais e estaduais de ensino que se encontram lecionando nas quatro séries iniciais do Ensino Fundamental, classes de alfabetização ou Educação de Jovens e Adultos. Este curso teve início com o grupo piloto em 1999, nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, habilitando em 2001, 1.323 professores. Em 2000, foram implantados os Grupos I e II, envolvendo os estados do Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rondônia, Sergipe e Tocantins, foram habilitando mais de 22.056 (CUNHA, 2004).

O Proformação é um curso a distância, em nível médio, com habilitação para o Magistério na modalidade Normal, realizado pelo MEC em parceria com os estados e municípios. Destina-se aos professores que, sem formação específica encontram-se lecionando nas séries iniciais da Educação Básica, classes de alfabetização ou EJA das redes públicas de ensino do país.

Na formação de professores na modalidade à distância é imprescindível o papel do tutor frente aos desafios que são postos na operacionalização das políticas públicas educacionais seja no âmbito nacional, estadual e/ou municipal. No Proformação, o acompanhamento do tutor faz parte do sistema de apoio à aprendizagem do professor cursista. Apesar da tutoria não ser docência em áreas do conhecimento específico, mas através da aprendizagem colaborativa proporciona uma formação

reflexiva e transformadora da prática pedagógica do cursista a partir das concepções pedagógicas do Proformação. Busca-se conhecer melhor esse profissional, sua identidade e suas contribuições para o ensino-aprendizagem do professor em formação. Identificamos o trabalho da tutoria como elemento fundamental no desenvolvimento da EAD, facilitando a compreensão do valor e da qualidade que tem a educação independentemente da modalidade de ensino.

Os programas destinados aos professores que já atuam nos sistemas de ensino são mercedores de pesquisas, pois, os mesmos apresentam-se como cursos de qualidade com uma estrutura administrativa e pedagógica numa excelente organização e concepções que nem sempre funcionam assim. Em alguns destes cursos se forma a cultura da não reprovação e verdadeiramente não exige que o professor se esforce se envolva e cumpra com as diretrizes do programa.

A operacionalização dos referidos programas é destaque a partir do momento que se tem como parceiros os municípios e muitos não cumprem suas responsabilidades assinadas em Acordos de Participação, causando dificuldades e problemas em alguns aspectos. Outro aspecto colocado à discussão é que muitos desses professores inscritos como cursistas no caso do Proformação e do Proinfantil não eram do quadro municipal, foram contratados para poderem participar dos cursos, tornando um agravante e gerando uma descaracterização nas finalidades desses programas.

## 2. Programa de Formação de Professores em Exercício - Proformação

O Programa utiliza para sua efetivação tanto atividades à distância, orientadas por material impresso e vídeos, como momentos presenciais, concentradas nos períodos de férias escolares e nos sábados, como também atividades de prática pedagógica nas escolas dos professores cursistas, acompanhadas por tutores, distribuídas por todo o ano letivo. Dessa forma, somam-se os benefícios da formação em serviço às vantagens da EAD, atingindo uma população numerosa e dispersa geograficamente, com o fornecimento de orientações e conteúdos pedagógicos.

O curso tem a duração de dois anos, organizando-se em quatro semestres, somando um total de 3.200 horas. Cada semestre corresponde a um módulo de 800 horas e envolve todas as atividades programadas para atender às necessidades dos professores cursistas. Os objetivos do curso são: habilitar para o magistério, em nível médio, na modalidade Normal, os professores que exercem atividades docentes nas séries iniciais, classes de alfabetização do Ensino Fundamental ou Educação de Jovens e Adultos, de acordo com a legislação vigente; elevar o nível de conhecimento e da

competência dos docentes em exercício; contribuir para a melhoria do processo ensino-aprendizagem e do desempenho escolar dos alunos nas redes municipais e estaduais do Brasil; valorizar o magistério pelo resgate da profissionalização da função docente e melhoria da qualidade de ensino.

Considerando que o curso é à distância, por meio de suas metas procura garantir a qualidade do processo ensino-aprendizagem por meio dos seguintes elementos: a) utilização de uma sistemática envolvendo material impresso e fitas de vídeo, criados para o curso, tais como: guia geral do Proformação, 32 guias de estudo das áreas temáticas, que contêm os textos para os estudos individuais correspondendo à parte auto-instrucional do curso; 32 cadernos de verificação, contendo exercícios baseados nos guias de estudos, e 32 vídeos, referentes a cada uma das unidades do curso. São complementados com a orientação de tutores e com um serviço de comunicação permanente entre os professores cursistas, tutores e agências formadoras; b) serviço de tutoria, por meio do qual um orientador da aprendizagem (tutor), acompanha o processo de desenvolvimento do professor cursista; c) serviço de comunicação, que possibilita uma comunicação constante entre professores cursistas, tutores e agências formadoras; d) atividades coletivas presenciais realizadas em encontros presenciais que têm o objetivo de orientar o professor cursista em todas as suas tarefas. Na fase presencial, no início de cada módulo, é preparado para desempenhar as atividades do curso naquele módulo; nos encontros quinzenais, aos sábados, é feita a entrega dos instrumentos individuais ao tutor e recebimento de orientação para o estudo da unidade seguinte.

O cursista tem um tutor que acompanha seu trabalho de perto, o tutor também tem um professor formador que o auxilia na realização de suas atribuições. Nas capacitações dos professores formadores que ocorrem no início de cada módulo são oportunidades que eles têm para discutirem os conteúdos e atividades previstas para o módulo, esclarecerem dúvidas, fazerem correções e decidirem a melhor maneira de capacitar os tutores e preparar os cursistas na fase presencial.

O tutor é um elemento-chave para o sucesso do professor cursista nas atividades individuais e coletivas do curso. Sua principal tarefa auxiliar no seu desempenho tanto no Programa como na sua prática pedagógica em sala de aula, ainda direcioná-lo para a melhoria do seu processo de crescimento profissional, sobretudo a partir dos conteúdos e experiências desenvolvidas nas unidades de cada área temática.

O ingresso do tutor no Proformação acontece através de seleção realizada pela AGE, que tem como critérios uma prova escrita, uma entrevista e a análise do currículo. Estes currículos são enviados pelas secretarias municipais de educação, as quais muitas das vezes não divulgam o processo seletivo na comunidade, mandando em alguns casos poucos currículos, normalmente de pessoas do círculo de amigos no âmbito municipal. Os selecionados são submetidos à capacitação sempre no início de cada módulo. O

enfoque principal desse encontro é o processo de construção do conhecimento teórico-prático vivido pelos cursistas, e não o mero domínio dos conteúdos curriculares.

As atividades coletivas presenciais somam uma carga horária de 168 horas por módulo e acontecem em três momentos: fase presencial com 76 horas correspondentes a 10 dias, no qual são iniciados em cada módulo, orientada pelos professores formadores da AGF. Ela tem o objetivo de preparar e instrumentalizar o professor cursista para as atividades previstas para o desenvolvimento do módulo. Além da apresentação geral dos conteúdos, são trabalhados métodos de estudo que auxiliarão o professor cursista no seu desempenho na etapa correspondente do curso. Sua realização é sempre no período de férias nas AGF locais.

O encontro quinzenal tem 72 horas distribuídas em 9 encontros presenciais durante cada módulo, que atendem a todos os professores cursistas de um mesmo tutor e ocorrem aos sábados. As atividades são programadas em função de prover orientação, suporte à aprendizagem e acompanhamento do desempenho dos professores cursistas. Nele, são apresentados e discutidos os vídeos relativos aos estudos da quinzena e a prática docente, assim com o esclarecimento das dúvidas relativas aos temas das unidades de estudo:

O reforço pedagógico compreende 20 horas de atividades presenciais realizadas antes das provas bimestrais de cada módulo e coordenadas pelos professores formadores. Nesse encontro são esclarecidas as dúvidas dos professores cursistas, em relação aos conteúdos do guia de estudo. Visa também resolver as dificuldades dos professores cursistas, detectadas pela AGF durante o acompanhamento das atividades.

Os professores cursistas têm aproveitado muitas sugestões de práticas pedagógicas apresentadas pelo Programa, o que tem enriquecido e diversificado suas aulas, principalmente quando trabalham com os projetos didáticos, os quais possibilitam uma prática interdisciplinar. Não se pode negar, porém, que dentre eles há alguns que não conseguiram avançar, persistindo no uso do giz e do quadro. Como esses muitos outros, procedem da mesma forma, indiferentes ao mundo que os rodeia, sem, contudo, estabelecer a inter-relação entre a teoria e a prática tão necessárias para um trabalho docente eficiente.

### 3. A Tutoria: perfil, competências e habilidades

A tutoria na EAD é um elemento de articulação no desenvolvimento do curso sendo considerado o articulador das ações a serem desenvolvidas, principalmente na mediação dos conteúdos, no Acompanhamento e avaliação pedagógica de alguns cursos.

Os estudos de Mercado (2004), Tavares (2005), Ferreira e Rezende (2004), Ramal (2003), Pretti (2005), Souza (2004), Cunha (2004), Pereira (2007), dentre outros que referendaram esta pesquisa destacando que um dos aspectos primordiais de qualquer curso em EAD é a tutoria.

Numa visão tradicional, o termo tutoria está atrelado a sua acepção terminológica que do latim significa aquela pessoa que tutela, guarda e cuida. Nesta perspectiva assumindo o tutor essa postura de apenas aquele que acompanha orientação, administra, mas não ensina.

A idéia de tutoria se modifica a partir das próprias mudanças paradigmáticas como vimos na primeira parte deste trabalho, sendo concebida como alguém que ensina e aprende neste contexto das TIC. A tutoria passa a ser entendida como processo necessário a EAD na compreensão dos diferentes modos de ensinar e aprender. Nesta visão moderna, segundo Souza (2004) a tutoria pode ser definida “como uma ação orientadora global, chave para articular a instrução e o educativo”. A partir das concepções abaixo elencadas evidenciamos sua importante função educativa:

Para Preti (2000), o tutor, respeitando a autonomia da aprendizagem de cada cursista, estará constantemente orientando, dirigindo e supervisionando o processo de ensino-aprendizagem [...]. É por intermédio dele, também, que se garantirá a efetivação do curso em todos os níveis. Gonzalez (2005) coloca que o tutor investe na construção de uma relação de respeito e confiança, buscando despertar o amor pelo conteúdo e visando superar os obstáculos encontrados pelo aprendiz. Para Souza et al (2004) cabe ao tutor acompanhar as atividades discentes, motivar a aprendizagem, orientar e proporcionar ao estudante condições de uma aprendizagem autônoma, por meio de um processo de constante interação e mediação. Para Ferreira e Rezende (2004), o tutor deve acompanhar motivar, orientar e estimular a aprendizagem autônoma do aluno, utilizando-se de metodologias e meios adequados para facilitar a aprendizagem. Por meio de diálogos, de confrontos, da discussão entre diferentes pontos de vista, das diversificações culturais e/ ou regionais, do respeito entre formas próprias de ver e de se colocar-se frente aos conhecimentos, o tutor assume função estratégica.

Sá (1998) assinala que a EAD apresenta aspectos significativos, a exemplo da interlocução que é estabelecida entre aluno e tutor ser exclusiva. Outro ponto notável é a delimitação da quantidade de orientandos por orientador. Esta medida possibilita um atendimento personalizado favorecendo a aprendizagem. Neder (1999) acrescenta que tanto a seleção como a formação do tutor em qualquer proposta de EAD constitui uma das garantias de qualidade do sistema.

Ramal (2003) afirma que muitos cursos à distância, procurando minimizar os custos, utilizam exclusivamente a figura dos tutores ou dinamizadores, que entram em cena com o simples papel de animar a discussão dos alunos ou atuar como agendadores

de tarefas. Tornando-se atualmente uma das severas críticas destinadas a EAD, a formação dos profissionais que acompanham a aprendizagem dos alunos, questionando seu perfil e seu papel neste trabalho. De acordo com o curso que esteja participando, a responsabilidade social do tutor de integrar os conteúdos trabalhados às temáticas em estudo, as concepções do curso e as funções inerentes tornam-se um desafio na complexa tarefa de educar.

A intervenção do tutor pode até melhorar a proposta. Ele precisa potencializar ao máximo suas condições docentes, com o propósito de aproveitar suas oportunidades de ensino. No entanto, as inovações não dependem exclusivamente dos tutores. As TIC também criam possibilidades que poderiam chegar a mudar profundamente as definições da EAD junto com suas propostas pedagógicas.

Dependendo da forma como o curso está organizado, o acompanhamento e atendimento dos participantes poderá envolver tutoria presencial ou online. No caso do Proformação iremos analisar a tutoria presencial, que é usada nos cursos na modalidade EAD totalmente à distância, mas pode-se agendar encontros presenciais, no semi-presencial bem como nos cursos online.

A presença da tutoria é uma condição para que flua a interação entre o aluno, os materiais do curso e professores. Nesta avaliação, a tutoria presencial aparece como elemento-chave na consecução dos objetivos do curso. A presença não significa dizer o físico “in lócus”, mas a permanente assistência ao aluno com a finalidade precípua da aprendizagem.

A EAD se utilizando de materiais impressos, sempre se usufrui da tutoria presencial como meio de possibilitar um contato mais próximo com os alunos, primordialmente atendendo a questão geográfica como também da comunicação na mediação do desenvolvimento das habilidades e competências essenciais para identificar as problemáticas, dificuldades, necessidades em torno da aprendizagem. Para Maia (1998, p.465), “o primeiro requisito é fazer da tutoria uma presença, um fator de apoio ao aluno, comunicar uma imagem de suporte, de auxílio. Para tanto é conveniente que se “personalize” a tutoria, que o aluno ligue a possibilidade de consultar pessoas com nomes, identificáveis. Algumas instituições, até, dispõe de fotografias dos tutores, numa “personalização” mais expressiva para o aluno”.

Esta personalização, indubitavelmente minimiza os problemas que normalmente surgem como a timidez ou até mesmo, ao longo do curso o distanciamento, a evasão, que de acordo com Munhoz (2003, p.5), “os serviços de tutoria são providenciados para aproximar os alunos distantes da instituição sede e fazer com que eles não se sintam subjugados pelo fantasma da solidão, considerado como um dos responsáveis pelos elevados índices de evasão nos cursos oferecidos nesta modalidade”.

No Proformação, a presença é monitorada pelas freqüências e a observação do tutor. Quando um cursista falta logo de imediato o tutor procura saber o motivo, se for por doença, eles encaminham um atestado médico, por outros motivos recebem a falta e se for por desestímulo ou desistência o tutor vai ao encontro deste participante para conversar com ele, tentar resgatá-lo. Este ser um dos motivos que este programa apresenta pouca evasão comprovada pelas estatísticas do MEC.

Munhoz (2003) relaciona a concepção de tutor ideal como o profissional que irá viabilizar os espaços, debates pelos quais os alunos poderão desenvolver sob sua orientação e colaboração o processo de construção individual do conhecimento. Define também como profissional do conhecimento, que possibilita e indica fontes diversas de pesquisas. Conceituá-lo de “psicólogo”, no entendimento da pessoa (o outro) como ser humano permeado de relações sociais. Entenda-se também se colocar no lugar do outro nas formas de aprendizagens.

A tutoria necessita ser dialógica, na qual o tutor não se posicione como o detentor do saber, mas sim em condições de aprendizagem também. O eixo do trabalho do tutor é o diálogo, a flexibilidade, essencialmente, na modificação da aprendizagem do cursista.

A tutoria online, acontece nos ambientes virtuais de aprendizagem, podendo também ser realizada em cursos de EAD e semi-presencial. A partir do ambiente de aprendizagem virtual, que aparece a figura da tutoria online. A qual essencialmente assume características e habilidades diferenciadas para atender as demandas educacionais online.

A educação online possibilita novas oportunidades de interação, comunicação e colaboração entre os participantes do curso, podendo-se afirmar que de forma encantadora, dinamizadora tendo como via a Internet. Em todo processo educativo, os cursos online precisam de um controle e acompanhamento disciplinado para que o mesmo possa efetuar as finalidades propostas para a aprendizagem dos cursistas.

A tutoria online é a atividade socializadora e ao mesmo tempo catalisadora da mediação nos processos de ensino-aprendizagem, assumindo as mesmas características e perfil abordado na tutoria presencial. O fato de ser presencial ou virtual não muda a concepção de tutoria, o que muda são os espaços e tempos de aprender e ensinar.

O tutor online assume algumas funções diferentes como, por exemplo, o uso da ferramenta computacional para que seja possível a execução de suas tarefas. Exigindo dele um esforço maior no acompanhamento e estímulo á participação dos cursistas online. A partir da dificuldade exposta seja acadêmica, operacional ou motivacional a tutoria deve procurar saná-la da melhor forma, sempre viabilizando o retorno em tempo hábil ao estudante. Possibilitando ao mesmo condições efetivas para que desenvolva formas de estudo, autonomia, organização, pontualidade, habilidades comprometedoras da qualidade desse processo nesta modalidade de ensino.

A tutoria online é manifestada por meio das várias atividades que os cursos oferecem como: os comentários dos fóruns, chats, avaliações individuais ou coletivas, comentários da participação nas temáticas em debate. As mídias são utilizadas como qualidade do processo ensino aprendizagem.

A formação de tutores requer condições diferentes do ensino presencial, necessariamente como elemento mediador que é o tutor, o qual direciona o acompanhamento da aprendizagem do cursista como também organize o processo segundo as diretrizes estabelecidas pelo curso. (GONZALEZ, 2005, p.79).

O tutor é um elo de mediação do processo de aprendizagem na EAD, o que implica na sua permanente atualização, formação e qualificação para o sucesso do ato educativo, respeitando a autonomia da aprendizagem de cada cursista na tentativa de serem capazes de com eficiência, rapidez, originalidade, criatividade, adapta-se de forma crítica as necessidades de cada momento do meio no qual está atuando. Um outro aspecto importante está relacionado às interações entre os orientandos e destes com o conhecimento, sendo fundamental o tutor orientar, dirigir e supervisionar o processo de ensino-aprendizagem como escreve Mercado (2004) que o tutor necessita cumprir com sua responsabilidade frente as propostas de trabalho na qual está inserido e comprometido. [...] o tutor age, assim como um catalisador do desenvolvimento de seu aluno.

A finalidade da tutoria é a orientação acadêmica, o acompanhamento pedagógico e a avaliação da aprendizagem dos alunos à distância. Um aspecto importante mencionado por Ibanez apud Aretio (1994) é a questão da relação pessoal entre tutores e entre eles e os demais profissionais envolvidos com a EAD. O autor também compartilha dos mesmos posicionamentos dos que já foram referenciados quando declara que o tutor como educador que é, deve ter certas qualidades, como: maturidade emocional, capacidade de liderança e de empatia, bom nível cultural, cordialidade e ser ouvinte.

A mediação tutor/aluno pode e deve acontecer nas mais variadas formas de comunicação e na relação teoria/prática pedagógica da formação integral dos alunos. Arredondo e Gonzáles (1998) afirmam que fazem parte das atribuições do tutor conhecer a realidade dos alunos em todas as dimensões, pessoal, social, familiar, escolar, dentre outras; oferecer oportunidades permanentes de diálogos; saber ouvir; ser empático e manter uma atitude de cooperação e ainda oferecer experiências de melhoria de qualidade de vida, de participação e de tomada de decisão.

#### 4. A Tutoria no Proformação: estudo de caso

As capacitações acontecem no início de cada módulo e durante os encontros mensais nas AGF. Segundo Tavares (2005), a capacitação é feita ao longo dos dois anos de duração do Programa. A primeira etapa dessa capacitação é realizada antes do início do Programa e oferece informações sobre o que é o programa, como funciona, qual a proposta pedagógica, como é vista a avaliação e quais as funções dos participantes da rede de formação do sistema, com destaque às funções do tutor. São desenvolvidas oficinas para que o tutor possa experimentar o desempenho de sua função, principalmente no que se refere à avaliação continuada. A partir daí, novas capacitações ocorrem antes do início de cada módulo para a contínua formação.

O tutor no programa por ser a pessoa que está mais próxima do cursista, tem condições de ajudá-lo com a frequência que o curso exige bem como estimulá-lo para que procure o conhecimento necessário e faça as reflexões viabilizadas pelas discussões das temáticas em estudo. Desta forma, é concebido como orientador e instigador da aprendizagem dos cursistas. Para Cunha (2004, p.11) “é um facilitador da aprendizagem, um elemento-chave no acompanhamento do desenvolvimento do professor cursista nas atividades individuais e coletivas do curso. Sua principal tarefa é orientar e motivar cada cursista, acompanhado suas atividades no curso e na prática pedagógica com seus alunos, procurando sempre orientá-lo quanto à melhoria do processo de ensino e de aprendizagem, sobretudo a partir dos conteúdos e experiências desenvolvidas nas unidades de cada área temática”.

Na incumbência de exercer com qualidade esta tarefa os tutores devem participar das capacitações específicas, que acontecem a cada início de módulo com o objetivo de capacitá-los para o desenvolvimento da operacionalização das diretrizes do acompanhamento pedagógico dos alunos. Esta formação se prorroga por todo o módulo através da fase presencial, das reuniões mensais, nas quais são debatidas as dificuldades, as necessidades e os avanços da aprendizagem dos cursistas por meio dos instrumentos avaliativos.

Nos municípios em que trabalham como tutor deve organizar e promover os encontros quinzenais. Momentos estes imprescindíveis para a formação dos alunos. Neles são discutidos todos os instrumentos avaliativos, são organizados grupos de estudo para as áreas temáticas, apresentados as dúvidas e dificuldades, ou simplesmente se transforma estes encontros presenciais no momento dos anseios, dos medos, da amizade, da coletividade, da interação, da facilitação, da comunicação.

Outra função da tutoria no Proformação diz respeito à avaliação e aos comentários do desempenho dos professores cursistas em todas as suas tarefas. Função

que a princípio têm dificuldades, mas no decorrer de sua formação e o exercício da prática de ser tutor vai se tornando facilitada e criteriosa sob as diretrizes determinadas pelo programa. Após esses resultados deve encaminhar mensalmente à AGF as fichas de acompanhamento mensais devidamente preenchidas, na qual contém os dados quantitativos e qualitativos do desempenho do cursista. Caso tenha algum cursista que não consiga aprendizagem satisfatória deve promover a recuperação de conteúdo, contínua e processualmente, para àqueles que não obtiverem o rendimento mínimo necessário para o efetivo aprendizado.

O tutor, às vezes é confundido com o professor formador, procura resolver ou encaminhar para resolução todas as dúvidas e questionamentos de seus orientandos. No decorrer do curso, os professores cursistas vão se desinibindo e com certeza explicitando suas inquietações. Quando o tutor não tem condições de esclarecer alguma dúvida e responder alguma questão deve encaminhá-la aos professores formadores para que sejam solucionados bem como participar das reuniões mensais na AGF para acompanhamento e avaliação das atividades da tutoria. Fornecer também dados à agência formadora ou aos outros componentes do programa sempre que for solicitado bem como elaborar relatórios mensais dos trabalhos da tutoria e do desenvolvimento do programa no município.

Sua função se estende à comunidade escolar a qual seus cursistas fazem parte. Deve realizar, mensalmente, visita à escola que o cursista leciona para observação da prática pedagógica. Um encontro necessário ao acompanhamento da proposta do curso e a mudança da prática pedagógica desse professor. Uma vez no mês o tutor chega ao início da aula, solicita o plano da aula e fica observando o desenvolvimento da mesma. Ao término avalia oralmente e por escrito para o cursista os pontos positivos e que precisam ser melhorados na aula. Prática está que tem levado muitos professores a refletirem sobre suas ações, sobretudo, as competências elencadas em cada módulo como sendo importante sua incorporação. Este processo do ponto de vista didático pedagógico vem influenciando numa prática melhorada dos professores.

O tutor colabora com as famílias e a comunidade. Esta tarefa se concretiza quando o tutor orienta e realiza as Feiras de Cultura<sup>1</sup>. Algumas escolas se constituem em espaço e evento mobilizador da comunidade. Ação esta que em algumas escolas nunca tinha acontecido antes.

Dentre as muitas atribuições da tutoria no Proformação, uma fundamental é a capacidade de ajudar o professor cursista a dominar os conteúdos das unidades temáticas e na orientação das habilidades de estudo, pois muitos chegam com grande atraso na distorção idade/ formação apesar de já ser professor do ensino fundamental. Como os cursistas não têm os conhecimentos teóricos da formação pedagógica, mas possuem uma prática docente que deve ser considerada, necessário se faz também o tutor

ajudar também estes professores a alcançar autonomia na sua produção. A autonomia nos estudos é um aspecto bastante questionado na EAD, e como maior parte da carga horária do curso é a distância é essencial que adquiram essa habilidade porque a maior parte do estudo é individualizado e a distância.

##### 5. Atuação da Tutoria e sua Influência na Aprendizagem dos Professores Cursistas no Proformação

Reconhecendo a importância do Proformação, mas também suas lacunas, este estudo de caso enfoca a atuação da tutoria do Programa na aprendizagem dos professores cursistas realizado em uma das AGF deste programa, situada em Arapiraca-AL. A referida agência foi criada em 30 de junho do ano 2000 na Escola de Educação Básica Professor de França Reis com o intuito de receber o Proformação, em 2007 encerrou suas atividades com a Diplomação do V Grupo de professores habilitados no Magistério através deste programa e que foi objeto desta pesquisa.

A pesquisa envolveu coordenadores, professores formadores, tutores e professores cursistas. Teve-se como campo de estudo a AGF de Arapiraca-AL a qual esta na 5ª edição do programa, composta por 1 coordenadora, 7 professoras formadoras, 6 tutores e 55 professores cursistas, concluíram em julho de 2007 o curso iniciado em julho de 2005.

Na Avaliação Externa do Programa realizada por André, Gatti e Placco, (2003) as quais afirmam que desde o início de sua implementação o Proformação conta com essa avaliação conduzida por pesquisadores, com o objetivo de investigar o alcance do Programa, os materiais e a metodologia de EAD utilizados, os processos de implementação, a participação dos envolvidos e os resultados na prática docente dos professores cursistas, em suas escolas e comunidades.

No acompanhamento dos tutores em sua ação com os professores cursistas, principalmente por meio do estudo de caso pôde-se perceber e comprovar respostas com fidedignidade, comportamentos e outros elementos que serão apresentados a seguir por serem relevantes para a pesquisa. Pode-se comprovar isso na medida em que participamos dos encontros e como estes vão se explicitando nas relações estabelecidas entre os participantes a exemplo de um município X que a tutoria se reveste de uma figura de professor tradicional impondo normas e regras disciplinares.

---

<sup>1</sup> Atividade coletiva realizada pelos cursistas ao término de cada módulo com o objetivo de socializar a pesquisa desenvolvida através dos projetos de trabalho. Acontece nos municípios de origem do cursistas.

As entrevistas foram realizadas no período de fevereiro a junho de 2007 com os 6 tutores da AGF, com objetivo de oportunizar os tutores a falarem e expor suas idéias acerca das questões solicitadas. Foram aplicados questionários com 45 professores cursistas e 7 professoras formadoras, no período de março a junho do ano de 2007 nos municípios em que o programa foi desenvolvido, objetivando levantar informações sobre o acompanhamento dado pelos tutores, a forma como este acompanhamento é feito e a contribuição dos tutores à aprendizagem dos professores cursistas.

A formação dos tutores é um elemento que interfere no desenvolvimento do trabalho pedagógico, principalmente na condução e gestão do ensino-aprendizagem. Desse grupo de tutores temos: dos 6 tutores, 3 vem prosseguindo seus estudos desde o magistério até a pós-graduação, fato que na prática percebemos a diferença em relação a condução da tutoria em todos os aspectos, sociais, afetivos, sobretudo profissionais.

O atendimento da tutoria varia de 2 a 10 cursistas por tutor. Dois tutores têm dedicação exclusiva e quatro não, com uma jornada de trabalho entre 20 a 40 horas. É um grupo bastante heterogêneo, todos afirmam em resposta ao questionário nunca terem participado de tutoria antes, falaram dedicar algumas horas semanais para estudo do material didático bem como dizem ser trabalhoso dedicar essas horas para tutoria.

Os tutores enfatizam que para adquirir autonomia ao estudo e autodidatismo tem sido mais difícil para seus cursistas exigindo deles muito esforço. Como também compreender o processo da EAD, exige mais esforço dos cursistas. Registram o grau de satisfação positiva quanto o apoio recebido na tutoria em relação à preparação recebida nas capacitações de tutor, destaca que as mesmas ajudam no desenvolvimento da tutoria.

## 6. Avaliação dos cursistas diante da tutoria

Em relação ao processo de aprendizagem, os cursistas informaram que dedicaram normalmente entre 3 a 5 dias em média e 8 horas por semana para estudo. A maior parte disse ter estudado mais a tarde e a noite e 95% diz ter estudado sozinho. Que poderia também acontecer o contrário frente às características do próprio curso.

Quando fizeram uma auto-avaliação e perguntados sobre a busca de auxílio do tutor e da agência para esclarecer dúvidas sobre o conteúdo, as respostas foram variadas, numa escala de 0 a 10 onde o zero representa nunca e dez sempre, 71% disseram sempre procurar o tutor e a AGF para tirar dúvidas.

Em confronto com outras questões que tratam da realização das atividades propostas em cada unidade se evidencia também uma das lacunas que é a responsabilidade

do cursista no cumprimento dessas atividades, pois apenas 70% afirmam realizar as atividades solicitadas. Na revisão dos conteúdos que cometeram erros o percentual ficou em 48%, indicando que não revisam os assuntos e atividades. Quando perguntados sobre a troca de informações com os colegas sobre os conteúdos do curso fora dos encontros quinzenais e fases presenciais, 70% afirmam realizar esta troca, confirmando que a aprendizagem acontecer não só individual mas também no grupo.

Os percentuais caem nas questões sobre a elaboração de resumos dos conteúdos e esquemas para estudar, 33% apenas responderam que realizam estas atividades. Dados que revelam que as formas de estudo não se caracterizavam como formas de estudos individualizados mas um estudo que não priorizava outras estratégias de aprendizagem.

Quanto à responsabilidade dos cursistas no cumprimento de suas atividades a maioria vem demonstrando esse compromisso com o curso, que na prática as observações explicitam o contrário, por exemplo, na realização das atividades propostas em todas as unidades, na revisão dos conteúdos relativos aos exercícios em que cometeu erros, percebemos nos momentos presenciais ao folhearem os guias de estudo encontravam-se em branco. Normalmente, esses cursistas só respondem o CVA por se tratar de um instrumento de avaliação quantitativa. Para Moore e Kearsley (2007, p.190) “os alunos freqüentemente não compreendem que precisam assumir uma grande responsabilidade por seu aprendizado em um curso de educação a distância e não esperar que o instrutor ou o orientados os conduza. Esse tipo de incompreensão faz que os alunos fiquem para trás e se tornem insatisfeitos”.

No Proformação, uma parcela de alunos que se posicionam com uma concepção negativa da EAD e comportamentos alheios a uma prática condizente de um profissional docente. Ou, às vezes, gera mais incompreensões com outros aspectos e conceitos, a exemplo, quanto às formas de estudo, pesquisa e elaboração do conhecimento não previsto no curso. Em relação a estas questões 50% apenas dizem participar de grupos de estudo. Em contradição, quando perguntado sobre como estudavam os Guias de Estudos com mais freqüência, responderam 40 participantes que estudavam sozinhos.

Farias (2007), ao discorrer sobre a formação docente na contemporaneidade destaca que essa formação deva ser necessariamente um processo ativo no qual os professores participem efetivamente da produção do conhecimento de forma crítica, investigativa e reflexiva, o que não foi observado em alguns cursistas que demonstravam uma falta de perspectiva e motivação em relação ao curso, caracterizando assim um ensino-aprendizagem voltado para uma pedagogia tradicional da receptividade passiva, alheia deste conhecimento.

O aprendizado acontece em alguns casos de forma decorativa sem sentido, principalmente em detrimento dos processos de aprendizagem e desenvolvimento acontecendo necessariamente nas relações inter e intra pessoais. Outros elementos são

considerados importantes como o diálogo, a cultura e a linguagem como elementos imprescindíveis ao processo de desenvolvimento e aprendizagem. Mas, conforme dissemos anteriormente, a linguagem e a cultura têm um peso grande na formação dos cursistas.

Quando questionados sobre o acompanhamento que recebeu do tutor, os cursistas responderam se o tutor, demonstrava segurança ao abordar os conteúdos do curso, formulava respostas que esclareciam suas dúvidas, utilizava linguagem de fácil compreensão, indicava caminhos em vez de dar respostas, criava situações em que os cursistas se sentiam capazes de resolver, mudava a forma de explicar até que os mesmos compreendessem os assuntos do curso, esclarecia os motivos que levavam aos erros cometidos pelos cursistas, respeitava o ritmo de aprendizagem de cada um, orientava o cursista sobre como melhorar seu rendimento no curso, realizava todas as atividades propostas para o encontro quinzenal. Em todas essas questões, 70% a 80% dos cursistas disseram sempre ter sido atendido.

Em relação ao acompanhamento recebido pela tutoria, os cursistas afirmaram que os tutores demonstram segurança ao abordar os conteúdos do curso, poucos não concordaram, lembramos que os tutores neste curso não têm a competência de dominar todas as áreas temáticas e sim a condução do processo de orientação pedagógica dos instrumentos avaliativos, as dúvidas sobre os conteúdos das áreas são encaminhados as professoras formadoras.

Em relação às respostas oferecidas no item esclarecimento das dúvidas, boa parte dos cursistas pontuaram não ter ficado satisfeito com a tutoria em contrapartida não explicitaram isso, nas avaliações posteriores. Também não ligavam para falarem das suas dificuldades, já que o sistema de apoio era gratuito e poderia encontrar a disposição todos os professores formadores na AGF para tirar as dúvidas que surgissem. Muitos tutores utilizavam estratégias que permitiam os cursistas procurar outros caminhos e sentiram-se capazes de resolver as situações até porque o que tem acontecido no Proformação é semelhante o que aborda Moore e Kearsley (2007, p.149): “Na prática, no entanto, constatamos que a grande maioria dos alunos não contata diretamente os especialistas, mas formula inicialmente suas perguntas aos instrutores, que podem dar uma resposta ou encaminhar a questão para outro profissional. O instrutor também precisa ser capaz de reconhecer os tipos de problemas com lidam os serviços de apoio ao aluno, de modo que os enfrente antes que o aluno os reconheça ou esteja pronto para articulá-los. Por exemplo, um aluno que sempre entrega uma tarefa no último minuto pode estar apresentando dificuldade para gerenciar o tempo ou pode estar excessivamente ansioso a respeito do desempenho, o que um instrutor sensível perceberá e tentará resolver”

Para compreensão e aprendizagem dos cursistas, os próprios disseram que os tutores mudavam as formas de explicação até que eles entendessem assim como disseram

que a maioria dos tutores sempre esclareciam os motivos pelos quais os cursistas cometiam erros com frequência.

Na orientação acadêmica, 90% dos cursistas afirmam que os tutores realizavam essa tarefa com muita propriedade, indicando como melhorar seu rendimento no curso, sobretudo respeitando o ritmo de aprendizagem de cada cursista e a entrega dos instrumentos avaliativos em tempo hábil. Mas tinha cursistas que não entregavam os materiais no encontro quinzenal, sendo preciso o tutor agir com a perspicácia colocada por Moore e Kearsley (2007).

Para os cursistas a atuação e contribuição do tutor em relação a sua aprendizagem foi satisfatória em sua maioria com as alternativas 9 e 10 mas, também os outros número da escala foram marcados, fato que nos leva a refletir sobre a orientação e o acompanhamento realizados pelos tutores. Manifesta-se também com esse resultado uma discreta insatisfação, fato não evidenciado em outros momentos do questionário ou em outros instrumentos, como por exemplo, quando perguntados sobre a contribuição dos tutores em sua aprendizagem 75% responderam concordar fortemente que a atuação dos tutores foi fundamental.

Apesar das lacunas percebidas na prática pedagógica dos tutores, o sistema tutorial é de relevância em EAD e para a formação de professores (GONZALEZ, 2005). As avaliações dos professores dos cursistas do Proformação comprovam que a maior parte concorda fortemente ser fundamental a atuação dos tutores em sua formação. Eles, em suas falas cotidianas como também na escrita dos memoriais, falam da importância dos tutores em sua formação pessoal e profissional quando orientava e acompanhava seu processo de desenvolvimento.

Quando questionados sobre se os tutores encorajavam os cursistas a discutirem coletivamente suas dúvidas, questionamentos e idéias, 93% dos cursistas registraram que sempre. A observação participante nos encontros quinzenais revelou que alguns tutores não desenvolviam essas estratégias nestes encontros, se restringiam a orientá-los quando muito para o reforço pedagógico. Embora também seja o espaço propício, nele o tempo é muito pouco para o desenvolvimento e socialização de todas as áreas temáticas, ficando alguns cursistas (os mais tímidos) sem exporem suas dúvidas neste momento e que só serão revelados às vezes no momento do resultado da prova bimestral.

## 7. Avaliação dos Tutores

Quanto à prática pedagógica devolvida pelos tutores, foram questionados vários itens: o que motivou a participar do programa? Quais eram as expectativas, inicialmente

em relação à função de tutor e atualmente se essa expectativa foi alterada? Como analisa a qualidade das capacitações frente às necessidades e/ou dificuldades da função de tutor? Como orienta os professores cursistas? Como são direcionadas as dificuldades? Quais os sentimentos da função de ser tutor?

Questionados sobre as expectativas, inicialmente em relação à função de tutor e atualmente se esta expectativa tinha sido alterada. “Era de muito trabalho e compromisso e nada foi mudado.” (Tutor 1). “Saber quais as atribuições do tutor em relação ao programa. Hoje, vejo a responsabilidade do acompanhamento pedagógico.” (Tutor 2). “Adquirir conhecimentos e poder passá-los aos cursistas, com muito trabalho, muitas dedicação posso contribuir para a formação dos mesmos”. (Tutor 3)

Falando das expectativas que tinham ao entrar no curso em confronto com o trabalho, os tutores afirmam ser gratificante a função e o trabalho desenvolvido. Na fala do tutor 2 e 3 retrata o acompanhamento aos cursistas e o tutor 3 através do vocábulo “passá-los” deixar transparecer uma prática de transmissão em contrapartida coloca da contribuição à formação dos professores. “Minhas expectativas inicialmente era aprender mais e colocar a aprendizagem também a serviço dos professores cursistas. Atualmente, tenho um pouco de frustração, pois, nem todos levam a sério.” (tutor 4). “Pensei não alcançar ou conseguir com muitas informações, mas superei com muita ajuda.” (Tutor 5).

Quanto ao sentimento de ser tutor, suas falas confirmam a percepção da responsabilidade profissional de sua atuação. “Procuo ajudá-los, porém tem momentos que a amizade fica de lado e entra o profissionalismo”. (tutor 1). Nos escritos deste tutor nota-se uma postura profissional frente a um contexto no qual se percebe um clima intenso de amizade, parentesco e muita afetividade.

Quando aos motivos bons e ruins de ser tutor, em linhas gerais transparece alguns pontos comuns, dentre eles, como pontos positivos a ampliação dos conhecimentos; ser elo de conhecimento; crescimento pedagógico do tutor e professores cursistas; a interação entre os envolvidos no programa. Os tutores disseram não conseguir identificar motivos ruins nesta função. Apenas dois tutores colocaram a falta de apoio e acompanhamento da SME para melhor desenvolver o programa no município, um apenas referendou não ter 40 horas disponível para o programa.

As SME são parceiras, tendo responsabilidades acordadas com o MEC. É entendida como necessária à concretização de uma proposta viável para formação de professores em EAD. Se, um dos parceiros falha com certeza estará prejudicando o processo. Como diz o Tutor 3 : “ frustração ao perceber que um programa tão importante; ainda há pessoas que não levam a sério e camufla a realidade, infelizmente.” Para o mesmo tutor, “[...] não há acompanhamento específico e freqüente por parte das Secretarias do Município. Acredito que nem a programação é conhecida, a freqüência, falta uma avaliação do investimento por parte das Secretarias, lamentavelmente.

Na avaliação dos cursistas pelos tutores, um fato que chamou atenção foi relacionado as questões que tratam do itens falar corretamente e escrever corretamente, se o curso possibilita essas habilidades nos cursistas. Os tutores respaldam a questão posta anteriormente sobre as dificuldades dos professores cursistas na oralidade e na escrita. Responderam que o curso desenvolve essa capacidade, já não foram unânimes como nas outras questões em responder que desenvolve muito essa capacidade.

No Proformação, alguns cursistas chegam com sérias dificuldades na linguagem sendo trabalhado muito pouco no I módulo a língua portuguesa, poderia se dizer um instrumental ou básico, pois, a partir do II módulo a linguagem é do currículo do Ensino Médio obviamente da formação em discussão. Nesse sentido, nada pode fazer a tutoria. Tutores solicitaram reforço da professora formadora da área de Linguagens e Códigos. Evidencia-se também que alguns tutores também sentem dificuldades de linguagem são expressas nos instrumentos avaliativos que fazem o registro da avaliação.

Em confronto com a observação realizada dos encontros quinzenais foi percebido que alguns tutores incluem na pauta deste momento, dinâmicas de grupos, exposição de filmes de longa duração. Sendo necessário em reunião mensal na AGF a intervenção das professoras formadoras na análise e sugestão de novas pautas. Não se tem a intenção de retirar a importância destes recursos, mas enfatizamos, ao tempo que sugerimos o aumento das orientações oficiais específicas sobre o ponto em debate.

Outro questionamento foi sobre o material e equipamentos disponíveis na escola possibilitam aos cursistas a aplicação dos conhecimentos adquiridos no curso: três tutores responderam discordo ou concordo em parte, um concordava e dois concordaram fortemente. Nas reuniões e nas observações realizadas, esse era o ponto mais criticado sendo apontados como prejudicador da prática pedagógica dos cursistas.

Apesar das dificuldades analisadas, percebem-se as mudanças na prática pedagógica dos professores cursistas assim como todas as competências desenvolvidas ao longo do curso vão trabalhando para a associação teoria - prática docente como elemento norteador das ações do programa.

Da mesma forma se apresenta as questões relacionadas às mudanças na prática pedagógica dos cursistas na visão dos tutores, todos eles evidenciam que os cursistas melhoram sua prática ao longo do desenvolvimento do curso, como também 66,5% concordam fortemente que passaram a planejar melhor suas aulas.

## 8. Influência e contribuição da tutoria na aprendizagem dos professores cursistas

A mediação realizada pela tutoria na aprendizagem do cursista, como sua função é desenvolvida, como vai contribuir para a aprendizagem dos cursistas como também saber como se deu a tutoria presencial em um curso à distância e de que forma influenciou na aprendizagem dos cursistas.

A partir da compreensão da concepção de tempo, diferenças e ritmos de aprendizagem defendida pela autora que se irá analisar o papel da tutoria frente aos desafios da construção do conhecimento neste tempo e espaço de articulações entre os sujeitos envolvidos no processo da ação educativa.

Na realização das atividades da tutoria observou-se que aconteceram nos encontros quinzenais a execução do planejamento de forma interativa em sua maioria, num clima amigável, de muito diálogo. Alguns tutores na execução de sua prática evidenciam domínio do conteúdo, segurança e desenvoltura. Ao agir desta forma é entendido como um profissional capaz de promover um trabalho responsável, viabilizando a aprendizagem, principalmente um estudo autônomo aos cursistas necessário na EAD. “O conceito de aprendente autônomo, ou independente, capaz de autogestão de seus estudos é ainda embrionário do mesmo modo que o estudante autônomo é ainda exceção no universo de nossas universidades, abertas ou convencionais.” (BELLONI, 1999, p. 41).

Conforme a autora, este conceito de aprendizagem autônoma é algo inicial com o advento da EAD. No Proformação, apesar da aprendizagem ser “entendida como o desenvolvimento de competências adquiridas no processo de construção pessoal e atribuição de re-significação aos elementos sociais e culturais transmitidos” (CUNHA, 2004, p.19), a mesma autora ressalta que o currículo neste programa se utiliza de práticas de aprendizagens que não se configuram apenas como auto-aprendizagem, mas também como inter-aprendizagem, quebrando o isolamento profissional em que se encontra grande parte dos professores.

Tendo em vista a possibilidade desta inter-aprendizagem, entra em cena a tutoria como apoio à aprendizagem dos cursistas, exercendo papel preponderante na condução do ensino-aprendizagem dos professores cursistas “à medida que o processo de aprendizagem se efetiva a relação do aluno com o tutor muda, aprofunda-se, estreitando o laço afetivo e propiciando a permeabilidade educativa uma vez que a Educação deve ser vista como uma prática social ligada à formação de valores e práticas do indivíduo para a vida social, com possibilidade de ir em direção a uma maior autonomia, liberdade e diferenciação” (GONZALEZ, 2005, p.80).

Chamou-nos atenção o quanto essa inter-relação e inter-aprendizagem vai se consolidando quando as práticas de alguns tutores são efetivas, pontuais, amigáveis e

profissionais. Tutora 1 fala em resposta a pergunta quanto ao sentimento da função de tutor: “Procuro ajudá-lo, porém tem momentos que a amizade fica de lado e entra o profissionalismo”.

Frente às hipóteses iniciais, que apesar da tutoria não ser docência em áreas do conhecimento específico, mas por meio da aprendizagem colaborativa proporciona uma formação reflexiva e transformadora da prática pedagógica dos cursistas a partir das concepções pedagógicas do Proformação e que um bom tutor diz respeito ao profissional capacitado para assumir esta função, destacando-se por suas habilidades e competências de se envolver, compromissar e responsabilizar pela formação docente, principalmente em conduzir equipes, gerir conflitos, dificuldades de e na aprendizagem.

Dados dos questionários apresentaram contradições em certas respostas, informações que nos deixa a refletir da real prática de estudo dos professores cursistas e das orientações, acompanhamento tutorial e do trabalho da Agência Formadora. Nas questões que tratam sobre o curso, os questionados informam sobre os objetivos do curso antes de iniciar a primeira fase presencial, se o curso foi exigente, teórico, se os temas e assuntos foram ministrados com a profundidade adequada. 95% dos cursistas concordaram ter sido da forma perguntada.

Nos itens que abordam como a formação do cursista contribuiu de forma positiva na aprendizagem de seus alunos, sobre o planejamento das aulas dos professores depois do curso, foram muitas e consideráveis as mudanças, mas ainda não o suficiente para elevar o nível de aprendizagem dos alunos da Educação Básica e diminuir os índices estatísticos negativos do estado de Alagoas.

A participação dos cursistas nesta formação realmente serviu para aumentar a motivação para o trabalho, à autoconfiança na realização de seu trabalho bem como a utilização destes conhecimentos aprendidos em sua prática pedagógica. Dado esse revelado que reafirma a importância social do Proformação, por ser o referido programa na modalidade a distância, fator que possibilitou a participação dos professores e com outro elemento importante não prejudicar o exercício de sua docência.

Evidenciamos algumas dificuldades no estímulo e motivação às estratégias de estudo tanto individualizado como em grupo. Nesse sentido, fomos triangular as respostas dos professores cursistas, com as dos tutores e professores formadores.

Os questionários, confrontados com os professores formadores e perguntados sobre a atuação da AGF e dos tutores no acompanhamento pedagógico dos cursistas, os tutores foram unânimes ao concordar fortemente que foi boa esta atuação.

Quando solicitados a falar sobre a tutoria do programa, Formadora 2 enfatizou: “O tutor é a peça chave neste processo da EAD pois um bom tutor faz acontecer as

mudanças necessárias a uma prática pedagógica transformadora. Conduz seus cursistas nos estudos, na entrega dos instrumentos avaliativos do programa”.

Para a Formadora 3: “A importância e responsabilidade do tutor no programa é como elo de ligação direta entre todos os envolvidos.”

É importante realçar as falas das formadoras acima citadas com o pensamento de Gonzalez (2005, p.81): “É essencial que o tutor exerça sua práxis em duas direções: valorizando as necessidades do aluno tanto quanto os conteúdos de ensino,” pois quando perguntadas sobre a prática pedagógica reflexiva e transformadora dos professores cursistas as professoras formadoras responderam: “a contribuição do tutor está implícita nas orientações que direcionam para o cursista durante suas observações (Formadora 1). Analisando a prática pedagógica dos cursistas e orientando através das sugestões trazidas nos guias de estudos e vídeos (Formadora 2). Quando sugere melhorar os pontos deficientes em relação à prática pedagógica. Incentiva o professor cursista a procurar meios de se aperfeiçoar (Formadora 3)”.

Todas as falas reafirmam a função da tutoria como de orientação, acompanhamento, intervenções e incentivo a aprendizagem e desenvolvimento do cursista.

Baseado nos depoimentos das professoras formadoras há um aspecto a ser considerado que é o perfil dos tutores. Elas classificam “os bons tutores” como: “aqueles que orientam os cursistas com muita ética, entregam o material na data prevista (Formadora 1). Aqueles que têm pontualidade, assiduidade e compromisso (Professora Formadora 2). Que tenha uma boa relação com os professores formadores e os cursistas. (Formadora 3)”.

Este dado do perfil dos tutores foi colocado como hipótese inicial confirmado como influenciador através das observações dos encontros quinzenais assim como nas falas e informações do cotidiano da AGF. Em confronto com os questionários, não aparecem mais elementos contundentes como o domínio das diretrizes do programa, domínio de sala, planejador dos encontros, cordial, empático, ético, dialógico dentre outros; características que estariam fundamentando o perfil dos tutores. As características que aparecem como assiduidade, pontualidade e compromisso em nossa concepção são aspectos inerentes ao profissionalismo.

Alguns elementos significativos que emergem na relação tutor-cursistas que nos permite abordar as contribuições da tutoria na aprendizagem destes alunos: a facilidade no desenvolvimento das atividades de tutoria e o conseqüente resultado positivo na aprendizagem dos cursistas na qual o clima relacional é satisfatório; o compromisso do tutor, que domina as diretrizes do programa e cumpre com sua função os índices qualitativos e quantitativos são comprovados através dos vários instrumentos avaliativos; a formação, postura e atitudes do tutor como conhecimentos técnicos, experiências

como professor, ética, tolerância, paciência, respeito à individualidade e a cultura dos cursistas foram influenciadores na aprendizagem dos cursistas; constatamos nos municípios nos quais a SME acompanha as atividades tutoriais e apóia o trabalho da tutoria na produção, execução e socialização dos conhecimentos as ações se expandem da sala de aula até a comunidade;

São muitos fatores e numerosos desafios que permeiam esse trabalho. Não se trata de uma simples transmissão de conteúdos, discutir conteúdos, tirar dúvidas, intervir em práticas, articular teoria e práticas, articular culturas e subjetividades. O desempenho deste papel significa assumir a responsabilidade social não só com a aprendizagem dos cursistas, mas a mudança de sua prática pedagógica que certamente estará influenciando também na aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental dos sistemas municipais de educação.

## 9. Considerações Finais

A tutoria precisa ser analisada sob o ponto de vista da responsabilidade da função e de sua capacitação. O tema tem muitas variáveis que necessitam de aprofundamento, como a qualidade da formação de professores que vem sendo desenvolvida em EAD.

Evidencia-se que não basta os sistemas de ensino “elaborar” propostas de cursos e programas de formação de professores em EAD, se não houver uma política educacional com objetivos e finalidades voltadas para uma educação de qualidade, avaliação durante todo o processo bem como a valorização da tutoria que é de suma importância à qualidade e ao sucesso da EAD.

Neste estudo, confirmou-se a importância da EAD para a universalização da educação tendo como pressuposto de que a educação sendo uma prática social é tanto processo como produto. Processo, na medida em que se confunde com a própria existência do ser humano e produto quando é resultado das concepções, teorias criadas e defendidas por governantes e gestores da educação.

A análise dos dados do estudo permitiu a identificação dos vários fatores que influenciam ora positivamente ora negativamente na aprendizagem dos cursistas. Apesar disso, é de grande relevância social o desenvolvimento deste curso, principalmente por atender os professores menos favorecidos.

O estudo revelou também algumas lacunas. A principal a ser considerada é a forma de seleção tanto dos tutores como dos cursistas. Para os tutores a secretaria de

educação que envia os currículos, de certa forma os poucos que enviam para a Agência Formadora fazem parte dos “escolhidos” pela secretaria. Os cursistas que deveriam ser os professores que estivessem em sala sem a formação mínima exigida por lei (critério cumprido nas primeiras turmas) neste grupo observaram-se em alguns municípios a contratação de pessoas que foram contemplados com o curso e a formação.

Outra lacuna diz respeito ao ponto central em discussão que é a tutoria. A observação foi imprescindível para explicitação da prática de alguns tutores que foram se consolidando no programa. Prática esta que não condiz com as diretrizes do programa nem tão pouco de profissionais eficientes.

Os cursistas estudam fundamentalmente com base no material impresso que são os módulos de estudo, no caso de dúvidas na compreensão dos mesmos podem recorrer aos tutores, aos professores formadores e aos próprios colegas do curso. Alguns tutores promoveram oficinas pedagógicas das dificuldades apresentadas, outros encaminharam as dúvidas para a Agência Formadora.

Em relação ao vídeo de complementação curricular disponibilizado para todos os tutores exibir nos encontros quinzenais infelizmente em alguns municípios não foi veiculado por não possuir os equipamentos necessários, ou o que existe está danificado. Comprova-se a falta de um sistema de avaliação no sentido do cumprimento do acordo de participação pois, neste documento está explícito as responsabilidades de cada parceiro. Em nome da descentralização a União esta vai se ausentando de suas funções.

A relação estabelecida entre tutor e cursista neste programa é apenas presencial o que precisaria ser ampliado a partir do conceito de educação online, o qual pressupõe a mediação não só de tutores, mas, sobretudo das TIC, através da tutoria online em ambientes virtuais de aprendizagem. Os tutores têm um grande número de tarefas chegando a alguns casos ultrapassar a carga horária estabelecida entre ele e o município (20 horas). Essas tarefas se realizadas conforme planejadas permitem um acompanhamento efetivo do desenvolvimento do professor cursista no programa.

A interação entre tutor-cursistas foi considerada fundamental por todos envolvidos no processo de aprendizagem, sendo estimulados a partir das atividades do acompanhamento e das orientações. O perfil do tutor contribui intensamente para interação com o cursista, seu desenvolvimento e aprendizagem. Alguns elementos ou posturas observadas nos professores cursistas são reflexos da postura e direcionamento que o tutor dar ao problema.

Constatamos que vários fatores contribuíram para a aprendizagem dos cursistas. A tutoria por ser o elo de mediação entre o cursistas e as diretrizes do curso, torna-se o principal deles sendo o tutor e o cursista co-responsáveis neste processo de EAD.

As histórias contadas pelos professores cursistas trazem referenciais dessa contribuição da tutoria, tanto no campo social, no pessoal, no profissional, quanto no afetivo e ao mesmo tempo, falam da importância das orientações recebidas porque possibilitou o redirecionar de uma prática. E sobre o programa proporcionou-lhes conhecimento, mudanças na prática e ascensão cultural e, com isso, os professores aprenderam verdadeiramente, mesmo sabendo que nem na totalidade dos conhecimentos propostos como nem todos os cursistas. Todos os tutores evidenciaram a satisfação em trabalhar na função por possibilitar a formação dos cursistas bem como a aquisição pessoal de conhecimentos.

A efetivação de cursos em EAD, do papel da tutoria, do desenvolvimento e aprendizagem dos professores cursistas depende dos diversos contextos educacionais a que são idealizados e realizados o programa. Efetivamente a contribuição do tutor à aprendizagem dos cursistas merece atenção rigorosa e avaliação periódica da realização adequada e responsável das ações dos mesmos para que quanto mais cedo forem detectados os problemas como os aqui elucidados ser avaliados e redimensionados a partir das reais necessidades dos educandos.

#### Referências

ANDRÉ, M. E.; GATTI, B. A; PLACCO, V. M<sup>a</sup>. N. S. Proformação: avaliação externa - Brasília: MEC/ SEED, 2003.

ARETIO, L. G. Educación a distancia hoy. Madrid: Uned, 1994.

BELONNI, M. L. Educação à distância. Campinas: Autores Associados, 1999.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília: p.027833, col.1,23 dez.1996.

CUNHA, M. A. Manual do tutor do Proformação. 5 ed. Brasília: MEC/Fundescola, 2004.

FERREIRA, M. M. ; REZENDE, R. S. O trabalho de tutoria assumido pelo Programa de Educação a Distância da Universidade de Uberaba: um relato de experiência, 2003. Disponível em: [www.abed.org?seminarios2003/testo19htm](http://www.abed.org?seminarios2003/testo19htm).

GONZALEZ, M. Fundamentos da tutoria em educação a distância. São Paulo: Avercamp, 2005.

MAGGIO, M. O tutor na educação à distância. In: LITWIN, E. (org.). Educação à distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed, 2001, pp. 93-110.

MAIA, N. A. A tutoria e a avaliação duas questões críticas no ensino a distância. Ensaio: aval. Pol. Publ., Rio de Janeiro, v.6,n.21.out./dez.1998.

MERCADO, L.P. (org.). Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação. Maceió: Edufal, 2004.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. Educação a distância: uma visão integrada. São Paulo: Thomson, 2007.

MUNHOZ, A. S. A educação a distância em busca do tutor ideal. Revista Digital da CVA. Colabora, Santos, v.2, n.5, Agosto, 2003.

NEDER, M.L. A formação de professor à distância: diversidade como base conceitual. Belo Horizonte. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

PRETI, O.P. (Org.). Educação a distância: sobre discursos e práticas. Brasília: Líber, 2005.

PEREIRA, J.L. O cotidiano da tutoria. In: CORRÊA, J.(org.) Educação a distância: orientações metodológicas. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RAMAL, A. C. Educação à distância: entre mitos e desafios. In: ALVES, L.; NOVA, C. (org). Educação à distância: uma nova concepção de aprendizagem e interatividade. São Paulo: Futura, 2003.

SÁ, I. M. A. A educação à distância: processo contínuo de inclusão social. Fortaleza: CEC, 1998.

SOUZA, C. A et. al. Tutoria como espaço de interação em educação a distância. Revista Diálogo Educacional, v. 4, n. 3 set-dez. Curitiba: Champagnat, 2004.

TAVARES, M. C. O tutor no Proformação. In: ALMEIDA, Maria E.; MORAN, J. M. Integração das tecnologias na educação. Salto para o futuro. Brasília: MEC/SEED, 2005.

# APRENDIZAGEM COLABORATIVA E INTERATIVIDADE NA WEB: EXPERIÊNCIAS COM O GOOGLE DOCS NO ENSINO DE GRADUAÇÃO

Maria Lúcia Serafim  
Fernando Sílvio Cavalcante Pimentel  
Ana Paula de Sousa do Ó

## 1. Introdução

No campo educacional, as TIC estão sendo inseridas nos processos de ensino e aprendizagem, abrangendo tanto o ensino presencial como a distância – EAD. As tecnologias recentes em torno da informática, multimídia e Internet transformaram as exigências de qualificação e formação das pessoas, solicitando modificações no nível da função e da estrutura da escola e universidade.

O cenário educacional brasileiro vem mostrando uma forte tendência de flexibilização e incorporação de novas tecnologias e metodologias para otimizar e melhorar a qualidade do ensino superior, permitindo o desenvolvimento de cursos utilizando estratégias, ferramentas e recursos presenciais e não presenciais priorizando a aprendizagem do aluno. Neste sentido, só no âmbito de uma proposta pedagógica bem situada na realidade atual, é que se pode inserir a necessária condição de formação dos graduados, seja em ensino presencial ou a distância, conjugada a ações da prática pedagógica docente com as novas tecnologias.

É uma questão não só de imperativo histórico, mas de reconhecimento de que são ferramentas que podem contribuir no contexto de mediação do trabalho docente do nível superior possibilitando aprendizagem mais significativa e colaborativa<sup>1</sup>, já que o aluno ao construir seu próprio conhecimento, passa a ter papel ativo, na busca de solução de suas necessidades e da coletividade.

Este artigo é fruto de parceria de educadores de instituições superiores em cidades distantes, que já fazendo uso da Internet e da vivência de aprendizagem colaborativa, em seus processos profissionais, buscaram construir juntos este estudo de interatividade e

<sup>1</sup> Entende-se neste artigo colaboração apoiada na compreensão Freiriana (1996) de que “Aprender é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”.

colaboração, tendo como interface a sugestão da ferramenta Google Docs, objetivando atingir de modo satisfatório a aprendizagem de seus alunos.

O objetivo do estudo estruturou-se sob o foco da análise das várias funções do Docs em processos de ensino e aprendizagem, como possibilitadora de atitudes colaborativas no universo da interatividade virtual<sup>2</sup> para alunos de cursos de graduação nas modalidades presencial e a distância. Tendo como objetivos específicos: incluir na experiência docente de graduação no universo virtual a interface da ferramenta Google Docs; buscar nas experiências e aprendizagens dos alunos ao realizarem atividades estruturadas pelos docentes na concepção construcionista de aprendizagem utilizando o Docs condições didáticas que dêem sustentação à aprendizagem colaborativa.

A pesquisa ocorreu com alunos dos cursos à distância na graduação de Matemática, na disciplina Metodologia Científica (1º período) e Gestão da Tecnologia da Informação, na disciplina -Produção de Texto (1º período) na - Universidade Tiradentes - Pólo Faculdade Integrada Tiradentes em Maceió, e no Curso presencial de Licenciatura em Computação, na disciplina Prática Pedagógica de Computação (3º e 4º períodos) na Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande, que responderam a um questionário cujo objetivo foi após o contato do alunado com a ferramenta Docs, verificar até que ponto foi colaborativa e interativa a aprendizagem tendo como articulação a realização das atividades propostas pelos seus docentes no âmbito de cada disciplina tratada.

A expressa necessidade de um maior envolvimento entre as áreas tecnológicas e educacionais é cada vez mais evidente. Hoje, a relação educação e tecnologia é presente em quase todos os estudos que analisam o contexto educacional. Mello (apud GRINSPUN, 1999) aponta que educação e políticas de ciências e tecnologia, ocupam lugar de centralidade nas decisões políticas em termos de qualificação dos recursos humanos, exigência de novos padrões de desenvolvimento.

A escola, historicamente foi usada para criar consensos, homogeneizar pensamentos, ditar valores e reproduzir condutas de uma determinada sociedade. Na atualidade, as pessoas buscam conhecimentos que possuam uma relação concreta com sua realidade atual, bem como oportunidades de expressar suas opiniões. Por isso, diante da complexidade da cultura digital, é necessário aos ambientes educacionais instaurar espaços de negociação entre educadores e educandos, possibilitando uma troca de posições e visões de mundo que permitam uma aproximação entre estas duas culturas num mundo de aprendizagem que se renova.

---

<sup>2</sup> Interatividade é a abertura para mais e mais comunicação, mais e mais trocas, mais e mais participação. a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressivamente complexo, e, ao mesmo tempo, atentando para as interações existentes e promovendo mais e melhores interações – seja entre usuário e tecnologias comunicacionais (hipertextuais ou não), seja nas relações (presenciais ou virtuais) entre seres humanos. (Silva, 1999, p. 155)

A concepção de aprendizagem exaustivamente disseminada nos dias de hoje ressalta o quão importante são as interações entre sujeitos e objetos para a aprendizagem. De acordo com esta perspectiva, Silva (2000) destaca a pedagogia interativa, como uma proposta de valorização do papel do professor como mediador de novas e recorrentes interações e encorajador da rede de conhecimentos que os alunos constroem e do desenvolvimento de novas competências comunicativas.

Credita-se no fato de que a construção do conhecimento é adquirida através de novos processos metodológicos de aprendizagem, pois estes permitem as instituições escolares e universidades um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo, pois é inegável que as novas tecnologias propiciam aos professores e alunos uma reformulação de suas relações de aprendizagem, bem como a inclusão da universidade no meio social.

## 2. O Google Docs como interface na promoção da interatividade e da colaboração no ensino e aprendizagem

A utilização da interface<sup>3</sup> Google Docs tem se mostrado uma grande promotora de interatividade e colaboração entre aqueles que a utilizam. Mas não é só a interatividade e a colaboração que estão avançando, mas a própria aprendizagem dos alunos, pois eles constroem e reconstroem seus textos, resignificando conceitos e elaborando novos saberes por meio da utilização desta interface.

O que mais se deseja de um aluno que está vivenciando a experiência da educação mediada por computadores? Espera-se que ele seja autônomo e que possa gerenciar os próprios passos na construção do conhecimento. Para Silva (2000), a interatividade é um elemento significativo nesta busca de autonomia e de focalização da educação para o aluno pois permite que este ultrapasse a condição de espectador passivo para a condição de sujeito operativo.

A inserção das TIC exige que sua utilização ultrapasse o mero mecanicismo ou tecnicismo. Não basta a inclusão do computador ou de outras tecnologias recentes para que se possa dizer que a educação está acontecendo e que os propósitos de interatividade e de construção do conhecimento estão sendo desenvolvidos. Almeida (2003: 205) afirma que

a potencialidade das ecologias de informações em educação reside no papel ativo dos seus participantes, os quais têm

---

<sup>3</sup> O termo Interface ganhou, na informática e na cibercultura, o sentido de dispositivo para encontro de duas ou mais faces em atitude comunicacional, dialógica ou polifônica.

acesso a informações e recursos para desenvolver atividades colaborativas, dialogar com o outro e estabelecer conexões, ou seja, temos aqui alguns pontos necessários para que possamos dizer que as TIC estão potencializando a educação.

A autora explica esta potencialização afirmando-a em três pontos a seguir:

- 1) papel ativos dos seus participantes;
- 2) acesso a informações e recursos; e
- 3) desenvolvimento de atividades colaborativas, estabelecendo diálogo e conexões.

O papel ativo dos participantes é um elemento essencial quando temos em vista a autonomia, a liberdade como se refere Freire (1996) e a dimensão da aprendizagem como fruto das relações sociais do indivíduo, como defende Vygostky.

O acesso a informações e recursos pressupõe a liberdade para que os alunos possam freqüentar os ambientes do conhecimento, visualizando as informações necessárias para que o confronto com as suas próprias informações estabelecidas no percurso de sua vida. É necessário que estes se apropriem de condições para que a cultura digital se torne significativa em seu processo de descoberta e aprendizagem, assim como também na vida e prática pedagógica dos educadores

Quanto à questão do desenvolvimento de atividades colaborativas há – impreterivelmente – a necessidade do entendimento por parte de alunos, professores e equipe gestora e administrativa de que o diálogo é uma das formas mais antigas de ensino-aprendizagem. O diálogo nos coloca de igual para igual, e numa relação entre iguais o aprendizado é efetivado exatamente pela ausência (ou diminuição) de preconceitos, tabus e sentimentos de inferioridade ou superioridade.

### 3. Conversando sobre os termos Interação e Interatividade

Os termos interação e interatividade, e seus respectivos conceitos estão na pauta de muitas discussões, quando o assunto é a educação online. Silva (2001) faz uma exaustiva análise, fundamentando a interatividade como um dos fundamentos essenciais para que a educação online seja realmente uma educação que supere o velho modelo educacional no qual o professor fica na postura de detentor do saber e os alunos permanecem na posição de espectadores do conhecimento.

Para que possamos perceber o significado da utilização do Google Docs como interface de promoção de interatividade e colaboração toma-se alguns conceitos que fundamentam este entendimento e nos ajudam a analisar os números reflexos da pesquisa de campo realizada.

Para Silva (2000, p. 16), interatividade é algo complexo e seu conceito

vislumbra a possibilidade de uma conjunção complexa operando entre usuário e tecnologia hipertextual. Conjunção entendida como ‘diálogo’ e como ‘multiplicidade’ que se opõe à velha categoria unitária produtora de consensos coletivos na base de disjunções e simplificações.

Segundo Almeida (2003, p. 203), a “interação diz respeito à ação recíproca com muita influência nos elementos inter-relacionados (...), a interatividade se apresenta como um potencial de propiciar a interação” estando a interatividade “relacionada com o diálogo entre emissão e recepção, a criação conjunta da comunicação e a intervenção do usuário”, sendo a interação um termo mais neutro e interatividade um termo mais conversacional, gerador de possibilidade de interação

Já Gonzales (2005, p. 19) define interatividade como “fenômeno elementar das relações humanas, dentre as quais estão as relações educacionais”.

Observamos, através das leituras destes teóricos, o termo interatividade – oriundo da comunicação e depois no âmbito da telemática – pressupõe uma relação bidirecional, onde os participantes podem trocar suas idéias, propor novos caminhos na resolução de problemas e podem sugerir novos problemas, antes não listados. Esta bidirecionalidade é fator marcante e indiscutível como elemento necessário para que possamos usar a palavra/termo interatividade.

O termo colaboração parece-nos mais familiar, até pelo seu uso corriqueiro para determinar a ação solidária que muitas vezes acontece no dia-a-dia. Mas no campo educacional o termo sugere aquilo que a interatividade também propõe: uma relação de diálogo entre semelhantes para a construção e re-construção de um determinado saber.

Para Gonzales (2005, p. 14)

a noção de colaboração parece ser uma valiosa maneira de encorajar o acontecer do aprendizado em sala de aula. E o termo colaboração, segundo Paul Brna (1998, p. 5) é visto como um conjunto de possíveis relações entre os participantes. Envolve uma atividade sincrônica, coordenada, que resulta de uma contínua tentativa de construir e manter uma concepção partilhada de um problema.

Apesar do autor apontar a colaboração como uma atividade sincrônica, a prática com a utilização do Google Docs tem nos revelado que atividades assíncronas também podem ser colaborativas, pois também podem oportunizar a construção coletiva e a resolução de problemas postos em comum.

Nestas definições e estudos encontra-se sustentação para a experiência desenvolvida com o Docs, nos grupos de alunos do ensino superior, em modalidades de cursos presencial e a distância. Pode-se então, afirmar ser possível no âmbito de uma prática construcionista e sociointeracionista a proposição de projetos autênticos que envolvam o estudo de ferramentas da Web no ensino e na aprendizagem de grupos universitários. Isto é, solicitar que docentes conjuguem esforços e aprendizagens em torno de atividades para os alunos que sejam mais concretas no sentido de oportunizar novas aprendizagens e promover a construção social do conhecimento com a melhoria da aprendizagem pela discussão e colaboração.

Considera-se relevante afirmar ser preciso não deixar que a aprendizagem colaborativa se perca em dilemas do contexto de seus termos e aplicações, desde que seja definida pelo que se entende por aprendizagem no sentido de processo, mediação, na compreensão de que como afirma Freire (1996) ensinar inexiste sem aprender e vice versa, ou seja, o foco reside na mudança do ensino para a aprendizagem e que a partir da disseminação das tecnologias e suas possibilidades de mediação ao trabalho docente a colaboração tem acontecido, em detrimento do ensino centrado na auto-instrução e no individualismo.

#### 4. Conhecendo um pouco do Google Docs e sua aplicação no ensino e aprendizagem

O Google Docs é um pacote de aplicativos do Google baseado em AJAX. Funciona totalmente online diretamente no browser. Os aplicativos são compatíveis com o Microsoft Office e o OpenOffice.org, e atualmente compõe-se de um processador de texto, um editor de apresentações e um editor de planilhas. Alguns dos recursos mais peculiares é a portabilidade de documentos, que permite a edição do mesmo documento por mais de um usuário, bem como o recurso de publicação direta em blog. Os aplicativos permitem a compilação em PDF.

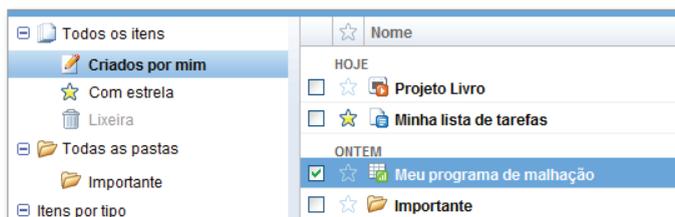


Figura 1. Interface do Google Docs

O Google Docs é totalmente grátis e permite trabalhar em documentos de texto, folhas de cálculo e apresentações que pode partilhar e disponibilizar para edição aos outros membros da sua equipe:

- pode atribuir permissões de edição para determinados colaboradores, enquanto mantém outros apenas como revisores, sem poderes de edição;
- pode co-editar tais documentos com outras pessoas sem o risco de eliminar todas as outras revisões; e
- pode publicar online versões dinâmicas ou estáticas de tais documentos, incluindo folhas de cálculo e apresentações, colocando uma simples linhas de código na página Web desejadas.

Criação de documentos básicos totalmente novos

Todas as tarefas básicas podem ser realizadas com facilidade: criação de listas com marcadores; classificação por colunas; inclusão de tabelas, imagens, comentários e fórmulas; alteração de fontes.

Fazer upload dos arquivos existentes

O Google Docs aceita os formatos de arquivos mais conhecidos, incluindo DOC, XLS, ODT, ODS, RTE, CSV, PPT, etc. Portanto, faz-se upload dos arquivos existentes.

Exemplos relevantes para educação e formação: Utilizar o Google Docs na sala de aula. O Google Docs é uma boa ferramenta para produção de textos e apresentações temáticas, elaborados de forma individual ou colaborativa.

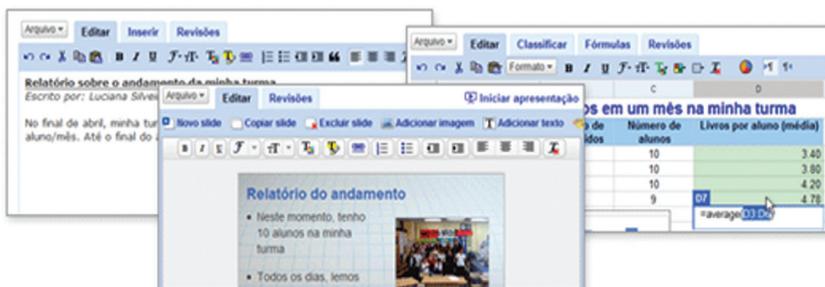


Figura 2. Possibilidades do Google Docs – Imagens, textos e tabelas

O Google Docs, por meio de espaços colaborativos, oportuniza o trabalho coletivo tendo vantagens que podem e devem ser aproveitadas em contexto educativo. Ele permite a criação e partilha de trabalhos online. Com estes espaços de colaboração, pode-se criar, editar e partilhar documentos de texto, folhas de cálculo, apresentações, hiperligações, conceitos, projetos de trabalho e imagens. Pode-se inserir e editar os documentos a partir de qualquer lugar, através de um computador ligado à Internet. Todo o trabalho produzido está sempre disponível online.

As práticas colaborativas proporcionam aprendizagens diversas, fazendo circular muito mais informação. A troca e a partilha de experiências faz aumentar de forma significativa a quantidade de soluções e idéias e a qualidade das opções realizadas.

Esta metodologia permite enriquecer concepções e desenvolver hábitos de reflexão. O trabalho colaborativo cria a necessidade de comunicar idéias verbalmente, encoraja a auto-reflexão e aumenta a necessidade de responder às questões e desafios. Para Haragreves (1998) a colaboração pode ser a solução para a resolução de alguns problemas da escolaridade contemporânea, como também para uma mudança educativa e organizacional.

## 5. O Estudo com Google Docs

Trata-se de uma pesquisa empírica, descritiva e de levantamento, que a partir da prática pedagógica docente dos professores destas turmas universitárias se procurou vivenciar a inserção do Google Docs, dentre a vasta gama de outras sugestões de aplicativos e/ferramentas no contexto da Web.

Para o processo de aprendizagem dos alunos da Universidade Tiradentes iniciou-se a pesquisa apresentando numa oficina de 2 horas, a proposta da utilização do Google

Docs como uma ferramenta de interação e colaboração na produção de atividades em conjunto como também, na UEPB, a ferramenta foi apresentada a cada turma, na aula de Prática Pedagógica de Computação. Utilizou-se o Googlegroups, espaço administrado pela docente da disciplina para estudos com os alunos de suas turmas, para postar materiais e incentivar o uso do docs. Este incentivo foi mediado por uma aluna de uma das turmas que teve a tarefa de ser agente de motivação.

Os alunos tiveram a oportunidade de utilizar a ferramenta durante um mês para o desenvolvimento de atividades próprias das disciplinas de seu curso. No curso de Matemática foi solicitado que os alunos realizassem a elaboração de um Projeto de Pesquisa da disciplina Metodologia Científica e aos alunos de Gestão da Tecnologia da Educação foi pedido a construção de um artigo na disciplina Produção de Texto, já para as turmas da Licenciatura em Computação foi construído coletivamente um Relatório por turma, referente a visita de campo educacional.

Para colher dados dos alunos, utilizou-se um questionário, contendo informações sobre o perfil do aluno e sua relação com o computador, sobre o uso da ferramenta Docs, e sua relação com o processo de colaboração e aprendizagem

Do universo de 40 alunos, das turmas presenciais de Prática Pedagógica de Computação - UEPB, 15 foram respondentes do estudo. Já os alunos do curso a distância após um encontro presencial obteve-se, do grupo de 28 alunos, 17 respondentes do curso de GTI e do total de 26 do curso de Matemática, 18 respondentes.

A análise dos dados foi realizada por meio da estatística descritiva, onde as variáveis utilizadas para avaliação foram do tipo qualitativa. Outras medidas estatísticas foram utilizadas para os objetivos propostos pela pesquisa, tais como; gráficos de pizza, que foram feitos utilizando-se o Software Excel.

Os gráficos de 1 a 8 retratam os dados obtidos com os alunos da UEPB - Curso de Licenciatura em Computação, na disciplina de Prática Pedagógica de Computação períodos III e IV – Tipo de atividade realizada – Relatório coletivo com interface do Docs sobre vivência de campo escolar.

Gráfico 1  
Possui computador

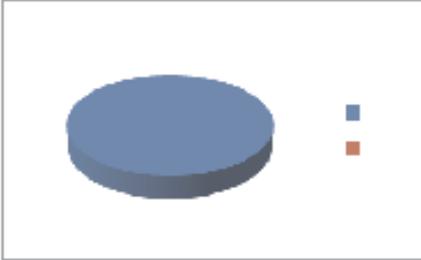
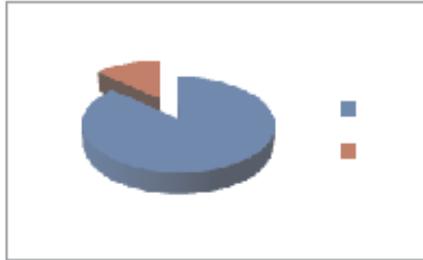


Gráfico 2  
Acesso a internet



Pode-se verificar pelos gráficos 1 e 2 que os alunos do curso de Licenciatura em Computação afirmam em 100% possuírem computador e em 87% seu acesso a Internet, como também que a utilizam diariamente em 73% pelo gráfico 3. Como alunos de um curso desta natureza, é um terreno fértil para que interfaces da Web sejam inseridas na prática pedagógica docente superior, tendo em vista adensar a aprendizagem colaborativa, a pesquisa acadêmica e a convivência com ferramentas que contribuem para o processo de Interatividade como é o caso do Google Docs.

Os gráficos 4 e 5 apontam em 60% conhecimento prévio do Docs, daí o fato do envolvimento e valorização dos mesmos na atividade proposta e que 21% dos alunos usam a Internet, para fins acadêmicos, 21% para estudo e 23% para pesquisas, somados os percentuais das finalidades estes ultrapassam o percentual de diversão 18%, trazendo indicativos positivos para a capacitação destes alunos e a inserção de novas ferramentas em seus universos de estudo.

Gráfico 3  
Frequência de uso da Internet

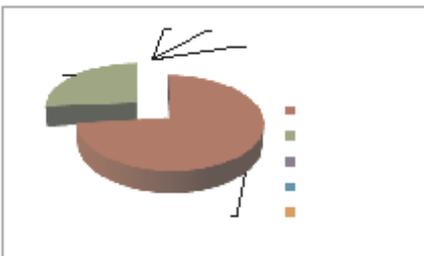


Gráfico 4  
Para que fins utiliza a internet

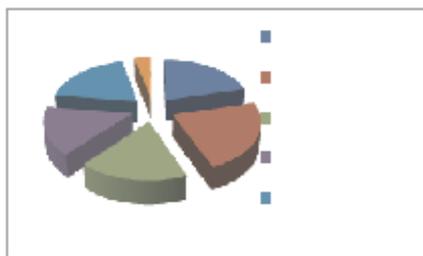


Gráfico 05  
Conhecimento prévio do Google Docs

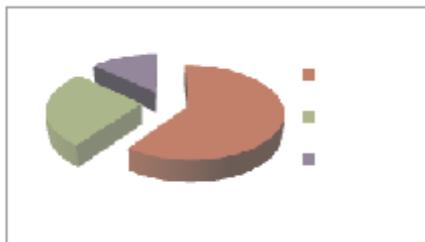
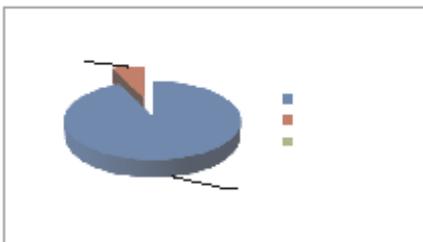


Gráfico 6  
A ferramenta sugerida pela professora foi útil aprendizagem na disciplina de Prática Pedagógica



Sobre a utilidade do Docs como interface no processo de ensino e aprendizagem na disciplina, os alunos afirmam em 93% no gráfico 6 sua aceitação. O que nos conduz a valorização do espaço da Web com seus aplicativos ricos e variados para serem implementados na prática docente do ensino superior em diversas disciplinas.

Gráfico 7  
Gerou aprendizagem colaborativa

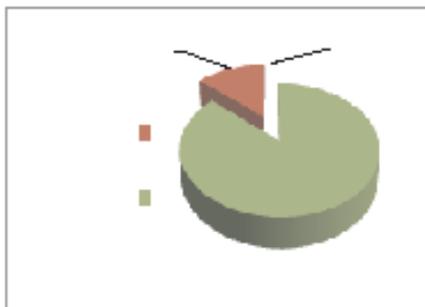
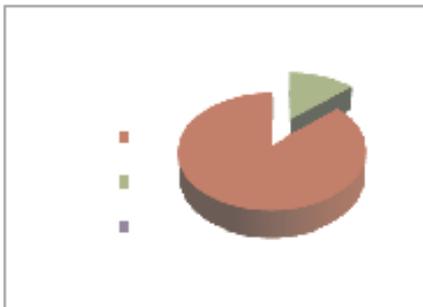


Gráfico 8  
Dificuldade para utilizar o Docs



O trabalho com as turmas tendo como interface o Google Docs foi extremamente aceito pelas turmas, constituindo-se de fato numa vivência de aprendizagem colaborativa, no qual os alunos participaram, discutiram, refizeram e criaram organizações cognitivas, normas de organização a partir dos próprios grupos, o que se pode perceber pelo percentual de 87% de respostas favoráveis ao processo pelos gráficos 7 e 8.

Nos dados referentes aos cursos de Matemática e GTI - UNIT/Pólo FITS, com atividades de elaboração de projeto de pesquisa em Matemática e artigo científico em GTI, tendo como interface a ferramenta Google Docs.

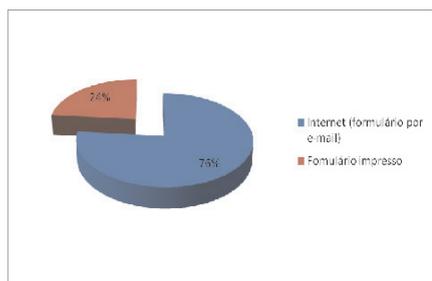


Gráfico 9  
Modo de Pesquisa

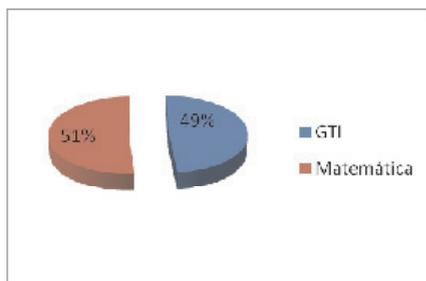


Gráfico 10  
Total de pesquisados

No gráfico 9 pode-se verificar que os alunos dos cursos de Matemática e GTI responderam ao formulário utilizando o e-mail, inclusive por ser mais rápido e fácil para a entrega do formulário. No gráfico 10 pode ser observado que, tecnicamente, o número de alunos que preencheram ao formulário foi semelhante, tanto numa disciplina como na outra.

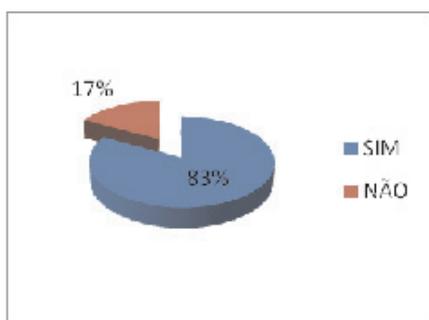


Gráfico 11  
Possui Computador

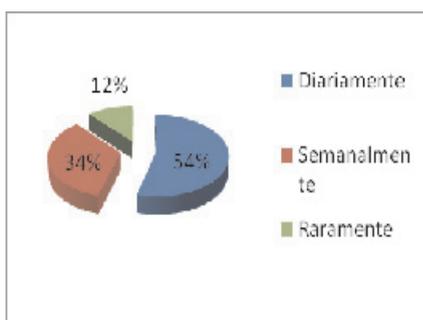


Gráfico 12  
Frequência de uso da Internet

Nos gráficos 11 e 12 pode-se observar como os alunos destes dois cursos se relacionam com o computador e o acesso as interfaces disponibilizadas na Internet. Como estes dois cursos são a distância é de fundamental significância que os alunos tenham domínio computacional – ou se disponham a este aprendizado. A relação daqueles que diariamente utilizam a Internet denota a grande necessidade de que a educação use as interfaces como possibilitadoras de aprendizado, inclusive o aprendizado colaborativo.

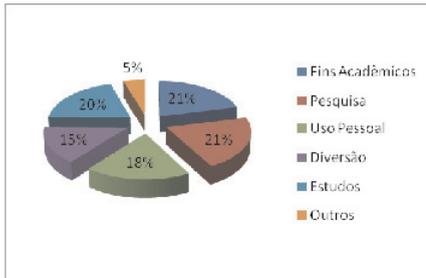


Gráfico 13  
Finalidade do uso da Internet

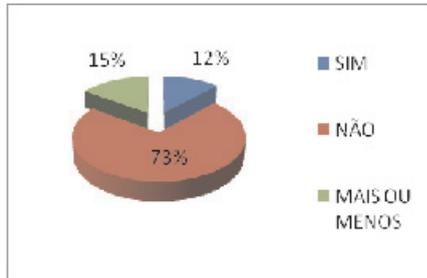


Gráfico 14  
Conhecia o Google Docs

Apesar do fato de um número considerável de alunos utilizarem com frequência diária a internet, pode-se observar – no gráfico 13, que para fins acadêmicos ou educacionais ainda é relativamente pequeno este percentual de 21%, até pelo fato de que muitos ainda percebem as TIC como meios de entretenimento, diversão, lazer.

Os gráficos 14, 15, 16 e 17 apresentam a relação dos alunos com a interface proposta, o Google Docs. Por ser uma ferramenta nova, tendo sido disponibilizada na rede mundial de computadores a pouco tempo, poucos alunos a conheciam e, mesmo com uma oficina para apresentação e início de atividades com esta interface, alguns alunos em 40% ainda encontrou dificuldades para a sua utilização.

Mesmo com as dificuldades de quem utilizou a interface pela primeira vez, a maioria dos alunos em 75% relatam que a interface foi útil para o desenvolvimento das atividades propostas.

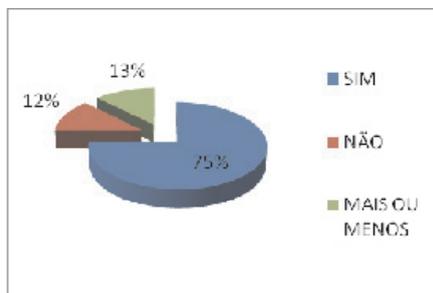


Gráfico 15  
A interface foi útil para a atividade proposta

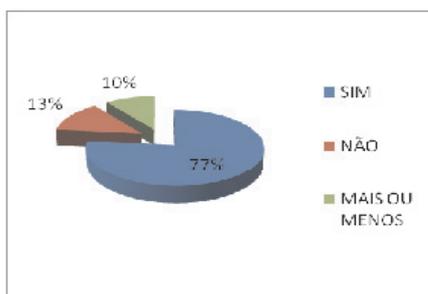


Gráfico 16  
O uso da ferramenta gerou  
Aprendizagem Colaborativa

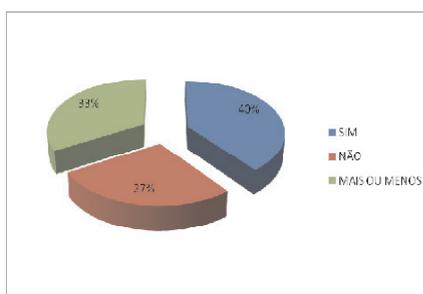


Gráfico 17  
Dificuldade na utilização  
do Google Docs

No gráfico 16 observa-se que a maioria dos alunos em 77% apontam que o Google Docs é uma interface que proporciona a aprendizagem colaborativa, como era a hipótese levantada antes desta pesquisa ser iniciada e como era o objetivo analisar esta relação: Google Docs e Aprendizagem Colaborativa.

Como se observa no gráfico 17, em 73% dos alunos teve algum tipo de dificuldade para a utilização do Docs, pelo desconhecimento em parte da ferramenta e ainda por utilizarem pouco a Internet para pesquisa e estudo. Verifica-se que mesmo sendo discentes que optaram por esta modalidade de aprendizagem há entraves a serem superados, inclusive o da superação da presença vertical de professores presenciais.

Numa proposta de EAD a primeira etapa a ser vencida é exatamente a quebra deste paradigma, como afirma Petters (2003) que não há espaço para que os educadores continuem na posição de detentores do saber.

As dificuldades foram superadas com uma reflexão sobre o pensamento sistêmico e sobre a dinâmica da interatividade, que oportuniza o crescimento de todos.

É importante ressaltar que, independente das realidades estudadas, geográficas, de cursos, disciplinas e modalidades de ensino os dados indicam pelos gráficos 6 e 15 os alunos consideraram que a interface do Docs foi útil para as atividades de construção propostas nas disciplinas específicas de seus cursos. Como também que pelos gráficos 7 e 16 que no tocante a aprendizagem colaborativa, o Google Docs pode ser utilizado com finalidade educacional. Estes indicativos apontam para a riqueza desta ferramenta como possibilitadora de ações pedagógicas subsidiárias e de aprofundamento da aprendizagem no ensino superior.

## 6. Considerações Finais

A dimensão prospectiva deste estudo se dá na concepção de que ensinar supera em muito a transmissão de um saber abstrato. E que para aprender é preciso encontrar sentido no ensinado. Evidencia-se a importância dos docentes do ensino superior aliar o domínio de ferramentas da Web ao campo educacional, acompanhando os avanços que o tempo de agora apresenta para que alunos universitários enxerguem em seus orientadores e mediadores da aprendizagem educadores empreendedores de uma prática pedagógica que traz implicações para novos saberes e fazeres pelas possibilidades, que surgem pela presença das recentes tecnologias e sua interatividades.

Pensar a própria prática é uma tarefa compensadora. Dentre os pontos relevantes a que o estudo se propôs, destaca-se o fato da proposta de utilização do Google Docs como interface de colaboração e interação nos cursos EAD de GTI e Matemática da UNIT/ Pólo FITS e curso de Licenciatura em Computação – UEPB ter sido uma experiência de aprendizagem colaborativa em modalidades diferentes; sendo útil como interface aos contextos de atividades das disciplinas e cursos; que a ferramenta foi considerada mais acessível em termos de aprendizagem tecnológica para os alunos do curso presencial de Licenciatura em Computação. Acredita-se por serem estes específicos de um curso desta natureza, estas questões de apropriação dos conteúdos da cultura digital seja algo inerente a busca de formação.

Aponta-se também que o grupo de alunos da EAD começaram a observar a Internet como propiciadora de possibilidades para a sua própria aprendizagem, para seu desenvolvimento pessoal e acadêmico, além de poderem estar exercitando atitudes de colaboração e interatividade, em específico com a utilização do próprio Docs, como foi proposto pelo estudo.

A riqueza do estudo se deu pelo fato dos educadores destas turmas e modalidades de ensino se permitirem ensaiar novos modos de saber fazer, compartilhado com seus alunos, configurando o desejo de construir novas práticas pedagógicas a partir da inserção das ferramentas disponíveis na web, no próprio espaço de sala de aula, extrapolando para outros espaços.

A proposta da pesquisa e da inclusão do Google Docs permitiu retomar o pensamento de Freire (1996), quando aponta que o educando deve primeiro descobrir-se como um construtor desse mundo da cultura, e numa cultura em metamorfose, relacionando o real e o virtual, a cultura precisa ser redescoberta e reinventada, numa ação dialógica e interativa.

## Referências

- ALMEIDA, Maria E. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, Marco (org.). Educação online. São Paulo: Loyola, 2003.
- CAMARGO, Janira S. Interação professor-alunos: a escola como espaço interativo. In: MARTINS, João B. Na perspectiva de Vygotsky. São Paulo: Quebra Nozes/ Londrina: CEFIL, 1999.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_, Pedagogia do oprimido. 26ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GONZALES, Mathias. Fundamentos da tutoria em educação a distância. São Paulo: Avercamp, 2005.
- GRINSPUN, M. P.; RODRIGUES, A. M.; NEVES, A. M.; CARDOSO, T. F. Educação Tecnológica: desafios e perspectivas. São Paulo, Cortez, 1999.
- HARGREAVES A. Os professores em tempos de mudança: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna. São Paulo: McGraw-Hill, 1998.
- PETERS, Otto. A educação à distância em transição. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- SILVA, Marco (org.). Educação online. São Paulo: Loyola, 2003.
- \_\_\_\_\_. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- SILVA, Marco. Um convite à interatividade e à complexidade: novas perspectivas comunicacionais para a sala de aula. In: GONÇALVES, Maria (org.). Educação e cultura: pensando em cidadania. Rio de Janeiro : Quartet, 1999.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

# MÍDIA, LINGUAGEM E PROJETO PEDAGÓGICO

Maria Neide Sobral

## 1. Ponto de partida...

Somos falas, mil falas...  
Em palavras escritas, somos tantos textos.  
Perdemos-nos nas imagens que nos tangem,  
Para além da tela, paradoxo entre a prisão e a liberdade.  
Somos constituídos pela linguagem, ao construí-la,  
Parte de nós se revela e se esconde,  
No dito e no silêncio.

Nos cursos de formação de professores, debulhando palavras sobre textos, autores, experiências, perguntamo-nos: como nossos alunos recebem as explicações sobre os conteúdos? Como processam os conteúdos que trabalhamos? Enquanto falamos, explicamos, repetimos, esclarecemos, fazemos sugestões, quais os registros que eles fazem? Que saberes constroem e como relacionam com a vida escolar?

Muitas das nossas palavras passam por alguns deles como sons que formam ruídos. O dito nem sempre sintoniza com o que pensam, sentem e querem aprender. Por isso, indagamos sobre a centralidade da oralidade primária na prática pedagógica. A mesma ferramenta utilizada pelos antigos para que suas memórias e tradições pudessem ser preservadas, ultrapassando as barreiras do tempo e do espaço no contínuo processo de re-construir a narrativa (LÉVY, 1998).

A despeito de todos os avanços nas comunicações, nossa prática pedagógica é, prioritariamente, centrada na oralidade e na escrita. Na base dessa prática encontra-se a estratégia de retenção do conteúdo escolar pela repetição. Estabelecemos conexões face a face através de olhares que se cruzam; de gestos e sinais com a cabeça, de acatamento ou rejeição e de palavras sobre nossas “verdades” e das “verdades” que postulamos sobre os conteúdos com os quais trabalhamos. Nessa interação oral vamos esclarecendo, diluindo dúvidas, ensinando o conteúdo e, sobretudo, ensinando a ser professor.

Deslocando-nos no espaço da sala de aula, do lugar de professor para onde se encontra o aluno, parece que não nos distanciamos muito dos antigos docentes, daqueles que a história esqueceu ou consagrou. Essa é uma sensação inquietante!

Ao olharmos para fora da sala de aula, nos corredores da Universidade, observando os encontros entre os colegas, as falas fluem e traduzem outras linguagens sobre o que se ouviram no rádio, o que viram na TV ou o que leram no jornal e por onde se navegaram na Internet. São linguagens diversas - ditas não-escolares - que fluem e precisam ser conhecidas em seus mecanismos, para serem trabalhadas dentro das salas de aulas.

O desencontro entre o discurso didático-pedagógico estrito e as linguagens institucionalmente não-escolares demarca a distância que a escola assume da vida, em especial do universo imagético que perpassa toda a forma de comunicação na sociedade atual. Citelli (2000, p.17) chama-nos atenção para o fato de que “o discurso pedagógico, ocupado com as ações processadas na sala de aula, constitui a natureza ‘única e diferenciada’ da retórica escolar”.

Essas linguagens, com suas formas de aquisição, processamento, armazenamento e distribuição, têm seus modos próprios de expressão. A sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos fundamentais de gestão social do conhecimento ainda não foram devidamente incorporadas às salas de aulas. As razões são muitas, dentre elas a falta de suporte técnico das instituições escolares, aliada a falta de preparo de professores e de uma mudança nos processos de ensino, que reclamam novas formas de aprendizagem.

Mesmo que a escrita seja a linguagem valorizada pelo professor, expressando “verdades” através dos textos referenciais, a persistência da oralidade atualizou-se com a insistência da escrita. Juntas, elas - oralidade e escrita- formam a dupla face da prática pedagógica. As representações e as maneiras de situar esta prática, em sala de aula, continuam a serem transmitidas independentemente dos círculos das comunicações eletrônicas e digitais.

A cultura escolar se mantém sobre a égide das linguagens oral e escrita, abrindo pouco espaço para um trabalho mais sistemático com o uso das mídias e sua integração na chamada multimídia (múltiplas possibilidades do uso de vários recursos). Mídia, entendida aqui como suporte de difusão e veiculação de informação (jornal, rádio, televisão, computador), e como forma de organizar e transmitir a informação (mídia impressa, eletrônica, digital), possibilitando a ampliação e a expressão dos indivíduos em sua interação entre eles e entre eles e o mundo. O diálogo e a interação dessas diferentes mídias, que trazem em si formas próprias de linguagem, permitindo diversas formas de expressão, que podem ser chamadas de multimídias.

## 2. Linguagem, mídia, escola

A linguagem é um terreno movediço de encontros e desencontros, marcando homens e mulheres em suas posições, nas interlocuções que estabelecem entre si e o mundo que os rodeiam. Ela marca e demarca territórios, amplia as possibilidades de aprendizagem e de re-construção dos saberes, construindo histórias e fazendo-se na História. “É na e pela linguagem que se pode não somente expressar idéias e conceitos, mas significar como um comportamento a ser compreendido, isto é, como um comportamento que provoca relações e reações” (ARAÚJO, 2004, p. 9).

Porquanto, ela se manifesta de diferentes formas: linguagens orais e escritas (contos populares, discursos políticos, mitos, cordel, romance, divulgação científica etc); visuais, sonoras, audiovisuais e digitais. São diferentes formas de linguagem que exigem diferentes suportes comunicacionais, responsáveis pela transmissão de conteúdos simbólicos e informações, possibilitando, assim, “a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras de relacionamentos do indivíduo com os outros e consigo mesmo” (THOMPSON, 2005, p.13).

A escola não pode deixar de integrar as diferentes formas de expressão e de comunicação à sala de aula, pois estas fazem parte do cotidiano de alunos e professores. Se avançarmos para as redes, especialmente a Internet, que integram as multimídias, estaremos não só articulando a escola à vida cotidiana dos nossos alunos, como também, ajudando-os a se mover nesse universo de informação ao qual eles são submetidos. Desta forma, ajudando-os a pensar melhor sobre o que lêem no jornal, ouvem no rádio, vêem na TV e do que encontram navegando na NET, com uma postura reflexiva, discernindo a informação do conhecimento. Segundo Orofino (2003, p. 111)

A escola, na condição de instituição social, pode e deve desempenhar um papel estratégico como espaço de crítica ao consumo social das mídias. Quanto mais presente e consistente for a crítica que a escola endereçar às mídias, tanto mais forte será a resposta social à sua produção. Através de uma pedagogia dos meios (recepção e produção crítica), a escola pode trazer contribuições para a construção de valores e consciências abertas e oferecer respostas que contribuam para o desenvolvimento do consumo cultural reflexivo, questionador e educativo, tão importante para uma sociedade cidadã.

A cultura escolar tem resistido ao longo do tempo à incorporação das mídias às atividades pedagógicas, sinal de que as transformações escolares são muito lentas.

Os professores sentem que precisam mudar suas práticas; as instituições de ensino até organizam programas inovadores, mesmo que, em grande parte, não considerem as condições objetivas das escolas para realizá-la; as políticas educacionais lançam pacotes com as “novidades” pedagógicas, mas a efetividade destas mudanças ainda não é sentida. As mídias são introduzidas na sala de aula mais como um recurso pedagógico, para motivar, sem que se trabalhem as suas potencialidades em relação à linguagem, aos conteúdos, aos modos de funcionamento, ao alcance das informações e ao entretenimento no cotidiano.

A escola precisa criar espaços para a produção de mensagens através das mídias que permitam uma leitura crítica, possibilitando uma refletividade a respeito da linguagem e do conteúdo que veicula. O uso do vídeo, sua produção, o laboratório jornalístico, a criação de sites e outras formas de atividades pedagógicas permitem colocar as mídias em diversos cenários socioculturais, já que as mesmas estão umbilicalmente ligadas ao nosso cotidiano. Elas nos unem ao mundo em diferentes formas de mediação: local, nacional e internacional, sem seguir naturalmente essa ordem; daí sua natureza intercultural. O mundo se torna pequeno no enquadramento da tela da TV, menor ainda quando navegamos no ciberespaço; isso facilita entendermos sobre a importância das tecnologias da informação e da comunicação nos espaços escolares presenciais, como também na EAD, na promoção (ou não) de espaços críticos e criativos sobre a informação, além do entretenimento que esses meios veiculam.

Na formação de professores se amplia o debate sobre os usos de tecnologias da informação e da comunicação aplicadas à educação. Porém, isto não significa que estes tenham o

[...] domínio total da pluralidade de linguagens e mecanismos de representação disponibilizados pela enorme variedade de suportes comunicacionais, mas ajustar realidades que permitem criar uma cultura da atenção para o jogo dialógico entre os códigos e sistemas que elaboram, na diferença, os modos de aprender a aprender, de transmitir a informação, de estimular o conhecimento, conforme parecem seguir os processos de ensino mais adequados ao mundo contemporâneo (CITELLI, 2000b, p. 32).

Isto implica, no dizer de Sampaio e Leite (2000), a necessidade de que o professor passe por um processo de alfabetização tecnológica, empregando as linguagens usadas na comunicação de massa, de forma crítica e criativa. O que não dá mais é: a escola continuar na sua prática de “cuspe e giz”, ignorando as linguagens dos meios de comunicação eletrônicos e digitais tão presentes no cotidiano de todos nós.

Mercado (1999, p.42) afirma que a formação de professores deve levar em conta a necessidade de fomentar a autoformação no educador, ensinando-lhe a buscar, em sua prática, refletir e integrar os recursos tecnológicos e da multiplicidade de linguagens. Isso implica em “uma nova configuração do processo didático e metodológico, inserção crítica dos envolvidos, formação adequada e propostas inovadoras”.

Nessa direção, Belloni (1999) chama atenção para a mediatização das mensagens pedagógicas: de um lado a seleção dos meios mais apropriados para determinadas práticas escolares, considerando os objetivos e a didática determinada; de outro o discurso que se adequa as características técnicas dos meios escolhidos.

Há “montanhas” de informações que são processadas cotidianamente e nem sempre se transformam em conhecimentos. Sabemos que “a síntese de um conhecimento ocorre sempre a partir de informações, mas o conhecimento em si mesmo não deve ser confundido com os dados informativos” (PAIS, 2002, p.19). São desafios postos para a escola, exigindo uma nova organização para renovar-se culturalmente e para poder navegar neste universo de informação, mas seguindo a bússola do que pode ser conhecimento socialmente apropriado para ser construído pela escola. Esse relacionar-se exige o conhecimento crítico das diferentes linguagens que, gradativamente, invadem o espaço escolar.

Não podemos esquecer de que, concomitantemente e retroalimentando as descobertas científicas, o desenvolvimento tecnológico extraordinário tem contribuído substancialmente para as mudanças educacionais. Interessa a tecnologia que, como conjunto das aplicações dos conhecimentos científicos, as atividades humanas modifiquem profundamente a vida em sociedade, as relações de trabalho, o setor produtivo e, sobretudo, os processos de comunicação. Isso requer mudança de paradigma (no sentido de KUHN, 1997) que possa desconstruir muitas das práticas pedagógicas atuais, pautadas na égide do discurso verbalístico, memorístico e mecanicista para outro, chamado emergente<sup>1</sup> (MORAIS, 1997a; OLIVEIRA, 2006a).

Morais (1997b) destaca a emergência de um novo paradigma educacional como sendo: construtivista, em função da perspectiva de construção e re-construção do conhecimento; interacionista, porque viabilizaria o intercâmbio entre sujeito, objeto e meio ambiente; sócio-cultural, pois tanto o ser como o conhecimento são construídos em uma relação transcendental, buscando-se um contato com a totalidade indivisível. Nesta perspectiva a autora ressalta a importância das TIC para o desenvolvimento da aprendizagem humana (seguindo os passos do Lévy ao tratá-las como tecnologias da inteligência).

Oliveira (2006, p. 32), remete-se ao contexto das novas propostas pedagógicas e metodológicas, salientando que os usos das TIC não garantem por si só, a inovação

---

<sup>1</sup> Santos (2003) faz considerações ao paradigma emergente ressaltando algumas teses: todo conhecimento científico-natural é conhecimento-social, todo conhecimento é local e total, todo conhecimento é autoconhecimento e que todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum.

educacional, pois o “salto transformador depende da forma como os instrumentos tecnológicos são utilizados para superar a reprodução do conhecimento e contribuir para a produção de um saber significativo e contextualizado”. Assim, o grande desafio, é a forma como o conhecimento é tecido em rede, metabolizado pelo sujeito em suas relações inter-pessoais e inter-grupais.

Destarte, é possível afirmar que TIC são elementos estruturantes da prática educativa. A conectividade permite às pessoas uma gama de escolhas entre um site educativo e as mais diversas formas de propaganda e divulgação, inclusive as mais cruéis, pornográficas e racistas. Por isso, é preciso pensar na necessidade de que as TIC aplicadas ao sistema educacional sejam norteadas por princípios que formam um cidadão criativo, crítico, investigativo e autônomo, capaz de poder redefinir suas opções em rede.

Se compreendermos que a educação pode ser uma prática social e cultural que se alicerça em conhecimentos científicos e tecnológicos, para efetivá-la a partir de tais parâmetros é necessário acompanhar as discussões sobre as mudanças na prática educativa. Porquanto, o processo educativo caminha cada vez mais para métodos centrados na aprendizagem em que o aluno deixa de ser um armazenador de informações, para assumir o papel de re-constitutor do conhecimento. Isso implica afirmar que o professor orienta e media o processo de aprendizagem de seus alunos, assumindo cada vez mais a responsabilidade por seu sucesso escolar, desde que trabalhe de forma diversificada e enriquecida, utilizando-se das linguagens midiáticas, mas sem perder de vista as imbricações sociopolíticas e econômicas de sua prática.

Com o crescente processo de globalização e internacionalização da economia e das TIC, persiste a idéia de que é preciso estabelecer relações mais coesas entre escola e realidade sócio-cultural, re-significando as experiências escolares.

Nesse novo contexto, a visibilidade dada aos projetos na escola ultrapassa o caráter técnico-metodológico do seu nascedouro, para se caracterizar como uma postura pedagógica, cujo princípio educativo é a interdisciplinaridade/transdisciplinaridade,<sup>2</sup> respaldando-se as diferenças entre estes dois conceitos. Por isso, torna-se tão importante criar espaços para novas formas de linguagem através das diferentes mídias impressas, eletrônicas e digitais, mas trabalhadas de forma integradas (multimídia e hipermídia) sob a configuração de rede de conhecimentos. O acesso a Internet pode permitir formas de aprendizagem colaborativas através da rede de conhecimento, mediante a pedagogia de projetos,<sup>3</sup> tanto na educação presencial como na educação a distância.

<sup>2</sup> O uso de termos como interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no processo de construção de conhecimento é hoje o grande desafio para a prática pedagógica. Interdisciplinaridade como a interação entre duas ou mais disciplinas, de conceitos diretores, de metodologia e de pesquisas, permitindo o intercâmbio entre os conhecimentos-saberes; transdisciplinaridade como a interdependência de todos os aspectos do saber e da realidade, sendo a síntese dialética provocada pela interdisciplinaridade bem sucedida.

<sup>3</sup> Neste início de século, o trabalho educativo por meio de projetos tem sido respaldado como uma grande inovação no processo pedagógico de ensino e aprendizagem. No entanto, ele remonta ao final do século XIX e início do século XX, com a difusão da Escola Nova e, especialmente com as idéias de John Dewey e W. Kilpatrick.

Há várias denominações para a prática pedagógica através de projetos como:

- método, com etapas definidas, usados desde os anos 20 do Século XX, e na atualidade fazendo o uso do computador, como um conjunto de conhecimentos pelos quais se chega ao saber, mas não se pode fixar, previamente, todos os detalhes do caminho a ser percorrido (PAIS, 2002);
- postura pedagógica, uma mudança de pensar e repensar a escola, a prática pedagógica e os espaços escolares (AMARAL, 2000);
- projetos didáticos, entendidos como “um empreendimento único (no sentido de que depende do grupo de alunos: seus interesses, motivações, conhecimentos prévios), não repetitivo, com início e fim determinados e formalmente organizado” (ARTEIRO, 1998). Compreendendo-se neste sentido como uma metodologia/um método;
- pedagogia de projetos, ampliando o conceito de projetos temáticos usado pela escola como forma de investigar e criar, passando por processo de pesquisa, aprofundamento, análise, depuração e criação de nova hipótese...” (NOGUEIRA, 2004);
- projetos de trabalho, como uma concepção de educação e de escola que permite a abertura para os conhecimentos e os problemas que vão além do currículo básico. “Para insistir em que não se trata de uma metodologia didática, e sim de uma maneira de entender o sentido da escolaridade baseada no ensino para a compreensão” (HERNÁNDEZ, 1998);
- projetos educacionais, cujo objetivo é criar situações de aprendizagem contextualizada através do uso das TIC, especialmente em cursos de formação de professor (VALENTE, 2003).

Optamos por chamar de projetos pedagógicos, tentando sintetizar aqui essas visões: como uma concepção de teoria e prática educativa, norteadas pelos princípios da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade que possibilitam a (re)construção dos conhecimentos de forma criativa, crítica e global, próximo a idéia de Hernández (1998).

É uma visão de totalidade, na qual o conhecimento é construído usando sensações, emoções, razão e a intuição; em cujos ambientes educativos, as TIC assumem papel singular, como espaço de construção de novas agendas culturais e de novas estratégias de ensino e aprendizagem. A escola, então, é convocada a participar deste processo de formação, superando os velhos esquemas didáticos e disciplinares em favor de um currículo integrado, constituído por “núcleos que ultrapassam os limites das disciplinas, centrados em temas, problemas, tópicos, instituições, períodos históricos, espaços geográficos, grupos humanos, idéias etc” (SANTOMÉ, 1998, p. 25).

O que se pretende é uma prática pedagógica que gere necessidades de aprendizagens e, neste caso, as disciplinas são instrumentos culturais para ajudar os alunos a refletir sobre temas e resolver problemas. Assim, o projeto pedagógico permite, por meio da participação ativa dos educandos, vivenciar as situações-problema, refletindo sobre elas e tomando atitudes diante dos fatos, formando conceitos e valores, competências básicas a serem construídas na escola básica (PERRENOUD, 1999).

O cuidado que devemos ter ao trabalharmos nesta perspectiva é o de não reduzirmos as questões educacionais aos aspectos pedagógicos e psicológicos, assumindo os projetos numa discussão mais ampla dos princípios educativos que queremos abraçar. Se não trabalharmos a construção do conhecimento dentro da escola, intermediados por uma perspectiva histórico-cultural, estaremos reduzindo, novamente, como fizeram os escolanovistas e os tecnicistas, a educação a um conjunto de métodos e técnicas de adaptação do indivíduo à sociedade. Desse ponto de vista, estaremos assumindo os projetos pedagógicos como uma técnica ou uma metodologia, sem incorporar, de fato, as contribuições da ciência atual, transpondo disciplinas e vivenciando uma postura pedagógica interdisciplinar/transdisciplinar.

### 3. Sinalizações...

Idéias circulam no contexto educacional, em particular, na formação de professores, que traduzem novas agendas internacionais articuladas às TIC. Nesse cenário, uma grande parte da população mundial vive na extrema pobreza, a margem das “maravilhas” do desenvolvimento tecnológico e das descobertas científicas. Mas, na contramão dessa realidade, discutem-se cada vez mais formas de encontros entre os diferentes e entre culturas diversas, cuja mediatização se dá pelos meios de comunicação. Multiculturalismo, pluriculturalismo, interculturalidade (FLEURI, 2003), cada um com seus conceitos vão sendo incorporados na complexa trama das relações sociais, cujos reflexos já se fazem presentes na chamada educação intercultural.

Os diálogos, o sentido de pertencimento, em um mundo globalizado que tem derrubado fronteiras culturais por conta das TIC, sinalizam novas possibilidades e novas aspirações para que a escola possa ser, de fato, mais um espaço para re-significar as diferenças em níveis pessoal e social. Isto implica em uma nova moldura da prática escolar, a partir da qual centralidade da oralidade integrada e integralizando as mídias antigas e novas, possam trazer expressiva mudança na forma de construir o conhecimento, de selecionar uma informação, compreendendo os mecanismos e o funcionamento destas no contexto social, de forma mais reflexiva.

A pedagogia de projetos apresenta-se como uma alternativa para um trabalho colaborativo na construção de vivências e experiências com as mídias, no processo de formação de professores presencial e a distância. A fala, aliada fundamental na comunicação humana, não perde sua centralidade, mas a prática pedagógica com os usos das mídias, com certeza, amplia sobremaneira a forma de expressão e de comunicação, conseqüentemente, com novas abordagens de aprendizagem.

Nosso desafio foi o de transformar em espaço de sala de aula em um espaço de produção colaborativa através da elaboração e execução de projetos, para a produção e/ou incorporação das mídias no ensino: mídia impressa, auditiva, visual, áudio-visual e digital.



Os jornais em sala de aula foram trabalhados em seus diversos aspectos: título (síntese), linguagem, estrutura (abertura, reportagem, artigo, crônica, entrevista). Em seguida, os alunos eram solicitados a construir o projeto gráfico (diagramação e paginação) (FARIA e ZANCHETTA, 2002) do seu jornal. Normalmente, o trabalho era produzido em uma determinada escola da Educação Básica, a partir do estudo de jornais locais. Formavam-se os grupos para a construção das matérias e era montada a “boneca” do jornal. A experiência era fotografada e, em seguida, passadas para o computador onde se procedia a diagramação com textos e imagens, montando-se a edição.

Os alunos recebiam o jornal e trabalhavam novamente os aspectos formais da linguagem jornalística, a(s) temática(s) do que era trabalhado e o sentido da própria experiência para os alunos da escola e para os formandos.

Os alunos também fizeram uma experiência com a produção de uma fotonovela. Foram até uma escola, trabalharam com conto e depois produziram o roteiro de falas, o cenário, e fotografam as crianças. Em seguida, as imagens eram montadas em um design de fotonovela sistematizada com o uso do computador. Reapresenta-se o produto gráfico às crianças, para a realização de atividades de leitura e discussão em torno do conteúdo do impresso.



O rádio é um poderoso meio educativo, pois apesar de não vivermos mais na era de ouro do rádio (anos 50), temos uma cumplicidade com ele: “Dirigir, ler, trabalhar (em casa, no escritório, nas lojas do shopping, no corte de cana, na lavoura) tomar banho, correr na praia, descansar, enfim quase todas as nossas atividades podem ser embaladas ao som desse bom e velho companheiro” (SILVA, 2000, p.155). Os alunos também produziram programas de rádio versando sobre temas transversais, preconizados nos PCN, ligados a questões sexuais e ambientais.

Todo o processo de criação era dos alunos: definição do tema, pesquisa, elaboração do roteiro, criação de vinheta e, com ajuda de um técnico de laboratório de rádio, o programa era editado, contando com o apoio do Centro Audiovisual da Universidade Federal de Sergipe (CEAV). Em seguida, os licenciandos iam até uma escola e executavam o programa, discutiam com as crianças e avaliavam a sua produção.

Um dos aspectos importantes é a leitura de imagem, especialmente da televisão como meio de comunicação de massa e que hoje já está integrada à informática.

Trata-se de leitura de imagens gráficas, sonoras, audiovisuais, e a aprendizagem dos elementos que a compõem. Essa leitura é mapeada pelas experiências, pela memória, pelo marco cultural e contextual do indivíduo variando, portanto, de sociedade para sociedade. Nesse caso a imagem re-cria a realidade e deve servir de instrumento para o pensamento e a reflexão.

A importância de se trabalhar com a TV na formação de professores tem sido objeto de vários programas do MEC desde a década de 1960, quando ela entrou no Brasil. Em 2003-20004, houve um curso de capacitação de professores a distância TV Escola e os desafios de Hoje que procurou atender a um grande número de professores em serviço.

Até agora se tem falado apenas da imagem que inunda o mundo e que nos leva a uma pedagogia do consumo repetido de imagens. É preciso ampliar e aprofundar a reflexão sobre a questão da produção individual (ou em pequenos grupos) da imagem, quer como produção amadora ou profissional. Esse talvez seja um ponto de virada na questão da pedagogia da imagem: passar da condição de consumidor para o de criador (TV Escola, 2000, p. 24).

Sabemos o quanto é importante para o professor o domínio da linguagem da TV e os modos de compreendê-la, já que estamos submetidos constantemente a imagens, sendo educados ou deseducados por elas. A TV fala aos sentimentos, mexendo com os nossos instintos, nossas fantasias, desejos. Seu poder de sedução é muito grande, ao combinar múltiplas formas de linguagens como imagens, falas, músicas, escritas, numa narrativa que flui e cujas mensagens subliminares captamos de forma não consciente. Cabe, pois, ao professor, no uso da TV Escola ser o mediador entre as mensagens da TV e a sua recepção/interpretação pelos alunos, exigindo conhecer ambos, a TV e os seus destinatários. Assim, aprofundar e explorar a compreensão dos programas de TV, numa espécie de releitura criativa e seletiva, entendendo os gêneros televisivos com suas características e conteúdos aproximativos que se organizam.

É possível aprender em programas de TV que não são produzidos para educar, unindo-se entretenimento-aprendizado, mas perceber que não recebemos

as mensagens passivamente, mas as elaboramos, conforme nossa visão de mundo e nossos interesses. A produção de vídeo foi uma experiência largamente utilizada na elaboração de projetos pedagógicos.

A produção de multimídia e sites seguiu passos similares aos anteriores: definiram o tema, pesquisaram, elaboraram o projeto, acrescentando o roteiro de vídeo, coleta de imagens, seleção e editoração, muitos deles com o apoio do CEAV. Da mesma forma, definiram um tema elaboraram o projeto e traçaram o desenho dos sites (design), com os seus links, puseram no ar e trabalharam em uma escola que dispunha de laboratório de informática.

Foram também construídas páginas (Sites) sobre temas pesquisados (já fora do ar), e multimídia, a exemplo do Rio São Francisco. Além disso, foi montado um blog, no último semestre, sobre Educação e Tecnologias destinado a formação de professores, postado na Plataforma Moodle, onde trabalhamos parte da disciplina. O ambiente virtual de aprendizagem, com chat, fórum de discussão e postagem de atividades desenvolvidas pelos alunos a distância mostrou-se especialmente complicado, em razão da falta de laboratórios adequados e disponíveis na Universidade.

Esses exemplos indicam que há diferentes possibilidades de construção de um projeto pedagógico em sala de aula, mas, certamente, há ricas experiências de outros projetos colaborativos realizados em rede.

O trabalho com projetos na formação de professor ganha cada vez mais espaço, tanto para o ensino, quanto para a pesquisa. Trata-se de incorporar e integrar as diferentes linguagens da mídia, considerando-as como possibilidades importantes na construção de saberes, mediante o desenvolvimento de aprendizagem colaborativa através de projetos. Ressaltamos ainda a importância de se pensarmos estes projetos dentro de uma discussão mais ampla de mudanças de paradigmas e a incorporação das TIC, redimensionando assim a forma de se ensinar e se aprender.

## Referências

AMARAL, Ana L. Um olhar sobre os projetos de trabalho. Salto para o futuro: um olhar sobre a escola. Secretaria de educação à distância. Brasília: Ministério da Educação, SEEd, 2000.

ARAÚJO, Inês L. Do signo ao discurso: introdução à Filosofia da Linguagem. São Paulo: Parábola, 2004.

ARTEIRO, Ana L. Projetos didáticos. I Encontro norte/nordeste de educadores (resumos). Centro de Convenções de Pernambuco, 20 a 21 de novembro de 1998.

BARREIRA, Karla V. Projetos de trabalho. um novo caminho por um mundo novo. Linha Direta em Revista. Minas Gerais: Sinepe, Ano 2, 2000.

BRASIL. TV na escola e os desafios de hoje. Curso de extensão para professores do ensino fundamental e médio da rede pública. FIORENTINI, Leda M. ; CARNEIRO, Vânia L. (coordenadoras). UNIREDE E SEED/MEC. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

CITTELLI, Adilson O. Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos e informática. São Paulo: Cortez, 2000.

FLEURI, Reinaldo M. (org.). Educação intercultural: mediações necessárias. São Paulo, DP&A, 2003.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 1998.

MERCADO, Luís P. Formação continuada de professores e novas tecnologias. Macció: Edufal, 1999.

MORAES, Maria C. O paradigma educacional emergente. Campinas: Papirus, 1997.

NOGUEIRA, Nilbo R. Pedagogia de projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. 3 ed. São Paulo: Érica, 2004.

OLIVEIRA, Elza G. Educação a distância na transição paradigmática. 2 ed. Campinas: Papirus, 2003.

OROFINO, Maria I. Mídia e educação: contribuições dos estudos da mídia e comunicação para uma pedagogia dos meios na escola. In: FLEURI, Reinaldo M. Educação intercultural: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PAIS, Luiz C. Educação escolar e as tecnologias da informação. São Paulo: Autêntica, 2002.

SAMPAIO, Marisa N.; LEITE, Lígia S. Alfabetização tecnológica do professor. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTOS, Boaventura S. Um discurso sobre as ciências. 14 ed. Porto, Portugal: Apontamento, 2003.

SANTOMÉ, Jurjo T. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

TOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VALENTE, José A. Curso de Especialização em desenvolvimento de projetos pedagógicos com o uso das novas tecnologias: descrição e fundamentação. In: VALENTE, João A.; PRADO, Maria E.; ALMEIDA, Maria E. Educação a distância via Internet. São Paulo: Avercamp, 2003.

# WEBRÁDIO: MEIO INDUTOR PARA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Mary Lourdes Scofield Osório  
Anamelea de Campos Pinto

## 1. Introdução

O rádio é um meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras para um grande número de pessoas. Sua tecnologia é a mesma da radiotelefonia - transmissão de voz sem fios - e passou a ser utilizada, na forma que se convencionou chamar de rádio, a partir de 1916, quando David Sarnoff, um russo radicado nos Estados Unidos, previu a possibilidade de cada indivíduo possuir um aparelho em casa.

Segundo Blois (2008), o rádio nasceu educativo e cultural, na Sala de Física da Escola Politécnica, da cidade do Rio de Janeiro, por uma iniciativa do antropólogo Edgard Roquete Pinto, em princípios da década de 20. Foi a primeira manifestação de como a tecnologia poderia ser utilizada nas práticas educacionais, rompendo as barreiras mais formais da escola.

O rádio é o jornal de quem não sabe ler, é o mestre de quem não pode ir à escola, é o divertimento gratuito do pobre.  
(ROQUETTE PINTO, 1923)

Para Meditsch (2001), o rádio é como o patinho feio: invisível, em plena era da imagem; oral, numa cultura onde se dá muito mais valor ao que está escrito; fulgaz, numa civilização que privilegia a posteridade e, segue em direção contrária ao sistema econômico e político que se baseia no acúmulo, mas também, aparece em várias situações como um cisne: possui o maior índice de alcance de público com números absolutos de audiência.

Assim, atuando como agente de informação e formação, o rádio vem cumprindo uma importante função social. Seu caráter imediatista possibilita a interação dos fatos no momento em que acontecem e, a sua linguagem estimula a imaginação e o subjetivo, fazendo o ouvinte tentar visualizar o dono da voz, bem como o que está sendo dito.

## 2. Radio para formar e educar

Não há limite para a comunicação radiofônica. São inúmeras as propostas pedagógicas utilizando o rádio, permitindo o desenvolvimento de uma escuta reflexiva, uma fala questionadora e uma capacidade criativa de transmitir significados.

A sua pouca utilização como ferramenta pedagógica deve-se, em grande parte, à falta de formação dos docentes, que muitas vezes buscam a utilização das tecnologias que já dominam limitando suas aulas às praticas ultrapassadas e pouco interessantes para a era da informação.

Como instrumento de busca de conhecimento e de integração do aluno com o meio que convive, as rádios escolares provaram sua importância ao levar informação, com rapidez e eficiência, aos ouvintes dos lugares mais remotos. Os ganhos são muitos, uma vez que o retorno mostra-se visível em um curto espaço de tempo, como por exemplo: a ampliação do vocabulário, a melhor compreensão textual, e o aprimoramento da escrita.

Enquanto ação educativa, o rádio na escola, privilegia a auto-estima e a autovalorização dos membros da comunidade, ampliando as vozes tornando-os agentes e produtores culturais, reforçando o modelo democrático e participativo, ocupando seu espaço no universo comunitário e extra-curricular.

O diálogo e a interação constituem elementos fundamentais na redução das distâncias físicas e das possíveis barreiras emocionais entre professores e alunos, alunos e alunos, professores e professores, direção e alunos, e entre funcionários, alunos e professores.

O rádio promove a participação de todos. Ele cria um clima positivo nas relações interpessoais, possibilitando um vínculo afetivo entre os envolvidos no processo, proporcionando o pleno exercício da cidadania, gerando projetos especiais em Comunicação, Ciência e Artes.

No início dos anos 60, a partir do Movimento de Educação de Base (MEB) - vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o rádio foi utilizado, para formar e educar, transmitindo programas de educação popular, na perspectiva de formação e qualificação, como desejava Paulo Freire.

A Rede Integrada de Comunicação (RIC), mostra que ele é o veículo com o mais alto índice de audiência em todas as classes sociais, como revela a tabelas a seguir:

## Audiência por Classe Social

MEIO	A/B	C	D/E
Rádio	41%	45%	46%
TV	32%	36%	36%
Jornal	16%	10%	5%
Revista	4%	3%	3%

Fonte: Rede Integrada de Comunicação (2008)

## Audiência por Faixa Etária

10 a 14 anos	46 %
15 a 19 anos	45 %
20 a 24 anos	36 %
25 a 29 anos	5 %
30 a 39 anos	36 %
40 a 40 anos	3 %
Mais de 50 anos	10 %

## Nível de Escolaridade

2º grau completo	49 %
Curso superior	37 %
Outros	14 %

Fonte: Rede Integrada de Comunicação (2008)

Em 1979, foi criado, em caráter informal, o Sistema Nacional de Redes Educaticas (SINRED), mas somente em 1982 recebeu respaldo legal, por meio da Portaria MEC/MINICOM nº 162. Em 1983, o Sistema passou a denominar-se Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa – SINRED e foi regulamentado pela Portaria MEC nº 344.

Segundo Blois (2008), somente em 1995, com o SINRED extinto, as radios educativas conseguiram consolidar o compromisso dos radialistas com a educação ampliando a programação às emissoras comunitárias e acompanhando as inovações tecnológicas até o surgimento das transmissões pela Internet, um veículo de comunicação revolucionário que interliga computadores por meio de uma rede comum de protocolos e serviços, a partir da qual qualquer usuário conectado pode usufruir de informação e comunicação de alcance mundial. Há, ainda, uma significativa parcela da sociedade que não tem acesso a esta rede e, conseqüentemente, está excluída deste processo.

### 3. A população conectada

Hoje, não mais existe a distância geográfica. As antenas parabólicas, os satélites, as repetidoras, as fibras óticas, os computadores com acesso à internet, enfim, todas

as tecnologias levam a informação a qualquer lugar e as teorias da Comunicação demonstram a necessidade de pensar e de planejar cuidadosamente prevendo, uma a uma, as etapas de utilização de cada alternativa disponível, bem como, o público que se quer atingir. As interfaces entre o homem e a máquina prometem a quebra dos vários paradigmas que acompanham essas inovações tecnológicas.

Muitos não sabem ainda o que é um computador. São indivíduos excluídos, alijados da sociedade atual, na qual as máquinas fazem parte da vida de um número expressivo de pessoas fazendo-as tão dependentes das máquinas, que já não conseguem viver sem o auxílio delas.

Dos estados brasileiros, São Paulo é o que possui o menor índice de desigualdade digital no País. Dados da última Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em 2005, revelam que Alagoas e Maranhão são os estados com o mais alto índice de discriminação digital. Segundo mapeamento realizado a partir de dois indicadores (Internet domiciliar e uso de Internet) 14,7% da população brasileira, com 10 anos de idade ou mais, residia em domicílio com acesso à Internet. Em Alagoas, este índice cai para 4,5% enquanto o Distrito Federal exhibe uma taxa de 41,1% da população conectada.

Apesar de índices tão baixos, Alagoas começa a entrar na era digital. Relatório apresentado pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA) mostra que o número de computadores no Estado saltou de 40,8 mil, em 2004, para 49,9 mil um ano após – o que representa um crescimento de 24%. Mesmo assim, com este considerável crescimento, maior que a média nacional, que foi de 16,4%, o estado ainda possui o mais alto índice de exclusão digital, representando 93,4% da sua população.

#### 4. O Rádio, a Internet, e a Divulgação Científica

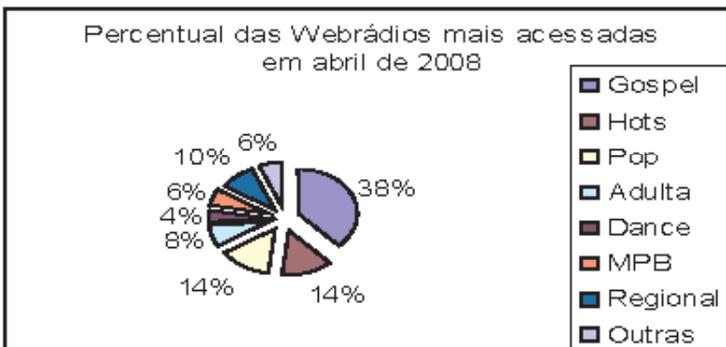
Pesquisadores na área da Comunicação reconhecem que um novo meio (ou uma nova tecnologia) não anula o anterior, pois esses meios acabam se acomodando e/ou se adaptando, para coexistirem. O exemplo mais tradicional que costuma ser dado é o do rádio: ele não se extinguiu com a chegada da televisão, nem com a chegada da Internet. Suas bases estão alicerçadas em quatro elementos: palavra, música, efeitos sonoros e silêncio. Estes elementos podem ser utilizados em qualquer comunicação radiofônica, independente do seu tempo de duração, seu formato, tipo de texto ou do seu conteúdo. A escolha de quais e quantos destes elementos vão integrar o processo comunicacional e, também o momento em que devem aparecer vai depender, exclusivamente, do resultado que se pretende.

A sensorialidade confere ao rádio uma especificidade vantajosa na comunicação. Ele consegue, pela empatia, envolver o ouvinte com muita facilidade, criando uma espécie de “diálogo mental” com o emissor.

Esse diálogo agora se estende face à integração da mídia rádio à Internet. Cabe ressaltar que a primeira transmissão do rádio pela Internet data de setembro de 1995, no Texas, pela KLIF, tornando-se a primeira emissora comercial a transmitir, de forma contínua e ao vivo, pela Internet.

Muito pouco foi publicado, no Brasil, sobre este tema. Sabe-se que, entre abril de 1996 e abril de 2000, a quantidade de emissoras via web saltou de 56 para 3.763 sendo que o pioneirismo coube à Rádio Itatiaia e, que de 1997 até setembro de 2000 o sistema online já contava com 191 emissoras (Centro Universitário Nove de Julho, 2007).

Atualmente, existem cerca de 13.000 estações de rádio transmitindo pela Internet. A estatística de acessos, nas cem mais procuradas estações, registrada no principal portal de Webrádios do país, acompanhada de setembro de 2007 até o momento, mostra que a maioria das emissoras acessadas é de conteúdo religioso, mais propriamente de música Gospel.



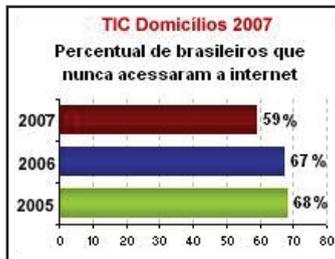
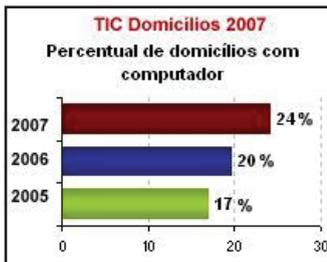
Fonte: Rádios ao Vivo (2008)

O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) divulgou, em 2006, que o número de pessoas que sintonizam o rádio diariamente, na maior parte das metrópoles brasileiras, é bem maior do que as que assistem a televisão. A quantidade de emissoras, apenas na grande São Paulo, ultrapassa a casa dos 6.000, sendo inferior apenas aos Estados Unidos. 89% dos jovens brasileiros apontaram o rádio como sua segunda fonte de diversão, de segunda a sexta feira, ficando atrás, apenas, da televisão. Nos finais de semana isto se inverte: a preferência passa a ser do rádio.

Desde meados do século passado com o avanço e a disseminação das TIC houve a possibilidade, ainda que incipiente, de diminuir o dualismo cultural e econômico da sociedade brasileira por meio da difusão de conteúdos educacionais para comunidades tão díspares em nosso país. No entanto, segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil (GGI), apenas 24% (11 milhões) das famílias brasileiras possuem computador e 17% (7 milhões) possuem acesso à Internet. Quanto ao local de seu uso individual, 45% frequenta locais públicos de acesso pago e, 87% dos indivíduos procuram a internet para buscar informações e serviços online. Para fins educacionais, registra-se um percentual de 73%. Destes, 64% realizam atividades e pesquisas escolares. Percebe-se uma continuidade do dualismo histórico e social que se reflete na aquisição reduzida de equipamentos de informática, dificultando o acesso de grande parcela da população à rede mundial de computadores.

Os fatores socioeconômicos e as desigualdades regionais ainda são os principais determinantes do acesso à Internet no Brasil: quanto maior a renda e a escolaridade, maior o acesso; regiões mais ricas têm mais acesso. Ou seja, a exclusão digital continua acompanhando a exclusão social no país (CGI, 2008).

#### TIC Domicílios e Usuários setembro novembro 2007



Grande parte da população encontra-se a parte deste processo. Não possuem acesso ao conhecimento e nem à informação. É preciso incentivar projetos que despertem a reflexão e o fazer científico, bem como aproveitar os Pólos Presenciais nos quais as Instituições Públicas de Ensino Superior estão presentes pelo Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), já implantados, entrelaçando as devidas conexões para combater a exclusão digital trabalhando temas que agreguem valor ao cotidiano das pessoas para serem veiculados pela webrádio, tais como:

- Diversidade biológica;
- Diversidade cultural;
- Por que Biodiesel?;
- Por que se fala tanto de Clima na TV?;
- Já nascemos sabendo?;
- Por que a água apaga o fogo?;
- O que é Efeito Estufa?;
- As noções de Simples e Complexo;
- A Ciência e a Democracia;
- As relações Sociedade e Natureza;
- Os transgênicos são a solução ?;
- A questão dos Fármacos e a Saúde Pública;
- As Relações de Poder;
- Ação e Reação? O que é isso?;
- Que são ondas eletromagnéticas?;
- O que é Geopolítica?;
- O que é Geografia?;
- O que é Espaço?;
- O que estuda a Meteorologia?;
- O que é IDH?;
- O que é Inclusão Digital?;
- Qual é o Método da Ciência?;
- A Ciência tem um Método ou Vários Métodos?;
- O que é Conhecimento?;

Essa proposta da implementação de webrádios nas universidades participantes do Sistema UAB é uma idéia muito simples, exequível e inclusiva envolvendo alunos, professores e a comunidade circunscrita, em princípio, nos Pólos Presenciais, pois com um único endereço de IP (broadcast), é possível enviar a programação a todas as máquinas conectadas no momento da transmissão.

## 5. Agência Ciência Alagoas

Já em andamento e com a intenção de contribuir para o desenvolvimento da divulgação científica, proporcionando um maior embasamento dos temas de C&T, em especial as executadas no âmbito da Universidade Federal de Alagoas, fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL), a Instituição criou a Agência Ciência Alagoas, um serviço gratuito de divulgação de notícias em áudio, para reprodução livre pelas rádios, com foco em matérias, reportagens e notas sobre Ciência e Tecnologia, um exercício didático, da disciplina jornalismo científico, do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo. Fazem parte da equipe jornalistas, radialistas e estagiários, servidores, estudantes e bolsistas do CNPq.

**Agência Ciênci@lagoas**

**Agência Ciênci@lagoas**

**Sobre Nós** (W) Sexta-feira, 3 de Setembro de 2008

**Objetivos do Projeto** (W) :: Brasil vai "esconder" gás carbônico no fundo do mar

**Quem Faz** (W) :: Gustavo Steinberg faz palestra sobre Festival do Minuto

**Parceiros** (W) :: Ministérios da Educação e Cultura lançam o Edital do ProExt Cultura 2008

**Noticias Antiga** (W) Quarta-feira, 1 de Outubro de 2008

**Arquivos** (W) :: Centro de Tecnologia da Ufal realiza debate sobre o pré-sal

**Links** (W) :: Exposição "Nós" é atração da Pinacoteca da Ufal

**Contate** (W) :: Comunidade nanica em Alagoas atrai pesquisadores

Agência Ciência Alagoas (<http://ciencia.fapeal.br/?pg=paginas/index-htm>)

Todo o conteúdo editado pela Agência é livre, desde que citada a fonte. Os temas das matérias elaboradas são basicamente os projetos, e as pesquisas desenvolvidas ou em desenvolvimento na universidade, proporcionando, assim, uma maior visibilidade do saber científico e tecnológico gerado no estado.

Com iniciativas como estas, boa parte do conhecimento científico que é gerado pelas Instituições Públicas de Ensino Superior seriam socializadas para as camadas sociais, que historicamente estiveram alijadas do processo educacional, e que com este movimento lento e contínuo de inclusão, fica despertado o gosto por algo que antes parecia tão inatingível para essas pessoas, além de promover a formação de sujeitos autores/leitores/ouvintes críticos, melhorando, a curto e médio prazos, a qualidade da Educação Básica do estado de Alagoas e do país.

#### Referências

BARBOSA FILHO, André. Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BASTOS FILHO, Jenner B. Projeto Futuro Cientista Pensando. Maceió: UFAL, 2007.

CENTRO UNIVERSITÁRIO NOVE DE JULHO. Rádio online como ferramenta da comunicação corporativa participativa. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/junior-nilthon-radio-online.pdf>. Acesso em 17 abr 2008.

BLOIS, Marlene. Rádio educativo no Brasil: uma história em construção. Disponível em: [http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18771/1/2002\\_NP6BLOIS.pdf](http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18771/1/2002_NP6BLOIS.pdf). Acesso em 4 mai 2008.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa de informações básicas municipais: perfil dos municípios brasileiros - MUNIC 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/2006munic2006.pdf>. Acesso em 6 mai 2008.

CGI-COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Centro de Estudos sobre as Tecnologias de Informação e da Comunicação. Uso e posse de computador e internet, barreiras de acesso, uso do celular, intenção de aquisição. Brasília/CGI, 2008. Disponível em: <http://www.cetic.br/usuarios/tic/2007/destaques-tic-2007.pdf>. Acesso em 6 mai 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Luis Paulo Leopoldo Mercado (Org.)

MEDITSCH, Eduardo. O rádio na era da informação: teoria e prática do novo radiojornalismo, Florianópolis: Insular; Edufsc, 2001. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/al230520016.htm>. Acesso em 6 mai 2008.

RADIOS. Disponível em: <http://www.radios.com.br/>. Acesso em: 27 set. 2007.

Rede Integrada de Comunicação. Disponível em: <http://www.rederic.com.br/Telas/amidia.htm>. Acesso em 6 mai 2008.

WASELFSZ, Julio J. Mapa das desigualdades digitais no Brasil. Disponível em: <http://www.ritla.netg> . Acesso em: 08 set.2007.

# USO DO BLOG NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Eroneide Firmino do Nascimento  
Luciária da Rocha Silva  
Luís Paulo Leopoldo Mercado

## 1. Introdução

No momento de mudanças pedagógicas, exige-se do professor o domínio de adaptar à sua prática pedagógica ao dispositivo das mídias, permitindo configurar novas maneiras para sua clientela utilizar e ampliar suas possibilidades de expressão, bem como atuar para captar o mundo e com ele interagir.

No desenvolvimento dos processos de ensino, contamos com novas ferramentas da interação midiática. Diferentes pesquisadores têm se preocupado em investigar e analisar as possibilidades de uso das ferramentas da internet na educação. Varias pesquisas destacam as possibilidades de criação coletiva e aproximação de alunos e professores, apontadas como as principais contribuições que os blogs podem oferecer para o processo de ensino e aprendizagem.

Blogs são aplicativos de usar que promovem o exercício da expressão criadora, do diálogo entre texto, da colaboração. (GUTIERREZ, 2005). O blog também é conhecido por outras nomenclaturas, de acordo com o tipo de mídia que enfatiza: Fotolog – blog que permitem manipular e editar imagens; Videoblog (vlogs ou vogs) - blog com uma galeria de vídeos, que sejam de um ou de vários autores; Audioblog – blog com coleção de áudio, que permite diferentes formatos de áudio, os mais utilizados são mp3 e wav. Contém mensagem de viva voz, mas porque pode servir como complemento de uma mensagem escrita com um documento de áudio, uma música, um som associado.

Os blogs são páginas de fáceis edição e publicação, as informações (posts), tornam-se o elemento principal dos blogs, que democraticamente vem possibilitando à todos publicar na Internet, como também permitem uma concentração mais ampla por parte do aluno no sentido da elaboração de conteúdos, multiplicando assim o leque de opções ao referir-se em levar conteúdos à rede estabelecendo um pacto de leitura.

Blogs facilitam os trabalhos interdisciplinares e transdisciplinares. Pode-se assim dar alternativas interativas e suporte a projetos que envolvam a escola e até família e comunidade. Ajudam a construir redes sociais e redes de saber.

Professores podem propor a criação de um blog para discutir livros lidos, expor idéias sobre determinados assuntos, escrever e refletir sobre notícias diárias e criar projetos em grupo, uma diversidade de atividades.

A possibilidade de os alunos se expressarem dinamiza naturalmente um espaço no qual a promoção da escrita eletrônica podem ampliar a motivação e o diálogo, compreendendo que professores e alunos sintam-se aliados no processo de ensino-aprendizagem. Os blogs representam uma excelente oportunidade para educadores promoverem a alfabetização através de narrativas e diálogo.

## 2. A prática do professor na Educação Online usando ferramentas interativas

A Internet é uma rede de promoções e de pesquisa que torna-se também espaço de aprendizagem. Para tal, o professor terá de ofertar uma situação de trabalho que possa ajudar o aluno em suas atividades. É necessário saber que as situações de formação que utilizam o ciberespaço tem como objetivo no ensino do professor, especificar as mídias utilizadas e divulgar o espaço de interação próprios dos dispositivos tecnológicos utilizados.

A Internet dispõe de uma variedade de recursos tecnológicos que associam publicação e interação, e que atualmente estas revolucionando as formas de comunicação existente no contexto escolar, trazendo para o centro de discussão a necessidade em refletir a possibilidade de incluir esses recursos no ambiente de aprendizagem, com intuito de inovar e transformar a sala de aula num espaço aberto ao mundo.

Os recursos interativos como blogs, fotologs e videologs podem ser utilizados como suporte pedagógico em situação de aprendizagem, possibilitar o acesso à informações de diferentes formas por meio de sons, imagens e textos, permitindo ao aluno obter, comparar e analisar informações, interagindo num espaço de escrita eletrônica com ensino contextualizado.

Os recursos tecnológicos presentes em ambientes virtuais condicionam aos alunos o registro de suas produções a ponto de compartilhar com colegas e professores. Permitem a expressão de opiniões e pesquisas, produzindo uma ampla ressignificação na realização de trabalhos acadêmicos.

A utilização de blogs para fins pedagógicos, têm demonstrado excelentes resultados de diferentes experiências que cita perceber hoje, em algumas escolas é possível a utilização de blogs ou diários virtuais como ferramenta pedagógica auxiliando o processo ensino-aprendizagem, por serem páginas simples e de fácil criação, publicação e não exigir nenhum conhecimento tecnológico tornam-se espaços interessantes e atrativos nos quais os alunos publicam idéias em tempo real, ampliam contato com outras culturas, numa abordagem de diversos assuntos como por exemplo: notícias, reportagens, pesquisas, debates ou através da criação de textos, tendo como principal

característica textos curtos que podem ser lidos e comentados com criticidade, com objetivo de desenvolver o hábito de registro, gerenciar informações e transformar informação em conhecimento.

A utilização de uma linguagem escrita com ausência de algumas letras, acentuação, pontuação e colocar vogal compatível com a entonação, ou seja, permitindo com que o leitor compreenda com clareza o significado da escrita, já era bem visível em salas de bate-papo e chats, com blog não é diferente, frente às TIC, já se tornou um ciclo vicioso escrever com essas alterações tornando a linguagem fácil com mais agilidade na rede. Escrever desse jeito torna-se mais fácil e rápido é para os adolescentes com todos os “mt”, “qq” e “naum” que usam na escrita online. Os adolescentes defendem a agilidade e rapidez da escrita “mircada” fácil e ágil, afirmam que quando teclam de jeito informal, não esquentam a cabeça com normas gramaticais e acentos. A linguagem “mircada” acabou se tornando universal. Falando de um jeito ou de outro, são entendidos. As novas formas de escrita no blog não trazem nenhuma preocupação aos educadores pois acredita-se que orientando o aluno no sentido de que possa diferenciar a maneira de escrever de acordo com os ambientes, discernir internet da escola.

Os blogs são um espaço de afirmação de identidade própria, de liberdade de expressão, em que se cria um subcódigo gráfico dentro da língua, quem usa essa linguagem tem plena noção de que escreve daquele jeito porque está naquele ambiente bem demarcado.

No blog, os adolescentes internautas são privilegiados ao registrar no mundo virtual as diversas maneiras de ver o mundo real. Expressam seus sonhos e ideais, do que gostam de ler, de filmes, religião, da escola, relacionamentos amorosos, em sua maioria, revelando e ocultando suas escolhas, gestos e sensibilidade.

Essa nova forma de conceber a escrita “mircada” encontrada nos blogs levanta mais questionamento de como entender a ortografia que de certa forma vai de encontro com a norma ortográfica vigente de Língua Portuguesa. Atualmente a norma ortográfica é considerada complexa no sentido de facilitar, contribuir e favorecer uma boa comunicação, porém a exigência é que deve escrever sem erros ortográficos, isso significa dizer que de acordo com a norma ortográfica vigente no país.

A escrita no blog dos adolescentes é reduzida, abreviada, ocultando acentuação, com repetição de vogais e consoantes e há irregularidade na pontuação. Isso se deve a capacidade que o aluno possui em redescrever seus conhecimentos ortográficos.

A escrita digital incorpora uma transgressão das normas ortográficas da língua portuguesa. Adolescentes internautas que possuem blog exercem notações “erradas” por que já dominam as regularidades e irregularidades da língua.

No blog, a escrita para se adequar ao meio no qual circula cria suas próprias regras assim sendo um espaço para inovação em que a criatividade, necessidade de

interação a norma são características que não evidenciam o erro, mas que a cada dia a novidade é crescente em torno da escrita digital.

### 3. Análise de blogs educativos

O blog é um formato de publicação online caracterizado pela configuração cronológica inversa das entradas em que se recorre, diariamente, conexões, notícias e opiniões de autoria majoritariamente individual com um estilo informal e subjetivo.

Para Oliveira (2006) os blogs tem sido usados como um poderoso instrumento de expressão pessoal e de escrita colaborativa a partir de sites individuais, e de forma coletiva, em blogs escritos por vários autores ao mesmo tempo. Todos desfrutam de possibilidades de participar de comunidades de interesse na Internet, possibilitando uma excelente interface social.

Para Rodrigues (2005) a facilidade com que se pode fazer registros para a sua atualização, o que torna muito mais dinâmico do que os sites pois sua manutenção é mais simples e apoiada pela organização automática das mensagens, ou posta, pelo sistema, que permite que novos textos sejam inseridos sem a dificuldade de atualização de um site tradicional. Seus registros aparecem em ordem cronológica inversa (o último lançamento aparece sempre em primeiro lugar) e utiliza programas simples que praticamente exigem apenas conhecimentos elementares de informática por parte do usuário.

O blog envolve a publicação e a exposição pessoal na Internet. Para Santos (2006), o que antes era restrito ao espaço físico dos diários pessoais em papel é hoje socializado para o mundo inteiro, por meio da Internet, através dos blogs, nos quais os autores podem editar e atualizar mensagens no formato hipertextual, podendo disponibilizar textos, imagens, sons a qualquer tempo e espaço e permite também interagir com outros sujeitos, pois o formato blog permite que outros usuários possam intervir no conteúdo veiculado pelo autor do blog, que se pluraliza, compondo, assim, uma comunidade virtual.

A partir do momento em que coloca no papel aquilo que pensa, o aluno entra em contato com suas próprias idéias e passa a vê-las com mais distanciamento. Assim, pode reformulá-las. O texto escrito tem permanência, pode ser revisitado e servir como agente transformador para o próprio autor.

A possibilidade de alteração do próprio ambiente é uma característica que diferencia os blogs de outros ambientes usados para a aprendizagem online, abre

espaço para a emergência da autoria, que se manifesta quando os alunos produzem textos próprios, mas, também, quando começam a transformar o ambiente, tanto no aspecto estético como no estrutural.

A escrita de um diário registra um percurso de um indivíduo, grupo, sala de aula, suas dificuldades, suas conquistas, suas preferências, configurando, assim, sua história.

Os weblogs são páginas pessoais, organizadas de forma cronológica, que permitem a difusão e intercâmbio de idéias entre usuários da Internet, mas com formatos atrativos, proporcionado por ferramentas que facilitam seu desenvolvimento sem ter que se preocupar da forma de implementá-los.

Para Gutierrez (2003) o blog é uma página editada por uma só pessoa, eventualmente, por convidados; possui estrutura hipertextual, permeada de links; utiliza textos geralmente sucintos, em blocos padronizados; são relatos pessoais, partindo de um ponto de vista próprio; são contextualizados e interpretados por comentários; são atualizados diariamente ou até várias vezes por dia; têm as postagens exibidas em ordem cronológica reversa; têm as postagens mais antigas arquivadas, permanecendo um link de acesso; possui acesso público e gratuito ao conteúdo da página; são intertextuais e interdependentes, possuindo ligação com outros textos.

Os blog vêm-se transformando em importantes repositórios de informações, em filtros de avaliação, interpretação e indexação dessas informações, em ambientes da construção cooperativa do conhecimento. Gutierrez (2005) utiliza o blog como um misto de diário de investigação e organizador de conteúdos e também como ambiente cooperativo, no qual educadores podem formar uma comunidade de pesquisadores, num misto de aprendizagem/ensino, por meio da inserção das TIC no seu trabalho, através de pesquisa e reflexão sobre suas práticas.

O blog pode ser utilizado no trabalho com projetos, pois permitem o registro da concepção, detalhamento e todas as fases até a sua finalização. Podem incentivar e facilitar os trabalhos interdisciplinares e transdisciplinares, dando visibilidade, alternativas interativas e suporte a projetos que envolvam a escola como um todo e, até mesmo, as famílias e a comunidade. Se o aluno quiser seguir investigando sobre o tema dado, poderão ser incluídos sucessivos artigos relacionados com propostas e fazendo seus comentários. É muito fácil que outras pessoas cheguem ao blog do aluno interessado pelo tema escolhido e se forme uma comunidade em torno do aluno e a temática tratada.

O professor decide um tema para trabalhar ao longo de várias semanas. Inclui uma série de textos no blog escolhido. Um deles, pode ser um sumário, obrigatória a leitura para todos os alunos. Os outros textos servem de apoio para complementar a escrita principal. Cada aluno escreve num “post” a idéia que pareça fundamental

no texto, refletido sua decisão. Uma vez que os alunos escolheram uma idéia ou por outras, debaterão com seus “afins” o porquê de sua decisão. Irão defender suas idéias diante de opositores. Cada grupo defende suas idéias frente a dos outros de idéias distintas. Desenvolvem uma autentica “batalha de posts”, um diálogo construtivo que ao final produz um acordo, permitindo que fundamentem quais são as idéias mais importantes do texto. Pode-se utilizar uma tática de concurso (observar quem é capaz de convencer racionalmente de que sua decisão é a correta) e de mero deleite através do diálogo.

O blog é um importante suporte que oportuniza aos alunos e professores fazerem uma análise referente ao que se escreve com relação a lingüística, ou seja compreender a forma que a escrita circula na rede e como é constituída enquanto prática discursiva por meio da organização de seus enunciados. O blog como ferramenta de atualização e manutenção rápida de escrita na rede, favorece ao escrevente a interatividade com o leitor das páginas pessoais incluindo imagens e sons em todo o texto que circula na Internet.

#### 4. Exemplo de blogs na sala de aula

Para uma maior compreensão da integração do blog no currículo escolar e, fundamentação do nosso trabalho foi realizada uma pesquisa na Escola Madalena Sofia, na cidade de Maceió-AL, que em 2006, introduziu o blog como ferramenta pedagógica na sua proposta curricular como também algumas entrevistas com profissionais da área e visitas as páginas na internet em que se encontram os blogs da escola.

Blog do professor Pimentel (<http://fernandoscipimentel.blogspot.com>)

O blog possui infinitas possibilidades, desde a apresentação de temas polêmicos para produção textual, socialização, textos para reflexão, auto-avaliação, entrevista à entrevista, à distância dependendo da dinamicidade colocada nas aulas. Com relação à participação dos alunos foi possível observar o grande número de acessos online registrados em seu blog, sendo um dos mais acessados, e acrescenta que os alunos não demonstram nenhuma dificuldade em utilizar o blog, ao contrário, adoram o contato com os recursos tecnológicos e sentem-se estimulados em perceber não somente suas produções como também a dos colegas, interagindo, socializando o conhecimento.



Fig. 1 – Blog do Prof. Pimentel

Para tanto, o blog rompe barreiras aproximando professor-aluno, aluno-aluno a ponto de permitir exposição de pontos de vistas com criticidade. Para o entrevistado, existem diferenças em dar aulas e compartilhar o conhecimento e os alunos não se deram conta de que o conhecimento não é único, por si só do professor, mas que precisa ser compartilhado. O papel do professor é preparar e conduzir as aulas sistematicamente com metodologia, objetivos bem direcionados, que se pretendem alcançar sob acompanhamento da coordenação pedagógica da instituição escolar.

Com base nesse projeto os alunos, professores e profissionais de informática registram em dupla, de forma em que um observa e o outro escreve as experiências consideradas positivas relacionada à prática de ensino, e vão realizando ajustes que acreditam serem necessário para postarem no blog, como também a fundamentação teórica que respaldam as afirmações com relação as situações escolhidas, fazem observações de como se busca um servidor gratuito, instruções de como criar um blog pessoal, verificam as configurações das páginas de blog, as possibilidades de interação; escolhem formas de ensino de acordo com os conteúdos, descrevem propostas selecionadas de suas experiências, desafios, decisões, progressos e reflexões como também inclusão de textos, como: referencial teórico, justificação das propostas desenvolvidas, som e imagem. Interagem com outros na web. A avaliação se dá a partir da construção de uma página, atualização, pensamento crítico e tomada de decisão justificada no relato das experiências e das críticas como resultado dos comentários de leitores que podem ser professores de áreas curriculares ou colegas.

Para conclusão do projeto foi proposto aos professores participantes a criação individual e em grupo de um blog, no qual se considerou reflexão sobre blogs, sugestão

de referência bibliográfica para consulta, documentos que reorientem as análises do relato das experiências, visitas a outras páginas da web que permite conhecer outras experiências e fontes de informação que tenha a ver com os temas aqui discutidos. No discurso do Professor Pimentel, incorporado ao professor blogueiro e determinado no que faz percebemos sua metodologia de forma construtivista e ética, constrói seu papel no interior da instituição exercendo sua profissão numa esfera de mudança radical no paradigma tradicional de ensino, segundo qual não é apenas o de instruir seus alunos, mas medir o conhecimento em construção propiciando ambientes e situações de aprendizagens, bem como instigando o aluno a questionar e formular relações.

Blogs da escola Madalena Sofia ([www.csmadalenasofia.com.br](http://www.csmadalenasofia.com.br))

Apesar do resumido número de professores que utiliza o blog como instrumento pedagógico na escola é surpreendente o resultado que essa experiência atualmente vem assinalando no sentido de navegar nas páginas da Internet e constatar as inúmeras formas de organização dos conteúdos nas diversas disciplinas, sem falar da riqueza de variedade de ilustrações e informações, contribuindo ao professor uma inovação nos procedimentos metodológicos, e proporcionando aos alunos e visitantes online um ambiente atrativo, prazeroso, agradável estimulando um interesse maior e desenvolvendo a auto-estima para uma aprendizagem significativa.

Sites Internet favoritos		Acessos
<a href="#">Blog da Educação Infantil</a>	Blog com tudo que está acontecendo na Educação Infantil.	134
<a href="#">Blog de Vidas Secas</a>	Blog do Projeto Contemporaneidade em "Vidas Secas".	151
<a href="#">Blog de Redação - Temas Inusitados</a>	Blog do Professor Osvaldo Epifanio do 3º Ano.	98
<a href="#">Blog Histórias em Quadrinhos</a>	Blog da 1ª série, das professoras Arlene e Vitória.	92
<a href="#">Blog de Redação - Uma foto diz mais que mil palavras</a>	Blog da Professora Keli Rey da 8ª série.	101
<a href="#">Blog Prof. Edison Lima</a>	Blog do Prof. Edison de Filosofia.	318

Fig. 2 – Blog da Escola Madalena Sofia

Os blogs de autoria dos professores e alunos são de fácil navegação, possuem riqueza em imagem e som tornando-os assim bastante atrativos. O conteúdo dos mesmos são de caráter informativo, educativo ou de entretenimento, como também blogs temáticos com escrita clara voltado para comentários ou debates e outras atividades afins com um grande propósito, desenvolver os próprios conteúdos.

O trabalho desenvolvido com blogs na escola tem a participação especial dos alunos da escola; em atividades e momentos possíveis para que os mesmos divulguem as estratégias e metodologia da escola com o uso das TIC. Isso evita o re trabalho pedagógico da escola. Além de desenvolver o espírito de colaboração e coletividade (aprender a conviver).

A utilização de blogs na escola possibilita o enriquecimento das aulas e projetos através da publicação e interação de idéias pela internet. As atividades com blogs são satisfatórias e produtivas, como podemos verificar:



Fig. 3 - Blog de Português: crônicas (produção à partir de imagens relativa á Amazônia para desenvolver o gênero)



Fig. 4 - Blog das lendas folclóricas (lendas oportunizando a produção de texto)



Fig. 5 - Blog da Semana da criança (registro de fotos relacionadas às atividades desenvolvidas)

Você está aqui: Início > Blog Dia dos Pais

**Menu Dia dos Pais** ☒

- 3ª Série
- 2ª Série

**Menu Principal** ☒

- Início
- Institucional
- Ensino
- Madá Interativo
- Canal de Acesso
- Fotos
- Calendário
- Contato

**Usuários On-line** ☒

Temos 3 visitantes on-line



**12 de Agosto**  
**Dia dos Pais**

Você conhece bem seu Pai?  
Faça o teste abaixo e descubra o tipo de pai que você tem.

**1 - Quando seu pai está de folga o que ele gosta de fazer?**

- ele fica desmontando coisas para consertá-las depois e também gosta de mexer no computador e no celular quase ao mesmo tempo.
- ele gosta de praticar esportes e assistir partidas de futebol da sala.
- ele lê jornais, lê revistas, livros e depois lê um pouco mais de qualquer coisa.

**2 - Se seu pai fosse um brinquedo que tipo de brinquedo ele seria?**

- um quebra-cabeça.
- uma bola
- um senhor batata

Fig 6 - Blog do Dia dos pais (teste para saber que tipo de pai você tem, incluindo a dica de presente para cada tipo de pai).

## 5. Considerações Finais

Investigar as possibilidades de uso do blog em sala de aula, sob a perspectiva da constante transformação da informação e construção do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem proporcionou repensar a prática pedagógica tradicional como também apontou inúmeras contribuições que viabilizam a apreensão do conhecimento por meio dos recursos tecnológicos.

## Referências

GUTIERREZ, Manoel A.; RANGEL, Marelza. Tarefas del docente en la enseñanza flexible (el caso de UNAB virtual). Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento. Vol 2. n.: 1. Maio 2005.

GUTIERREZ, Suzana S. O fenômeno dos weblogs: as possibilidades trazidas por uma tecnologia de publicação na internet. *Informática na Educação: teoria e prática*. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 87-100, jan/jun. 2003.

OLIVEIRA, Rosa M. Aprendizagem mediada e avaliada por computador: a inserção dos blogs como interface na educação. In: SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. *Avaliação da aprendizagem em educação online*. São Paulo: Loyola, 2006. pp. 333-345.

PIMENTEL, Fernando. Blogs como ferramenta pedagógica. Disponível em: <http://fernandinhosep.spaces.live.com>. Acesso em: 17 nov.2007.

PIMENTEL, Fernando. Material sobre blog e educação. Disponível em: [www.csmadalenasofia.com.br](http://www.csmadalenasofia.com.br). Acesso em: 17 nov 2007.

SANTOS, Edmea O. educação online como campo de pesquisa-ação: potencialidades de interfaces digitais. In: SANTOS, Edmea; ALVES, Lynn (orgs). *Práticas pedagógicas e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: e-papers, 2006. pp123-139.

O livro apresenta os resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação de Professores Presencial e a Distância Online, certificado pelo CNPq e vinculado a linha de pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAL.

Os artigos aqui apresentados demonstram preocupação no acesso pleno às TIC pelos professores formadores, tutores e alunos, enfatizando o desenvolvimento de uma cultura tecnológica que promova, junto aos envolvidos, uma prática pedagógica em ambientes tecnológicos, através de ações que favoreçam o desenvolvimento da fluência tecnológica para que possam participar de atividades a distância, com suporte no meio digital.

